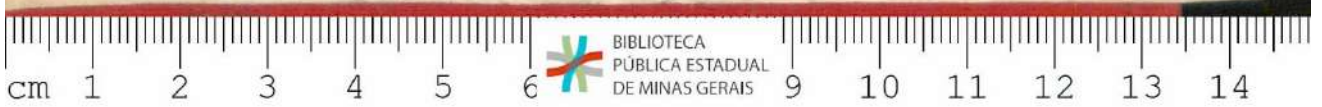


REVISTA  
DA  
ACADEMIA MINEIRA  
DE LETRAS

SUMMARIO — Duas palavras—Discurso inaugural do academico Eduardo de Menezes — Discurso do academico José Eduardo da Fonseca—Discurso do academico Alvaro da Silveira — Elogio de Thomaz Antonio Gonzaga pelo academico Mendes de Oliveira — Elogio de Santa Rita Durão pelo academico Carlos Góes — Discurso do academico Nelson de Senna — Memoria sobre o naturalista frei Conceição Velloso pelo academico Alvaro da Silveira — Traços biographicos do dr. Joaquim Felício dos Santos pelo academico D. Joaquim Silverio de Souza — Traços biographicos de Aureliano Pimentel pelo academico Lindolpho Gomes — Elogio de Barbara Heliodora pelo academico João Lucio Brandão—O Marquez de Sapucahy, elogio proferido pelo academico Mario de Lima—Discurso de recepção do academico Noraldino Lima — Resposta do academico João Lucio Brandão—Relatorio do presidente da Academia, Mario de Lima — Estatutos da Academia Mineira de Letras — Eleição da Directoria (noticia) — Expediente.

REVISTA  
DA  
ACADEMIA MINEIRA  
DE LETRAS

SUMMARIO — Duas palavras—Discurso inaugural do académico Eduardo de Menezes — Discurso do académico José Eduardo da Fonseca—Discurso do académico Alvaro da Silveira — Elogio de Thomaz Antonio Gonzaga pelo académico Mendes de Oliveira — Elogio de Santa Rita Durão pelo académico Carlos Góes — Discurso do académico Nelson de Senna — Memoria sobre o naturalista frei Concelção Velloso pelo académico Alvaro da Silveira — Traços biographicos do dr. Joaquim Felício dos Santos pelo académico D. Joaquim Silverio de Souza — Traços biographicos de Aureliano Pimentel pelo académico Lindolpho Gomes — Elogio de Barbara Heliodora pelo académico João Lucio Brandão—O Marquez de Sapucahy, elogio proferido pelo académico Mario de Lima—Discurso de recepção do académico Noraldino Lima — Resposta do académico João Lucio Brandão—Relatorio do presidente da Academia, Mario de Lima — Estatutos da Academia Mineira de Letras — Eleição da Directoria (noticia) — Expediente.



BIBLIOTECA  
PÚBLICA ESTADUAL  
DE MINAS GERAIS

ANNO I

NUM. 1

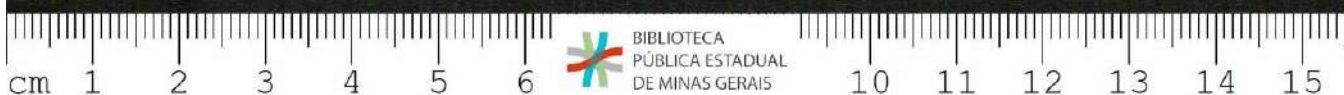
REVISTA  
DA  
Academia Mineira de Letras

(PUBLICAÇÃO ANNUAL)

1922

SUMMARIO —Duas palavras—Discurso inaugural do academico Eduardo de Menezes—  
Discurso do academico José Eduardo da Fonseca — Discurso do academico Alvaro  
da Silveira — Elogio de Thomaz Antonio Gonzaga pelo academico Mendes de Oli-  
veira — Elogio de Santa Rita Durão pelo academico Carlos Góes — Discurso do  
academico Nelson de Senna — Memoria sobre o naturalista frei Conceição Velloso  
pelo academico Alvaro da Silveira — Traços biographicos do dr. Joaquim Felício  
dos Santos pelo academico D. Joaquim Silverio de Souza — Traços biographicos  
de Aureliano Pimentel pelo academico Lindolpho Gomes — Elogio de Barbara  
Heliodora pelo academico João Lucio Brandão—O Marquez de Sapucahy, elogio  
proferido pelo academico Mario de Lima — Discurso de recepção do academico  
Noraldino Lima — Resposta do academico João Lucio Brandão — Relatorio do  
presidente da Academia, Mario de Lima— Estatutos da Academia Mineira de Letras  
— Eleição da Directoria (noticia) — Expediente.

BELLO HORIZONTE  
IMPRESA OFFICIAL



BIBLIOTECA PÚBLICA  
DE MINAS GERAIS  
COLEÇÃO MINEIRIANA

No.	DATA
2.826	1-12-71



## DUAS PALAVRAS

A Academia Mineira de Letras dá hoje o primeiro numero de sua «Revista».

Esta publicação, cujo escopo é collaborar com efficacia no desenvolvimento das letras mineiras, tem sido retardada até o momento por causas multiplas e difficuldades inamovíveis.

Velha e justa aspiração da sociedade intellectual de que será expoente, ella apparece agora em cumprimento dos Estatutos da Academia e como affirmação da vitalidade desta.

Vencendo o indifferentismo do meio, uma das mais positivas fórmas da hostilidade, a Academia Mineira de Letras ha quinze annos vem trabalhando, na modestia do seu silencio, e hoje, felizmente, pôde afirmar a sua existencia, forte pelo esforço e pela fé dos seus associados, que todos se congregam num só pensamento: — a victoria da aspiração commum.

A Academia não poude fazer tudo quanto devia, é certo; conscia, porém, da sua responsabilidade, da elevada missão

que lhe compete na vida espiritual de Minas, e, encorajada pela sua resistencia, da qual tira o seu prestigio, continuará a trabalhar, mais que nunca animada pela confiança na sua estabilidade e no seu futuro.

Cabe aqui, com inteira justiça, registo especial de honrosa menção a dois nomes illustres, a cuja dedicação a Academia deve, em grande parte, a publicação desta «Revista»: são elles os Srs. Mario de Lima, que, como presidente da Academia nos dois ultimos annos, tudo fez para que fosse tirado o primeiro numero do organo official da instituição, e Carlos Góes, secretario geral da penultima directoria, a quem coube a revisão do presente numero da «Revista».

Como meio coordenador de energias mentaes, como reflexo do seu esforço e da sua actividade, a Academia Mineira de Letras lança, pois, esta publicação, para a qual espera o acolhimento benevolo de quantos trabalham pela cultura intellectual e litteraria do Estado de Minas Geraes.

## Discurso proferido pelo consocio presidente, dr. Eduardo de Menezes, na sessão inaugural em Juiz de Fõra

Exmo. representante do sr. Presidente do Estado de Minas e dignissimo presidente do municipio de Juiz de Fõra, dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada; gentilissimo orador official, academico Nelson de Senna. Minhas senhoras e senhores.

Nobres academicos.

Deus, Patria e Familia são tres grandes manifestações de Amor.

Ideal e majestoso em Deus; sensível e terno na Familia; pela Patria tem elle parte do idealismo e da majestade do primeiro, e da sensibilidade e ternura do segundo.

A Deus amamos pela Razão; á Familia amamos pelo Ceração; pela Patria,—Razão e Ceração entram em conflicto alternativa ou simultaneamente.

\*

O homem vive das impressões que recebe; a historia da sua vida é a das suas reacções do meio.

O berço é o primeiro scenario das agitações da existencia do homem; nelle começa o amor á Familia, e, de berço em berço, se perpetua pelas gerações, modificando-se ou adaptando-se ás multiplas e repetidas influencias que, no decurso da existencia, se desenvolvem no lar, conservando indelevelmente, porém, por entre as vicissitudes da vida normal, a memoria d'aquelles ternos bafejos, que foram as fontes das reacções da vida.

\*\*

E' do lar que nasce o amor a Deus. Das inspirações, porém, que se despertam á calentura do collo materno, nas primeiras lições da existencia, aquelle amor enleva-nos nas sensações vaporosas e indecisas da crença mystica, sem outro vinculo na consciencia senão as indelevels impressões, gravadas por entre os sorrisos e os beijos maternos.

Quando, porém, as perscrutações da Intelligencia revolvem os mysterios do Universo, e as lucubrações dos sabios começam a agitar-nos as liberdades da Razão, não satisfaz ao espirito a Fé, com os seus inge-

nuos esplendores, aquella mesma Fé que se implantára ao raiar da nossa Intelligencia; e, rotas as cadeias dos preconceitos, deslumbra-nos a observação e a interpretação deste grande Livro, cujas paginas se acham abertas á nossa contemplação — a Natureza.

E' no estudo deste grande livro, trescalando as essencias da pura Verdade, que vamos encontrar, em cada linha, as sentenças que decidem das grandes orientações do Espirito e da consciencia segura dos principios philosophicos.

Surge então o grande problema da causa e origem das cousas e dos phenomenos, que são a expressão da actividade dos corpos, da vida do Universo, de tudo o que illustra o grande livro da Natureza; e encahlhamos ante a concepção do Nada, que havia de preceder ao que existe — á obra monumental da Creação.

Do mysterio do Nada, entretanto, não podemos formar idéa, porque elle é a ausencia de toda imagem; não podemos ter uma noção siquer abstracta, porque elle é a negação de toda comparação; uma escuridão inconceptivel sem espaço, sem tempo; o negativo absoluto, de que a profunda escuridão não desperta a sensação, porque ella é apenas a ausencia da luz; de que o vacuo não desperta a impressão, porque é apenas relativa a sua noção physica; de que a morte não nos dá idéa, porque a morte é a extincção individual, e essa mesma extincção é uma forma de actividade que prosegue.

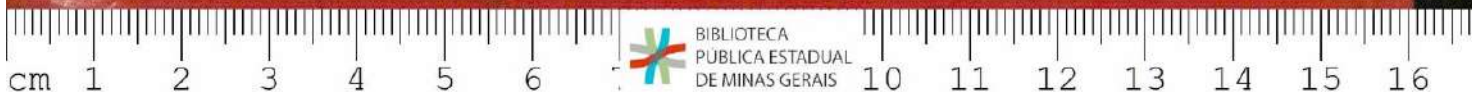
Nada, negativo absoluto! Entretanto, delle iniciou-se alguma cousa, desenvolveram-se tantas e tantas outras, e formou-se o positivo; a existencia gerada da não existencia!

Ou do Nada appareceu Deus, um ser infinitamente intelligente, creador do Universo; ou do Nada appareceu, sem elle, o primeiro elemento de que derivaram as cousas.

A analyse das cousas creadas e dos respectivos phenomenos, na vastidão enorme do Universo, estudada no livro aberto da Natureza, revela na verdade uma estreita relação e solidariedade em todos elles, sem embargo da proximidade, ou do afastamento em que se achem na enorme vastidão do Espaço.

A materia, em todas as suas especies e variedades, estudada nos infimos elementos sensiveis, conduz-nos á inducção de uma uniformidade e unitarismo, á reducção de tudo a um elemento simples, sem embargo das differenças na multiplicidade dos corpos, assignaladas pelos ainda rudimentares meios physicos e chimicos ao alcance da intelligencia relativamente embryonaria do homem, em face do incalculavel desenvolvimento em futuro ainda muito remoto.

Nos phenomenos maravilhosos e surprehendedentes que a todo momento impressionam os nossos sentidos, tanto pelas ostentações de sua grandeza, quanto pela grandeza de suas subtilezas, um mesmo unitarismo e uniformidade, na simplicidade e modalidades da *attracção*, ostenta-se na actividade surprehendente da Natureza.



Em qualquer dos aspectos, enfim, em que se observem as cousas naturaes, vemos um encadeamento regular, em que o menos se contém no mais complexo, a mesma massa e a mesma energia se desenvolvem em infinitas formas, dentro das normas da mais rigorosa Evolução, como um grande mólhe de élos entrecruzando-se entre si e entrelaçando-se n'um englobamento, em que o valor do todo é resultante do valor de todas as partes.

Na obra majestosa da criação, pois, vemos a simplicidade contida na complexidade, o unitarismo na multiplicidade, a sublimidade nascida da pequenez e a Bondade no equilibrio ou harmonia entre todas as cousas.

E', sem duvida, a Bondade um dos caracteristicos da Perfeição da Creação,

Ella é filha do equilibrio e da harmonia ; tudo tende para a sua conservação, e os grandes conflictos entre os corpos, entre as suas grandes ou infimas massas, representam a tendencia para o restabelecimento do equilibrio e a luta contra o desequilibrio ameaçado em seu rompimento.

A contingencia do Mal bem demonstra que elle não é obra expressa da criação; mas, que os males, que affligem e torturam as existencias na ordem moral, são efeitos de desequilibrios de causas physicas e individuaes, de repercussões sociaes, de conflictos de interesses, de erros de instituições civis e da desorganização resultante, tanto do barbarismo da selvageria, quanto do barbarismo da nossa estulta civilização.

Não ; no mundo não foi creado o Mal, que é a desharmonia e o desequilibrio ; mas, tão sómente o Bem, que é a harmonia e o equilibrio.

No mundo physico os males são revoluções da Natureza na luta contra o desequilibrio ; no mundo moral tambem são revoluções entre as almas para o mesmo beneficio.

Os corpos que se desaggregam e se despedaçam pelas acções extrinsecas, são como as almas que se torturam e se alquebram por influencias congeneres ; sempre são as violencias soffridas por uns recahindo sobre outros e a outros magoando.

A existencia de um plano harmonico, unitario, opulento, majestoso e cheio do Bem, é o que se lê em todas as paginas do livro da Natureza; e elle nos leva á crença de um principio Creador e formador da primeira lei, de que se deduziram, como corollarios indefectíveis, logicos, invariaveis e mathematicos, todas as demais leis que presidem á materia e á energia em toda a sua evolução ; das quaes resultou, resulta e resultará tudo o que existe e houver de existir.

Creio no Deus, Creador do que é definivel e indefinivel.

Creio no plano unitario da Creação, expressão a mais sublime da Perfeição.

Creio na criação do Bem, attributo necessario da Perfeição.

Não creio na criação do Mal, que é a negação da Perfeição.

\*  
\*\*

Si as maravilhas deliciosas da Natureza e as caricias sensibilisadoras do Lar são os grandes vibradores do amor de Deus e da Família, a Pátria, extensão do lar e da família, pela congregação de sentimentos em aspirações e interesses communs e pela homogeneidade de sangue; patrimonio legado por evolução natural dos factos historicos e consolidado por esforços unidos á sombra do mesmo pavilhão e sob as vibrantes emoções de um mesmo hymno; quinhão que nos coube na Natureza, a Pátria inspira-nos, n'um sagrado misto, o amor ao mesmo tempo affectivo e ideal.

Nem tanto, comtudo, são os embates por communs aspirações, nem a exaltação pela defesa de uma só grandeza, quasi sempre só despertados por estímulos de honra, como a communhão de idéas e sentimentos, entoados n'um mesmo instrumento—a Linguagem,—o que mais avigora o patriotismo.

\*  
\*\*

Em verdade, o sentimento e ideal de Pátria nem sempre tem por característico—a Linguagem—; mas, é certo que, dentro das fronteiras de uma Nação, a linguagem adquire modulações e feições autochtones, e, onde quer que seja entoada, evoca as reminiscencias do lar, o aspecto da terra natal, da família, da sociedade, da natureza, dos costumes, e a imagem da Pátria.

As almas se comprehendem e se ligam pelo vigor de suas communicações, pela approximação de seus mais intimos sentimentos, e nada estabelece a reciproca ligação e a intima approximação como a linguagem, a que os nossos órgãos se adaptaram desde o balbuciar dos ingenuos labios, que nos entreteve na garrulice infantil e que foi o mecanismo que na Escola, na profissão e nas agitações da vida social, nos despertou os ideaes, num scenario em que tudo se confunde, terra e natureza, corpo e espirito, como as notas com o instrumento que nos commoveu, como as côres e os perfumes com as flores que nos encantáram, as aves que gorgeiam com os palmares, os murmurios com os riachos.

E' bella a linguagem de muitos povos; agrada-nos a doçura da lingua hespanhola, encanta-nos o lyrismo da lingua italiana, arrebatá-nos a elegancia da lingua franceza; mas não ha vozes mais maviosas do que as que nos embalaráram nos braços de nossas mães, não ha palavras que jamais façam vibrar as delicadas fibras dos nossos corações como aquellas que para sempre sellaram os nossos esponsaes!

\*  
\*\*

Não morre a linguagem, mas vicia-se e degenera; a sua cultura é a mais eloquente expressão de adiantamento dos povos, o espelho em que se reflecte a sua grandeza intellectual, a photographia da actividade de uma Nação.

Cultival-a é velar pela inviolabilidade desse thesouro que, illustrado, legaram nossos maiores, e que devemos transmittir aos vindouros na pureza de sua essencia, na belleza de suas formas, na maior opulencia dos seus elementos; e, na independencia da autonomia brasileira, vivaz como os esplendores de nosso Brasil, ardente como o sangue de nossa raça.

\*  
\* \*

O phenomeno da linguagem não é mais do que uma consequencia das leis naturaes geraes, pelas quaes todos os corpos da natureza se põem em conflicto uns com os outros. As necessidades da conservação da existencia, com effeito, promovem a associação de forças, para efficacia na procura dos elementos que a provejam e no affastamento das condições que possam prejudical-a, formando-se em geral a associação e em particular, na especie humana, a sociedade.

Nos seres vivos se apparelham os meios de acção por adaptações naturaes na serie ascendente da organização, augmentando-se-lhes os recursos de lucta pela vida.

As sensações de contacto, depois as da vista e mais tarde as dos ouvidos, põem, nas escalas inferiores, cada individuo accessivel passivamente ás impressões exteriores, tornando-os sensiveis ao que se passa ao redor de si, n'uma esphera limitada.

Para completar, porém, as relações de uns individuos com outros, não é sufficiente que recebam impressões e sintam, mas tambem que possam transmittir e communicar aos outros as sensações que tiveram e o que sentem.

O contacto corporal, mudanças de coloração, modificações geraes ou parciaes de attitudes do corpo, modificações, por secreções, do meio ambiente, são alguns dos meios mais elementares de que dispõem os animaes de classe inferior.

Em classes que se lhe succedem por perfeição evolutiva, os meios de sociabilidade melhoram-se por sons e ruidos, que provocam em partes indistinctas do corpo, até que órgãos especializados, por meio de vibrações, sejam capazes de coordenar os sons sob tonalidades melodicas mais caracteristicas.

Temos referido o que ha de mais elementar, de mais simples, nas relações entre os animaes; consistindo nas sensações que lhes causam as impressões exteriores e no modo pelo qual elles traduzem e as referem aos seus semelhantes.

As sensações, porém, causadas pelas impressões exteriores, produzem estados intimos agradaveis ou expansivos, e estados desagradaveis ou depressivos, em graus de intensidade e sob modalidades variaveis. Assim, as sensações variam ao infinito nas graduações de força e nos modos particulares de serem recebidas.

Nos animaes inferiores ellas são grosseiras e elles são apenas impressionaveis aos graus e modos mais accentuados; tambem por isso, a sua

linguagem é rudimentar, só traduzem na proporção do que sentem. Melhorando a impressionabilidade, destacam-se maiores detalhes nas sensações, e, os meios de exprimi-los, exigindo mecanismos mais perfeitos, apparecem os gritos de timbres mudaveis.

Ao grito simples e unisono succedem-se por combinações de gritos, sons combinados harmonicamente, formando muitas vezes melodias, como nos cantos e gorgeios dos passaros.

A linguagem dos animaes, nestas condições, pela sua sonoridade e maviosidade, já é um instrumento de attrahir sympathia e de empolgar os semelhantes; é expressão de vaidade e de orgulho, meio directo de garantir a conservação da especie, pelos encantos seductores do sexo forte sobre o sexo fraco; exprime pesares ou alegrias, compõe elegias ou dithyrambos.

Vê-se dessa genese da linguagem, que ella é a expressão de sensações intimas, em formas, intensidades e modalidades, que constituem multipas emoções.

\* \*

No homem a linguagem devia attingir, de accordo com a sua alta categoria evolutiva, a culminancia da perfeição; sem perder, todavia, os seus caracteres progressos e iniciaes.

Nas creanças e nos povos selvagens primitivos, estes caracteres se patenteiam n'uma recordação retrospectiva. Naquellas e nestes, com effeito, de accordo com a rudeza de suas sensações, a linguagem se apresenta, como nos animaes inferiores, sob as formas de attitudes ou gestos, de mudanças de coloração, na pallidez ou rubor, em gritos expansivos ou depressivos; mostrando que a evolução individual psychica do homem, como a sua evolução ethnologica, obedece ao mesmo plano systematico da evolução zoologica, como aliás se mostra a natureza sob qualquer prisma pelo qual seja observada.

\* \*

Na época geologica actual, o homem, ainda em estado primitivo ou selvagem superior, comtudo aos outros animaes, descriminando os minusculos detalhes das impressões exteriores, por orgãos de adaptações especiaes, nas condições do meio, nas qualidades e propriedades dos corpos, nas subtilizas dos phenomenos; soffrendo emoções, sob intensidades e modalidades mais analyticas; comprehendendo e confrontando as relações de similitude, analogia e as oppostas, — não podia traduzil-os senão por mecanismos mais complexos.

Aos sons interjectivos, a mais espontanea e simples das formulas, juntaram-se os sons imitativos, pelos quaes se despertavam em outrem as emoções que causavam os ruidos e bulhas dos phenomenos naturaes, formando-se a linguagem onomatopaica, ainda nas linguas civilisadas, uma das mais extensas fontes de formação de vocabulos, mas de facto apenas expressão de emoções e não das sensações definiveis.

A linguagem onomatopaica foi, todavia, o primeiro ensaio da linguagem articulada; a imitação dos ruidos e dos barulhos naturaes forçava a musculatura da bocca a contracções que modificassem a tonalidade da voz e o accento da linguagem, como sentimos no exercicio da vocalisação e da pronuncia das linguas estrangeiras.

\*  
\*\*

As creanças são incapazes de fallar espontaneamente, e os selvagens não conseguem mais do que uma linguagem imperfeita. Estas considerações demonstram que a linguagem é um artificio do engenho humano e uma consequencia de educação.

Todavia, é preciso levar-se em conta a adaptação hereditaria dos orgãos e suas funções, e a herança psychica das aptidões, formando a faculdade natural.

Com effeito, si a creança, collocada fóra de todo convívio com os homens, sem ouvir fallar, desde o seu nascimento, seria incapaz de linguagem; si notamos as suas difficuldades no aprender a fallar e as tentativas domesticas para lh'as dotar do dom da palavra; é certo, entretanto, que, descendente de gerações dotadas desta faculdade, a creança traz congenitamente em si, em estado potencial, a aptidão natural, pela adaptação hereditaria de seus orgãos para a funcção, e pela energia psychica facil de ser despertada.

\*  
\*\*

A linguagem fallada, em summa, é a expressão, por meio de signaes vocaes, convencionaes, das emoções da alma; a linguagem escripta, não sendo mais do que a redução, ainda mais artificiosa, a signaes graphics, dos sons articulados, como as notas são os signaes graphics de sons puros ou afinados, por maior esforço do engenho humano.

\*  
\*\*

Estamos longe de ter uma linguagem correspondente á multiplicidade de sensações psychicas e ás modalidades tão variaveis das emoções; é essa uma grande difficuldade á literatura, e nos triumphos relativos está a gloria dos literatos e riqueza da literatura.

A abundancia de cabedaes intellectuaes tem sempre mais valor do que a prolixidade de linguagem. Desta prolixidade, em desconnexão com a pobreza de idéas, resulta o psittachismo e o nephelibatismo, formas relegadas á literatura ridicula; assim como, da desharmonia entre as idéas e o valor dos vocabulos, resulta a anarchia da linguagem.

\*  
\*\*

Destaca-se na linguagem a parte essencial e basica, a sensação psychica e a emoção, que a Intelligencia tem e quer exprimir; e, a parte iconographica, o signal representativo d'aquelles estados da alma, a palavra, formula das idéas.

Referir a outrem as sensações, nos innumerables grãos de intensidade e nas infinitas formas de modalidade, tal como ellas nos impressionaram, por meio da linguagem fallada ou escripta, é uma *arte*, assim como transmittir as emoções produzidas por sons é a arte da musica; e, as produzidas pelas imagens é a arte da pintura, a da esculptura, a do desenho. Todas são a cultura do Bello.

\*  
\*\*

As sensações podem ser estaveis dentro de curto tempo; mas, as emoções são essencialmente instaveis e incapazes de persistir no mesmo grão de intensidade ou na mesma modalidade dentro do mais fugaz tempo; a instabilidade, sob uma ou outra forma, é o característico inherente ao phenomeno.

A pintura e a esculptura, as mais perfectas das bellas artes, representam as sensações com as suas emoções n'um momento dado. A musica provoca as emoções na successão veloz do tempo; mas, não as sensações completas, e as delicias de seus effeitos sobre a nossa sensibilidade, são devidas á sustentação dos sons e á passividade que não fatiga o espirito. A linguagem fallada e escripta, porém, exprime sensações completas, na forma, nas modalidades e nas continuas variações, na successão de seu desenvolvimento, embora seja incapaz de fazel-o fielmente, nas suas qualidades exactas, e de acompanhal-as na sua velocidade e na inconstancia de suas transmutações; todavia, descreve-as em movimento.

\*  
\*\*

A sensibilidade natural por si só crêa os literatos; mas, ella tambem se desperta pela cultura, e esta aprimóra os dotes naturaes.

A cultura da linguagem, pois, requer a cultura das sensações e das emoções, pela educação da Intelligencia.

\*  
\*\*

São as emoções que, fundamentalmente, formam a Intelligencia. Ellas são o effeito em nosso Eu de modificações operadas em nosso corpo por excitações de qualquer especie. Causas e effeitos se confundindo quasi sempre, a expressão—sensação—é tomada em accepção generica. Por isso, as emoções, tão vagas e indecisas como as suas causas, com ellas se confundem, sob a expressão generica, não se discernindo senão quando são francas.

Essencialmente instaveis, as emoções, despertadas por sensações vagas e indecisas, não deixam no Eu effeitos fixaveis, e, muitas vezes, dissipam-se na indifferença com que agem.

Quando, porém, as emoções são despertadas por sensações definiveis e francamente referiveis ás excitações provocantes, são, na proporção com estas, duraveis e permanentes na nossa Intelligencia.

As creanças, antes do desenvolvimento organico, de par com a falta de desenvolvimento da Intelligencia, só têm sensações vagas ou, por outra, só têm emoções; nós mesmos, por falta de concentração da energia psychica, isto é, de *atenção*, não temos das cousas senão emoções, ou sensações vagas.

\*  
\*\*

Sendo a Intelligencia o centro a que, em ultima instancia, se referem todas as impressões que soffra o nosso corpo, nem de todas as suas partes, por falta de organização que dê especial aptidão, recebe ella sensações francas e definiveis.

São os cinco sentidos órgãos aptos por sua estrutura para dar á Intelligencia sensações francas; assim, elles são as fontes mais perfectas da Intelligencia.

Dentre os sentidos, porém, o olfacto e o paladar são as fontes mais imperfeitas, e, por isso, não podemos exprimir as suas sensações, de modo exacto, pela linguagem.

O tacto, o ouvido e a vista são os mais perfectos dos sentidos.

As sensações auditivas, embora definiveis pela notação musical e deixando effeitos memoraveis na nossa Intelligencia, não causando, porém, mais do que emoções, nella não se gravam indelevelmente.

As sensações visuaes, formando figuras ou imagens correspondentes aos corpos que as determinaram, são as mais indelevels.

As sensações tacteis, por si, só produzem emoções, como as auditivas. Todavia, o seu valor sobreleva-se, porque ellas são complementares das visuaes, accentuando a configuração dos corpos, nos relevos e qualidades perceptíveis.

Não dispondo da vista, o cego de nascimento apura o tacto, mas não formaria idéa dos objectos em suas qualidades apparentes, si não fosse a descripção feita pelos outros; ainda assim, elles terão conhecimento infiel das cousas do mundo e muitas surpresas teriam no dia em que por ventura recuperassem a rainha dos sentidos.

O que torna as sensações visuaes mais definiveis e fixaveis na Intelligencia são os traços que desenhiam a configuração dos corpos e tornam mais francas as sensações e susceptíveis de se gravarem mais indelevelmente.

\*  
\*\*

As sensações em geral produzem na alma, como o dissemos, um estado agradável ou desagradável, expansivo ou depressivo; estados variáveis, segundo a intensidade e o modo de acção, em grãos infinitos, desde a indiferença á exaltação.

A imagem definivel das sensações é o que chamamos *idéa*; a emoção é a essencia da sensação; assim, toda idéa é emotiva, e vale pela especie de emoção que desperta na alma. A idéa, como sensação, póde disseminar-se; sendo, porém, impressionante, deixará remanescente na alma a emoção correspondente.

Esta emoção remanescente é o que chamamos —sentimento— ; este, pois, é sempre commemorativo de uma idéa.

Toda idéa é objectiva, porque é originaria de uma sensação ; todo sentimento tambem o é, pela mesma razão.

As idéas abstractas não o são menos porquanto, a abstracção é a deducção, synthetica ou symbolica, por associação e comparação, de propriedades e qualidades communs a muitos objectivos. Do mesmo modo para os sentimentos abstractos.

Na formação das idéas abstractas concorre a Imaginação. Todavia, esta compõe, por sua vez, idéas, com o seu character objectivo, formadas por analogias, ou architectadas, por associações e comparações, de sensações e de idéas adquiridas.

Do processo da Imaginação surdem as phantasias, as chimeras e as utopias, como se dá tambem no *sonho*. Entretanto, tambem são filhas da Imaginação — as hypotheses — ; e as hypotheses, quando construídas sobre bases prováveis e possíveis, são os melhores auxiliares do juizo e as precursoras das verdades.

Os conhecimentos que adquirimos pela instrucção e pelas communicações de outrem, não são em geral apprehendidos senão pela Imaginação.

As idéas e sentimentos de Justiça e de Dever são, como as abstractas, tambem objectivas ; ellas são a consequencia natural do instincto de conservação individual e familiar, regulando nas relações moraes, de uns para com os outros homens, o direito egocentrico, o direito de viver, sem nos vedarmos, nem aos outros, ficando todos garantidos. Este direito está sabiamente definido no divino proverbio — não faças a outrem o que não quereis que vos façam —, o qual se converte em sciencia psychologica na paraphrase — não causeis aos outros emoções que não queirais que vos causem. — Delle procede, como corollario, o sentimento da Justiça, de premiar aos que nos fazem bem, e, em contraposição, de castigar aos que fazem o mal ; ou, em sentença psychologica — causar aos outros, por agrados ou desagradados, as emoções que elles nos causam.

\*  
\* \*

A coordenação das idéas e sentimentos, de accordo com as emoções, forma o pensamento, o raciocinio e o juizo ; este, por mais summariamente que se processe, é o agente das manifestações da Intelligencia, pela linguagem, pelos gestos e todas as especies de expressões, por intermedio do corpo.

\*  
\* \*

As idéas formam, pois, apenas uma parte das sensações psychicas, as definiveis em fórmulas ou imagens ; o seu valor, porém, consiste em causar emoções fixas e permanentes.

Pelas emoções não podemos pensar, raciocinar e julgar ; são as idéas, pelo seu lasro figurativo, os elementos capazes de se pôr em conflicto uns com os outros, e de entrar em seriação nas operações intellectuaes.

Todavia, o que faz a vida da Intelligencia são as emoções pela sua instabilidade.

\*  
\*\*

Surprehede a uniformidade, ainda aqui, manifestada pela natureza em seu maravilhoso mecanismo. Por mais que as operações intellectuaes pareçam delle distanciar-se, as vemos exercer-se sob as mesmas leis e por processos harmonicos.

Os conflictos entre os elementos materiaes, nas operações chemicas, attingem evolutivamente o maximo de complexidade nas operações biologicas da nutrição da cellula; as mesmas leis e processos similiares se esboçam nas operações intellectuaes, sendo nellas as idéas as unidades psychicas, combinando-se ou decompondo, reduzindo se ou synthetizando, fixando-se ou eliminando, sob afinidades relativas, obedecendo á lei geral da predominancia do mais forte sobre o mais fraco, de accordo com as condições do meio, da hereditariedade e das circumstancias transitorias.

\*  
\*\*

Intricadas como as operações da nutrição, como ellas as operações intellectuaes, n'uma concepção imaginaria, se representam como n'um vasto scenario, circumscripto por superficies de uma tão finissima sensibilidade, que as tornam reflectoras como o espelho do mais fino crystal. Não têm taes superficies a rigidez mineral do espelho; mas, diaphanas e vaporosas, nos trazem á imaginação alguma cousa de comparavel ao tecto gazoso do firmamento, á superficiê das nuvens e ás crystallizações atmosphericas das regiões glaciaes, reflectindo as miragens extasiantes de Crau, dos mares e desertos, as correrias das Walkyrias e as visões dos navegantes.

Assim é o espelho da *consciencia*; reflectindo por todos os recantos, devassando todos os meandros, reproduzindo todas as imagens e scenas, como n'um salão encantado, sob as côres phantasticas diffundidas pelas emoções, desde o pallido luar á vivida luz, desde as trevas á resplandencia.

A luminosidade do scenario se transmuta incessante, aos refluxos das sensações e das idéas, colorindo o recinto de todas as cambiantes e matizes da refração, e embalsamando-o com as delicias ou acrimonias dos perfumes; a candura, a piedade e a humildade, pela alvura; a ternura, a resignação, a saudade e a tristeza, pelo violeta; a alegria, o desejo, a aspiração e a esperança, pelo verde; a amizade, o amor e o prazer, pelo azul; o medo, o espanto, a anciedade, o desdem e o desprezo, pelo amarello; a raiva e o horror, o odio e a vingança, a colera e a crueldade, pelo vermelho; o desanimo, a desillusão e o luto, pelas trevas.

A alma vive baloiçada nas ondulações das emoções; mas no seu scenario as idéas, como personificações surdem, imprimindo mais profundas modificações ás scenas; são personagens que entram, perpassam,

entrecruzam-se, ligam-se, ou associam-se, affastam-se ou aggrupam-se, encadeiam-se, confabulam, decidem-se ou retrocedem; como as phosphorescencias dos pyrilampos, as irisações da aurora e do crepusculo, as alternativas dos dias e das noites, nos dias e nas estações, o calor que escalda ou o frio que regela, como as mutações das nuvens e das ondas do oceano.

Si não se agitam, repousam, adormecem ou entorpecem na lethargia. Nem sempre é suave o somno, mas são despertadas para nelle recahir, sobresaltando-se por momentos, ou soerguendo-se do esquecimento, nas resurreições da *memoria*.

Entrelaçam-se e encadeiam-se na seriação do *raciocinio*, e na harmonia das combinações celebram o concilio da *Razão*, firmam neste tribunal o *Juizo* e expedem as determinações da *Vontade*.

\*  
\*  
\*

No scenario da vida social, a cada passo se reproduzem as scenas da vida intellectual; e no theatro da historia muitos factos são a transposição fiel dos grandes lances do theatro da Intelligencia:

Apresta-se a Agora Orega, a mais nobre praça publica de Athenas, pela sua sumptuosidade sobre todas as ágoras hellenicis. Ladeavam-na as maravilhas da Arte soberana, as estatuas dos deuses, os majestosos altares, a Bibliotheca, a Academia, o Areópago, o Poecile onde se reuniam os stoicos para ouvir as preleções de Zenon e o Cynosargio onde os cynicos iam beber as doutrinas de Socrates e Antisthene.

De um lado estendiam-se as galerias ou porticos onde se faziam as grandes assembléas populares. Quinhentos dos seis mil juizes qualificados, dos mais notaveis pelo saber, pela circumspecção, pela velhice e pela austeridade do character, reuniram-se para julgar um dos mais intoleraveis delictos, o crime de impiedade aos deuses.

Estremeciam as galerias de indignação; os quinhentos heliastas, empunhando o bastão, tomavam logar ao pé dos pinakions ou mesas de bronze e prestavam a Themis o solemne juramento de lançar, com a concha, em escrutinio secreto, o voto de pura consciencia.

Debate-se o torneio juridico. Hyperide, discipulo de Platão, torna aquelle processo ainda mais famoso pela brilhatura da oratoria, em que jamais se excedera na eloquencia da defesa.

A ré do sacrilego crime tinha pendente sobre a cabeça a espada afiada da justiça, e a condemnação transparecia de todos os olhares, revoltados na sêde de desaffrontar os deuses.

Então, Hyperide, despregando o kymation, que prendia ao hombro esquerdo o manto da cortezan de Praxitele, e, arrebatando-o, expõe de subito ás vistas do tribunal a nudez de Phrynéa.

Alçando os braços, emquanto, em molle curva, com o direito vedase em disfarçada pudicicia aos profanos olhares, estorce-se gracioso o inteiriço perfil, desfeixam-se pelas espadas os negros cabellos e delinham-

se do collo aos pés, na turgidez da sensualidade, as mais bellas e perfeitas formas mulheris.

D'aquelles anciãos, embrutecidos pela idade, as carnes estalaram em quentes contorções, as cans e as longas barbas brancas lubricas eriçaram-se, e dos olhos embaçados de frieza jorraram chispas de volupia.

A emoção da punição transformára-se na emoção do perdão.

\* \* \*

A ambição e os triumphos bellicos de Marco Antonio, neto do grande orador Marco Antonio, tinham assoberbado sua alma e a dissolução de costumes depravado o character.

Parte de Roma para dominar o Egypto, que lhe coubera na partilha do mundo, gasto pelos excessos dos prazeres, orgulhoso pelas victorias alcançadas com perfidias e crueldades, embrutecida a alma pelos vicios e insensível ás sensações.

As náus já flanqueavam a ilha de Pharos, deixando ás vistas o gigantesco pharol dos Ptolomeos; approavam na direcção de Alexandria, divisando as roseas agulhas de Cleopatra, a columna de Diocleciano, os zimbórios dos edificios, os obeliscos do palacio dos Ptolomeos e as fortificações da praça.

Empavezando-se das armaduras e capacetes, a soldadesca preparava as armas, e de promptidão dispunha-se ao proximo desembarque em expectativa de resistencia; enquanto Marco Antonio, inflamado pelo ardor guerreiro, perscrutava com cubiça as faixas arenosas e os cumes dos edificios emergindo do quarteirão de Brachion.

Estranho vulto divisa Marco Antonio ao fundo do lago Mareotis resplandecente aos esplendores do sol do Oriente em multiplas scintillações, e a sua alma revigora-se de coragem e lhe arde de intrepidez o sangue.

Era uma galera, de casco e remos de prata, cuja alçada e curva quilha approava fulgida para a frota romana, picando rythmadamente o mar sereno com os reluzentes tiremos e espargindo nevoas de aljofares de espumas irisadas aos vivos raios do sol.

Ventos fagueiros enfunavam as velas de seda e purpura, e sob a tenda de tecido de ouro destacava-se, em meio de Nymphas e de Amores, a figura de Cleopatra, a rainha do Egypto.

Tão anciosa emoção invadiu a alma de Marco Antonio ante a suntuosidade da galera egypcia e o quadro phantastico d'aquella mulher vestida de Venus, cercada de uma côrte de deidades, que mais lhe parecera escalar o Olympo e não galgar terrenas plagas.

Deixara Cleopatra desarmadas as legiões do seu Reino e vinha á conquista do seu rival com aquellas mesmas armas com que subjugara pelo amor os seus irmãos Ptolomeos, dominára Cesar e scandalizára pela libertinagem os mais notaveis egypcios:—a supremacia da sua belleza, a fascinação de sua graça, os encantos do seu fino espirito, as maravilhas da sua cultura litteraria e as seducções do seu corpo.

De altivo, Marco Antonio tornou-se o prisioneiro de Cleopatra, dominado por suas ambições, ludibriado por suas phantasias, esgotado nas orgias pelos excessos, na cegueira de uma paixão que devêra encontrar suicídio, nas tramas de uma traição urdida por aquella, que mudára no scenario de sua alma as emoções da loucura da gloria pelas emoções da loucura do amor.

\*  
\*\*

Do mesmo modo, em nossa intelligencia se modificam a Razão e o Juizo; ao assalto de uma idéa capaz de transformar as emoções, como a imagem de Phrynéa no tribunal dos heliastas; ou, ao dominio de sentimentos nos transportes da paixão, como na ultima phase da vida de Marco Antonio.

\*  
\*\*

A harmonia e perfeição da Natureza, os encantos de suas bellezas, as maravilhas dos seus phenomenos, ainda mais realçados nas buscas e sondagens de seus segredos, e nas interpretações dos seus mysterios, impressionando as sensibilidades da alma, nas afinações de sua emotividade e na agudeza das sensações, despertaram ao homem as emoções da admiração e das delicias do prazer, synthetizadas no sentimento do Bello.

A Natureza è o Bello absoluto; e elle merecia um culto das bellezas extrinsecas, pela contemplação das apparencias, e das bellezas intrinsecas, pelas investigações das causas. Na avidez do goso do Bello, as emoções agitam a alma e avigoram a intelligencia; alma que sente, intelligencia que faz sentir.

Nos tortuosos meandros das investigações das causas, e, nos psalmos e hymnos em que cantam e celebram as bellezas, tantos são sacerdotes do culto do Bello os scientistas que meditam, como os artistas que contemplam.

Os scientistas adoram o Bello pela severidade do Juizo e pelas ponderações exactas da Razão; os artistas o adoram pelas liberdades da Imaginação.

Entretanto, a volubilidade da Imaginação muito tem comprommettido a sua reputação; sem embargo, ella é a grande chave das operações intellectuaes, e sem ella, a Intelligencia teria a frixidez do marmore e a indifferença da estatua, seria um corpo invalidado na impotencia da paralytia.

Com effeito, nas mais positivas investigações em que se aprofunda a Razão, nas pesquisas da Verdade e na Instrucção é o grande auxiliar da Intelligencia na conquista dos factos passados, na apprehensão dos conhecimentos transmittidos, emfim, dos estudos e noticias, guarda avançada nas descobertas e invenções; porque, fóra das sensações das idéas e das emoções pessoaes, não enriquecemos a Intelligencia senão com o soccorro daquella graciosa faculdade, mãe das hypotheses, madrinha das phantasias e madrastra das chiméras.

Ella gêra boas e más idéas, boas e más emoções, bons e más sentimentos, revalidando ou ludibriando as sentenças da Razão: a verdade e a mentira, a bondade e a perversidade, a clemencia e a crueldade por ella muitas vezes encravam as suas raizes, emergem as suas frondes e rebentam flores ou espinhos; mas, também, por ella renovam-se as sensações e as emoções, redobrando-se o gozo e os prazeres, e brotam as inspirações do Bello em todas as formas da Esthetica.

A imaginação é a faculdade dos poetas e prosadores e a alma da litteratura; mas a sciencia também sobre ella tem construido os seus mais sumptuosos monumentos. Na litteratura ella interpreta o Bello: é o seu apoio; na sciencia conduz ao Bello por mil atalhos: é o vehiculo.

Pode-se-lhe applicar o seguinte conto de Léon Gozlan :

Um dia a fada Azul desceu á terra na intenção cortex de distribuir a todas as suas filhas, habitantes dos diversos paizes, os thesouros de favores que trazia em si. Sua anan Amarante deu o signal da trombeta e immediatamente uma mulher de cada nação se apresentou ao pé do throno da fada Azul. Todas estas unidades acabaram, pode-se imaginal-o, por formar uma assembléa muito consideravel.

A boa fada Azul disse a todas as suas amigas : «Desejo que nenhuma de vós tenha de queixar-se do dom que vou fazer. Não está em meu poder dar a cada uma de vós a mesma cousa, porque uma tal uniformidade em minha liberalidade tiraria todo o merito».

Como o tempo é precioso ás fadas, ellas falam pouco. A fada azul, assim, limitou a isso o seu discurso e começou a distribuição dos seus presentes. Ninguem pareceu desgostosa.

Ella deu á castellan cabellos negros e longos; á italiana, olhos vivos e ardentes; á turca, redondeza e macieza de fórmãs; á ingleza, faces, labios e collo da côr da aurora; á alleman, dentes alvos e um coração sensível e profundamente disposto a amar; á russa, a distincção de uma rainha. Depois, passando aos detalhes, poz a alegria nos labios da napolitana, o espirito na cabeça da irlandeza, o bom senso no coração da flamenga, e, quando não ficou mais nada que dar, levantou-se para tomar vôo.

«E eu, disse-lhe a parisiense, retendo-a pelas abas fluctuantes de sua tunica azul ?

«Esqueci-vos ?

«Completamente, senhora.

«Estaveis pertinho de mim e não vos vi. Mas que posso fazer agora? O sacco das liberalidades esgotou-se.

A fada reflectiu uns instantes; depois, tornando a chamar com um signal todas as suas encantadoras obsequiadas, lhes disse : «Sois boas, pois que sois bellas. Cabe-vos reparar uma falta muito grave que commetti; por distracção, esqueci vossa irman de Paris. Peço que cada uma de vós destaque uma parte do presente que fiz e gratifique à nossa parisiense; perdereis pouco e reparareis muito».

A. M. L.—2

Como recusar a uma fada, e, sobretudo, á fada Azul ?

Com a graça que sempre têm as pessoas felizes, as damas se aproximaram uma por uma da parisiense, e lhe atiraram, passando, uma um pouco de seus cabellos pretos, outra um pouco do roseo do rosto, esta alguns raios de sua alegria, aquella o que poude de sua sensibilidade; e, assim, a parisiense, antes muito pobre, muito obscura, muito despercebida, em um momento, por aquelle acto de partilha, tornou-se muito mais rica e muito mais dotada do que as suas companheiras.

Assim aconteceu talvez á imaginação; ella não tem os caracteres fixos das outras faculdades, mas de todas tem alguma cousa e é a mais dotada dentre ellas.

\*  
\* \*

A Intelligencia é um effeito da organização ou natureza de cada individuo, e aquella natureza é formada de condições congenitas hereditarias, condições modificadas pelo meio e pela educação.

Os que naturalmente são emotivos, em gráo elevado, espontaneamente são sensíveis ás magnificencias do Bello e revelam-se artistas. E as susceptibilidades especiaes de sua emotividade ou a predominancia de certas formas de emoções, os levam a uma ou outra especie de tendencia artistica e literaria.

Pela educação, porem, as sensações e as emoções se aperfeiçoam.

Os tres sentidos melhor estruturados, vista, tacto e audição, ainda têm que attingir, porém, atravez de muitos seculos, por evolução, alto gráo de aperfeiçoamento, pelo exercicio funccional, nas solicitações cada vez maiores da civilização.

Ainda ha nelles, comtudo, energias em estado potencial, que a educação consegue despertar, desenvolver, desdobrar e pôr em evidencia, desvendando particularidades geraes ou intermediarias que forneçam mais abundantes mésses de sensações e de emoções.

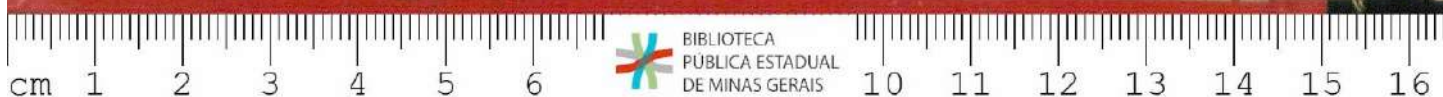
Vemos e ouvimos melhor do que tacteamos; e uns vêem e ouvem minucias que outros não percebem, sobretudo quando estes nobres sentidos são apurados na educação.

Ao vulgar dos homens, da bella faixa polychroma do Arco-Iris, apenas destacam-se as principaes e mais simples côres, o azul, o amarello e o vermelho, passando despercebidas as côres intermediarias, o violeta, o verde e o alaranjado.

Nos intersticios destas e daquellas, entretanto, resultantes de combinações vizinhas, os pintores educados, cuja sensibilidade visual se adextrou, lobrigam innumerables cambiantes.

As pinturas pobres de coloridos, sem que representem convenientemente as formas e as sombras, satisfazem aos que não têm a vista educada; mas, não aos pintores, aos quaes não escapam os esbatidos necessarios á fidelidade dos effeitos.

Pobres de harmonias, as polkas, os fados e as cançonetas, são repudiadas pelos symphonistas, pela insufficiencia de tons. As delicias



que elles encontram na musica classica, de Beethoven, Bach, Mozart, Liszt e Wagner, confusas e incompreensíveis, aos que não têm educação musical, nas primeiras audições, são devidas á apurada sensibilidade de seus ouvidos pela educação, o que os torna incontentaveis ás magras harmonias, exigindo as suas emoções musicas as harmonias ricas e exuberantes de tons nas mais rigorosas combinações de tonalidades.

Todas as operações intellectuaes subjectivas se desenvolvem pela educação como as energias de todo os órgãos do nosso corpo, evidenciando que a alma é em sua natureza uma energia e, como energia, sujeita ás mesmas leis geraes.

\*  
\*\*

O vocabulario é servidor da Intelligencia e, para servir-a, pela palavra e pela linguagem, é preciso que traduza a imagem, e, mais do que a imagem, as emoções infinitas que se transmitem incessantemente na alma, como função de exteriorisar o que nella se passa e o que se opera na Intelligencia, na successão de sua instabilidade.

A palavra, dando corpo á idéa, como a linguagem aos pensamentos, uma e outra se identificam e se consubstanciam tão intimamente que o valor do vocabulo está no seu valor psychico, e as idéas não podem formar pensamentos definiveis, nem associações, comparações, deducções, inducções, abstracções, raciocinios e juizos, senão por intermedio de vocabulos; as acções psychicas exteriorisadas sem o encadeamento das palavras, tornam-se impulsivas e quasi sempre se traduzem por actos imponderados, como nos animaes e nas creanças, aos azares da malleabilidade das emoções. Assim, fallando, pensamos; e pensamos pela linguagem.

Traduzir fielmente as emoções da Intelligencia, em todos os seus grãos e modalidades, com os encantos do Bello, é a arte da linguagem verbal, como a do musico, do pintor, do esculptor, e como estas, engloba-se tambem a literatura no numero das Bellas-Artes.

A musica é a linguagem natural das emoções; é por sons que na Natureza, nos passaros, nas creanças, nos selvagens, fóra da civilisação, são expressas as intimas emoções. O homem civilisado não perde os predicados naturaes primitivos, conserva-se fiel ás leis geraes da Natureza. N'elle, nada é capaz de modificar mais profundamente e mais espontaneamente o estado da alma do que as tonalidades, embora ellas no complexo musical não possam despertar mais do que emoções de character vago e indefinivel, e, por isso, a musica descriptiva não passa de evocações das impressões.

Todavia, a linguagem verbal não despensa o seu concurso para completar-se sob as varias fôrmas de sua arte.

A opera lyrica, os hymnos, os canticos, as canções, as modinhas, os recitativos com acompanhamento, a poesia e a oratoria, á musica devem a sua belleza, predominando, ora a ideação, ora o sonoridade.

O recitativo é uma bella forma artistica da linguagem ; nelle o acompanhamento instrumental sustenta a emoção vaga, tornado mais impressionantes a palavra e o pensamento.

A modinha é a poesia cantada, bella expressão do sentimentalismo nativo da alma brasileira ; relegam-na as finas subtilezas da educação symphonica ; entretanto, ha nisso um sacrilegio patriotico e artistico, porquanto, tanto pelas letras como pelas harmonias, embora simples, a modinha brasileira, quer nos serões familiares, quer nas serenatas sob o terno influxo do luar, ao piano ou aos queixumes do violão, é encantadora, commovente e das mais ternas expressões da nossa nacionalidade e das nossas tradições.

A poesia e a oratoria pedem á musica os seus rythmos. A metrificacão e as rimas são formas elementares de melodia e harmonia ; as entonações da voz, nos arrebatadores surtos da eloquencia, são a expressão do canto dando á palavra os requintes da arte literaria do Bello.

\*  
\*\*

Nos arcanos da Literatura acha-se o repertorio da cultura das letras nas formulas da linguagem.

O progresso da Literatura, porém, está na dependencia da cultura intellectual em todas as fontes de instrucção.

Segundo a solidez e riqueza destas bases se destaca nos povos civilizados a superioridade da literatura no valor das suas producções.

Nas azas leves e diaphanas e nas expressões naturaes fertilissimas e inesgotaveis da Imaginação, os pensamentos vagueiam nas regiões pittorescas das phantasias, imprimindo ás producções literarias aquelle tom vaporoso de concepções insubsistentes.

De todas as operações psychicas da Intelligencia é a Imaginação a que, precocemente, e mais, se avanta no desenvolvimento do espirito, sob aquella mesma systematização que é o caracteristico do unitarismo do plano harmonico da obra da creação.

Da profunda escuridão de uma noite, ainda mais obscurecida por condensado nevoeiro, surge tenuemente a claridade indecisa, mal divinando os limites da noite que vae cessar e do dia que quer romper ; em meio dos resaios embryonarios da humanidade efflorescente, os subtis matizes esbatem-se no céu e na terra. Em antes que desponte a brilha-tura do grande fóco, são maiores os fuscos que as luzes ; tudo se reveste de phantasticos aspectos aos esplendores do nascer do dia.

A Intelligencia humana, do mesmo modo, desde o surto da creança ao primeiro bafejo do mundo, não tem formação definida, e as idéas que se delineam e esboçam são mais confusões do que imagens, como as primeiras crystallisações dos corpos. E' por esta versatilidade de formação que a loquacidade das creanças é uma loucura de pensamentos como a anarchia na verdadeira loucura.

Do homem para os povos, como do simples para o composto, a evolução da Intelligencia percorre os mesmos moldes.

Ao periodo preliminar da civilização, como se póde presumir nos homens prehistoricos, succedeu o periodo da selvajaria e barbarismo, no qual os primeiros indícios precursores da civilização se manifestam nas incertezas da ideação mascarada pelas roupagens da imaginação. A literatura nascente ao registro das tradições, nas lendas, nos contos, nas canções e nas imagens graphicas, compõe-se de chimeras, superstições e magias, pelo estado rudimentar da energia psychica ainda insufficiente ás percepções claras e nitidas e á comprehensão e apreciação das cousas e factos.

Na adolescencia dos povos, ao traçarem-se os largos delineamentos da civilização, como na adolescencia dos homens, ainda os espiritos não empolgados pela Imaginação, já estão na erupção dos seus ardentes arroubos. Os estudos vão abrindo os horizontes do Espirito, pelos conhecimentos exactos, grandes fontes que estes são de idéas e pensamentos. Apparece um novo sentimento na alma, *o amor*, flor da primavera da vida, inebriando-a com o seu perfume, inundando-a de poesia, no subjugo da natureza do sexo forte pelos attractivos do sexo fraco, no servilismo dos indomitos ideaes ante as incertezas das ambicionadas aspirações, na idade em que por si já a alma é toda poesia e só não é poeta quem não sabe rimar.

Domina, na adolescencia dos povos, a litteratura sentimental; e o sentimentalismo subjugado pelas doçuras do amor não vê o Bello senão atravez do prisma da ternura.

E' na plena maturidade da civilização que os povos ostentam as exuberancias dos periodos aureos da literatura. Já não são as phantasias que exaltam a Intelligencia, nem a esterilidade das idéas sob formas litterarias ephemerias que formam a Literatura; mas os conceitos vigorosos ao influxo da philosophia e da seducção das maravilhas da sciencia dão resurgimento ás grandes obras litterarias que perpetuam na historia a grandeza da civilização das nações.

Nos opiparos banquetes, a cuja mesa se assentam os epicuristas das letras, a poesia e a prosa em suas formas mais elementares (as quadras; os sonetos, os cantos e as legendas) figuram ao lado das suas formas excelsas—os pœmas, os romances, os dramas e as tragedias; estes são succulentos manjares para confortar o espirito, consolida-o, aperfeiçoa-o, aquelles são quitandas e bonbons, deleites momentaneos do paladar, ao qual, inebriando, trahem o vigor do organismo.

N'um periodo da Literatura é a Imaginação que domina, n'outro é a Intelligencia envolta pelas aureolas da Imaginação, que illustra a civilização.

\*  
\*  
\*

A literatura brasileira não passou daquelle primeiro periodo; predomina ainda a Imaginação nas producções litterarias; o fetichismo do Bello, pelas irradiações do seu offuscante fulgor; não, porém, a religião do Bello pela grandeza das concepções, sob as inspirações das maravilhas profundas da natureza e da philosophia dos phenomenos e factos.

\*  
\*\*

Os louros do Capitolio vos aguardam, Nobres academicos, como premio desta sagrada cruzada em que vos empenhastes para gloria da literatura patria.

Sois adextrados combatentes, e as vossas armas, poderosas para as mais sublimes victorias.

Estranho á vossa bravura, mas, simples carneiro desse regimento, acompanhando vossos triumphos, orgulho-me de ter sido agasalhado por vós, como alvo apenas de vossa magnanimidade, méro mytho symbolico de vossa esperançosa união.



Discurso proferido pelo academico José Eduardo da  
Fonseca, na sessão inaugural, em Bello Horizonte,  
a 24 de janeiro de 1915.

---

Uma das mais altas glorias da mentalidade contemporanea, poeta pensador, sociologo, jurista e tribuno, a cuja visão aquilina se rasgava a aizagem social, em todos os seus multiplos aspectos, pouco antes de vir a morte pôr termo á prodigiosa actividade creadora que fez delle o chefe, aureolado de uma geração de insubmissos e innovadores, em Direito e na Arte, na Philosophia e na Historia, disse, em pagina irradiante de belleza e verdade, que as grandes creações do genio ou da energia de um povo procuram o ambiente e o scenario das capitaes, como essas esplendidas, essas estranhas, essas maravilhosas flores dos tropicos, que sempre buscam a direcção do sol.

A justeza do conceito revela-se e confirma-se, mais uma vez, nesse dia e nesta cerimonia.

Fundada embora num centro de radiosa cultura intellectual, onde, graças á perseverança de um grupo de operarios do pensamento, a elaboração artistica é continua e brilhante, fazendo que, em recanto apartado da nossa Patria, se opere o milagre de abrirem-se, nos muros de uma cidade industrial, do typo de Manchester, as portas sagradas de Athenas—fundada em Juiz de Fóra, a Academia Mineira, seguindo o destino das instituições que têm ou querem ter uma funcção social a desempenhar, iustalla-se hoje na formosa capital, que a audacia dos netos dos bandeirantes, numa augusta resurreição do heroismo antigo, plantou no deserto, para ser o theatre em que se vae encenar o drama da civilização de um povo que tem, com o instincto das resistencias liberaes, a consciencia da grandeza da sua missão historica...

A metropole sertaneja não podia dispensar a officina literaria: uma completa a outra; porque, si é certo que a nossa voz ganha aqui uma intensidade, uma vibração, uma resonancia que lhe faltaria alli ou além, é igualmente certo que a Academia paga para logo a divida que contráe, entrando a ser um agente, um factor, um orgão do progresso colectivo,

nos dominios da especialidade a que se vota—a realização da obra artistica, que é o melhor thesouro e a maior gloria dos povos cultos, visto como representa a ancia bemdita de libertar o homem do grosseiro realismo utilitario que o envolve, que o empolga, que o constringe numa como abobada de ferro e de mostrar á sua alma dolorida e atormentada a imagem da suprema belleza!

O amor do ideal é uma ascensão ao infinito e uma benção do céo.

Não podemos, não devemos abandonal-o. Lembrae-vos de que toda a vez que essa paixão diminuiu, a familia humana retrogradou.

Assim, nunca, senhores, a cultura do sentimento, a cultura do espirito e a cultura do idéal foram tão aniquiladas pelas continuas hostilidades do industrialismo, do mercantilismo, como no occaso do seculo passado e na aurora deste.

Abandonaram-se as fórmãs especulativas, nobres e puras do saber, supprimindo-se, ao mesmo tempo, as generalizações scientificas e as abstracções artisticas: a arte e a sciencia converteram-se em instrumentos do progresso material, que dá a supremacia ás nações e o poderio aos individuos.

Uma affirmativa ousada baixava das regiões mais altas da sociedade e insidiõsamente se diffundia por todas as camadas: asseverava-se que as idéas eram perigosos explosivos, de intensa força destruidora, capazes de pôr abaixo o edificio magestoso da civilização contemporanea, nas labaredas rubras do maior incendio da historia. A arte pura e a sciencia desinteressada refugiavam-se da agitação das usinas e do delirio da riqueza na alma immaculada de alguns dissidentes, sabios e esthetas, designados pelo bom senso pratico á zombaria das ruas como retardatarios ou abantesmas de uma idade extincta. Estiolava-se a flor milagrosa do ideal. Faltava-lhe o jardim, faltava-lhe a seiva, faltava-lhe a luz, faltava-lhe o ar, faltava-lhe tudo. E a consequencia disso eil-a, senhores, na insania generalizada de homens e povos, que, desfeito o grande sonho de solidariedade e amor, acalentado pela arte pura e pela sciencia desinteressada, se entregam á furia bravia de instinctos e appetites indisciplinados numa guerra formidavel que agita e conturba o mundo inteiro, arruinando em mezes a obra secular do aperfeiçoamento moral da especie.

Digamos a palavra amarga e justa: A ausencia de ideal destruiu a mais original, a mais complexa e a mais opulenta das civilizações!

E' preciso, pois, que na alma humana desabroche de novo a flor encantada, que, como aquelle lotus da lenda egypcia, pairando solitario sobre as aguas do oceano irado, abrigava em sua corolla, com o sopro creador, o espirito infinito.

Meus senhores — Na obra de remodelação social que ha de succeder á guerra barbara, remodelação que se operará tanto nos paizes da Europa como nos da America, tanto na França, como no Brasil, que, por nosso mal, ainda é um paiz vassallo, a Academia Mineira, si bem que confinada nos angustos limites de sua curta acção, quer ter a pequenina parte

que lhe compete — e, assim, no livro, no jornal ou na tribuna, servindo-se da palavra falada, valendo-se do romance, do drama ou do verso, vae consagrar-se á educação popular pelo cultivo da Arte. E, para levar a termo a tarefa redemptora, a Academia, condemnando a arte esteril e vã dos incompreendidos, dos eleitos, dos iniciados, que excluem da sua clientela o grande publico e tentam constituir uma aristocracia intellectual de videntes e super-homens, insubmissos e inadaptados, em lucta constante com o meio em que vivem, praticará a verdadeira Arte — a Arte social, a Arte humana, que, embora ascenda ao infinito pelo poder concepçional do artista, se origina do povo e se dirige ao povo, como a onda que, no verso hugoano, vae até ao céo, mas é sempre onda e voltará a ser mar...

Em verdade, longe está o tempo em que se admirava, na obra de arte, uma inspiração do artista, uma invenção do individuo, uma criação do homem: a sciencia moderna demonstra que, por maior que seja o concurso das faculdades creadoras do seu autor, ella é quasi integralmente o resultado, o producto, o effeito de multiplas influencias sociaes, mesologicas e ethnicas, que vieram preparando a pouco e pouco aquillo que um erro de percepção cuidou haver surdido, de subito, de uma cabeça, tal si fôra a Minerva do mytho hellenico.

Justo é, portanto, que se repartam com o povo—grande autor, grande heróe, grande martyr — os pães asyimos que elle tambem amassou, muitas vezes com sangue e lagrimas, no martyrío das revoluções; porque, na phrase altiloqua de um orador deste seculo, a multidão, de ha muito, passou do côro anonymo da tragedia grega á dignidade de protagonista no drama grandioso da historia civil.

Ahi tendes, senhores, em seus amplos traços, em seus amplos lineamentos, o programma com que alguns homens de bôa fé e de bôa vontade, vinculados ou reunidos pela communhão dos mesmos sentimentos e pela solidariedade dos mesmos ideaes, vão servir á causa da civilização mineira, numa hora tragica de crise universal, não desejando recompensa outra senão, a par da austera alegria do dever cumprido, a consoladora certeza de que ainda se não apagou a lampada da Arte, que os nossos antigos poetas, confidentes dos nossos primeiros martyres, accenderam neste velho santuario da liberdade.

Onde gloria mais alta e mais fulgida do que a de restaurar, nas montanhas nataes, com a tradição esthetica, a religião da belleza, que desmaterializa ou espiritualiza o homem, convertendo os dilacerados andrajos de sua miseria em mantos constellados de purpura e ouro?

Além disso, alumiaremos o caminho por onde deve transitar a geração nova, sobre cuja cabeça se adensam sinistramente as trevas moeraes de um scepticismo que lhe anniquila a vontade e lhe enregela o coração, privando-a da intensa alegria de saudar, nas manhãs douradas da sua primavera, como Quinet, no flammejante occaso da sua gloriosa carreira, o advento de uma justiça cada vez mais santa, de uma liberda-

de cada vez mais bella, de uma arte cada vez mais nobre, de uma vida cada vez mais digna de ser amada e vivida!

Tal a miragem que vae matizar de esperanças a aridez do nosso deserto moral...

Antes de calar-me, senhores, antes que a tribuna academica, pela primeira vez armada em Bello Horizonte, tenha o direito de emmudecer, vibrará commovida e jubilosa, num agradecimento á querida cidade que, representada pelos mais graduados elementos da sua cultura social e de sua acção collectiva, acolhe triumphalmente em seio o novo instituto e o incorpora definitivamente á sua grandeza maravilhosa, á sua gloria radiante, á sua existencia magnifica, premiando e abençoando a nossa energia, a nossa fé, o nosso ideal, para que possamos executar a tarefa bemfazeja que nos congrega — a reconciliação do principio utilitario de um seculo com o culto da suprema belleza, que palpita e refulge nas creações da arte humana...

Bem dita seja essa Arte, que tem, que terá um duplo poder magico: o de sustar a evolução regressiva que nos vae precipitando naquella barbaria entrevista por Spencer moribundo, num delirio que foi um vaticinio, e o de inaugurar a renascença luminosa dos fortes pensamentos e dos altos sentimentos, que serão sempre as maiores conquistas e as melhores expressões do verdadeiro progresso e da verdadeira civilização — progresso e civilização que, tornando o homem mais perfeito, farão da propria vida uma obra artistica irreprehensivelmente bella e celestialmente pura, irradiando sobre a face da terra os esplendores do ideal, da bondade, da virtude, da sympathia, da indulgencia, da admiração e do desinteresse, em summa, da solidariedade humana, de que a Arte é o mais poderoso agente, além de ser o unico factor capaz de conseguir o reaquecimento da nossa atmospheria moral, subitamente resfriada na esterilidade maldita das mesquinhas existencias sem luz e sem horizonte...

Está installada, nesta Capital, a Academia Mineira de Letras.



Discurso do academico Alvaro da Silveira, presidente da  
Academia, na 1.<sup>a</sup> sessão extraordinaria, de installa-  
ção em Bello Horizonte, a 24 de janeiro de 1915.

Faz ainda pouco tempo que na adeantada Juiz de Fóra surtiu, por louvavel esforço de um punhado de homens dedicados ao nosso desenvolvimento intellectual, a Academia Mineira de Letras.

Dias felizes teve, certamente, em sua infancia a querida instituição, acariciada pela terra onde o tilintar dos ferros das fabricas se casava com o rythmo do verso.

Juiz de Fóra, essencialmente industrial, é tambem o berço do instituto nascido para culto das letras. Das suas fabricas, pejadas de machinas, já sahiam os diversos artefactos utilizados para satisfação de nossas necessidades materiaes; da Academia, prenhe de ideas, sahiriam tambem obras de arte, confortadoras do nosso espirito, vivificadoras da nossa alma, tantas vezes amortecida pela crueza da lucta quotidiana. A nascente instituição reuniria em suas officinas operarios de aptidões diversas — aqui, artistas cujos pinceis recolhem, na palheta da fantasia, delicadas tintas para telas admiraveis, creadas para nosso goso espiritual; alli, obreiros que estampam nas pagins do livro o resultado de observações pacientes e trabalhosas, portadoras de utilidades reaes; emfim, grupos varios que se empenham, nessa tenda do trabalho, em alicerçar, firme e duradouramente, o templo consagrado á intellectualidade mineira.

Não preside, portanto, a esse cenaculo a vaidade humana. Não são homens enervados pelas commodidades da vida os que se abrigam sob a bandeira dessa hoste que empunha a penna como arma.

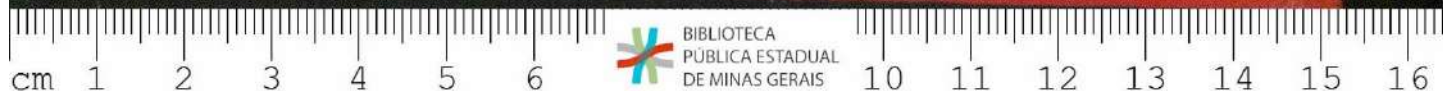
Luctar proficuamente em pról das nossas letras, estimular o trabalho da intellgencia; concorrer, em summa, para o nosso desenvolvimento espiritual, — eis, resumida e absolutamente, o programma da Academia.

No curto periodo de sua existencia encontrou ella, em seu berço, elementos que, com sóbra, lhe asseguravam a existencia; considerações incabiveis neste momento determinaram, entretanto, a sua mudança

para esta Capital, onde, por nimia gentileza que todos agradecemos, ficou entregue aos cuidados da directoria que hoje se empossa.

Esta, ao assumir o honroso encargo, só deseja que auras bemfazejas, sadias e embalsamadas de ideaes, continuem a bafejar amorosamente a Academia, afim de que possa ella destemer os azares brotados do indifferentismo.

Temos fé, entretanto, de que a sorte não lhe será adversa; temos fé de que nesse transplante ordenado por circumstancias especiaes, nada sofrerá em seu crescimento a arvore que agora recebemos. Robusta e frondejante, recolhendo á sua sombra os que se empenharam nas luctas das idéas, as suas raizes penetrarão bem fundo nesta terra fertilizada pelo humus delicado e vivificante que relembra os nomes de Marilia, Gonzaga, Bernardo Guimarães e tantos outros; terra onde o frescor da liberdade extingue os cardos espinhosos que só encontram guarida na aridez do despotismo; terra onde médram epopéas, que com ardencia nos estimularam; terra regada com o sangue de tantos martyres da evolução; abençoada e querida terra de Minas Geraes.



## Elogio de Thomaz Gonzaga pelo academico Mendes de Oliveira, na sessão de 2 de janeiro de 1916

---

Como a vida de todo aquelle que foi baptisado pelo genio e ungi-  
do com o infortunio, a de Thomaz Gonzaga desde logo se aureolou  
com os episodios e os encantamentos de um romance novellesco, en-  
trando de escalada no mundo fabuloso da celebridade, antes mesmo que  
lhe brumasse o coração a ultima tristeza sem remedio no exilio africo  
de Moçambique.

Entre o renomeado cantor e os seus proprios coevos, e a sua mesma  
geração, como que, no atordoamento do desenlace tragico da Inconfi-  
dencia, no estupor gelado, que a sentença de proscricção causára em  
todas as almas, de subito o mysterio correu o seu velame, emquanto a  
lenda, no trabalho perenne da teia respectiva, foi envolvendo nos fios  
de ouro da sua chlamyde a figura do par enamorado, Dirceu e Marília,  
que a fatalidade separou na existencia objectiva, mas que vivem uni-  
dos perpetuamente pela poesia e pelo amor.

Por muitos annos porfiaram criticos e chronographos, cada qual na  
faina de deslindar os pontos emmaranhados ou conjecturaes da biogra-  
phia de Gonzaga.

Só o tempo, como sempre acontece em relação aos vultos predesti-  
nados da humanidade, conseguiu pôr de harmonia a historia com a  
tradição, a verdade com a fabula.

Innocencio, o erudito dicionarista portuguez, escreve, auctorizando  
o exordio deste elogio:

« Thomaz Antonio Gonzaga.

A biographia deste insigne poeta, que com pequeno volume de  
poesias poude grangear para si maior e mais gloriosa reputação do que  
outros adquiririam na composição de longos poemas, ou na de milhões  
de versos espalhados em muitos volumes, achava-se de tal modo obscu-  
recida e envolta nas sombras da duvida, pelo que dizia respeito ás suas  
circumstancias pessoaes, como si entre elle e seus contemporaneos ti-  
vessem mediado seculos de intervallo.»

Já vos disse que só o tempo conseguiu ventilar, sobre a memoria de  
Gonzaga, as hypotheses antagonicas.

Mas, serão, ainda hoje, passagens perfeita e cabalmente elucidadas todas aquellas sobre as quaes andaram em controversia os biographos e panegyristas do poeta? Parece-me que não.

Para mim, a sua vida continua emmaranhada em muitos meandros, onde em vão se pretende distinguir dos acontecimentos reaes a trama da phantasia urdida pela imaginação popular.

Mas, que interesse haverá em conhecer a biographia exacta da terrnissima Dirceu? Para que nos havemos de afadigar numa devassa prosaica, em busca de todas as circumstancias da immorredoura peregrinação do engenho peregrino?

Que lucram as lettras, que é que póde lucrar a curiosidade contemporanea, ou a futura indagação, com o esquadrihar bisbilhoteiro de quanta nuga desapareceu na grandeza profunda de um renome?

E vêm aqui ao pintar as seguintes palavras de Latino Coelho, no seu excellente panegyrico do grande épico lusitano:

«A vida de Camões envolve-se na penumbra que circumda na antiguidade os grandes genios. Como que a natureza se compraz e delicia em deixar mal desenhados, nebulosos, indecisos os contornos destes vultos gigantes e singulares, que se poderiam com razão cognominar os milagres de uma geração. E' que os genios não têm, não precisam ter biographia. Vivem e consubstanciam-se na patria e na humanidade.

A sua vida chama-se pensamento. A sua transfiguração chama-se gloria. Que nos importa o berço onde os embalou, infantes, a piedade maternal?

Os genios não têm patria, na accepção estreita e mesquinha do vocabulo. Fel-os a natureza cidadãos da humanidade. Deixemos a biographia para os pequenos e mediocres. Para os grandes da intelligencia basta-lhes o nome, as obras, a voz universal, que os levanta e canoniza, acima do vulgo dos mortaes.

Si alguém pudera evocar a sombra magestosa do poeta e como o Gama ao Admator, interrogal-a com o imperativo «Quem és tu?» E inquirir-lhe: «Onde nasceste»? Dize, que sobre isto contendem os teus biographos. Onde viveste até que te alistaste como soldado da fortuna?

Dize que neste ponto lidam enredados os teus commentadores. Quem era essa mulher, que tu cantaste sentido e mavioso nos teus carmes amorosos? Dize, que desta duvida se lastimam os teus intrepreses». Quem sou? Diria o vate mais arrojado por ventura que o gigante do Cabo Tormentario:

Com voz pesada e amara

Como quem da pergunta lhe pesara

«Quem sou? Dei-te os Lusíadas», e perguntas de onde venho? Dei-te num grandiloquo poema o meu espirito, a minha alma, o meu enthusiasmo de poeta, a minha devoção de portuguez, os meus brios de soldado, e ainda queres saber miudamente em que lances e aventuras, em que illusões de amor e de fortuna passei a vida carnal e temporaria,

em que lugar surgiu á luz o punhado de terra do meu corpo, e em que ponto se escondeu a cinza deste fogo immortal, que me queimou ?

A existencia em brevissimos termos a hei cifrado. Servi á patria com a espada, cantei-a com o meu plectro. Amei como sabem sómente amar as almas de eleição. Padeçi, como só podem padecer os genios, a quem a Providencia faz pagar a usura com os tormentos de uma vida mesquinha e amargurada o monstruoso privilegio da sublime inspiração.»

Tenha nascido aqui ou acolá, o que eu sei, o que eu sinto, o que todos nós sabemos e sentimos é que Thomaz Gonzaga é brasileiro, como brasileiro é o coração que amou a Marília, como brasileiro, e genuino, ha de ser sempre o espirito que a decantou, a chamma sagrada que a envolveu e divinizou, immortalizando-a, nas serranias nevoentas de Villa Rica.

Nem porque sete cidades disputaram o berço de Homero, deixaram todas as sete, como todas as cidades do mundo, de maravilhar-se ao influxo maravilhoso dos accents propheticos da altissima épopea.

«Thomaz Antonio Gonzaga — escreve Sylvio Romero — é o mais celebre dos poetas mineiros. Dizem que nasceu em Portugal, o que não é de todo incontroverso; mas seus paes eram brasileiros; sua infancia passou-se na Bahia; sua idade adulta e viril, em Minas; elle é, pois, dos nossos pela vida e pelo destino.»

Poeta brasileiro, por excellencia, é Thomaz Gonzaga. E poeta brasileiro, que pisa no estrado da regencia entre a orchestra formada pelos cultores do verso no seu tempo.

As suas lyras são repassadas das auras da nossa terra e dos ardores do nosso clima: nellas a musica bucolica e o timbre pastoril são como que a alma, em transumpto, das nossas perspectivas campestres, com as suas clareiras e os seus ribeiros.

Um dos criticos de mais voga no Brasil observa que a poesia de Thomaz Gonzaga, comparada á poesia da época, revela alguma cousa de mais popular, de menos corteção, de mais nativo e espontaneo, para não dizer de menos portuguez.

E cita por exemplo a lyra XIX :

Emquanto pasta alegre o manso gado,  
Minha bella Marília, nos sentemos  
A' sombra deste cedro levantado ;  
Um pouco meditemos  
Na regular belleza,  
Que em tudo quanto vive nos descobre  
A sabia natureza.

Arroubos de emancipação contrastando com as formulas da cortezaniam da moda e dando azas á espontaneidade, melhor nos impressionam nesta lyra bellissima :

Alexandre, Marília, qual o rio,  
 Que, engrossando no inverno, tudo arrasa,  
 Na frente das cohortes  
 Cerca, vence, abrasa  
 As cidades mais fortes ;  
 Foi na gloria das armas o primeiro :  
 Morreu na flor dos annos, e já tinha  
 Vencido o mundo inteiro.  
 Mas este bom soldado, cujo nome  
 Não ha poder algum que não abata,  
 Foi, Marília, sómente  
 Um ditoso pirata,  
 Um salteador valente.  
 Si não tem uma fama baixa e escura,  
 A' sua mesma patria a fé quebrada,  
 Na mão a espada toma,  
 Opprime-lhe a garganta,  
 Dá senhores a Roma,  
 Consegue ser heróe por um delicto !...  
 Si acaso não vencesse, então seria,  
 Um vil traidor proscripto !

Gonzaga conhecia bem os caprichos da justiça humana e a pusillanidade dos homens. Cesar foi heróe, porque venceu; si não tivesse vencido, seria um vil traidor proscripto !

Prosegue o poeta na mesma lyra, que reproduzo na integra, porque a considero uma das creações mais altas do nosso lyrismo, do lyrismo que fundou a Escola Mineira, no seculo XVIII :

O ser heróe, Marília, não consiste  
 Em queimar os imperios : move a guerra,  
 Espalha o sangue humano,  
 E despovôa a terra  
 Tambem o mau tyrânno.  
 Consiste em ser heróe em viver justo :  
 E tanto póde ser heróe o pobre,  
 Como o maior Augusto.  
 Eu é que sou heróe, Marília bella,  
 Seguindo da virtude a honesta estrada,  
 Ganhei, ganhei um throno ;  
 Ah ! não manchei a espada,  
 Não o roubei do dono ;  
 Ergui-o no teu peito e nos teus braços :  
 E valem muito mais que o mundo inteiro  
 Uns tão ditosos laços.  
 Aos barbaros, injustos vencedores  
 Atormentam remorsos e cuidados ;  
 Nem descansam seguros  
 Nos palacios cercados  
 De tropa e de altos muros.  
 E a quantos que não mostra a sabia historia,  
 A quem mandou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria!  
 Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo  
 Nos braços do descanso, e mais do gosto;  
 Quando estou acordado,  
 Contemplo no teu rosto,  
 De graças adornado;  
 Si durmo, logo sonho e alli te vejo.  
 Ah! nem desperto, nem dormindo sobe  
 A mais o meu desejo!

Na poesia da época, vulgares não eram os versos deste feitio e animados por esta inspiração. Por isso que lhes faltava a naturalidade — característica fundamental dos artistas principaes.

Na sua «Historia da Litteratura Brasileira», Sylvio Romero observa que Thomaz Gonzaga, a mais completa encarnação do lyrismo amoroso no Brasil, «não tinha grandes recursos de fórma, nem audacias de pensamentos».

A que é que o critico applica a expressão «recursos de fórma»? Não consigo apprehendel-o: Gonzaga manejava com mestria o vernaculo, que para elle não tinha segredos.

A sua linguagem, escorreita, vasada nos melbores moldes da expressão, pede meças á euphonia dos seus versos e á variedade da sua metrificacão. Nas estrophes do decasyllabo, no soneto, na redondilha, no metro alternado, nos versos pequenos, o poeta sempre se conduz com a mesma galhardia, com a mesma correcção e brilhantez.

Não; nunca lhe faltaram recursos de fórma.

Não tinha audacias de pensamento? Talvez não as tivesse, segundo o criterio pessoal do critico. Entra muito nesta questão a relatividade.

Antes de qualquer julgamento, porém, é preciso ter em mente o genero poetico de Gonzaga. Esse genero tem limites marcados pela sua propria natureza e nelle não cabem os surtos do grandiloquo, isto é, as audacias de pensamento, a que naturalmente, segundo creio, se refere Sylvio Romero.

Dentro daquelles limites, para o arrojio da idéa, ninguem atira a barra mais longe que Thomaz Gonzaga. Seja disto uma prova a lyra que já citei e que abre nestas alturas:

Alexandre, Marilia, qual o rio  
 Que, engrossando no inverno, tudo arrasa,  
 Na frente das cohortes  
 Cerca, vence, abrasa  
 As cidades mais fortes:  
 Foi na gloria das armas o primeiro;  
 Morreu na flor dos annos, e já tinha  
 Vencido o mundo inteiro.

Proseguindo na sua critica, o autor da «Historia da Litteratura Brasileira» reconhece, a principio, que o sentimento do poeta era real, quer dizer, que o poeta era sincero nos seus cantares. Eis aqui um

A. M. L.—3

problema de capital importancia para a analyse e julgamento da obra de Dirceu, porque a sinceridade é uma das condições primarias da arte.

Parece que Sylvio Romero se colloca em antagonismo consigo mesmo, quando escreve, mais adiante, depois de haver proclamado a sinceridade de Gonzaga:

«Não sei até que ponto é verdadeiro o dito de Goethe: «Si tua dor te incommoda, faze della um poema».

Não ha duvida que um sentimento real deve sempre inspirar as composições de um poeta; mas é certo tambem que o tomar-se o expediente de fazer versos, quando a lucta é profunda e a catastrophe immensa, é uma como falsificação do sentimento.

Si no meio das grandes luctas, a poesia irrompe espontanea, ella é sagrada e imponente; si é formada como calmante, é ridicula e frivola. Por isso, quando a prostração é positiva e inilludível, o poetar parece uma profanação.

«Ha talvez alguma cousa de artificioso nas «Lyras» de Dirceu, escriptas no carcere. E' certo, porém, que o poeta quebrou a sua penna, quando a sentença condemnatoria lhe foi lida. No degredo elle não poetou mais. A bestialidade do soffrimento crestou-lhe todas as expansões e mais tarde annuviou-lhe a razão».

Thomaz Gonzaga foi sempre sincero na sua dor. As suas «Lyras», escriptas no carcere, traduzem, ao vivo, os soffrimentos de uma alma apaixonada, que rola de repente do pinaculo de um sonho embriagante para a realidade de uma masmorra sombria.

Nem foi elle o primeiro que em situação identica desferiu as cordas do alaude, repassando-as da incoercivel saudade de uma illusão que fugiu e de uma esperança que não chegou.

Sinceras, sentidas, e profundamente elaboradas são todas as «Lyras» de Thomaz Gonzaga, sem excepção daquellas que elle escreveu já quando encarcerado.

E' preciso que se faça esta justiça ao poeta, para que se possa admirar, ao lado da extensão da sua capacidade artistica, a animação affectiva da sua alma. E' imperioso que se lhe faça esta justiça, porque no dizer mesmo do seu critico, «elle tinha o sentimento das cousas; não possuia a falsa eloquencia dos poetas pretensiosos; tinha a simplicidade dos poetas verdadeiros».

Mas, o sr. Sylvio Romero reincide, acutilando o genero litterario a que se consagrou o meu desditoso patrono. Escreve o versado polygrapho:

«Analysando as produções de Gonzaga, vê-se que elle não teve genio para quebrar as cadeias que o prendiam ao genero pastoril, o mais prosaico, o mais grosseiro de todos os systemas poeticos.»

Aos meus nobres confrades solicito permissão para contrapor ao juizo respeitavel de Sylvio Roméro, não a minha, mas a opinião de alguém que, no meu modo de vêr, foi quem melhor, e com mais intuição

e senso critico, definiu a maneira de poetar do enamorado Dirceu. Está com a palavra o poeta e philologo portuguez Nuno Alves Pereira Pato Muniz:

«A nossa melhor collecção de poesias eroticas é a do magistrado Thomaz Antonio Gonzaga: as suas «Lyras» a Marilia de jus lhe alcançam o titulo de «Luso Anacreonte». Nada temos que mais suave seja e gracioso. Por ellas achamos continuamente unidas a erudição, o engenho e a amenidade; são escriptas em uma phrase pura, elegante e muitas vezes vigorosa: e, si de quando em quando lhe notamos alguma laxidão de estylo, é isso desculpavel naquelle genero de composições, e mais o devemos desculpar ao inventor de uma nova e bellissima especie de poesia, como bem é que se digam as «Lyras» de Dirceu, que seguem uma carreira média entre Anacreonte e Theocrito, isto é, entre as odes eroticas e os idyllios pastoris, sendo aliás rigorosamente algumas dellas excellentissimas odes ao modo de Anacreonte, e outras participando da horaciana elevação.»

E' difficil dizer melhor, ou tão bem, da poesia de Thomaz Gonzaga, do estro fervoroso das Lyras, do encanto idyllico da sua inspiração, da sua maviosidade bucolica e do sainete campezino daquelle punhado de trovas, de que se teceram as coroas immortaes, que ficaram refulgindo nas duas frentes mais celebres na historia do coração, em terras do Brasil.

Gonzaga foi contemporaneo de Bernardin de Saint-Pierre, e ha, e palpita, e canta, no fundo lyrico da sua obra, a simplicidade nativa dos amores de Paulo e Virginia, circumdados pela natureza exuberante da Ilha de França.

Surprehendem-se na emotividade dos versos de Thomaz Gonzaga reminiscencias suggestivas do lyrismo petrarchesco, do lyrismo glorioso de Petrarcha, o egregio poeta humanista da Renascença. Para ir mais longe: os classicos gregos e romanos concorreram para o cabedal litterario do celebrado Ouvidor, que ficou sendo, que ha de eternamente ser, a suprema expressão do affecto entre portuguezes e brasileiros, e o ideal dominante da liberdade para a patria daquella que lhe escravizara o coração.

Sim, o cantor de Marilia é um dos precursores da soberania deste paiz, em que pése áquelles que assim não o julgam. Neste ponto estou de absoluto accordo com o parecer do emerito polygrapho, de quem, aliás, discordo, em mais de um ensejo, sobre o estudo do famoso poeta:

«Gonzaga, nos depoimentos de seus collegas de infortunio, foi mais ou menos poupado, e elle proprio negou até á ultima hora que tivesse tomado parte na conjuração; assim o declarou aos juizes e em suas poesias a Marilia. Por taes motivos, Varnhagen é levado a crer que elle fosse extranho á «Inconfidencia».

«Não é esta a verdade que sae dos factos; o insigne poeta não precisa dessa justificativa postuma, falsa e insidiosa. Não ha razões

serias para arredarmos de sua frente a aureola de patriota santificado pelo soffrimento».

«Sim; o poeta teve o sonho revolucionario; este grande titulo deve religiosamente ser-lhe conservado pela historia. Não busquemos para elle rehabilitações fallaciosas, inspiradas por nossas adulações monarchicas».

«Dirceu quiz o levante, quiz a Republica, quiz a independencia. E' por isso que elle tem sido e continuará a ser um dos guias immortaes do povo brasileiro.»

Na litteratura portugueza, nesta notabilissima litteratura, que concentrou em si, num dado momento, o expoente mais poderoso da mais poderosa das civilizações, para se transplantar, num surto magnifico, por cima da rota dos navegadores, ás paragens virgens de Santa Cruz; nesta litteratura que subiu, cantando as façanhas do Gama, celebrando a virilidade cavalheiresca de um povo e de uma raça heroica,—nesta litteratura que subiu, glorificada a um dos quatro pontos cardeaes do engenho humano, porque o poema do Camões figura no mesmo paralelo das epopéas mais remontadas da humanidade—na litteratura portugueza, Thomaz Gonzaga é irmão gêmeo de Bernardim Ribeiro. Ambos tiveram amores com os mesmos caprichos; correram ambos o mesmo fadario, descendo um e outro das cimeiras da clarividencia para os tremedaes da loucura.

A «Menina e Moça», de Bernardim, é a todo instante evocada pela Marilia, do Dirceu.

As eclogas do primeiro confundem-se, não raro, em belleza e graça com as lyras do segundo.

A paixão de um é a mesma desgraçada paixão do outro, engrandecida pelo talento e divinizada pelo martyrio.

A sorte da poesia, aliás, foi sempre esta: fundir duas almas ao calor do genio; abrasar dois corações na chamma de todos os anceios e esperanças; prescrever os mesmos passos para dois entes que muitas vezes seguem caminhos oppostos; entrelaçar dois nomes, que tanto mais se immortalizam, inseparaveis, quanto maior é a desdita que elles recordam e quanto mais a fatalidade caprichou em separal-os.

Tasso e Leonor, Goethe e Frederica, Petrarcha e Laura, Dante e Beatriz, Camões e Nathercia, Alvarenga e Barbara, Dirceu e Marilia... E a lista continúa, e não terá fim, porque, no dizer feliz de um pensador, a mulher é tão necessaria ao poeta como o estro e o laurel.

Alguns criticos põem em duvida que Marilia tivesse cumprido as promessas de fidelidade feitas ao seu desposado.

Ruscalla, traductor italiano das lyras de Gonzaga, chegou a suppor que Marilia, esquecendo-se do Dirceu, finalmente contrahira nupcias, a instancias da familia, com um official do exercito portuguez. Mas a sua memoria ternissima já foi definitivamente rehabilitada.

Gonzaga, a caminho já do exilio, escreveu:

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas,  
Uma por uma as beijo,  
E choro então sobre ellas.  
Tu me dizes que siga o meu destino,  
Que o teu amor na ausencia,  
Será leal e fino.

E foi muito leal e fino na ausencia o amor de Marilia, que se conservou solteira durante toda a vida, morrendo octogenaria, apesar de ter apenas dezoito annos, quando Gonzaga partiu para nunca mais voltar.

Só as eleitas, só as mulheres predestinadas, as companheiras do genio se podem mirar no exemplo de Marilia.

Criticos diversos têm extranhado que Thomaz Gonzaga quebrasse em Moçambique o seu juramento, contrahindo matrimonio com a sra. Juliana de Sousa Mascarenhas, flor selvagem daquelles areas, «sem belleza e sem cultivo», e dando-lhe no seu coração «o logar que pertencia á formosa virgem de Villa Rica».

O acerbo da recriminação accentua-se com mais vivacidade numa pagina diserta de um dos maismeticulosos biographos de Thomaz Gonzaga—J. Norberto.

Suspendamos o juizo comminatorio, porque a desgraça redime os desgraçados. E justifiquemos o acto de Gonzaga com o quadro impressionante, que nos desvendam as seguintes palavras do proprio Norberto, pintando o desfecho, o epilogo insano da vida do malaventurado poeta:

«O fogo sagrado da poesia, que lhe borbilhava na mente, eclipsou-se; a imaginação ardente, viva, poetica, enfraqueceu-se, e a inspiração desamparou-o para sempre! Já ninguem conhecia no proscripto de Moçambique o poeta ameno e delicado de Villa Rica, o melancolico e saudoso cantor dos carceres da Ilha das Cobras. Viam-no horas inteiras sentado sobre os penedos que banha o mar, com os olhos voltados para o Brasil; mas nem esse nome, nem o nome de sua amante, o despertavam desse scismar estúpido que o embrutecia. Outras vezes exaltava-se, falava com a eloquencia do delirio, dominado por uma febre intensa que lhe queimava o cerebro, e cahia de novo num abandono estúpido... Ai, desgraçado, estava louco!»

Estava louco o desgraçado!

E quem é que não enlouquece, ao peso phenomenal de tanta magoa, de tanta desillusão e de tanto desespero?

A defesa, a reabilitação de Thomaz Gonzaga está feita.

O marido de d. Juliana de Sousa Mascarenhas já não era o desposado, o noivo de Marilia, o canoro Dirceu, o apaixonado filigranista do vestido nupcial.

Entre uma e outra situação medeia o abysmo immensuravel da loucura.

A distancia, que vae de um a outro, é a mesma que separa a gloria do anniquilamento.

Tudo se anniquilou... e renasceu tudo! «Marilia de Dirceu», a eterna primavera de um amor que faz inveja ás almas que mais sabem amar, ficou illuminando a esphera e perfumando o clima das lettras portuguezas, da lingua que falamos, do ambiente onde respiram as nossas intelligencias e florescem os nossos sentimentos.

Raiou sobre os amantes de Villa Rica a aurora da immortalidade.

Através do crisol purificador das torturas anhelantes, das magoas irreprimiveis, do ideal insatisfeito, passaram duas almas e dois nomes, subindo das contingencias do mundo transitorio para a veneração perpetua da posteridade.

A lyra do bardo está resoando agora, como de futuro resoará, decantando as prendas de um archetypo da perfeição.

Corram os annos, passem os seculos, millenios transcorram, e a toada redolente não morrerá:

«Noto, gentil Marilia, os teus cabellos,  
E noto as faces de jasmins e rosas ;  
Noto os teus olhos bellos.  
Os brancos dentes e as feições mimosas.  
Quem fez uma obra tão perfeita e linda,  
Minha bella Marilia, tambem póde  
Fazer o céo e mais, si ha mais inda.»

Não ha mais nada, nem é necessario que eu diga mais alguma cousa.



## Elogio de Santa Rita Durão pelo academico Carlos Gões

**Proferido perante a Academia Mineira  
de Letras, a 1.º de julho de 1912**

A resenha que vamos dar da obra e da vida do immortal vate brasileiro, não terá propriamente o cunho de «biographia», tal como o entendem e praticam os chronistas e necrologos. Já hoje a biographia é um genero de litteratura pouco attrahente, pelo tom irritante de catalogação, que tão singularmente a extrema. Tentaremos dar ao rapido estudo que vamos fazer, o cunho de *elogio* ou de *apologia*, por nos parecer mais consentaneo com a grandeza do thema, e mais proporcionado ás dimensões do grande vulto, a que visa a nossa oração.

O nome só desse luminar da litteratura brasilica dos tempos de antanho, aviva em nosso espirito esse periodo immarcessivel de gloria, essa phase aurea da litteratura nacional, que ainda não pode ser imitada, e muito menos excedida, em que, de par com a revelação de uma nacionalidade que forcejava por explorar, de preferencia, os motivos de puro character regional e gentilico para assumpto aos monumentos litterarios daquella época, temos a demonstração maxima da nossa cultura,—cultura que se não circumscrevia a ensaios e bosquejos, mas alava-se a grandes surtos: ao poema, á fórma classica em sua quintessencia, á lingua em toda a sua pureza, limpidez e crystallinidade.

Dois espiritos culminam nessa época o edificio de nossa intellectualidade: José Basilio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão, ambos filhos das Minas Geraes, ambos exilados da Patria, compondo em terra extranha as suas obras, illuminados pela nostalgia e saudade do berço natal, á sombra de cujo incentivo medraram e floriram as suas creações. Esses dois espiritos foram os precusores dessa escola que mais tarde constituiria o *indianismo*, escola que viria a produzir Gonçalves Dias—o maior dos nossos poetas da Selva, e José de Alencar—o nosso estylista de cunho mais accentuadamente regional. Foram, antes de Cooper e Longfellow, os introductores da poesia genuinamente americana, cabendo neste particular á litteratura brasileira a prioridade sobre todas as outras do continente.

A acção desses dois espiritos não se restringiu á época em que viveram—deixou até de ser comprehendida pelos coevos. Ella tinha de reflectir-se pelo futuro adeante, tinha de actuar em futuro remoto, porque os dois genios, como todo genio, se haviam antecipado á sua época, tornando-se assim contemporaneos dos seculos futuros, foram os bate-dores e os videntes de uma corrente nova, então em perfeita antithese com o classicismo greco-romano da Arcadia, corrente que mais tarde seria o *leit motif* de nossa litteratura e até vehiculo á tentativa abortada de uma lingua outra, diversa do luso portuguez ultramarino.

Basilio da Gama e Santa Rita Durão formam assim o tronco da grande arvore que mais tarde viria a esgalhar-se em frondes, por cujo amago e medulla estuariam os globulos vivos da seiva e vitalidade de uma nacionalidade definida, senhora de uma individualidade typica e inconfundível, embuhida, até a superstição, de suas lendas e tradições, não curando mais, como curava o reinol, de desprestigiar o homem primitivo da terra occupada pelos Brancos, mas forcejando por elevá-lo, redimil-o, fazendo assim a campanha de saneamento e reabilitação de nossa estirpe avita, em a qual o autochtóne intervinha como um dos factores ethnicos.

O poema de Santa Rita Durão, como antes o poema de Basilio da Gama, era já a revelação de que os auctores nacionaes não se pejavam de tomar para motivo o grande scenario da terra brasileira na phase semibarbara de sua colonização. Antes havia nelles o proposito arraigado e firme de divulgar-a em toda a nudez de sua barbárie (compellindo assim a Metropole a com mais afinco curar de sua colonização), de tornar publicas as suas riquezas (atrahindo por essa fórma o elemento alienigena a explorar o Pactolo de nosso solo), de proclamar o seu pantheismo pagão, os seus encantos virgens e ineditos, a sua feracidade opima e uberrima.

Por isso o apparecimento do *Caramuru*, o poema épico-brasilico de Santa Rita Durão, foi acolhido com acintosa indifferença, sinão com manifesta animadversão. Que? Pois numa época em que predominava exclusivamente o gosto serodio da Arcadia, em que não havia outros modelos por imitar ou copiar sinão as fórmas anachronicas, o anthropomorphismo fossil dos auctores gregos e romanos de outras épocas passadas e extinctas,—eis que surge um filho da Selva e do Reconcavo, o filho de uma terra semibarbara e inculta, apenas letrado na Universidade conimbricense, e atreve-se a romper contra as normas até então accites e professadas, atirando o seu poema nos arraiaes da critica, como atiraria um cartel de desafio ou um grito sedicioso de revolta!

O silencio e a indifferença da critica molestaram a tal ponto o precursor por excellencia da poesia nacional, que decidiu destruir outros versos, ineditos, que participavam de sua bagagem litteraria. Essa magoa roaz apressurou-lhe a morte, e o vate brasilico morreu sem assistir á acção reivindicadora que mais tarde reabilitaria a sua obra, sagrando-o o primeiro poema épico nacional, vertendo-a para a lingua de Voltaire, tor-

nando-a a fonte que abeberou a successiva geração de Claudio Manoel da Costa, Sousa Caldas, Alvarenga Peixoto e o proprio Antonio Diniz da Cruz e Silva.

O *Caramurú* foi assim, com o *Uruguay* de Basilio da Gama, uma das pedras angulares do edificio da poesia eminentemente nacional.

Dos poemas escriptos em lingua portugueza é o unico, talvez, em que se não regista o verso agudo: dos 6.672 versos que o compõem, não ha um sequer com aquella tonalidade. De quantos poemas em outras linguas se poderá dizer o mesmo?

O elogio do poema é, salvo pequenos reparos, o commentario de toda a critica retrospectiva historica.

José Agostinho de Macedo assim se pronunciou ácerca do auctor: «Era homem a quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande.» O auctor d'*O Oriente*, o espirito contumaz que nunca perdoou a Camões, apreciava tanto a Durão que chegou a ser accusado por seu antagonista Pato Moniz de o ter algures imitado.

Almeida Garrett, depois de apontar-lhe alguns senões que attribue á influencia da época, assim se exprime: «Onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.»

Segundo Ferdinand Dénis «o *Caramurú* é uma epopéa que interessa e enleva; é já a manifesta tendencia da poesia americana.»

Conforme Nolasco da Cunha «Durão é o primeiro épico portuguez abaixo de Camões; o seu poema só é comparavel aos *Lusiadas*.»

Bocage contava o *Caramurú* como um dos livros mais queridos de sua minguada livraria.

Sylvio Romero consagra-lhe as linhas seguintes: «O *Caramurú* é o poema mais brasileiro que possuímos. Pela apreciação do problema ethnico, pela comprehensão do elemento historico e pelo justo equilibrio concedido ao colonio portuguez entre os caboclos, é superior ao *Uruguay*. Tem-se censurado muito a Durão a escolha de um assumpto pouco épico. A censura parece infundada. O poema de uma nação nova, de um povo infantil de nossos dias, devia ser mesmo algum tanto novellesco e romantico. O valor do *Caramurú*, como producto nacional, está em ser uma especie de resumo da vida historica do Brasil nos 3 seculos em que fomos colonia.»

Varnhagen salienta que «a maior prova do genio do auctor do *Caramurú* a dá elle na maneira como soube levantar, e tornar épica e heroica, uma acção e um individuo que o não eram.»

Wolf: «O talento de Durão não está na composição em si, mas nas miniaturas, na descriptiva, nos episodios nos quaes se esteou e abordou para lograr o cunho de epopéa, e integrar dez cantos de varias centenas de oitavas. E' de admirar a sua ascendencia sobre a lingua, a fluencia assombrosa e harmonica de sua versificação, a maneira como tece os episodios.»

Sacramento Blake: «A introdução da regularidade nas estrophes, que o sr. Castilho no seu tratado de metrificacão portugueza diz que devemos ao desventurado Gonzaga na sua *Marília de Dirceu* á imitação de Metastasio, já era para admirar-se em Durão.»

Fernandes Pinheiro, depois de inquirir si «andou bem inspirado Santa Rita Durão quando para assumpto de seu poema escolheu as romanescas aventuras de Diogo Alvares Correia», elucida pela fórmula seguinte a sua these:

«Si não só os factos historicos, mas ainda as legendas podem fornecêr materia para semelhantes composições, fóra é de duvida que optimamente fez Durão a escolha de seu assumpto. Releva ainda não nos esquecermos que esta tradição (desterrada hoje para o paiz das legendas, depois das eruditas investigações do sr. Varnhagem, em uma memoria intitulada *O Caramurú perante a historia*), passava no tempo do auctor por facto historico, escudando-se nas opiniões de Simão de Vasconcellos, Brito Freire, Rocha Pitta, Jaboatão e outros chronistas. Não coube, pois, a Durão a parte inventiva em todas as suas circumstancias; achou elle feita a legenda do *Caramurú*, não lhe restando mais do que coloril-a pelas graças do estylo.»

Seja-nos licito emittir agora a nossa opinião:

Não ha increpar a Durão a escolha da lenda da Bahia para motivo de seu poema. O vate brasílico, incitado pelo amor da patria, deliberou enaltecel-a em oitavas épicas. Elle proprio nol-o relata no anteloquio do poema:

«Os successos do Brasil não mereciam menos hum Poema que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da Patria.—A acção do poema he o descobrimento da Bahia, feito quasi no seculo XVI por Diogo Alvares Corrêa, nobre Vianez, comprehendendo em varios episodios a historia do Brasil, os ritos, tradições, tambem a natural e politica das colonias.»

Mas, a mera apologia da terra nascente e o retrospecto de sua historia no transcurso do seculo 16, não bastavam a entreter a urdidura de seu poema. Era mistér que o elogio da nova terra fosse apenas a moldura de um episodio que avultasse nos primórdios de sua historia. O de Diogo Alvares Corrêa antolhava-se-lhe propicio, pois corria abonado e testificado pelos melhores chronistas, revestido de cores vivas, entresachado de versões mais a mais lendarias, romantizado pelo genio infantil de uma nação no berço.

Occorre com as nações o que ocorre com as crianças. A phase do exsurdimento de um povo ou nacionalidade marca a época de sua infantilidade: é o periodo facil das crenças e abusões, da lenda superando a historia, dos tempos fabulosos e mythicos, dos feitos inverosimeis e sobrenaturaes operados por seus avoengos destinados a servir ás gerações futuras de exemplo, ensinamento e incitamento. A fundação de Roma é uma fabula. A origem da Grecia perde-se nos tempos heroicos, e vae delimitar com o paganismo polymorphico. A con-

stituição da Gallia, Germania, Portugal e tantos outros paizes em nações civilizadas, a sua transição de povo barbaro a povo culto assignalam-se por uma serie de mythos e ficções que se não obliteram, pois constituem farto manancial a excavações e evocações por parte dos poetas, chronistas e paleontólogos.

O passado remoto e lendario de uma nação é fonte perenne a abeberar o lastro de seus fastos e tradições.

E' esse passado lendario e remoto, tenebroso e obscuro que tem fornecido os themas dos grandes poemas. A fundação do imperio latino por Enéas forneceu a Virgilio assumpto á sua *Eneida*; a guerra de Troia, episodio maximo dos primordios da historia hellenica, inspirou a Homero a sua *Illiada*; Portugal, si não teve por thema n'*Os Lusíadas* a fundação da mornachia portugueza por Affonso Henriques, foi porque o episodio medieval das navegações ultramarinas eclipsou tudo quanto antes occorreu de epico e notavel no excondado portucalense; na India os poemas épicos *Mahabárata* e *Ramayana* assignalam as origens do povo hindu; não só estes dois poemas, como a *Illiada*, passam por ser rhapsodias de origem popular (o que vale dizer anonyma), que mais tarde foram respectivamente colligidas por Wyasa, por Valmiki e por Homero: estes nada mais fizeram sinão recolher os subsidios emanados da lenda e da tradição, enfeixal-os, coordenal-os, estabelecer o nexos de um a outro episodio, subordinar os varios pequenos enredos a um que fosse o centro, o peão, a *magna ratio* e, por fim de tudo, imprimir-lhes a fórmula plastica de producção classica e litteraria, integrando por essa fórmula o poema ou epopéa.

O *Caramuru* não podia fugir, nesta parte, à regra commum. O seu auctor era, antes de tudo, um patriota sciente e consciente, illuminado de um nativismo que o compellia a celebrar a força e grandeza da terra que lhe fôra berço. Muito naturalmente, ao conceber o plano de sua obra, o vate pesquisou em toda a historia que o precedera, um facto romantizado pela lenda que servisse de pretexto á apologia da terra, ao elogio da região, á descriptiva de todo o seu scenario. O facto de vulto mais correlato com o descobrimento e colonização da nova terra era a aventura de Diogo Alvares.

Não obstante a escassez do thema, Durão soube tirar de um assumpto arido e esteril, a que faltava o esplendor épico da guerra de Troia, da constituição do imperio latino, do descobrimento das Indias, efeitos os mais surprehendentes, lances de um cunho sobremodo impressionista, paginas de um realismo ás vezes dantesco, como o acto do naufragio, o suicidio de Moema, o retracto de Paraguassú, a idéa de Deus, a horrenda descripção de um banquete anthropophágico, a dos sanguinolentos combates travados entre uma e outra tribu, e tantas outros passos de colorido intenso e inapagavel.

Os poemas assentam sempre sobre factos historicos romantizados e poetizados pela imaginativa dos povos. A Historia não se inventa— copia-se. Quando muito pode o poeta accrescer maior dose de senti-

mentalismo ao que se entremostra falho e incompleto para a idealização de um typo, para a romantização de um episodio, para o elogio e apologia de um fasto.

Santa Rita Durão seguiu as pégadas de seus antecessores, cingiu-se a uma pratica que não era apenas um preceito litterario, uma praxe consuetudinaria, mas a resultante de uma lei commum a todos os povos e a todas as épocas—a Historia e a Lenda dictando à Poesia o entrecho e assumpto das grandes epopéas nacionaes.

A critica incumbe-se ás vezes de fazer por linhas transversas o indirecto e mediato elogio de uma obra. A critica tem censurado a José Basilio da Gama, emulo e contemporaneo de Santa Rita Durão, o haver escolhido para assumpto de seu *Uruguay* um enredo falho de interesse historico, um assumpto meramente local, que nem siquer constitue uma lenda do nosso *folk-lore*, qual fosse o de haverem alguns selvagens se opposto, instigados por seus catechistas, á demarcação de limites ordenada pelo tratado de 1750. Ora, esta censura irrogada a Basilio reflecte em elogio á obra de Durão.

Si o *Uruguay* carece de interesse historico por isso que o seu enredo não traduz um episodio de notoria relevancia historica,—o *Caramurú*, ao envés disso, alem de rememorar a lenda de Diogo Alvares (uma das mais tocantes e poeticas de nosso passado mythico), descreve a flora e a fauna da região brasilica, bem assim cada um dos territorios que então compunham as capitancias—e hoje compõem os Estados, faz o retrospecto (atravéz do sonho que salteia a Paraguassú no seu regresso de França a Santa Cruz) de grande parte do periodo historico colonial, abrangendo, em synthese admiravel, a colonização da Bahia, a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro e a guerra hollandeza,—esta em todos os seus differentes estádios até ao desenlace e á victoria dos nossos.

O poema de Santa Rita Durão conciliou assim os tres elementos que concorrem a integrar a feição apologetica de um poema : 1.º o *romance*, expresso na ficção de Diogo Alvares, reputado pelos indigenas o «filho do trovão», o «depositario do fogo celeste»; é a parte lendaria ou phantastica, de que ainda nenhum poema poude eximir-se; 2.º a *historia*, expressa na synthese dos factos historicos de mór relevancia, desde o descobrimento do Brasil até á expulsão dos hollandezes : é a parte instructiva, educativa, a parte civica por excellencia, a que nenhum poema pode forrar-se, sob pena de perder o cunho épico, o character de epopéa; 3.º o *pantheismo*, manifesto na descripção encomiastica dos productos de nossa flora, dos especimines de nossa fauna e; até, do relevo e topographia da solo: é a parte chorographica, que não podia deixar de subsistir, pois não se comprehende o desfile de heroes e adventos historicos sem a descriptiva do meio, do habitat, do clima onde esses heroes se agitam, onde esses adventos succedem.

O *Caramurú* é, pois, um poema completo, a que nada falta para ;mpriimir-lhe o cunho indelevel e inconfundivel de epopéa nacional.



Nem vale dizer que Diogo Alvares não merecia exaltado ás proporções de protagonista de seu poema, pois que outros heroes de muito mais vulto e proeminencia o sobrelevam em nossa Historia.

Por sua ascendencia sobre os Tupinambás, Diogo Alvares foi na Bahia, então séde do governo colonial e capital do Brasil, o traço de união entre indigenas e alienigenas, entre as duas raças hostis e adversas —uma, invasora, que se propunha a senhoriar os antigos dominios do gentio; outra, decidida a vender caro cada pollegada de seu territorio e a não abdicar de sua soberania. Por sua astucia, por sua enfibratura, por seu fino tacto e atilamento—predicados que o sagram um dos varões mais prestantes de nossa Historia—Diogo Alvares foi um dos maiores propulsores da colonização da nossa terra, prestou grande auxilio e concurso á diffusão da christandade, foi como o pára-choque ao embate fatal das duas raças militantes, foi o interventor que logrou conciliar a sujeição do gentio, e sua incorporação ás forças vivas da colonia, aos impulsos de conquista, mandonismo e prepotencia da raça branca invasora. Sem elle a colonização na Bahia não se teria operado tão incruentamente, mas ter-nos-hia custado grande effusão de sangue, como succedeu no Rio de Janeiro e em S. Paulo, em que tremendo e iracundo *odio de raça* atirou uma contra outra as duas raças incompativeis.

Um facto basta a comprovar a influencia decisiva que Diogo Alvares teve nos destinos do Brasil: O rei de Portugal, dom João III, não se dedignou de escrever-lhe uma carta, da qual foi portador Thomé de Sousa, nomeado primeiro governador. Nessa carta o rei solicitava a Diogo Alvares o seu auxilio ao novo governador para que este pudesse levar a cabo, sem ser hostilizado, a fundação da cidade de *São Salvador* e a colonização do resto do paiz. Graças á benemerencia dos serviços que prestou, toda a sua descendencia foi considerada *nobre*,—regalia essa que não se concedia impunemente naquelles tempos.

Mas não foi isso que valeu a Diogo Alvares o ser escolhido por Durão o heroe de seu poema. Santa Rita Durão quiz apenas assignalar em Diogo Alvares (o homem branco, o luso-europeu que se consorcia a uma tapuia), o facto, de largas e beneficas consequencias em nossa historia, do connubio de duas raças, da approximação bilateral de dois poderosos fautores em nossa elaboração ethnica.

*Caramurú* reveste assim as proporções de um symbolo a demarcar um magno momento historico de nosso periodo evolutivo.

Cabe-nos agora, depois do elogio do poeta e da obra, dizer algo acerca do homem:

José de Santa Rita Durão pagou o tributo devido á época em que nasceu e viveu: foi uma victima das vicissitudes e incongruencias do meio, expiou faltas que não commetteu, attraheu sobre si, mercê de seu grande talento, o despeito e animosidade gratuita de outros a quem o seu engenho obumbrara.

O desejo, em que ardia, de aprimorar a sua educação e brunir o espirito, fel-o deixar o Rio de Janeiro, onde fizera seus estudos prepa-

ratorios sob a docencia dos jesuistas, e passar-se a Coimbra, que era então a mãe espiritual de quantos brasileiros se decidiam a lettrar o espirito, alem dos exiguos recursos que havia no paiz.

Admittido na faculdade de theologia, ahi se formou, e doutorou-se, professando em seguida na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho aos 12 de outubro de 1738.

Pouco depois incorria no desagrado do bispo de Leiria d. João Gomes da Cunha, porque, tendo adquirido nessa cidade, a mais ecclesiastica do reino, fama de excelso prégador, merecendo grandes applausos o sermão que prégou em acção de graças por ter escapado el-rei dom José á tentativa de homicidio contra elle intentada,—valeu-lhe accender contra si os zelos daquelle prelado. Receioso de uma perseguição, resolveu demandar a Italia, passando por Hespanha.

Fel-o, porém, em occasião a menos azada, porque justamente re-bentava a guerra entre os dois paizes da peninsula: foi isso no anno de 1762. A coincidencia de passar a fronteira, procedente do inimigo, um frade inerme e indefenso em occasião tão critica e melindrosa, atrahiu sobre si a suspeita de espião a serviço de Portugal,—em consequencia do que foi encerrado no castello de Segovia, onde ficou relido até avençar-se a paz, o que foi feito no anno seguinte, 1763.

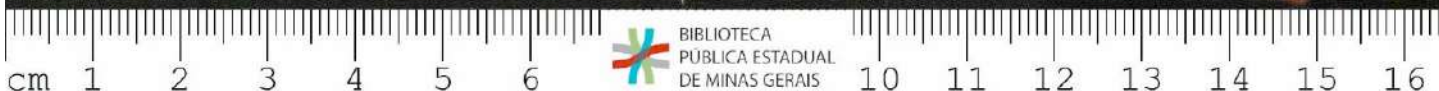
Recobrada a sua liberdade, proseguiu até á Italia, fixando-se em Roma. Ahi permaneceu por espaço de 9 annos, tendo exercido, por protecção do cardeal Ganganelli, o cargo de bibliothecario da livraria publica laucipiana, cargo em que foi investido por acto de S. S. o papa Clemente 16. Foi esse o periodo em que a vida lhe transcorreu mais placida e bonançosa. Entre outras fruiu a ventura espiritual de privar, na capital da Renascença, com poetas como Alfieri, e a de conhecer a José Basilio da Gama, seu conterraneo, com quem se relacionou intimamente e de quem foi amigo verô e leal.

Vem de molde dizer que o poema de Basilio da Gama foi dado á estampa em Lisboa em 1769. Ora, Durão permaneceu em Roma de 1763 a 1772: é de presumir, pois, que da convivencia que nutriu com Basilio, tivesse conhecimento confidencial de seu poema *Uruguay*.

Esse encontro dos dois patricios em terras extranhas e a affinidade espiritual que desde logo os vinculou, tinham de actuar fortemente no espirito de Durão: foi, talvez, o desejo de seguir o exemplo de Basilio, o estímulo que lhe adveiu do commercio com aquelle, que lhe suggeriram escrever o *Caramurú*, tarefa a que metten ombros em seu regresso a Portugal, sem de antemão cuidar que seu poema excederia o de seu precursor.

Em Roma foi admittido nas mais notaveis associações ecclesiasticas. Ao cabo de nove annos de exercicio foi jubilado no cargo, decidindo então regressar a Portugal.

Com a sua volta coincidiu a reforma da Universidade, da qual era então reitor o seu illustre patricio d. Francisco de Lemos. Deliberou concorrer a uma cadeira de theologia: fel-o com tanta mestria que al-



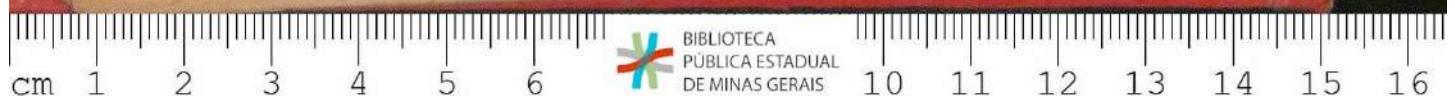
cançou, por seus merecimentos, a investidura. Em 1778 proferiu em latim a oração de sapiencia, uma das mais notaveis que se pronunciaram na Universidade e ainda hoje citada com elogios.

Nesse mesmo anno elaborou o seu poema, em cuja feitura consumiu apenas tres mezes. Tamañha era a sua fluencia e inspiração que o não escrevia, mas dictava, ora passeando na cerca de seu convento, ora sentado num sitial de pedras da mesma cerca junto da ribeira de Caselhas, sendo seu apontador um pardo liberto que trouxera do Brasil, por nome Bernardo. Concluido o poema, trouxe-o para Lisboa e ahí o imprimiu em 1781. A desdenhosa acolhida dispensada a seu trabalho, a que já nos referimos, ralou-o de pesar e abreviou-lhe a morte: apenas sobreviveu tres annos ao mallogro do poema, vindo a fallecer em 1784, no Collegio de Santo Agostinho, Coimbra, aos dias 24 de janeiro.

A primeira edição de seu poema, de dois mil exemplares, conservou-se sem ser esgotada até 1836. A partir dessa época fizeram-se mais cinco edições: a segunda em Lisboa, em 1836; a terceira na Bahia, em 1837; a 4.<sup>a</sup> e a 5.<sup>a</sup> em Lisboa, em 1843 e 1845; a sexta no Rio de Janeiro, em 1878; a setima e ultima em 1899, em Pariz, pela casa Garnier. E' pena que esta ultima, a unica que nos foi dado conhecer, se resinta de tantos erros de revisão que não só afeiam como deturpam o trecho. A traducção franceza, feita por Eugenio de Monglave, foi publicada em Pariz em 1829: intitulava-se *Caramurú ou la découverte de Bahia*; seu traductor denominou-a «roman-poëma brésilien».

Entre as muitas calumnias que lhe foram assacadas, avulta a de lhe attribuirem a auctoria da *Pastoral* do bispo João da Cunha, em que se fulminavam os jesuistas, expulsos de Portugal em 1762. «Não ha fundamento para tal—diz um de seus biographos—; sabe-se que Durão foi sempre amigo dos jesuistas e contrario á guerra movida a estes, como se vê no *Caramurú* canto X, estrophes 53 e seguintes».

Nasceu na capitania das Minas Geraes, no arraial de N. Senhora de Nazareth do Inficcionado, hoje districto que tem o seu nome, a 4 leguas da cidade de Mariana, no anno de 1720. Era filho do capitão-mór Paulo Rodrigues Durão e de d. Anna Garcez de Moraes.



BIBLIOTECA  
PÚBLICA ESTADUAL  
DE MINAS GERAIS

Discurso pronunciado na sessão inaugural, da Academia Mineira de Letras, no Theatro de Juiz de Fôra, a 13 de maio de 1910, pelo academico Nelson de Senna, orador official.

Sr. Presidente da Academia Mineira de Letras.

Sr. Presidente da Camara de Juiz de Fôra e digno Representante do Governo do Estado.

Srs. Academicos.

Senhoras e Senhores.

Com esta é a segunda vez, dentro do espaço de um anno (1), que, por nimia bondade de duas instituições juiz-de-foranas, aqui venho tomar parte nas justas do Saber, nos torneios da Intelligencia, nessa formosa e tão culta, como rica cidade de Minas Geraes.

Chamastes de novo, num captivante convite, ao humilde orador, e elle até cá se dirigiu, alegre e submisso, para palestrar convosco no festival da solenne inauguração desta nascente Academia de Letras.

Pena, e grande é, entretanto, a minha, senhores e senhoras, por bem me sentir mesquinho de engenho e arte, para melhor corresponder á vossa sempre fidalga expectativa e mais airoso me conseguir safar do aperto desta conjuntura em que me collocastes—obrigado aos moldes classicos de um discurso official, de accordo com o papel que me distribuistes, na abertura deste magno sodalicio das letras mineiras.

Excusae-me dos logares communs a que o assumpto me possa conduzir : que isto de ser original e inedito não è obra ao alcance dos que como eu (lisamente o confesso), rastejam na planicie rasa de uma fraca mentalidade...

A's vezes, os que amam o passado fazem o auditorio que os escuta respirar idéas poentas, ou como naquelle dizer macio e erudito de Herculano, (2) dão-lhes a ouvir «algumas cousas antigas que estavam já postas

(1) A primeira, em 25 de abril de 1909, por occasião de inaugurar-se o Instituto Polytechnico, annexo á Academia de Commercio de Juiz de Fôra, como paranymphe daquelle.

(2) Vidé G. Estação, no prologo dos «Varões antigos», cit. por A. Herculano, no prefacio do *Monge de Cister*.

de parte, conjecturando que, ordenadas e vestidas de novas côres, podiam tornar á praça e não parecer mal, como alvôres de outomno com seu renovo».

O risco, porém, do enfado aos meus ouvintes, acaso me distanciaria do intento de penetrar comvosco pelas éras afastadas de nossa literatura e lá ir buscar as justificativas historicas da criação deste esperançoso cenculo de homens de letras, aqui agrupados desde a memoravel data de 25 de dezembro de 1909 e collimando os seguintes nobilissimos fins : «*a cultura da lingua e da literatura nacional, o estudo dos costumes, formação da historia da literatura mineira e, especialmente, congraçamento da intellectualidade mineira.*» (1)

E si esquicio de merito encontrardes na minha oração, antes o deveis attribuir ao temor de não querer eu me afundar pelas brumas do passado para, do fundo dos archivos e bibliothecas, extrahir algo com que vos viesse gastar a resignada paciencia em me ouvirdes.

Preferi deletrear comvosco nas linhas indecisas dos tempos vindouros, pedindo ao patriotismo vidente que me aclarasse o que porventura nos aguarda nesse *amanhã* de incognitas e esperanças, quanto ao dominio geral do progresso no meio physico e no ambiente moral desta Terra que nossa é pelo berço e pelo amor.

Perscrutemos, pois, dos fados amigos se a acceleradã evolução material matará de vez ou, ao contrario, fará crescer *pari passu* o desenvolvimento da cultura intellectual em nossa Patria.

Senhores e senhoras.

Seja qual fôr o futuro que nos espera—e de certo os nossos votos e os nossos esforços de bons patriotas são por que nos sorria o mais ditoso por vir—póde-se de antemão augurar para esta terra de Minas Geraes espantoso e irreprimivel surto ascendente na escala industrial da civilização.

Do ventre metallico das nossas serras têm de sahir em breves tempos partos fecundos, que animem usinas e estaleiros e movimentem frotas e arsenaes, enriquecendo o commercio e aperfeiçoando as artes e os officios em nosso paiz.

Uma nova fase de expansão do trabalho e da industria exigirá tambem um novo scenario para a actividade material das gerações, que nos forem succedendo, aqui nestes valles amplissimos do Brasil central.

Ferro-vias enroscarão o seu traçado por quantos desfiladeiros existam no alpestre territorio de Minas, sem temor de obstaculos nos pontos de maior encurtamento de seu percurso; hão de construir-se ao norte e ao sul, ao nascente e ao poente, tunneis e viaductos mil, muralhas de arrimo e estradas de rodagem sem conta; pontes numerosas se extenderão sobre as correntes de tantos rios nossos, e obras d'arté infinitamente multiplicadas irão afeiçoando os mais asperos e bizarros trechos da nossa decantada natureza, para que em toda parte o homem colha proveito immediato e util da terra, da agua, da montanha, da floresta, da luz e do ar,

(1) Vide art. 1.º dos Estatutos da Academia Mineira de Letras.



conseguindo aqui o caminho, alli o movimento, acolá o espaço, mais a materia prima, o calor, a vida...

Em vez de cinco milhões de habitantes, dentro de alguns lustros teremos o duplo, o triplo, o quadruplo, talvez, dessa população; e pedaço não haverá da nossa superfície, neste territorio que faz de Minas pelo tamanho a «França Sul Americana», e que pela paizagem montanhosa Réclus chamou tambem a «Suissa Brasileira», — trecho ou palmo de chão não haverá em nossa terra, onde não explúa a vida intensa dos grandes centros industriaes, com toda a vertigem do aproveitamento do tempo e do dinheiro, na preocupação de nutrir e confortar a toda uma densa colméia humana, aqui disputando a terra, e alli o espaço, já no sub-solo das minas, já no intermundio dos ares, nessa pertinaz cobiça do trabalho humano, sempre intelligente e audaz.

Grandes metropoles mineiras contaremos então : esta de JUIZ DE FÓRA, abrindo-se como imponente «salão de visitas», na fronteira alcantilada do Parahybuna, á continua corrente de *touristes* e homens de negocios, que da formosíssima Capital marítima do Brasil demandem o curioso e opulento «paiz das Minas»; cem mil almas aqui formigarão, accentuando melhor ainda o feitio de uma cidade de academias e de fabricas — mixto de officinas em que haverá legiões de operarios, uns buscando illuminar o cerebro no livro e no laboratorio, outros movimentando o capital com o trabalho, no tear e na forja; e toda essa convergencia de energia no ensino e na manufactura dará a esta cidade, onde o Christo Redemptor derrama a sua bençam ao povo — do alto illuminado da fragosa collina de Dom Pedro (1) — esse duplo aspecto de uma *Boston* e *Pittsburg*, em pleno Brasil : cidade de collegios afamados e de ruidosos centros fabris...

Na vasta rechã mineira, outras muitas cidades surgirão, de tão intensa actividade, como esta filha de Halfeld e Mariano Procopio, e dominando, cada uma, as respectivas zonas de Minas, com a feição especial do seu clima, de seus usos, de sua população e labor.

A Sudéste, na dupla linha limitrophe, que pela impinada serra da «Chibata» a prende ao Espirito Santo e pelas aguas outr'ora «temidas» do «Muriahé» e pelo macisso verde das «Frecheiras», lhe dá íntimos approxes com o territorio fluminense, se levantará CARANGOLA, o emporio maximo do rei-café, nestas Minas; a animada cidade do commercio da Matta, celebre por ser o nucleo de convergencia dos caminhos de ferro inglezes que — como tentataculos de um polvo benefico — darão vida e impulso áquella feraz secção agricola do Estado, a ella indo ter um feixe de linhas derivadas para Manhuassú, Campos e Porto Novo, por seu turno mercados opulentos da mesma região brasileira, tão forte no assucar e no café.

Na raia meridional, na vizinhança paulista, fulgirá POÇOS DE CALDAS, a perola desse temperado e suavissimo meio-dia europeu, que é o Sul de

(1) Refere-se ao morro do Imperador, que domina a cid. de Juiz de Fóra com o seu monumento de Jesus-Christo Redemptor.

Minas, com as suas thermas, sanatorios e cassinos, com os seus parques, jardins e hotéis, e que será um adoravel refugio do luxo e prazer, de provisão de saude e bem estar para quantos, nacionaes e estrangeiros, alli busquem as aguas maravilhosas da estancia bem fadada, rival então, neste continente, das grandes hydropolis européas.

Ainda neste chão sul-mineiro, que a natureza prodiga tão ditoso fez, dando-lhe, nos valles bem povoados do Sapucahy e Rio Verde, magnificas terras de pão e vinho, para nutrirem a gente sadia e laboriosa que os habita, ahi vereis um nucleo de cidades opulentas: umas remoçadas pela industria, CAMPANHA e POUSO ALEGRE; outras transformadas pelo esforço tenaz do homem moderno e vivendo de sua futura e fortissima producção de trigo, de uva, de lãs, como OURO FINO ou ITAJUBA', ás quaes um nobre e insuperavel estímulo de progredir fará caminhar sempre para deante.

No Triangulo, dominando o commercio das carnes e do gado, emporio dos dilatados sertões mineiros e goyanos, do Rio Grande e Parana-hyba, será UBERABA, refulgindo pelo poder e riqueza, qual outra *Chicago* sem os lagos, mas esmaltada pela pradaria verde das chapadas cheias de nédios rebanhos, que lhe alimentarão a industria dos matadouros e xarqueadas, em toda uma região cortada por uma systematizada rêde de caminhos de-ferro.

No Oéste, extendendo a sua influencia pelo valle do rumoroso rio das Mortes e adjacentes terras, até e além do Alto-São Francisco, como mercado de permutas de uma larga zona — onde ainda a industria pastoril e o intenso cultivo dos cereaes e do algodão lhe darão sobejos titulos de valor e poderio — será SÃO JOÃO D'EL-REV, maviosamente cantando o hymno da civilização pelo apito de cem comboios diarios, nas estações urbanas do seu perimetro, já então extendido pela *Varzea do Marçal* e abas da poetica serra do *Lenheiro*.

No Centro, e como eixo de toda a velha região mineral, renascera VILLA RICA, já por essa época renovada pelo trabalho potente da electricidade, gerada no esforço titanico da «hulha branca» — captada em dezenas de saltos e quedas para movimentar cincoenta usinas siderurgicas e outras tantas minas de ouro e explorações de manganez, num raio de vinte legoas. Empunhará de novo o sceptro do primado metallurgico a lendaria e sagrada OURO PRETO, collectando o esforço e a producção de centenas de officinas e machinas, installadas nos seus mais afastados arredores, rejuvenescida ao calor dos fornos e dynamos, ao bater dos pilões e malhos, fornecendo para todo o mundo, por uma rêde de vias em rumo de beira-mar, o ferro e o aço arrancados de nossos magnificos minerios, quasi inexgotaveis, da cadeia do *Espinhaço*, no limite sul-norte das duas ITABIRAS, a do *Campo* e a do *Matto Dentro*.

Ao Norte, arrebanhando toda a vida mediterranea do médio e baixo *S. Francisco*, surgirá PIRAPORA, emendando o mar e o deserto pelas parallelas da ferro-via de novo e com justiça chamada PEDRO II e pela na-

vegação fluvial... A esse tempo, a prophesia de Joaquim Felicio estará realizada nessas paragens, onde o *Guaycuhy* paga o tributo copioso de suas aguas ao grande rio brasileiro por excellencia; ahi, por entre os auspicios de Ceres e Mercurio, no meio de arsenaes e estaleiros, de docas e armazens, de numerosa flotilha de vapores e barcos, surgirá, soberba ás duas margens do S. Francisco, ligadas por notavel ponte, outra *Buda-Pesth* brasileira, imperando na vastissima bacia de seu rio, por linhas ferreas auxiliares do movimentado trafego fluvial. PIRAPORA será uma verdadeira *cosmopolis*, centro do activo e fecundo labor de milhares de individuos de todas as raças, para alli attrahidos pelo iman encantado da vida facil e rapida fortuna.

Além, no centro famoso dessa *Golconda* do *Jequitinhonha*, reviverá a DIAMANTINA, a jocunda terra tijucana, no esplendor da mineração de diamantes, cobrindo de custosas gemmas o mercado mundial e enviando para toda parte as pedras, que os seus lapidarios tão delicadamente facetam e as joias de ouro, prata e côco, que a sua ourivesaria tão finalmente produz.

Bem mais ao septentrião, senhores, uma na caudal ainda do S. Francisco, outra nas proximidades do baixo *Jequitinhonha*, se ostentará exuberantes de vida, aos olhos dos nossos filhos, mais duas cidades notaveis: JANUARIA, porto fluvial frequentadissimo, com as chaminés de cem paquetes de commercio, enfumaçando os ares, emquanto sobre o bôjo dos porões desses navios os seus entrepostos despejarão fortes carregamentos (de gado, borracha, sola, peixe, fumo, crystal e algodão), vindos dos longes campos goyanos e tambem desse chapadão famoso do *Urucuia*, ou das terras ubertosas de beira-rio; — e ARASSUAHY, então centro do fortissimo commercio allemão, para compra de turmalinas, berylos e aguas marinhas; ARASSUAHY, com suas mattas desbravadas pela colonização germanica e o territorio de sua comarca — tão vasto como *Sergipe* — cortado de ferro-vias economicas, que terão penetrado a contigua fronteira bahiana, facilitando o intercambio dos dois povos amigos e vizinhos.

Tambem lá nas bandas orientaes de Minas, nos confins com o solo espirito-santense, onde o *Rio Doce* impetuoso corre, como divisa amiga e approximadora, lá terá surgido, senhores, nova *urbs* — a FIGUEIRA defrontando a escarpa negra da *Ibituruna*, como outra cidade famosa do paiz dominando a mysteriosa floresta virgem e nella installando poderosas serrarias para o seu largo commercio de madeiras; açambarcando, como entreposto geral, os productos varios dessa faixa de Matta fertilissima que vem do *Peçanha* a *Theophilo Ottoni* — celleiro do café e do toucinho, sem falar na vinha, no trigo, no assucar, generos outros que já os valles dos dois *Suassuhys*, do *Guanhães*, do *Correntes*, do *Mucury* estarão produzindo em copiosa escala, mercê da colonização italiana e teutonica, para lá encaminhadas.

Naquellas paragens abençoadas estará a nossa *Canaan*, onde o bom Deus semeou a *flux* thesouros incomparaveis: no cascalho aurifero dos

seus rios; nas bétas de pedras coradas, tão finas e seductoras como a legitima saphyra indiana e a verde esmeralda da Birmania; nas essencias vegetaes mais cotadas no commercio (o sandalo, a poaia, o velame, a quina, a copahyba); no alto teor metallico dos minerios de ferro das suas cordilheiras ribeirinhas; na linda plumagem das aves mais canoras; na seiva adubada de um terreno, que deixa a perder de vista a mancha escura da *tundra* eslava, ou que eguala á afamada terra rôxa paulistana...

E todos esses emporios, essas magnificas e populosas cidades, contemporaneas das gerações de amanhã, serão, senhores e senhoras, serão apenas vassallas de uma só rainha — BELLO HORIZONTE, centro politico da quintupla divisão cantonal administrativa, que terá então o poderoso Estado de Minas Geraes; BELLO HORIZONTE — a URBS suprema da terra dos Inconfidentes, a «cidade vergel», engastada na moldura majestosa das montanhas e escampados sobre que se reclina, no manso valle do Arrudas, no meio do planalto central do Brasil!

Alli tereis a metropole da Terra Mineira, esta já então grande como uma nação e mantendo-se ainda presa ao colosso brasileiro pelos laços politicos da federação, pelos sentimentos indissolueis de communhão da raça, da lingua, do direito, mas tendo peculiaridades necessarias de governo interno, para melhor attender á variedade e diversidade de suas zonas e climas e ao algarismo elevado de sua mesclada população de vinte milhões de habitantes, seguramente por essa época.

Alli tereis, senhores, a Capital das Minas—qual nova *Madrid* equidistante de todos os pontos cardeaes das nossas fronteiras; cidade já então de duzentas ou trezentas mil almas, e cujo amplissimo perimetro terá a esse tempo engulido as velhas povoações coloniaes das cercanias;—suas torres e palacios serão atalaias da civilização mais completa, em pleno coração do nosso paiz, a seiscentos kilometros do oceano; suas innumeras escolas e academias formarão o nucleo universitario de nossa activissima vida intellectual, sempre e cada vez mais cuidada, nas boas tradições lusolatinas, através da vertigem a que o trabalho e a industria condemnarão o homem moderno, neste maravilhoso «Paraiso Terreal», que é o Brasil...

Senhores e senhoras. Ao delinear o bosquejo deste painel do nosso progredir, eis que vimos de ferir, na sua agudez torturante, o problema que nos preoccupa o espirito, a saber:

¿O excesso da actividade material entorpecerá as producções das intelligencias, nessa patria do futuro, que viemos descortinando?

¿O requinte do conforto, a intensa lucta industrial, o progresso economico, o triumpho definitivo da era mercantil, no Brasil de amanhã, entibiarão as energias do cerebro nacional e farão apoucada a nossa cultura artistica e literaria?

Multiplas questões essas, cuja indagação minuciosa escapará aos limites estreitos de uma oração academica, por entenderem com a materia transcendente de alguns capitulos scientificos, desde o estudo physiologico do homem, sob a influencia da fadiga corporal e do amollecimento muscular, gerando a incapacidade relativa para os labores espirituaes,

até ás complicadas theses da anthropologia, da ethnographia, da sociologia, em geral, para a analyse subtil dos factores que possam contribuir para amesquinhar o senso delicado da Poesia e do Bello, nesse homem das raças caldeadas no maximo esforço do combate pela agitadissima existencia contemporanea; nesse homem affeito ao ambiente actual — tão aquecido pela paixão tenaz das riquezas, da volupia e do goso ardente da vida...

Sem descer á solução que um moralista ou um philosopho pudéra dar á these, eu me abalançaria, senhores, a ficar nos dominios do sonho, da fantasia, talvez; a embalar a alma, com o affago da esperanza e com o alento da fé: Esperança de que, ainda em meio á aspera lucta de uma éra industrial, hão de sobrar corações, que amem a belleza e a bondade; hão de surgir poetas que cantem a gloria e o amor; hão de apparecer espiritos, que se refugiem no palacio encantado das illusões e timbrem no proposito alevantado de não deixar perecer os idéaes de uma raça meiga e sonhadora... Fé, senhores, nesse poderoso instincto que leva os povos a conservarem as suas crenças mais sentidas e as suas mais caras tradições; fé, senhores, nesse *qid* inconsciente mas eterno, que orienta ou homem para a região sublimada dos céos, impellindo-o sempre ao culto da graça e do bem, ao culto da luz e da estrella, ao culto da flor e do aroma, ao culto da mulher e do affecto, ao culto do lar e da Patria!

E como, senhores, «deixar de luctar é começar a morrer» (já o disse Maudsley), luctemos todos, agora e sempre, por que a vida intensa, que se começa a viver no Brasil do seculo XX, não mate, não estiole, não enfraqueça a espiritualidade, o culto da arte e das letras, a graça sempiterna da poesia e da legenda.

Somos um pugillo de companheiros ligados pelo juramento symbolico desta hora solenne; trinta missionarios das letras, uns publicistas e prosadores, outros poetas e chronistas, alguns professores e homens de sciencia, mas todos irmanados numa cruzada commum: — de, pelo livro, pelo jornal, pela palavra, mantermos perenne a tradição gloriosa dos nossos avoengos, tão amigos sempre do convivio selecto das MUSAS, a tal ponto que Minas Geraes teve a sua *escola litteraria* typicamente accentuada no seculo dezoito; e ainda agora, para a escolha dos patronos da Academia, a nossa difficuldade esteve na selecção embaraçosa entre a centena de nomes de tantos Mineiros, igualmente illustres, que honram o Pantheon da litteratura nacional.

¿ Pois haveriamos nós, meus amigos, de deslustrar em dias de hoje as tradições de «Claudio, Basilio, Durão e Gonzaga, que foram os maiores espiritos poeticos do seu tempo na lingua portugueza?», no conceito de um grande e severo critico? (1)

¿ Não seria desdouro vir apagar por nossas mãos o brilho desse estemma litterario com que a terra das Minas se adornou, dos tempos colo-

(1) Vide Sylvio Romero, «Historia da Litteratura Brasileira», tomo I, pag. 217.

niaes aos nossos dias, com os poemas do *Caramurú*, do *Uruguay* e de *Villa Rica*? com as estrophes satyricas das *Cartas Chilenas*? com as rimas vrgilianas da lyra bucolica de Dirceu e os madrigaes suaves de Silva Alviarenga? com os sonetos raros de «Glauceste Saturnio» e os carmes sentidos de Barbara Heleodora? E evocando este ultimo nome, senhoras, a vós — patricias de Beatriz Brandão — a vós mais que ninguem compete o preito de homenagem devida á inditosa mãe de Maria Iphygenia, á poetiza suavissima que foi a mulher mineira mais culta de sua época!

¿ Como esquecermos, senhores, os nomes mineiros, que mais illustraram as sciencias naturaes, neste paiz, desde Alvares Maciel e frei José Mariano, desde Velloso de Miranda e Vieira Couto, desde Bittencourt Camara e Pires Sardinha, até Capanema e Barbosa Rodrigues?

¿ Como deixarmos que se occultem na penumbra triste do olvido os mais originaes dos nossos pensadores e jornalistas politicos, desde Bernardo de Vasconcellos, Firmino Silva e Theophilo Ottoni, desde J. Felicio dos Santos, Flavio Farnese e Xavier da Veiga, até Cesario Alvim, Aristides Maia e João Pinheiro?

¿ Não seria, porventura, abastardarmos a nossa geração, fazendo-a ingratamente esquecida para com os nossos melhores e mais espontaneos poetas, dessa geração romantica dos dois Queirogas, de Aureliano Lessa, de João Julio, de Lucindo Filho, de Sapucahy, de Araxá, de Pedro Fernandes, de Americo Lobo, de José Sena, de Stockler, de Kubitscheck, de Corrêa de Azevedo?

De Minas ninguem dirá em tempo algum que possa ter sido pobre de alentos e de magnificas vocações artisticas.

A poesia moderna aqui teve cultores da envergadura de Arthur Lobo Edgard Matta, Oscar da Gama, Arthur França; e assim como a poesia tnas nuanças e matizes de tantas escolas, houve tambem — em Minas — para a prosa, para o romance e para a novella um Bernardo Guimarães, um Julio Ribeiro, um Josaphat Bello, um Azevedo Junior, um José, Braga...

¿ Quereis publicistas e escriptores de pulso? dar-vos-ei de prompto os nomes inesqueciveis do Conde de Prados, de Ferreira Penna, de Silva Pontes, de Gomide, do bispo d. João, do conego Marinho, do general Couto de Magalhães, de Baptista Caetano, de Paula Candido, de Perdigão Malheiros, de Franklin Masséna, de Aureliano Pimentel, de Christiano Ottoni, de Baptista Martins, de Estevam Lobo, de Augusto Franco, que peregrinaram pelas provincias mais diversas do saber humano, na historia, na medicina, na astronomia, na mathematica, na philologia, na jurisprudencia, na critica.

¿ Que poeta satyrico maior do que o nosso *Juvenal* ou *Tolentino* brasileiro, o saudoso padre-mestre Corrêa de Almeida?

¿ Quem no Brasil foi superior, no lyrismo religioso, ao dulcissimo José Eloy Ottor

¿ Quem excedeo a mortalidade do *Piron* mineiro, o dr. Francisco de Mello Franco, autor do poema heroi-comico intitulado *O Reino da Estupidéz* ?

Se na Arcadia poetica, no jornalismo, na publicistica, na historia, na sciencia tivemos tantos vultos em destaque, não menor, senhores, foi a galeria de cultores das artes em Minas Geraes, onde bastam na musica sacra e profana os nomes de um João de Deos, um Lino Fleming, um *Pururuca* (João Baptista Macedo), um João da Matta, um José Maria, um F. Raposo; e na pintura e na esculptura, os de um Mestre Valentim, um Aleijadinho, um padre Viegas, um H. Caron... para attestarem a todo sempre que já tivemos tambem uma especie de «renascença» artistica, no recesso deste «peito de ferro e coração de ouro» do Brasil.

Agora, convosco, meus confrades e amigos.

Aqui, neste terreno neutro da Academia, lidemos todos sem rancores nem prevenções, mesmo aquelles dentre nós que, «*muitas vezes, collocados em campos oppostos na politica, tenhamos cruzado com azedume o ferro dos combates.*»

Não nos amargurem — para possivel desanimo na lucta intellectual — o aleive ephemero, a passageira violencia de um adversario acrimonioso; lembremo-nos todos desta verdade contida num pensamento do arguto conhecedor de homens, que foi o doutissimo padre Antonio Vieira: — *um grande delicto muitas vezes achou piedade; mas nunca faltou inveja a um grande merecimento* (1).

Não se desinteressando das questões sociaes do nossa época (e nem o poderia fazer sem grave risco para o papel que lhe compete na formação do character do nosso povo), a litteratura é um riquissimo filão para os que nella tentarem a fortuna do renome, estudando-a com carinho e a pertinacia que demanda o seu objecto.

Não duvidemos, senhores academicos, de que *tudo se pôde esperar da maginação impetuosa e do espirito activo que caracteriza os Mineiros*, conforme a nosso respeito opinou um insuspeitissimo viajante inglez, mr. Walsh (2).

E, si vos agrada mais extenso conceito appreciativo do «character mineiro», dignae-vos de ouvir este formulado por Ferdinand Denis, um «pesquisador consciencioso e viajante incansavel», como o qualificou o Visconde de Taunay e que consagrou a melhor porção da sua vasta obra de escriptor ao Brasil:

«Pela maior parte descendentes dos antigos Paulistas, tão famosos por seu valor; em geral, menos misturados que a maior parte das povoações do littoral com a raça preta; sujeitos a um clima mais temperado que o de beira-mar; favorecidos pela abundancia do sólo e riqueza das suas producções; os Mineiros constituem, por assim dizer, um povo á parte entre a povoação do Brasil, o qual não só se distingue por sua saga-

(1) Vide «Sermões» do Padre Antonio Vieira, ed. de 1679-92.

(2) Revd. R. Walsh, «Notices of Brasil», 1830, 2 vols.

cidade natural, franqueza e costumes hospitaleiros, mas, depois do Rio de Janeiro, nenhuma região, daquelle dilatado paiz, apresenta reunidos, como em Minas, tantos elementos próprios para desenvolver um movimento industrial favoravel, e isto graças a um juizo são, a uma perspicacia pouco vulgar dos seus habitantes.» (1)

Eis ahí, senhores, o conceito que de nós fazia e das nossas aptidões um escriptor francez de 1837.

Da feição que possamos continuar a imprimir á literatura nacional, si bem trabalharmos, escutae ainda da bocca de um eminente historiador patrio, Varnhagen, nobre filho de S. Paulo, estas palavras egualmente insuspeitas :

«Deixemos por ora só em prophecia que, sendo Minas o estomago do Brasil, nunca será vigorosa e genuina a literatura que dahi não tire as forças, o vigor e a origem.» (2)

¿ Porque duvidar, então, do exito desta creação e não confiar antes que ella preencha, cabalmente, os altos fins a que se destina ?

Quanto a mim, companheiros e amigos desta Academia, ficae certos de que não desertarei da pugna começada ; porfiarei junto de vós com o mesmo ardor e a mesma fé com que — obscurissimo soldado — venho pelejando pela causa sagrada das letras, a que tanto vos devotaes.

Já não devo me extender mais ; a fadiga vos assalta e com razão, bem o vejo.

Entretanto, quero sempre dizer-vos :

«Quando me escolhestes para interprete do vosso jubilo, para orgam do vosso sentir na festa espiritual que aqui hoje nos congrega, neste dia que é tambem o da redempção nacional de uma raça (3), estaveis convencidos de que para fazer uma oração sincera não era preciso um orador: bastava um coração.» E foi com o coração, senhores e senhoras, que vos vim falar.

Um dia, que já vae bem longe ! foi quando pelas ruas da faceira «Venezza do Brasil» (4), marchavam para o embarque, ao estrugir das ovações do povo, as levas dos voluntarios do Norte, que iam liquidar pela metralha as affrontas cuspidas ao pavilhão sagrado da Patria pelo tenebroso despota paraguayo...

Dos oradores que então falavam com o fogo do patriotismo aos bravos legionarios, um já era grande pelo talento e depois sabio morreu, o extraordinario mestiço, gloria da Intelligencia brasileira, Tobias Barreto.

Pois, senhores academicos, como remate de meu discurso e augurando-vos o melhor exito desta campanha literaria de que sois os estrenuos

(1) Ferdinand Denis (1798-1890), vol. 2.º de sua conhecida obra — «Description Historica do Brasil», no cap. «Character dos Mineiros», — pags. 224 e 225.

(2) F. A. de Varnhagen (1846), na biographia do poeta mineiro Frei J. de Santa Rita Durão, em prefacio ao poema «Caramuru».

(3) Refere-se á data da aurea lei de 13 de maio de 1888 da Abolição dos Escravos.

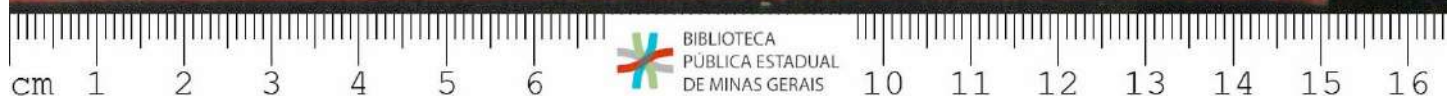
(4) Cidade do Recife, capital pernambucana.

lidadores, eu vou colher de Tobias, para vol-as applicar, as palavras com que saudava elle os que de Pernambuco partiam para o theatro distante daquella guerra tremenda :

*«Soldados, ide, na bençam de vossa bandeira, receber os acenos da gloria, os incitamentos do porvir !»*

Tenho dito.





## ● Naturalista frei Conceição Velloso

Memoria lida pelo academico Alvaro da Silveira, na sessão de 7 de novembro de 1915 da Academia Mineira de Letras, em Bello Horizonte

Na partilha dos dons naturaes coube, sem duvida, ás fórmulas vivas da materia maior copia de attractivos.

Sem as orlas verdejantes que o affagam, não conseguiria o múrmuro regato o arrebatamento do nosso espirito nas horas em que o escutamos a sós.

Mais realça a imponencia majestatica do rochedo a relva franzina que, effectivamente, o resguarda aqui e alli.

O céu do deserto, embora se apresente com as maravilhosas roupagens desenhadas pelo pincel magico que pinta as auroras e os crepusculos, as corollas perfumadas e as frageis azas das borboletas, não tem a poesia dessa cupola immensa quando, encantadoramente polychroma, abafa o grito das cidades e serve de tecto ás campinas interminas e as florestas farfalhantes.

E' que não são prenhes de belleza esses quadros em que só figura a materia bruta; para a inteira satisfacção das exigencies do nosso espirito, falta-lhes o consorcio com os corpos animados; falta-lhes o que quer que seja que nem sempre podemos definir, mas que sempre sabemos depender dos representantes da Vida — dessa força mysteriosa que crêa o cerebro e fabrica o musculo; que anima as argillas e lhes dá o pensamento e lhes concede a força; Vida admiravel que transforma em succos deliciosos a podridão do monturo, e em nectar perfumado o enxurro dos esgotos.

Relampago que apenas por instantes quebra a densa treva do desconhecido; curto parenthese na fórmula mais estavel da materia; luz que nos alumia o abysmo donde viemos e para onde voltaremos; lucta tremenda e rapida em que sempre ha um vencedor — a Morte: eis a Vida no scenario dom undo.

Resultante de acções physico-chimicas ou sopro divino, problema scientifico ou mysterio da divindade, é sempre a mesma Vida que com-

manda a poderosa hoste das cellulas e asdispõe nas variadas fórmulas denominadas vegetaes e animaes — fórmulas que se abraçam irmãmente na origem commum, mas depois se apresentam separadas pelo odio ou enlaçadas pelo amor.

Animaes e vegetaes fórmam, assim, duas séries divergentes a partir de um mesmo ponto em que ambas se confundem.

E é, talvez, por essas ligações de origem; por fazer parte dessa cadeia começada na vida elementar, que o homem, embora o mais aperfeiçoado desses typos animaes, não occulta a sua affeição até aos infimos representantes daquella outra série viva.

O amor ás flores, o respeito ás arvores, a dedicação aos vegetaes são factos que se podem mencionar na lista dos caracteres do homem.

Affecto variavel, elle attinge o seu valor maximo em individuos que levam até o sacrificio a sua dedicação aos vegetaes.

Entre esses que se salientam pela vehemencia com que amam as fórmulas vegetaes da materia viva, deve-se incluir, sem duvida, o vulto sympathico de frei José Mariano da Conceição Velloso.

Si outros meritos concorreram para eleva-lo á posição de relevo que, como scientista, alcançou na época e no meio em que viveu, foi, to davia, como botanico que elle mais se distinguiu.

Filho de Minas Geraes, — relicario que guarda os mais bellos e variados representantes da admiravel flora brasileira, não é para extranhar que em frei Velloso, apesar de ter elle passado a maior parte da sua vida fóra da terra natal, surgisse, como força vencedora, irresistivel, esse fervido e desinteressado amor ás plantas — era um como desabrochar de botão já arrancado ao organismo materno; era o aroma formado á custa da seiva bebida no sólo patrio, a perfumar o ambiente extranho.

Impulsionava-o, talvez, a imagem desta flora grandiosa que tem attraído os mais notaveis naturalistas do mundo.

Dos operarios dessa obra gigantesca e indestructivel, planejada pelo sabio Carlos Martius, e denominada «Flora Brasiliensis», aqui estiveram Saint Hilaire, Langsdorf, Martius, Lund, Gardner, Warming, Barbosa Rodrigues e tantos outros, formando um grupo de 50, não excedido pelos que visitaram outros Estados, com excepção do Rio de Janeiro.

E essa excepção se explica facilmente pela posição especial em que se acha o territorio fluminense, cercado a metrópole cujo porto tem sido, a bem dizer, a porta de entrada dos naturalistas estrangeiros.

Além de Barbosa Rodrigues, outro mineiro illustre (para só me referir aos que já voltaram ao pó de onde sahiram) cooperou na construção da monumental «Flora Brasiliensis» — Joaquim Velloso de Miranda, doutor em philosophia e sciencias naturaes e contemporaneo de frei Velloso.

Lembrarão para sempre o nome desse mineiro eminente, as puras e bellas patricias que aos milhares habitam as regiões paradisiacas de nossas serras — as admiraveis Vellosiaceas — lirios gigantes deante dos quaes

ficou Martius extasiado, como o confessa neste trecho : «At hic nullam videre memini plantæ cujusquam formam, quæ majori me affecerit lætitia et admiratione, quam miros illos furcillatos caudices liliorum arborescentium, et genere *Vellosiarum*, quibus ab incolis nomen inditum est *Cannella de Ema*».

E assim como as cannelas do imponente pernalta dos nossos campos destemem as distancias, vencendo-as com incrível facilidade, assim tambem as *Cannelas* vegetaes affrontarão, victoriosas, com o vigor de sua singeleza extasiante, o perpassar aniquilador do Tempo, gravando indelevelmente nas cristas ajardinadas de nossas serras, o nome do illustrado dr. Joaquim Velloso de Miranda.

E', sem duvida, interessante a existencia desses dois naturalistas notaveis — ambos Velloso ; ambos mineiros ; ambos em posição de relevo como cultores do mesmo ramo scientifico ; ambos vivendo quasi os mesmos decennios — Joaquim Velloso, de 1733 a 1815 ; Conceição Velloso, de 1742 a 1811.

Para perpetuar a memoria do primeiro, cujo labor scientifico se feriu, todo elle, a sua terra natal, escolheram-se os lirios genuinamente mineiros que hoje trazem o seu nome—as bellas «*Vellosiaceas*», que constituem uma maravilha botanica sem igual em todo o mundo e que se assentam majesticamente no soberbo solio formado pelas nossas montanhas quartziticas ; para consagrar o segundo, cuja vida, como naturalista, foi vivida fóra de Minas Geraes, ficou essa obra que todos admiramos e que se intitula «*Flora Fluminensis*», suum descriptionem plantarum Præfectura fluminensi sponte nascentium».

De todos os trabalhos de frei Velloso, foi incontestavelmente a «*Flora Fluminensis*» o de maior vulto.

Ahi está empenhada uma somma incalculavel de esforços, attendendo, principalmente, á natureza do assumpto e ás difficuldades a vencer na occasião.

Ainda hoje, decorrido mais de um seculo, após o acabamento dessa extraordinaria manifestação do valor de um homem, decorrido o seculo que se chamou— das luzes, cujos clarões desvendaram á humanidade estupefacta o surprehendente mostruario de toda sorte de maravilhas, ainda hoje, repito, é a Botanica, para muitos, uma entidade desconhecida. Não a vêem, não lhes distinguem as fórmulas de uma robustez encantadora ; não lhe divisam os contornos de uma suavidade deliciosa.

Lunaticos que a curiosidade espreita receiosa, são os intemeratos adoradores dessa figura captivante récua de excentricos cujo tempo poderia, talvez, ser mais utilmente empregado em fazer sonetos ôcos ou na thurificação dos grandes do dia, são os pobres diabos que se enamoram loucamente da Vestal que nos atira as amaryllis e os lirios dos montes e nos embriaga com a fragancia das rosas e dos jasmims.

Ao meu gabinete de trabalho chegou, certo dia, em João d'El-Rei, um engenheiro que acabava de ser nomeado para cargo publico dependente de uma das Secretarias deste Estado.

Rodeavam-me, nessa occasião, algumas companheiras, junto das quaes tenho passado grande parte de minha vida—plantas do meu herbario, que, mudas, me contam a sua historia, ás vezes invejavel, ás vezes atormentada; resequidas, me apparecem com as linhas das venustas fórmas ideaes; pallidas, têm para mim a poesia dos martyres que o carcere estiolou; mortas, se apresentam aos meus olhos com a mesma vida dos symbolos que se encerram nos sacrarios.

Não se encommodou o recémchegado com as meigas creaturas que me cercavam; olhou-as com desdem e balbuciou com visivel superioridade :

— Ervinhas...

Levava-o á minha presença uma grave questão administrativa, que sériamente o preocupava. Tinha de dirigir o primeiro officio ao seu superior hierarchico e vinha, por isso, pedir o meu auxilio para tiral-o da situação angustiosa que o atormentava; precisava saber si deveria, na peça official, começar assim: «Exmo. sr. dr. Secretario», ou—«Sr. dr. Secretario», ou ainda—«Exmo. sr. dr. Fulano, dignissimo secretario» etc.

Nutria, além disso, duvidas bem fundadas sobre a collocação desses dizeres; não sabia si estes deviam ser collocados no começo ou no fim do officio, e, nesta ultima hypothese, si antes ou depois da sua assignatura.

Era sincera a sua tribulação; percebia-se na sua voz o desejo ardente de arredar de si a possibilidade de commetter o gravissimo erro de collocação das palavras sacramentaes, para a transcendente communição official.

Eu tinha, como se vê, deante de mim, a futilidade encarnada no pobre engenheiro presumido e, como corollario natural deste attributo, ignorante. Não comprehendia elle os vegetaes sinão como *ervinhas...* cousas ridiculas, sem a minima importancia. Elle e os vultos salientes da alta sociedade só poderiam perder o seu tempo preciosissimo, tratando de questões de formidavel magnitude, como essa de indagar si o Secretario deveria ser chamado «excellentissimo» ou «illustrissimo», «doutor», ou simplesmente «senhor».

O botanico, propriamente, é um typo que o nosso povo, em grande maioria, desconhece; não comprehende a existencia do herborizador e só admite a do ervanario; duas apenas podem ser as preoccupações de quem procura plantas—ou o trafico, ou a cura de molestias; ou se arrebanham «parasitas», ou se colhem ervas medicinaes.

Varias vezes, quando trato de collocar em minhas pastas as plantas que acabei de colher, tenho tido de individuos, que me observam nesse serviço, esta paternal informação :

— «Ah! isso não péga. Si o sr. não arrancar com raiz, é trabalho perdido.»

Ou então, depois de examinarem attentamente os exemplares :

— «Não conheço estes remedios. Que é que elles curam?»

Imagine-se, agora, a posição incompreendida de frei Velloso, a tratar de assumptos botanicos na longinqua e inculta época colonials em que as ricas alluviões de Minas Geraes aguçavam a terrivel *james auri...*

Poude, entretanto, o sabio naturalista descrever, embora summariamente, 1.640 plantas, acompanhadas, todas ellas, de desenhos, mostrando-as com as suas côres naturaes.

Teve, para esse fim, ao seu serviço, 9 desenhistas postos á sua disposição pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, a quem frei Velloso dedicou a sua obra.

Parece até que esta fôra lembrada por esse vice-rei, pois que diz frei Velloso em sua dedicatória, datada de julho de 1799:

— «Plantarum individua mille et ferme septies centum ordinatione tua observavi, delineare feci.»

E', sem duvida, notavel e digno de menção esse carinho dispensado pelos imperantes deste paiz ás sciencias naturaes, apesar da série, certamente consideravel, de questões, ás vezes graves, que lhes preoccupavam o espirito.

Foi, como se vê, a *Flora Fluminensis* bafejada em seu inicio pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos, mais tarde conde de Figueiró.

Devido, talvez, aos acontecimentos que se desenrolaram nas vizinhanças de 1790, não foi logo enviada á impressão a obra de Velloso. Passando a verdadeira oportunidade de sua publicação, ficaram os manuscritos mergulhados no esquecimento anniquilador; viveram durante 35 longos annos a vida de hibernação nos archivos, de onde os foi retirar, em 1825, a mão piedosa de frei Antonio d'Arrabida, então bibliothecario da Bibliotheca Imperial e Publica da Côrte, afim de que, amparados pelo primeiro imperador do Brasil — o estouvado, mas nobre D. Pedro I—pudessem ser levados ás officinas impressoras que lhes permittiriam a entrada nos meios scientificos.

Não teve, portanto, frei Velloso a ventura de ver impresso o seu trabalho.

Na auctorização dada por D. Pedro I e assignada pelo ministro do Imperio, Estevam Ribeiro de Rezende, em 25 de abril de 1825, mandou o imperador «louvar o bibliothecario por se interessar por tudo que possa acreditar o genio Brasileiro», mostrando, assim, ter tomado em alta consideração as palavras de frei d'Arrabida, quando este, representando sobre a necessidade da publicação da obra de Velloso, diz que esta «mostrará a que grau o genio Brasileiro pôde elevar-se nas Sciencias e nas Artes, quando simplesmente auxiliado.»

Como o seu pae, foi tambem um bemfeitor das Sciencias naturaes o segundo imperador do Brasil.

Basta dizer que no maior monumento até hoje elevado ás Sciencias naturaes, nessa surprehendente *Flora Brasiliensis*, está, ao lado dos nomes do imperador da Austria e do rei da Baviera, tambem immoredouramente gravado o de Pedro II, lembrando á trindade bemdita que inoculou

em Martius a coragem necessaria para levar a effeito a sua obra colossal.

Melhor propaganda da nossa terra fazia D. Pedro II, collocando-se no vestibulo desse cenaculo de desvendadores da nossa flora soberba, do que o exercito de mercenarios, que, não ha ainda muito tempo, vendiam a peso de ouro elogios insinceros e inuteis, grudados em revistas amorphas e repellidas pelo bom-senso, ou pespegados em estiradas conferencias cuja improficuidade decorria, como consequencia natural, do character suspeito do orador, porque todos bem sabiam que o cerebro do ardente discursador era uma especie de casa de commodos a receber inquilinos a um tanto por hora; era o cerebro prostituido a pertencer, indifferentemente, a este ou áquelle dono, conforme o valor da generosa gorgeta.

Periodo nefando e triste esse em que formidavel e negra nuvem de gafanhotos descêra sobre as seáras dos cofres publicos. Era a desolação. Por toda a parte apparecia o voraz orthoptero de fórmula humana, o patriota de aluguel, insaciavel, resistente, multiforme.

Ora, a sua penna era o martello de milagroso geologo a fazer despenharem-se rios de ouro das nossas montanhas cravejadas de pedras preciosas; ora, a semente que, sem trabalho, nos inundava os celleiros com os mais variados e saborosos presentes de Céres; ora, o gladio que vinha ferir de morte a degeneração da nossa sociedade, salvando-nos da bancarrota do character; ora, emfim, o pharol que projectava ao longe, lá nos paizes estrangeiros, o clarão das nossas imaginarias e tão decantadas riquezas.

E dizia-se que dessa chusma de *patriotas* dependia a felicidade do nosso paiz...

Eram elles os factores do nosso progresso, do nosso reerguimento.

Amesquinhadora irrisão!

A messalina de alma apodrecida toma a si o encargo da nossa regeneração e piedosamente nos estende a destra para galgarmos um degrau do throno da pureza...

Satan, não havia duvida, se transfigurára beatificamente em Christo Redemptor.

A crise que nos assoberba, teve, ao menos, uma consequencia util—extinguir, por inanição, essa praga de mercenarios.

Não é a *Flora Fluminensis*, presentemente, uma obra que nos possa servir de guia no assumpto por ella tratado.

A classificação das plantas ahi summariamente descriptas, se faz segundo o methodo linneano, hoje em absoluto abandono, e por isso, não nos cita a *Flora Fluminensis* os nomes dessa série bem extensa de familias botanicas que agora são por assim dizer o A B C da taxonomia vegetal.

Além disso, muitas especies e generos nella assignalados, já haviam sido descriptos em data anterior á publicação da obra, de sorte que

uma parte relativamente pequena do extenuante trabalho de Velloso é que foi aproveitada para o corpo que agora passa como sendo scientifico.

Isso, porém, não diminue o valor do nosso patricio, pois todos bem sabemos que a sciencia existe sempre circumdada de uma aureola de incerteza com a apparencia de verdade. Mais tarde se reconhece que o que parecia verdade, nada mais é sinão pura fallacia. Taes são — o horror que antigamente a agua tinha ao vacuo e que a obrigava a esconder-se, subindo pelos tubos das bombas; o phlogistico que os corpos ganhavam, ou perdiam, quando se queimavam; e tantas outras noções hoje reconhecidamente illusorias.

Dá-se tambem o inverso — o que era julgado um erro, passa a ser uma verdade, como, por exemplo, a noção da *pedra philosophal*, que nada mais era do que a theoria hoje corrente da unidade da materia positivada na transformação da prata em ouro, realizada nos Estados Unidos da America do Norte.

A pretensão alchimista, ridiculizada pelos sabios do mundo inteiro, após as descobertas chimicas do seculo 18, resurgiu, forte e victoriosa, um seculo mais tarde.

A instabilidade dos conhecimentos scientificos é, infelizmente, em alguns casos, a regra.

Na medicina, vemos a sangria, varrida, em certa época, do corpo doutrinario pela vassoura da sciencia, — mais tarde fazer parte das regras para a cura dos nossos males.

A sciencia moderna, com a natural vaidade de moça, julga-se mais perfeita e mais admiravel do que as suas avós, que, todavia, se vêm obrigadas, ás vezes, a applicar-lhe alguns salutaes puchões de orelha, afim de chamal-a ao bom caminho e mostrar-lhe que ha muito corpo juvenil de menos belleza que o de algumas matronas.

De vez em quando, desmorona-se um desses edificios construidos pela sciencia moderna, com todas as precauções para garantia de sua estabilidade.

Sempre ouvi dizer que uma das mais bellas conquistas da medicina moderna era a descoberta dos antisepticos. Fiquei, por isso, surprehendido e desconsolidado ao ler, ha poucos dias, que um dos efeitos inesperados da guerra européa foi anniquilar o valoroso exercito desses preparados. Segundo as observações do professor Delbet, os antisepticos são perniciosos, porque impedem que o organismo ponha em acção as suas defesas naturaes.

Assim, como diz o povo em sua sabedoria, morre-se, em alguns casos, da cura.

Ainda ha pouco tempo vi outro facto da ordem dos que acabo de mencionar:

Por occasião dos festejos realizados em S. Paulo, commemorativos do jubileu clinico do dr. Luiz Barreto, proferiu este um discurso sollemnissimo, em que relatou os factos mais importantes occorridos

nesse longo tracto de tempo e, comparando a sciencia medica que lhe guiou os primeiros passos, á actual que elle denomina de moderna, cita o facto ultra ridiculo de não ter podido a primeira descobrir que a appendicite tem como causa um corpo duro que no appendice vermicular produz uma inflammação ás vezes mortifera.

Ri-se dos antigos que incluíam no quadro das perityphlites todas essas manifestações morbidas que hoje receberam o nome de «appendicite». Entretanto, era tão facil encontrar a verdadeira causa... Bastava relacionar duas cousas simplissimas — a existencia do corpo duro no intestino e a inflammação.

Eis ahi o que nos diz o dr. Barreto e eis ahi, digo eu, um caso de pura vaidade scientifica dos taes senhores da sciencia moderna.

Para estes, a cousa é simplissima: um individuo apresenta um inflammação do cœcum; vem o cirurgião, abre-lhe o ventre e encontra no appendice um corpo duro—semente ou outro; conclusão—o corpo duro é a causa da molestia.

Para esses cientistas, que recebem o poderoso auxilio do bisturi, o caso é clarissimo; para mim, porém, examinando-o apenas com os recursos do meu raciocinio, é de uma escuridão de trevas.

Si milhares de individuos ingerem sementes duras—de laranjas, jabo-ticabas, uvas, etc.,—porque apenas uma insignificante porcentagem desses apresenta o seu appendice irritado por esses corpos? porque sómente nessa insignificante porcentagem não poude o intestino fazer o corpo extranho seguir o seu tracto normal?

Quem nos diz que, em vez de causa, não seja uma consequencia da molestia, a presença do corpo duro no appendice?

Em seu estado normal, tem o intestino o poder de expellir esses corpos; doente, porém, já não acontece o mesmo: o corpo, então, ali ficará para confusão dos pesquisadores.

Nas antigas lavras diamantinas de Minas Geraes, os escravos, ao verem relampaguear no cascalho redemoinhante da batêa, a cubiçada pedra, utilizavam mil astucias para, ainda sob ás vistas aguçadas dos patrões, recolherem-n-a a um cofre provisório e, por certo, fóra do commum—o intestino.

Elles sabiam muito bem que, engulindo diamantes, não cavavam a sua sepultura; sabiam que o intestino não guardaria aváramente no appendice o precioso roubo e que dentro em pouco estariam de posse do ambicionado thesouro.

E entretanto, o diamante é o corpo mais duro do mundo...

Não resiste, está claro, aos ataques da logica a theoria que o dr. Barreto apresentou, em seu discurso, como uma das glorias da sciencia, que elle chamou—dos modernos.

Para enxergar a causa da terrivel molestia do cœcum e seu appendice é, evidentemente, ainda cega a medicina.

Antigamente, e talvez mesmo ainda hoje, para explicar certos factos pathologicos, recorria-se ao mau-olhado, á acção da coruja pousada no

telhado da casa encaiporada, ás varias acções da feitiçaria, emfim. Hoje, apparecem algumas explicações da tal «sciencia dos modernos», que nenhuma differença fazem das que nos eram fornecidas pela superstição.

A agua, por exemplo, substitue o «mau-olhado», em muitos casos. Falta uma causa para esta ou aquella molestia? Nada mais simples: seja a agua.

Em Bello Horizonte, a agua que outr'ora occasionava o papo, hoje produz infecções intestinaes, produz appendicites.

Pessoa respeitavel pela sua sciencia moderna, já me assegurou que devem ser attribuidos á argila, que em quantidade diminutissima é trazida em suspensão pela nossa agua potavel, os casos de appendicite aqui occorridos.

Não estão, por certo, de accordo com essa theoria moderna os milhares de individuos que em diversas partes do mundo — em Java, Sumatra, Tonkin, Annam, na China, no Congo e em Venezuela — saboreiam massas de terra cozida, que são para elles delicioso manjar.

Todo esse exercito de geophagos devia já ter sido dizimado pela appendicite, si fosse verdadeira a explicação do respeitavel scientista moderno.

Para tornar mais apparente essa vaidade da tal sciencia moderna, vou comparar o trecho de um artigo em que o dr. Luiz Barreto, em outubro deste anno, discorre sobre chimica biologica, ao trecho de uma receita dos alchimistas, no seculo 14, para obter-se o *Elixir dos sabios*.

Diz o dr. Barreto: — «Não esqueçamos, todavia, que os elementos inferiores desempenham um papel muito salutar: são elles que atacam e devoram os microbios nossos inimigos.

Não basta, porém, conhecer o mechanismo pelo qual desaparecem os elementos superiores. Mais importante é saber a razão pela qual são elles atacados, desaggregados e devorados».

Ensinava, no seculo 14, Riplée:

—«Para fazer o elixir dos sabios, a pedra philosophal, é preciso tomar, meu filho, o mercurio dos philosophos, e calcinal-o até que elle se transforme em leão verde; depois disto, tu o calcinarás mais e elle se mudará em leão vermelho. Faze digerir este leão vermelho em banho-maria com o espirito azedo das uvas, evapora este producto, e o mercurio se tornará em uma especie de gomma que se corta com a faca; põe esta materia gommosa em uma curbita lutada e distilla lentamente. Colhe separadamente os licores que te parecerem de natureza diversa. Tu obterás uma massa insipida, depois espirito e gottas vermelhas. As sombras cymmerianas cobrirão a curbita com o seu véo tristonho, e tu acharás em seu interior um verdadeiro dragão, porque elle come sua cauda. Toma este dragão negro, quebra-o sobre uma pedra e toca-o com uma brasa: elle se inflammará, e, tomando uma côr citrina gloriosa, reproduzirá o leão verde. Faze que elle devore a sua cauda e distilla de



novo o producto. Emfim. meu filho, rectifica cuidadosamente, e tu verás apparecer a agua ardente e o sangue humano».

A sabia explicação do dr. Luiz Barreto tem para mim o mesmo valor da dos alchimistas : *elementos inferiores* que devoram os *elementos superiores*... Não vejo em que isto differe do «dragão e leão verde que devoram a propria cauda»...

Si na obra de Velloso reconhecemos hoje algumas imperfeições, estas tambem existem na obra dos modernos, como estamos demonstrando.

E', por certo, muito curioso notar que o trecho, por mim transcripto, foi tirado de um artigo em que o dr. Luiz Barreto indica os meios para se conseguir, como elle, a longevidade juvenil, problema este meticolosa e sériamente estudado pelos sabios antigos, que procuravam, além da pedra philosophal, tambem o *elixir da longa vida*.

Entre os que deram regra a esse respeito, pôde-se citar Arnauld de Villeneuve, notavel chimico, que escreveu, no seculo 13, a interessante *De conservanda juventute*, onde compendiou os resultados das suas sabias pesquisas. Esta obra e o artigo do dr. Barreto são um formal protesto scientifico contra o conhedidissimo e impiedoso *Senectus est morbus*.

Depois de caminhar durante 6 seculos chega a humanidade ao mesmo ponto—vem ferir as mesmas questões, remediar os mesmos males...

Nasceu Velloso em S. José d'El-Rey, em 1742, terra em que 6 annos mais tarde se ouviram os primeiros vagidos daquelle que em 1792 devia vasar o seu sangue para a argamassa dos futuros alicerces de nossa independencia.

Teve como nome de baptismo José Velloso Xavier, onde figuram os sobrenomes de seus progenitores José Velloso da Camara, portuguez, e d. Rita de Jesus Xavier, brasileira.

Em 1761, entrou para o convento de S. Boaventura, da ordem dos franciscanos, em Macacú, e em 1762 fez o preciso voto para entrar definitivamente para aquella ordem religiosa.

Bem depressa revelaram-se as qualidades que punham em relevo o novo frade franciscano, pois em 1768 foi elle eleito prégador, em 1771 nomeado confessor dos seculares e professor de geometria do convento de S. Paulo, e, em 1779, designado para reger a cadeira de rhetorica desse mesmo convento.

Algum tempo depois, transferiu-se para o Rio de Janeiro, começando, então, a sua grande obra—a *Flora Fluminensis*, que só em 1790 ficou concluida.

Para tratar da impressão do seu trabalho botanico, transportou-se frei Velloso, a conselho do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, para Lisboa, onde permaneceu durante muitos annos.

Infelizmente não realizou o seu desejo, pois, regressando ao Brasil em 1809, por occasião da vinda de d. João VI, que para aqui então se transferiu com a sua côrte, trouxe os manuscriptos que só em 1825 foram impressos e publicados.



Do príncipe regente recebeu o nosso patricio altas provas de consideração, entre as quaes se póde citar a sua nomeação para director da typographia do Arco do Cego, em Lisboa, cargo de relevo que elle occupou com brilho durante alguns annos.

Velloso, reconhecido, retribuia, como lhe era possível, as gentilezas de d. João VI, a quem se confessava verdadeiramente grato. Dedicou-lhe, por isso, uma bella especie de Euphorbiacea, o nosso Andá-assú, que elle denominou «Johanesia princeps».

Era o presente mais valioso que o naturalista poderia offerecer.

Durante a sua estada em Lisboa traduziu frei Velloso varias obras e escreveu outras, todas ellas de grande interesse.

Entre as primeiras podem ser citadas as traducções de obras que tratam da cultura da canna de assucar, da cultura da batata, da cultura e preparo do canhamo, das propriedades da quassia e simaruba e, emfim, da helminthologia portugueza.

Entre as suas producções podem ser mencionadas, alem da *Flora Fluminensis*, as seguintes: *Aviario brasileiro* ou *Galeria ornithologica das aves indigenas do Brasil*; *Memoria sobre a pratica de se fazer o salitre*; *Collecção de varias memorias sobre vinte e duas especies de quinas*; *Alographia dos alkalis, segundo as melhores memorias estrangeiras que se têm escripto sobre este assumpto*; *Naturalista instruido nos diversos methodos antigos e modernos de ajuntar, preparar e conservar as producções dos tres reinos da natureza*; *Memorias sobre a pipereira negra*; emfim, o *Fazendeiro Brasileiro*, em II volumes.

Por essa resenha, bem se vê quanto trabalhou Velloso e quanto foi util o seu trábvalho:

Para produzir tanto, é bem claro, não podia ter o sabio naturalista o temperamento dos vencidos pela indolencia, para os quaes o tempo é cousa absolutamente sem valor, nem poderia aspirar o commodismo dos fleugmaticos adoradores da Preguiça, que adiam indefinidamente para amanhã o inicio de qualquer trabalho.

E' claro que Velloso devia ser um desses homens nervosos, vibrantes, que antigamente se chamavam malcreados, e hoje neurasthenicos—homens-machinas em movimento continuo e cujos trabalhos medem os instantes de sua existencia.

Era Velloso um destes homens beneficemente malcreados, cujo mau humor não inspira odio, e sim respeito.

Elle proprio se classificava, dizendo :

—«Tenho mau genio, porém, bom coração.»

Em Lisboa tornou-se frei Velloso um dos maiores amigos de Bocage, como se deprehende deste trecho de uma dedicatória do grande vate portuguez :

.....  
 Em ti, constante, desvelado amigo,  
 Do mundo contra a sorte asylo e sombra,  
 Oh ! das musas fautor, de Flora alumno !

Muito explicavel essa alliança do poeta com o naturalista.

Ambos têm o mesmo objectivo—desvendar os segredos da Natureza, um com o auxilio da phantasia, outro, com o da observação : ambos soffrem os mesmos motejos daquelles que os não comprehendem; ambos são os mesmos visionarios que se sacrificam desinteressadamente pelo ideal commum que os attrahe—o Bello; ambos têm, emfim, a mesma sorte ingrata dos que passam pela vida sem a insaciavel ambição das riquezas, sem a subordinação incondicional ás ordens da Fortuna.

Póde o poeta, no aconchego do lar, descrever as bellezas que a sua imaginação creadora lhe apresenta; o naturalista, porém, não gosa dessa prerogativa de poder contemplar a Natureza da janella de seu gabinete.

Bem o disse Velloso, em sua dedicatoria da quinographia portugueza a d. João VI:—«Não é, senhor, o macio e brando leito o que constitue o character do botanico pratico e activo».

Velloso tinha razão.

Sim, a vida desconfortavel, porém, sadia do campo; o somno dormido sob a copada das arvores ou nos reconcavos dos rochedos; o açoite rijo dos ventos gelidos das montanhas; a fadiga dos longos percursos a pé através de brenhas; a escalada de penhascos, o cansaço, a sede, emfim, os mil perigos ameaçadores que só podem ser vencidos ora á custa de ousadia, ora, de resignação—eis a série de provações que esperam o botanico verdadeiramente amante de Flora.

Eis o modo por que poderemos travar estreitas relações com essa Natureza, que só nos abre as suas portas depois de taes provas de dedicação.

Em recompensa, porém, ella nos mostra bellezas que os outros não enxergam e nos dá a gosar ineffaveis sensações somente conhecidas dos seus eleitos.

—«Eu rodeei, disse Linneu, e subi a pé as nevadas serras da Laponia, montei as desabridas cabeças dos montes da Norlandia, parmilhei as ladeiras de suas collinas, e penetrei as suas intrincadas mattas».

A vida trabalhosa tão bem definida pelo sabio sueco foi a de Velloso, nos 8 annos em que cuidou da *Flora Fluminensis*.

O resultado de tanto sacrificio só foi convenientemente apreciado muitos annos após a morte do nosso eminente patricio—facto que não é raro na historia dos grandes homens.

Como recompensa aos seus maravilhosos trabalhos, que deram á Chymica, no seculo 18, a feição que ella hoje ainda conserva, teve Lavoisier a sua condemnação á morte, em 1794; pela publicação do seu celebre «Dialogo», julgado altamente perigoso, por encerrar conceitos contrarios á Biblia, que não admittia a theoria do movimento da Terra, foi Galileu, por uma congregação de sabios,—cardeaes, monges e mathematicos—, condemnado a renegar, perante uma numerosa assembléa, reunida em

Roma, em 1633, a sua doutrina, proferindo, com a mão sobre o Evangelho, o «Corde sincero et fidei non ficta, abjuro, maledico et detestor supradictos errores et hereses».

Tudo isso se fazia, é certo, em nome da Lei—em nome da Lei que, com a revoltante frieza do carrasco, apresenta a Socrates o copo da cicuta mortifera e levanta, em Ruão, a fogueira que ia reduzir a cinzas o corpo da libertadora de Orleans—o corpo da predestinada Joanna d'Arc.

E' a Lei de todos os tempos e que em todos os tempos existe sómente para o bem da humanidade...

Morreu frei Velloso a 13 de junho de 1811, no Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro, contando 69 annos de idade.

Victimou-o a hydropisia.

Quiz a sorte que, como Lavoisier, Galileu e tantos outros, que o Tempo purificou e exalçou ao altar dos grandes da sciencia,—tambem o modesto franciscano só depois de morto ascendesse á posição culminante em que hoje o enxergamos através de seus valiosos trabalhos.

Em homenagem postuma a Velloso, fundou Freire Allemão, em 1850, no Rio de Janeiro, a «Sociedade Velloziana», que só se occupava de sciencias naturaes e que em varios boletins publicou o resultado de seus trabalhos.

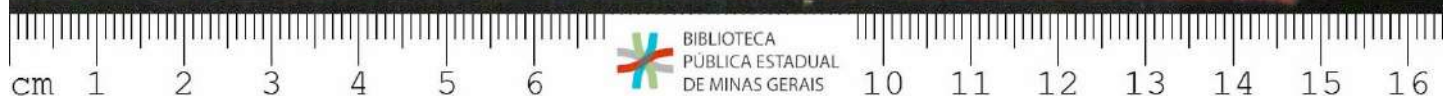
A homenagem que hoje rendemos a sua memoria, é da mesma natureza da que lhe foi prestada por José de Saldanha da Gama em sessão do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, em 1868.

São provas de apreço que não têm, felizmente, a significação do ras-tejamento deante dos poderosos, nem são a chave que a ambição utiliza para abrir as portas aureas da riqueza.

Singellas como o affecto, puras como a sinceridade, não lhes marea o modesto brilho argenteo a exhibição mercenaria.

Petalas desfolhadas sobre o tumulo dos que repousam no Campo Santo, onde a Sciencia chora, ellas nada mais significam do que o respeito aos que colheram louros nas pugnas da intelligencia.

E lá, onde murmura o rio das Mortes, relembrando os feitos heroicos da encarnçada lucta do Capão da Traição e o morticínio que lhe avermelhou as aguas com o sangue de paulistas intrepidos; lá, onde o rio lendario vigia, qual sentinella que não dorme, o sacrario do Pom-bal—o berço de Tiradentes; lá, na vetusta S. José—a Bethlem brasileira, deixou a Natureza, como homenagem perenné, a serra abrupta e quartzitica que alli se eleva—hymnario petrificado e giganteo, em cujas paginas arroxeadas de Burmannias e Tibouchinas lembrando a cor symbolica da saudade, e adornadas de Utricularias, Paepalanthus e Lavoisieras bellissimas, ficará gravado o nome do filho illustre daquella terra bemdicta, o nome do mineiro que dentro e fóra da Patria elevou o seu paiz, o nome desse Velloso que foi um exemplo de virtude e de trabalho, um fervoroso prégador da Fé e eloquente apostolo da Sciencia.



## Traços biographicos do dr. Joaquim Felicio dos Santos por D. Joaquim Silverio de Sousa, Arcebispo de Diamantina

### *Ao leitor*

No districto da Vigia, capella filial da parochia do Salto Grande, começara eu a visita pastoral no mez de junho de 1910, quando me chegou ás mãos o documento official da minha eleição para membro perpetuo da Academia Mineira de Lettras com séde na cidade de Juiz de Fôra.

Acceitando o logar com que generosamente me distinguia a benevolencia dos eminentes academicos, aos quaes renovo agora os vivos e sinceros agradecimentos já então rendidos, elegi para patrono o grande mineiro dr. Joaquim Felicio dos Santos.

Para a escolha actuaram no meu espirito razões de não somenos importancia.

Tive eu a inestimavel ventura de ser, durante alguns breves annos, coadjutor do santo Bispo d. João Antonio dos Santos, e nesse rapido perpassar de annos pude aquilatar a envergadura moral do bom pastor, que soube alliar a mansidão á firmeza evangelica, a humildade á nobreza de character, a simplicidade á prudencia, a generosidade á justiça, que soube em summa, ser, durante mais de oito lustros de episcopado, o modelo vivo de acrisoladas virtudes, as quaes sobredourou com a inalteravel paciencia mantida na ultima enfermidade, que bem se poderia chamar dolorosa agonia de tres mezes.

Escolher para patrono o dr. Joaquim Felicio dos Santos era dar preferencia a um irmão do saudoso bispo, que da obscuridade do meu remanso em Macahubas me escolhera para seu Cyríneu no carregar a Cruz do episcopado.

E' uma pequena homenagem que, ao proclamar os meritos de Joaquim Felicio, presto á memoria do preclaro antistite, vulto eminente entre os mais conspícuos.

Sob humilde e fria lapide marmorea jaz agora o corpo a que deu vida tão grande espirito, e eu continuo o munus episcopal na diocese em que nasceu, viveu e morreu o dr. Joaquim Felicio dos Santos,

Porque na escolha do patrono preferir-lhe um estranho á minha actual diocese ?

Escolhido o patrono, cumpria-me apresentar a sua biographia, e é o que me esforcei por fazer nas paginas que vão por ahi além.

E com razão se dá esta incumbencia aos academicos, pois, si de recursos carecemos para perpetuar no bronze a memoria dos primorosos engenhos que nos ennobrecem perante a civilização, justo é que ao menos nos fastos academicos se consagre uma nota festiva aos benemeritos das letras patrias.

Para o desempenho do encargo fui aproveitando e empregando as minimas partes das horas que as occupaões do governo diocesano me deixavam livres, não podendo, em paginas escriptas *uno stans pede*, requintar o estylo com fórma castiça.

A norma para os traços biographicos do dr. Joaquim Felicio dos Santos de seus escriptos tirei, e licito me seja consignar aqui uma palavra de particular agradecimento ao sr. João Felicio dos Santos, que bondosamente me franqueou a leitura dos escriptos do seu querido tio, que tão carinhosamente conserva colleccionados o mais completamente que lhe é possível.

«O methodo geralmente seguido por todos os historiadores, para darem a conhecer o character de suas personagens, consiste em descrever-lhes as qualidades positivas : mas nada impede tambem se exponham suas qualidades negativas ; é o que se chama argumentar por exclusão.»

Com estas palavras do dr. Joaquim Felicio ponho fecho á explicação sobre o motivo do apparecimento desta biographia.

## I

Em casa de propriedade de seus paes, sita na rua de S. José, da villa do Principe, hoje Serro, cidade notavel pela pleiade de bellos talentos com que tem illuminado a patria, teve o seu berço o dr. Joaquim Felicio dos Santos, de quem vou tecendo a biographia.

Na matriz da mesma cidade recebeu as aguas do baptismo, a 25 de fevereiro de 1828.

Não consta, porém, o dia do seu nascimento, que teria sido pelos primeiros dias de fevereiro, segundo o sr. Alferes Luiz Pinto.

Graças a este paciente e escrupuloso investigador do passado, a quem devo preciosas notas que entram nestes traços, pode-se registrar aqui o teor do assento de baptizado do dr. Joaquim Felicio e dum documento justificativo do mesmo baptizado.

Com effeito, a fl. 4<sup>v</sup>. dum dos cadernos de baptizados, o que serviu nos annos 1827—1828, está o assento seguinte :

«No mesmo dia (25 de fevereiro de 1828) a Joaquim, filho legitimo de Antonio José dos Santos e de d. Maria Jesuina dos Santos. PP. Antonio Coelho Feio de Gouveia e de d. Bernardina Flora de Queiroz.—Coelho.



O nome da mãe do dr. J. F. dos Santos, diz uma observação, foi sempre Maria Jesuina da Luz e não dos Santos. O Coelho que firmou ou rubricou o assento, é o Vigario Teixeira Coelho.

No Livro de obitos de Tapanhoacanga de 1791 a 1819, de f. 1 a f. 42, e de baptismo da matriz, de 1842 a 1845, de f. 42 vs. ao fim, entre outras justificações encontra-se a seguinte :

«Por sentença do Rv. Vigario da Vara desta Comarca do Serro, João da Silva Pereira, proferida em uma justificação, que fez Manoel Glzs. Nunes, e datada de 11 de maio de 1846, julgou elle provado que Joaquim Felicio dos Santos é filho legitimo de Antonio José dos Santos e d. Maria Jesuina da Luz, e que foi nascido nesta cidade e baptizado na igreja matriz pelo Vigario Manoel Joaquim Perpetuo em o anno de 1828, sendo seus padrinhos Antonio Coelho Feio de Gouveia e d. Bernardina Flora: e para constar, e por não apparecer o assento de baptismo, abri o presente em cumprimento da sentença acima declarada, á qual me reporto em meu poder digo em poder do Escrivão Ecclesiastico.

—O Vigario João da Silva de Andrade.»

O capitão Antonio José dos Santos, pae de Joaquim Felicio, exerceu importantes cargos publicos, entre os quaes o de administrador dos correios.

Na ascendencia de Joaquim Felicio encontram-se o mestre de campo João Correia de Sá e o padre Pedro de Mariz, autor de varios escriptos, entre os quaes o intitulado — *Dialogos de varia historia* bacharel em canones pela Universidade de Coimbra, guarda-mór da livraria da mesma Universidade», etc., segundo Innocencio Francisco da Silva.

No Serro, onde passou os annos da puericia, teve Joaquim Felicio por seu preceptor no primeiro ensino a Manoel da Costa, dando outrem a mão derradeira a essa grande obra em Diamantina, para onde veiu de mudança aos dez annos de idade.

De quão esmerada tenha sido a educação domestica de Joaquim Felicio duvida não póde haver, attentos os sentimentos e exemplos cristãos dos seus paes, catholicos da velha tempera, que, pela palavra e pela acção, evangelizavam aos filhos, desde a alvorada intellectual, não só as suaves doçuras e graves preceitos da Religião, mas tambem o nobilissimo amor da patria.

Era mister prover ao ensino secundario do joven, cuja precoce intelligencia promettia lustre á familia, gloria á patria, e Joaquim Felicio foi internado no então florescente collegio de Congonhas do Campo, onde, sem prejuizo, antes com lucro da formação religiosa, encontraria mestres aptos para ensaiar-o na instrucção litteraria e scientifica, que a esforço proprio, no silencio do gabinete,—suas delicias, afinaria mais tarde.

Estudavam então no mesmo collegio outros diamantinenses, que ganharam nome: Aureliano Lessa, Silverio Lessa, José Lessa, Joaquim Mariano, etc.

Vantajosamente podia apparecer nas escolas superiores, para levar palmas, o estudante, que, tão debil de compleição quão vigoroso no talento, já revelara, nos primeiros vôos da intelligencia, o quanto capaz seria de executar no futuro.

Em 1850 graduou-se Joaquim Felicio em sciencias juridicas e sociaes na Academia de S. Paulo, tendo por companheiros (2.<sup>a</sup> turma do anno *supra*) Custodio Rodrigues de Moura e Antonio da Silva Maia Junior.

## II

De S. Paulo recolheu-se Joaquim Felicio á Diamantina, a formosa Athenas do Norte de Minas, onde, infatigavel estudioso do direito, ardente cultor das letras patrias, minudencioso investigador de antiguidades, acerrimo defensor da liberdade, attingiria ás culminancias do saber e do renome, como historiador do districto diamantino, fascinante romancista, notavel jurisconsulto, distincto jornalista devotado ás idéas democraticas e republicano do mais puro toque.

Emquanto si ia apercebendo para trabalhos de mais vulto, Joaquim Felicio se dedicou á advocacia e ao magisterio.

Larga como de bem poucos a bella reputação que lhe aureolou o nome de advogado.

Autoridade competente na materia, o sr. dr. Theodomiros Alves Pereira affirma que seus pareceres são primores de bom senso e lucidez, e que sua divida podia ser : *res est sacra miser*.

Nem outra sentença se podia com verdade proferir sobre um homem, cujo talento de eleição ia, dia e noite, armazenando, pelo estudo dos grandes mestres, as mais preciosas conquistas do direito.

Pessoas que de perto o conheceram, nol-o representam assiduo frequentador do gabinete, compulsando livros, tomando notas, e lendo nas viagens obras, que lhe absorviam toda a attenção.

Em casa, ainda depois de casado, os livros eram os seus melhores amigos, aquelles com quem conversava horas esquecidas de dia, e velava horas mortas de noite.

Abençoado pelos desditosos que lhe pediam o amparo do seu grande prestigio como advogado, as luzes da sua sciencia profissional, a caridade do seu magnanimo coração, Joaquim Felicio foi tambem, na mesma occasião, professor de francez e mathematicas no atheneu de S. Vicente de Paulo.

A oito de Julho de 1855, casou-se Joaquim Felicio com sua sobrinha d. Maria Jesuina Felicio dos Santos, sendo testemunhas os drs. Antonio Augusto de Queiroga e Lucindo Passos. O sacerdote que assistiu ás nupcias, foi o Monsenhor João Floriano dos Santos.

A esposa do dr. Joaquim Felicio, pelo lado materno, era muito provavelmente parenta de d. frei Bartholomeu dos Martyres, filho legitimo de Domingos Fernandes e d. Maria Correia, «pessoas de grande christandade e bens da fortuna».

Esta a opinião, fundada em boas rasões, do sr. alferes Luiz Pinto.



## III

Em 1862 começaram a sair nas columnas do periodico «O Jequitinhonha», que se publicava em Diamantina, varios artigos sobre o districto diamantino, devido á fulgurante penna de Joaquim Felicio, os quaes foram transcriptos pelo «Diario do Rio de Janeiro», e mais tarde (1868) publicados em volume pelo autor.

Sob o singelo titulo de «Memorias do Districto Diamantino», pois «não tinha pretensão a historiador» (pag. 327 das Memorias), Joaquim Felicio escreve paginas de valor incontestavel.

Nellas, em que pese á sua grande modestia, apparece o historiador minucioso, methodico na disposição das materias, o paciente esmerilhador do passado, o observador sensato, o patriota ardente, o philanthropo christão, o jurista emerito.

Prova não despicienda do preço historico da obra é o facto de lherem feito copiosos extractos Xavier da Veiga, Nelson de Senna, e, principalmente, Galanti, que no seu compendio de historia do Brasil resumiu o «Districto Diamantino».

Para se ter idéa das minucias com que enriquece as suas *Memorias* o dr. Joaquim Felicio, basta ler-se o interrogatorio extrahido do ultimo processo intentado contra José Basilio, chefe dos garimpeiros. Pag. 212 e seg.

Elle revolveu centenas de processos que atulhavam os archivos diamantinos, e a limpo tirou os horrores dos castigos infligidos aos que cahiam no desagrado dos poderosos de então.

E' uma pagina negra o barbaro supplicio que cortou os dias da vida de Isidoro, o valente pardo, chefe de uma tropa de garimpeiros escravos, o qual succumbiu aos açoites, mas não deixou escapar um gemido, não proferiu uma queixa, não revelou um cumplice...

Com observações criteriosas acompanha o autor a narração que faz, espelho fiel das informações colhidas entre pessoas imparciaes e fidedignas.

Em cada linha desse substancioso trabalho sente-se o sopro ardente duma alma patriota.

Tratando das accusações feitas contra Felisberto Caldeira Brant por seus inimigos, e principalmente pelo ouvidor dr. José Pinto de Moraes Bacellar, entre as quaes sobreeleva a de «pretender tornar o Tijuco independente, subtrahindo-o ao dominio real», ufana-se Joaquim Felicio de que «neste recanto do Brasil se manifestasse o primeiro pensamento de emancipação, coisa natural,—porque de todos os povos da colonia foi o do districto diamantino o mais avexado e opprimido pela metropole».

Com superior discernimento prende elle a cadeia das perseguições exercidas contra os Caldeiras, e contra os habitantes do districto diamantino em geral, no tempo do marquez de Pombal, «despota sanguinario, violento reformador, orgulhoso, interesseiro, vingativo, á libertinagem e falta de respeito ao culto, ostentadas pelo ouvidor dr. Moraes Bacellar.

Bacellar tivera a leviandade de lançar ao collo duma gentil donzella parenta dos Caldeiras, durante um dos actos religiosos da semana santa na egreja de Santa Antonio, uma flôr, que a joven repelliu com dignidade.

Felisberto Caldeira Brant, contratador dos diamantes, depois de na egreja dizer algumas palavras ao ouvido do indiscreto Bacellar, exigiu, fóra do templo, satisfação pelo insulto feito á familia, e, no acceso da disputa, deu-lhe uma punhalada, que não offendeu o ouvitor por ter resvalado em um botão de metal de sua casaca.

Bacellar, dahi em diante, de mãos dadas com o intendente, fez tudo quanto poudes para perder a Felisberto, e o conseguiu.

Felisberto foi preso, acorrentado, enviado para Portugal, mettido nos calabouços do Limoeiro; seus bens, confiscados; sua familia e muitas outras, reduzidas á miseria...

Chispas de calorosa animação e alegria despedem as phrases em que elle recorda os trabalhos dos inconfidentes no Tijuco,—Tiradentes, dr. Vieira Couto, padre Oliveira Rollim, etc.

Lembrando os bandos, ordens, avisos e portarias, em summa o *Livro da Capa Verde*, com que a metropole coarctava a liberdade da extracção dos diamantes, revolta-se o dr. contra «o despotismo e tyrannia...», que pesavam sobre os povos deste districto; pinta-nos a côrte portugueza tendo os olhos avidos para o *descoberto* diamantino, como para um novo manancial de riqueza, que ia alimentar seu luxo e desregramento, pouco lhe importando a condição do povo que o habitava; mostra-nos a prepotencia dos contractadores e intendentes, assignalando, ás vezes por meio de picantes anedoctas, o seu character.

Assim, para provar que o Camara, com um rasgo de penna, punha termo ás questões mais complicadas de jurisprudencia, refere o despacho por elle lavrado na replica de certo petionario, que lhe allegara uma lei como fundamento de sua petição antes indeferida: «Tenho deferido; e advirto ao supplicante que, si tornar a apontar-me leis, hei de apontar-lhe legoas».

Para mostrar o emperramento e obstinação do intendente Meirelles Freire, por alcunha o *Cabeça de ferro*, conta que, «tendo elle ordenado o despejo de certo individuo, suspeito de contrabandista, na minuta, que entregou ao escrivão para passar o mandado, por engano escreveu o nome de uma outra pessoa», e havendo o escrivão «reclamado na occasião da execução, mostrando a equivocação, disse o intendente:—Execute-se o mandado, e lavre-se outro contra o criminoso».

Estas antigualhas, rejuvenecidas pela brilhante penna de Joaquim Felício, trazem á lembrança scenas da França revolucionaria, do regime do Terror.

Um detido, chamado Gamacho, foi conduzido ao Tribunal de Fouquier-Tinville, e alguém fez reparar que outro era o que devia ser apresentado. «Pouco importa, respondeu Fouquier; tanto vale um como o outro.»



Fouquier tinha ordenado que fosse apresentada perante seu tribunal a duquesa de Maillé; em vez della apresentaram-lhe a viuva Maillé.

Descoberto o erro no curso do interrogatorio, Fouquier lhe disse: «Era outra a que se devia julgar; mas é o mesmo: tanto faz hoje como amanhã».

A aproximação destes factos dispensa commentarios.

Ao narrar a caça «cruel, desapiadada, encarniçada», feita ao garimpeiro, que «não era um bandido, um réo de attentado criminoso contra o pudor, a vida, direitos e propriedade de seus concidadãos, mas sómente exercia a mineração clandestina do diamante...», exclama indignado o philanthropo mineiro: «Quanto ainda os campos diamantinos alvejam com os ossos de nossos infelizes patricios, testemunhando a barbara tyrannia, que sobre nós pesou outr'ora!»

«O leitor julgará estar lendo uma pagina da historia da Turquia», diz elle ainda ao citar o bando de 22 de Maio de 1745, pelo qual, a datar do dia de S. João desse anno em diante, nenhuma pessoa branca poderia haver no districto diamantino sem especial licença por escripto do dr. desembargador intendente, incorrendo nas penas impostas aos traficantes os que, passados oito dias do prescripto, se achassem sem a dita licença, que duraria por um anno... Não eram incluídas neste numero apenas as pessoas que já se achavam estabelecidas com suas familias e roças proprias, ou residiam ha annos no Tijuco ou outro arraial das terras demarcadas...

Quando faz vêr «morto no tronco da cadeia no fim de quatro mezes de prisão, sem se ter terminado o seu processo, um ourives septuagenario, conduzido desde Paracatú até Tijuco, por se ter achado ou se dizer que se tinha achado um diamante insignificante no ouro em pó com que pagara ao exactor do fisco», acrescenta uma observação que revela a dôr que lhe punge a alma: «A miseria lançara na prostituição uma de suas filhas ou netas...»

Dissecando nos processos que compulsara, os desvarios da prepotencia, corre-lhe da penna a censura que fulmina a *nova* jurisprudencia, segundo a qual o accusado «devia provar a negativa!»

Crete, Joaquim Felicio vê «no medonho terremoto que em 1775 confundia em Lisbôa as cinzas dos magnificos palacios dos grandes, construidos e enriquecidos á custa do suor e sangue das colonias, com as cinzas de miseraveis casebres,» um castigo infligido por Deus «aos peccados, ás vexações, ao jugo de ferro da metropole, devorada de ambição insaciavel!».

Citando datas, Joaquim Felicio reivindica para o nosso patricio Camara a gloria de ter sido o primeiro fundidor de ferro no Brasil, no morro de Gaspar Soares, contra as pretensões de Varnhagem, que com ella quer aureolar o nome do official Varnhagem, seu pae, pela direcção que dera aos trabalhos da fabrica do Ipanema. (Pag. 303 das *Memorias*).

A. M. L.—6



De molde vem lembrar que o sr. Orville Derby, tratando dos minérios de ferro do Brasil, na *Nota preparada a convite da Comissão de Organização do XI Congresso Geologico Internacional para a sessão de 1910 em Stockolmo*, diz que «uma ou duas pequenas forjas foram installadas e começaram a produzir o metal approximadamente em 1600, continuando em actividade até 1629 mais ou menos», no local que «tomou posteriormente o nome de Ipanema».

Certo parece que o Camara fundiu antes de Varnhagem, como demonstra Joaquim Felicio, mas outrem houve que na fundição do precioso metal precedeu no Brasil a Camara, ainda que por systema menos perfeito, processos primitivos.

Discordando do Varnhagem na apreciação dos meritos do Conde de Valladares, Joaquim Felicio refere factos que desabonam o proceder do governador da capitania em relação ao rico contratador desembargador João Fernandes de Oliveira.

Frívolo, interesseiro e fingido, eis aqui o menos que se pôde concluir de desfavoravel ao character do conde, a juizo do autor das *Memorias*.

No mesmo escripto, Joaquim Felicio verbera como «odiosa, repugnante e contraria ao espirito evangelico a exclusão de negros e mulatos da Ordem do Carmo em Diamantina», assim como aponta á execração publica o procedimento dos «grandes e nobres, que não se dedignavam de render homenagem á *Xica da Silva*, amante do citado contratador, simplesmente porque elle era millionario...»

Uma phrase que da p. 334 das *Memorias* para aqui traslado, resume seus sentimentos a respeito do escravo no Brasil: «Respeitavam a propriedade dos brancos, que lhes haviam roubado—a expressão é apropriada e não a retiramos,—o maior dos bens, a liberdade».

Joaquim Felicio descreve no seu «Districto Diamantino» até «o luxo, costumes do tempo, politica ou civilidade, bailes e educação moral» dos habitantes do Tijuco, de modo que dizer se pôde ser sua obra precioso escriptorio de informações, que muito auxiliam o observador de hoje no estudo da alma diamantinense.

Pena é que o dr. Joaquim Felicio não tenha podido dar á estampa «as preciosas noticias que lhe forneceu o seu particular amigo Theophilo Ottoni sobre a parte que o Tijuco tomou na *inconfidencia* de Minas».

## IV

Na folha diamantinense já citada, que, no correr de onze annos, de 1861 a 1872, trouxe constantemente artigos de Joaquim Felicio, appareceram as—*Paginas da historia do Brasil escripta no anno 2000*.

Libello tremendo contra a monarchia, Pedro 2.<sup>o</sup> e sua familia, os partidos que no segundo reinado se revezavam no poder e os seus homens, é tambem um idyllio democratico, onde o autor borda episodios altamente romanticos.



Escriptos em estylo vibrante, nervoso, ironico, as *Paginas* revelam não raro a clarividencia do espirito que as dictou, e sempre o animo combatente do escriptor.

Na batalha renhida que fere contra a monarchia, Joaquim Felicio analisa erros, tirando proveito delles em favor do seu ideal; discute questões juridicas; fustiga a duplicidade e hypocrisia de alguns politicos; historia o ensino nos seus differentes graus, apontando seus defeitos e cotejando-o com os de outros paizes; combate em pró da libertação, dardejando raios de indignação contra as cruezas dos senhores e a dureza de certos alvarás; faz, enfim, accusações severas, bem fundadas algumas, outras, porém, não terão, ao que parece, a sanção serena e imparcial da historia.

Nas *Paginas* Pedro 2.<sup>o</sup> não passa dum «rei de comedia, futil, constantemente dado aos prazeres da cõrte, sem o menor sentimento de gratidão aos homens e aos partidos, machiavelico em politica».

Si o monarcha dá liberdade a escravos, uma ligeira nota do mordomo apparece á margem da pagina em que Joaquim Felicio registra o acto imperial:—são homens inuteis ou inutilizadas aquelles a quem é concedida a alforria...

Feliz não seria, além tumulo, a sorte do monarcha brasileiro.

Joaquim Felicio, entretanto, era de um coração aberto a todas as manifestações da bondade, como o proclamam quantos o conheceram de perto.

Fascinado pela perfeição do seu ideal, o historiador das *Paginas*, que, não se esqueça, é ao mesmo tempo imaginoso romancista, examina com seu prisma de intransigente republicano as pessôas e coisas monarchicas, vasando, naturalmente, nas phrases as angustias que lhe torturam a alma, profundamente convencida de que aos males deplorados só o implemento dos seus anhelos trará efficaz remedio.

A proposito vem lembrar que a folha em que Joaquim Felicio publicava suas *Paginas*, trazia bem patente a profissão de sua fé politica.

Esta era a seguinte formal declaração:—«O *Jequitinhonha* professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando as reformas constitucionaes radicaes no sentido da democracia pura».

Mais. No anno de 1871, n. 62 do supramencionado periodico, a «redacção resolveu adherir explicitamente ao programma do *Club republicano* recentemente creado no Rio de Janeiro», declarando-se o «*Jequitinhonha* organo do partido republicano mineiro».

Eram então redactores da folha Joaquim e Antonio Felicio.

Republicano sincero, erudito e espirituoso, o autor das *Paginas*, na sua aversão «aos homens sem character, sem crenças, sem fé, venaes protheus na politica, que hoje pensam d'uma fórma, amanhã de outra, ora são conservadores, ora liberaes, ora com o governo, ora com a opposição, conforme os interesses e conveniencias particulares, si visam algum titulo, algum emprego, alguma sinecura, algum accesso, alguma vanta-

gem pecuniaria», emprega habilmente contra a monarchia as armas contra ella manejadas por alguns dos seus servidores.

Salles Torres Homem, Ferreira Vianna, José de Alencar e muitos outros lhe offerecem, em pró da these que defende e contra o inimigo que infatigavelmente combate, os melhores argumentos nas phrases, que, cortando impiedosamente, distillam veneno.

Deviam causar impressão, não ha duvidar, os artigos em que Joaquim Felicio apontava ao serviço do monarcha, como leaes amigos, homens que contra elle haviam escripto acerbissimas censuras pouco tempo antes.

«O polvo» de José de Alencar, o «eu falsifiquei... açulei todas as ambições e desprezei todos os homens» da *Conferencia dos Divinos*, a «vergonha da estirpe sinistra, o *corrumpere et corrumpi*», a virulencia, enfim, do *Libello do povo*, apparecem nas *Paginas* do anno 2000 como prova do que valiam em sinceridade os *cortezãos* do imperador brasileiro.

Dir-se-ia que Felicio buscava, nos escriptos desses homens, uma atenuante á attitudo de franco atirador contra o monarcha, cujo patriotismo sua rectidão não podia deixar de reconhecer.

A constante e aberta opposição mantida por elle ao regime que não amava, ao mesmo tempo que attesta a firmeza do seu character, rara feição de nobreza, prova tambem que não era pequena a tolerancia do segundo imperio a todas as opiniões adversas, ainda ás de feitio mais radical.

As paginas de indignação, com que fulmina alguns castigos permitidos contra os escravos, são prova da bella elevação moral de sua alma bem formada na escola do Evangelho, mas duvida não padece que a responsabilidade do mal não pôde ser attribuida a certa fórmula de governo como tal.

Mais iniqua foi na America do Norte a legislação, como refere La-boulaye.

Ao receber queixa contra um escravo, accusado de revolta, assassinio, ou ainda do furto d'um frango, qualquer juiz de paz tinha direito de prendel-o, e apresental-o para ser julgado por um jury composto d'alguns proprietarios da vizinhança.

Bastava a simples maioria de votos para ser pronunciada a pena de morte.

O mesmo tribunal, composto, reflecte La boulaye, de inimigos naturaes do escravo, é que, no caso de ser elle punido com a pena capital, determinava o genero de supplicio e fazia proceder logo á execução.

Havia pena de morte contra o escravo que procurava deixar a zona em que devia residir, e a mesma pena contra o seu companheiro de sorte que o assistisse na execução do plano.

O senhor era obrigado, sob pena de multa de dez libras esterlinas, a marcar com um R na face direita o escravo que fugisse duas vezes. Si o misero fugisse tres vezes, cortada lhe devia ser uma orelha; si quatro, o desfaziam de homem, como diz o padre Vieira.

Si o senhor passase mais de vinte dias sem exercer tão cruel represão, perdia a propriedade do escravo, que ficava pertencendo a quem o denunciasse dentro de seis mezes...

Veja-se agora, de relance, a republica de Joaquim Felicio, cuja asombrosa capital estaria á margem do S. Francisco em Guaycuhy.

Ao lethargo vae succeder a vida, á noite espessa o mais claro dia...

Mas, como dar idéa, ainda que ligeira, da estranha maravilha em cuja creação Joaquim Felicio concentra todas as fulgurações do seu fecundo talento, todos os carinhos do seu ardente coração, todas as magnificencias de sua viva imaginação?

A republica de Joaquim Felicio seria a realização dum ideal que passa todos os encarecimentos, seminario exclusivo de peregrinas virtudes.

As fraudes, as violencias, a corrupção nas eleições seriam severamente punidas nos rarissimos casos que se dessem. Tanto assim, que nas *Paginas* se refere o facto duma eleição declarada nulla porque houve provas de compra de votos...

«Com o systema de ampla liberdade para as sociedades de qualquer especie, sem consulta nem auctorização do governo, nenhuma empresa seria mal succedida, nem abusos se dariam nas administrações...

As leis seriam executadas e não sophismadas, como nos tempos da monarchia».

Nos tribunaes, sem excepção de mais ou menos elevados, templos vedados a profanas parcialidades, augustos sacrarios de incorruptibilidade, só a consciencia pontificaria, prestando a mais inteira homenagem á lei...

Não haveria nessa republica quem quizesse arrematar o palacio de S. Christovam «por julgal-o contaminado»...

Nada de «impostos indirectos, disfarçados, como o das estampilhas; os impostos seriam francos...»

«O merito individual, só o merito, é que habilitaria para o exercicio de qualquer emprego ou profissão social».

«Todos os brasileiros saberiam ler e escrever», de modo que seria ociosa a pergunta a este respeito feita a um réo.

O governo não teria o monopolio do ensino, e nem de sua fiscalização lhe caberia o direito.

Entre «as cento e vinte seis academias fundadas por particularas» uma das mais afamadas seria a *Academia Vidigal* em Juiz de Fóra frequentada até por alumnos norte-americanos, europeus e de todas as partes do mundo».

Não era uma onda, era um oceano de luz...

Ao Brasil republicano caberia a gloria da iniciativa da mais bella e humanitaria instituição da civilização moderna,—a do *Congresso da paz perpetua*.

A republica cederia a ilha de Marajó para séde do Congresso.

Os Estados seriam tão perfeitamente autonomos, que melhor lhes assentaria o nome de republicas federadas,

Desapparecida e lembrada apenas como antigualha prehistorica a asphyxiante centralização, os municipios transbordariam de vida em todas as suas multiplas manifestações.

O majestoso S. Francisco, perfeitamente canalizado, offerceria o soberbo e delicioso espectaculo de edenicas perspectivas.

Ricas, bellas, populosas cidades surgiriam como, por encanto, por toda parte, e o mesmo *Yankee* teria motivo para pasmar ante o progresso do Brasil.

Guaicuhy, a formosa capital, teria uma população de dois milhões de habitantes.

Seus jornaes diarios seriam sem conta, e ao menos treze se publicariam com enorme tiragem de hora em hora.

Pela população de Guaicuhy se pode calcular a do Brasil : cento e quarenta e dois milhões, duzentos e trinta e cinco mil, novecentos e sessenta e quatro habitantes...

Pedro II, graças á acção dum *medium* poderoso, vê tudo isto no anno 2.000, e o contraste entre o que lhe é mostrado e o que de facto existe no seu imperio, o conturba e irrita...

Todos a respirarem novas auras que lhes refrigeram os pulmões, e só Pedro II, um mytho no anno 2.000, a não comprehender o que vê, a louvar o seu tempo passado e a malsinar o que de deslumbrante lhe faz ver no futuro o *medium*.

Tal em fugitivo escorço o painel phantasiado por Joaquim Felicio.

Desde 1711, L. S. Mercier, alcuinhado o «macaco de Jean Jacques», traçava no *Anno dois mil quatrocentos e quarenta* o programma duma religião e dum culto semelhantes ao dos Theophilanthropos e intitulava o seu capitulo XVII : *Pas si éloigné qu'on le pense*.

A republlca veiu mais depressa do que se esperava, e talvez antes do dia suspirado por Joaquim Felicio, mas a do autor das sensacionaes *Paginas*, attenta a perfeição com que elle a queria (trahit sua quemque voluptas), parece que nem no anno 2.000 terá chegado.

Joaquim Felicio teve o bom senso de deixar á liberdade dos seus leitores a escolha do seculo, em que se realizariam os portentos que o imperador viu.

«Parecendo, diz elle, inverosimeis no anno 2.000 factos, que, para se realizarem no futuro, dependeriam dum decurso de muitos seculos, visto os espiritos em seus caprichos transportarem o imperador, ora para o anno dois mil, ora para o tres on quatro mil, colloque-os o leitor no seculo em que os entender mais acceitaveis.»

A formula optimista que futuriza «o melhor no melhor dos mundos possiveis», tem o inconveniente de tornar em pouco esquecida a imperfeição das coisas humanas, e a phantasia, fecunda inspiradora de lendas e romances, não raro trae com seus encantos seductores o incauto escriptor.

Dahi, a phrase tão expressiva, tão adequada, de alguns republicanos de responsabilidade no tocante á propaganda do actual regime, ao re-

flectirem no *Omnia jam fient fieri quae posse negabam* : «Não é esta a republica dos meus sonhos...»

Provavelmente o mesmo diria Bellamy, si vida bastante lhe fosse dada para ver levada á realidade objectiva a sua «novella sobre a felicidade do Estado Collectivista no anno dois mil».

## V

Em 1866 foi publicada pela primeira vez a *Acayaca*, romance indigena, em que Joaquim Felicio descreve scenas da epoca da descoberta dos diamantes no Tijuco—1729.

Nessas paginas o laureado mineiro revela, como noutros escriptos seus, exuberancia de imaginação, primorosamente servida por uma rara facilidade em achar a phrase adequada; e, por entre quadros phantasticos, caprichosamente formados, vae fazendo apparecer dados historicos, descripções topographicas e noções linguisticas, além de outras apreciaveis particularidades.

São de saborear as paginas em que elle, satirizando a impostura de certos naturalistas, a fatuidade de suas architectadas reconstrucções, descreve os hypotheticos fosseis do *Tapynhangá* ou caverna do diabo.

Dá riso a narrativa da reconstrucção feita pelo *seu* naturalista do gigantesco *dimornis*, fissipide, de 90 palmos de altura e cem de comprimento, de unhas aduncas, capaz de erguer até ás nuvens um elefante dos nossos tempos.

E como alcançou o naturalista reconstruir o enorme fissipide?

Por umas pennas da cauda por elle encontradas, «cada uma das quae<sup>s</sup> tinha vinte e dois palmos de comprimento».

Mas as pennas eram «de araras, de que os indios faziam seus cocares», diz em nota Joaquim Felicio, e com ellas é reconstruido o fabuloso *dimornis*!

Com quanto donaire apresenta a curiosidade do leitor o *dasyopus gigans*, tatú do tamanho dum grande elefante, que o presunçoso naturalista chegou a reconstruir, por ter achado um fragmanto da enorme concha do animal.

E a adorada concha não era, mais nem menos, do que fragmanto d'uma cabeça!

E o *homo diluvii testis*?

«O esqueleto tem cento e oitenta pés de altura; a tibia, quarenta; o cranio, setenta e cinco de circumferencia. Eu (o Zschokkeffs) e o meu amigo J. Kupferschiefer entramos ambos em uma das cavidades dos olhos; passamos pelo cranio e saímos pela bocca. Ao sahir, Kupferschiefer tropeçou em um dos dentes incisivos, e deu uma queda, que lhe ia sendo fatal.

O *homo diluvii testis* era de genio irascivel, indolente, falto de fé em suas transacções, turbulento, ambicioso, soberbo, sem amor, sem caridade sem sentimentos religiosos, sem estimulos de honra e de virtude, um selvagem, quasi um animal bravo.

Devia ter cabellos negros, nariz aquilino, labios grossos, cutis morena».

Note-se agora a penetrante ironia com que Joaquim Felicio encerra a descripção, pondo na bocca do naturalista a seguinte phrase : «Todos estes predicados colligi possuir o *homo diluvii testis*—por ter notado uma curvatura quasi imperceptivel na ultima phalange do dedo minimo do pé esquerdo.

Oh! grandeza da sciencia!»

Até na escolha da nacionalidade para o *seu* naturalista reponta o estylete do critico.

O naturalista é allemão, e o esqueleto do tal *homo* que na realidade o era dum indio, possuía estomago capaz de digerir pedra e ferro...

Para corroborar suas criteriosas reflexões ironicas, o romancista vae semeando profusamente aqui e ali, já no texto, já em notas, dados adquiridos pela sciencia, mostrando-se versado no assumpto que ora tem entre mãos.

O incendio da *Acayaca*, o discurso do *Pagé* (para só indicar algumas paginas do primoroso romance) são padrões eloquentes da infatigavel fecundidade imaginativa do escriptor, que cantava em prosa desembaraçada e attractiva a fundação da Diamantina «que se desvanece, como a donzella enamorada, do ricô collar, que lhe cinge o collo».

## VI

Entre os muitos escriptos no genero romantico que publicou no «Jequitinhonha» o dr. Joaquim Felicio, digno é de menção o que traz por titulo—*Os Invisiveis*.

Recreativos e instructivos, os romances de Joaquim Felicio não peccam pela nota sensual, enervante, effeminada, que desviriliza os caracteres e corrompe os costumes.

Num predomina a historia, noutro algum principio philosophico; este tem por alvo pôr em relevo as consequencias das más paixões; aquelle, censurar os costumes e vicios da sociedade.

Nenhum complemento aéreo ou ficticio; nenhum lascivo ou obsceno.

Nas obras de Joaquim Felicio está impresso o cunho de sua vida,

A palavra de Buffon novamente se verifica : *le style est l'homme même*.

Mas, enfim, reatando o fio do que ia dizendo, algumas llnhas consagrei á obra—*Os Invisiveis*, que precede bem longos annos aos *Impalpaveis* de Joaquim Alves Torres.

E' a historia dum homem, que padecia monomania visionaria de espiritos perseguidores.

Um martyrio a vida do pobre homem, victima das diabruras dos espiritos, que, de dia e de noite, o atormentavam com escarneos, gargalha-

das, contradicções de toda sorte, e levaram a maldade ao ponto de transportal-o, a cavallo em galope vertiginoso, por sobre as mais altas arvores e atravez do oceano, até á ponta dum rochedo no Hymalaia, onde o deixaram atirado.

Nessa viagem, durante a qual lhe «parecia ser conduzido por um animal fabuloso, ou levado pelo sopro do furacão, poude conhecer a cordilheira dos Andes; passou por cima do Pechincha, e sentiu um vento abrasador e sulfureo açoitar-lhe o rosto; ouviu o gemido do Grande Oceano, sobre o qual o cavallo galopava como sobre uma immensa planicie; viu sossobrar um vaso de guerra inglez por ter o cavallo firmado os pés nelle com muita força; conheceu o Celeste Imperio, cujas muralhas o animal saltou; da ponta mais elevada do monte Jawahir viu a Siberia com suas vastas planicies torradas pelo frio, o Japão assentado em suas ilhas cortadas pelo Oceano, a China coberta de cidades populosas, as Indias fendidas pelo mar, e ao occidente avistou os tartaros, persas, arabes e turcos.

De repente viu surgir de um socavado do flanco da montanha figura medonha, hedionda.

Era uma figura de mulher com proporções gigantescas, de côr negra, com os cabellos cahidos até os pés, no pescoço um largo collar de cranios, nas orelhas cadaveres á guisa de brincos, nos pulsos braceletes de mãos humanas.

A mulher, que empunhava uma espada nua, arrancou-o da ponta do rochedo em que se agarrara, com a mão direita o suspendeu sobre o abysmo, e o deixou cahir...

Elle cahia, cahia sempre, vendo em baixo as pontas agudas dos rochedos, que em breve lhe iam fracturar os ossos, rasgar suas carnes, reduzir-o a migalhas...

Esperando a morte, fechou os olhos...

Quando os abriu, estava deitado na sua cama, e o creado lhe affirmou que d'ali não sahira...

Graças a um medico naturalista, que chegou ao Serro, logar em que Joaquim Filicio colloca a residencia do monomaniaco, realizou-se a cura do inditoso paciente, cuja viagem maravilhosa se fizera inteirinha num terrivel pesadelo que sobreviera ao visionario, doentamente impressionavel desde o dia em que assistira á execução capital d'um facinora, terror dos pacificos habitantes daquella zona.

Não menos interessante é o seu escripto—*Scenas da vida d'um garimpeiro*— publicados em artigos no mesmo periodico, e pena é que a collecção não seja completa.

São figuras principaes nas *Scenas*: o intendente J. Dantas de Mendonça, o fiscal dr. Barroso, Thomaz, commandante das tropas dos dragões, o garimpeiro João Costa, David Jonas Bonnathan, judeu, que se dizia convertido, Claudio, fiel companheiro de J. Costa, mestre Chico (o barbeiro), Tinoco,—ferreiro, Giles,—enfatuado lord, e o seu creado John Patrick,

Com admiravel pericia Joaquim Felicio burila nas *Scenas* os retratos das differentes personagens que nellas entram, e o leitor, embevecido nos quadros que tão ao vivo lhe são desenhados, não sabe o que mais admirar: si o primoroso das imagens, o delicado dos ornatos, ou a habilidade com que o escriptor descreve os enredos daquellas éras no districto diamantino, onde uns são embrulhados pelas alicantinas e cavillações dos outros, e todos são, quem mais quem menos, contrabandistas, que embrulham tambem a metropole.

Samuel, o judeu, é o typo perfeito da astucia, avareza, apostasia, duplicidade, covardia e hypocrisia. Simulava-se bobo e dorminhoco na casa do intendente, para mais a seu seguro lhe sorprendender os planos contra João Costa, o garimpeiro, a quem revelava tudo na calada da noite, e cujos diamantes comprava a preços reduzidos para altissimos lucros na Hollanda.

Gilles passou muito tempo como lord riquissimo, que da Inglaterra viera para estudos mineralogicos no districto diamantino, e era tratado pelo intendente com a consideração devida a tão alto senhor, que, subdito de sua Majestade Britanica, apresentara documentos que o collocavam acima de toda suspeição.

Com a excentricidade ingleza, costumava impôr sua vontade ao intendente em nome do rei Jorge III... e, quando o intendente não se decidia a satisfazer de prompto ás exigencias do imperioso lord, hasteava este a bandeira ingleza, e no mesmo ponto cedia o intendente...

Ora, esse lord era o mesmo João Costa (disfarçado), famoso garimpeiro, cuja captura estava encomendada ao commandante das tropas, o capitão Thomaz, que pelas artimanhas do embusteiro Samuel via frustradas todas as diligencias que fazia...

Mestre Chico e Tinoco, que frequentemente appareciam na casa do intendente para serviço de suas respectivas profissões, um como barbeiro e outro como ferreiro, iam espalhando pelas ruas quantos segredos sorprehendiam ou promettiam guardar.

Quando o fiscal, que sempre andara desconfiado a respeito do Samuel e do Gilles, tratou de fazer as contas com este, e, exprobrando-lhe a falsidade dos papeis com que se iuculcava lord e pretendia ter a protecção do governo portuguez, pensava levar consigo a mais abundante partida de diamantes, viu-se de chofre diante de João Costa, em quem se transformara o lord, apenas despira o disfarce...

Ainda ahí, como nas outras valiosas contribuições com que Joaquim Felicio opulentou a litteratura patria, ouve-se o palpitar d'um coração ansioso de liberdade.

Quando o onzeneiro judeu, no secreto subterraneo, phantasiado pelo mimoso engenho de Joaquim Felicio, descobre a João Costa, o imminente despejo de muitas familias para fóra do districto diamantino, e o temerario chefe de garimpeiros se decide a actos de arrojo em favor dos ameaçados, as phrases que Felicio lhe põe nos labios são um hymno

cantado á liberdade, uma série de apostrophes á calculada covardia do judeu.

Para João Costa, antes a morte que a vida opprimida pelas restricções ou prohibições impostas ao exercicio da mineração.

Para elle, em liberdade, os perigos tinham encantos, suaves eram as cristas das mais aprumadas serranias, risonhos os mais inhospitos sertões...

Sem liberdade, calabouços os dourados palacios, solidões as mais festivas cidades, rigorosos jejuns os mais fartos jantares...

Satira bem feita á legislação processual, ou ás suas lacunas, é o *Braz*, obra tambem dada á estampa por Joaquim Felicio no «Jequitinhonha».

*Braz* era um homem pobre, mas de bem, que vivia honestamente do seu officio.

Feliz a sua união com Luiza, que, como elle dizia, amenizava o caminho da sua vida, ao mesmo tempo que o alastrava de flores Margarida, sua filha.

Um moço, rico e devasso, de nome Rogerio, filho d'um commendador, após muitas diligencias infructiferas, conseguiu deshonnar e abandonar na miseria a formosa filha de *Braz*.

Abandonada, e sem meios de vida, fez-se rameira...

*Braz*, ao saber na prisão, onde jazia, a desventura de sua idolatrada filha, enlouqueceu...

Absolvido, depois de ter soffrido dezanove mezes de prisão preventiva, vae á casa de Cecilia, a qual, «com perfidas e artificiosas insinuações», havia estimulado a Margarida para o mal, e toma vingança.

Dez ou doze dias depois de se ter achado Cecilia morta no pateo de sua casa, encontraram no campo o cadaver de *Braz*, em estado de putrefacção.

Margarida, a victima do crapuloso e libertino Rogerio, morreu coberta de asquerosas chagas, provenientes de enfermidades adquiridas durante a prostituição, mas reconciliada com Deus.

O Vigario da parochia refere toda a historia a um juriscousulto, e lhe apresenta copia do processo de *Braz*, dizendo: Será possivel que factos desta ordem se pratiquem sem violação da lei?

O doutor, depois de ter lido attentamente o processo, respondeu: —Tudo se fez de conformidade com a lei.

Defensor dos foros liberaes, adversario irreductivel da legislação diamantina, Joaquim Felicio não perde sação em que possa chasquear dos intendentes, fiscaes, ouvidores, etc.

Por isso, e como para divertir as attenções de assumpto mais arduo, escrevia no «Jequitinhonha» episodios, que são verdadeiros mimos litterarios, e bastariam para lhe enflorar o nome, si obras de maior vulto não houvera produzido.

Tal me parece ser o — *Fragmento d'um manuscripto*—.

E' a phantasiada historia d'um ouvidor da villa do Principe, poço sem fundo de sciencia, já se sabe.

O ouvidor comia por dez pessôas, e comtudo andava a queixar-se de extrema debilidade... Para combatel-a, necessario lhe era tomar á meia-noite, uma parvasinha, que se compunha d'uma garrafa de vinho generoso e alguns assados.

Não despachava papeis, nem recebia visitas depois do jantar, pois a este seguiam-se duas horas de profundo somno. Aliás, elle não dormia muito :— apenas treze horas e meia bem cheias entre dia e noite.

Algumas vezes lhe desapareceu o vinho que Jorge, seu fiel criado, lhe deixava com os assados na mesa junto da cama, para reconfortar o debil estomago á meia-noite.

Suspeitou o ouvidor que Jorge era o autor do furto, e ameaçou-o de expulsão.

Final Jorge descobriu que o ladrão era o mesmo ouvidor, o qual, sendo somnambulo, antes da meia-noite se levantava dormindo e esgotava a garrafa, e, quando á hora infallivel se erguia somnolento para a merenda, dava com a garrafa vazia.

No mesmo jornal, quando Joaquim Felicio era o unico redactor, appareceu o *John Bull*, comedia em um acto, critica ferina aos inglezes beberrões e oppressores das nações fracas.

Muitas outras producções litterarias de Joaquim Felicio, v. gr. o *Inferno*, satira a serviço de suas idéas, illustraram as columnas do «Jequitinhonha», um dos jornaes mais bem redigidos que tem existido em Minas.

Basta conhecer os nomes de alguns dos seus redactores e collabores no espaço de quasi seis annos, para se formar idéa justa do valor do periodico. Eil-os : drs. Joaquim Felicio e Antonio Felicio, J. C. Stockler de Lima, Carlos Ottoni, Ernesto P. de Mares Guia, J. Salomé Queiroga, A. G. Chaves Junior e Ignacio A. Fernando.

Todavia o jornal desapareceu; não poudo continuar a deliciar seus leitores com os bellos trabalhos devidos a engenhos tão privilegiados por falta de recursos pecuniarios, segundo declarou o empresario, Comendador Herculano Carlos de Magalhães Castro (o Culla).

O prelo (de madeira) foi offerecido ao dr. Carlos Ottoni em lembrança de Theophilo Ottoni, que nelle publicara a folha — *Sentinella do Serro*.

Joaquim Felicio escrevia com invejavel naturalidade, o que muito devia contribuir para tornar apreciavel a folha em que publicava seus artigos.

Para prova consulte-se o n. 81 do «Jequitinhonha», anno X, leia-se artigo:—De como se prova que o Costa é um homem de bom senso, e outras cousas mais.

Ahi diz elle, e com verdade, que os artigos que mais custam ao jornalista, são ás vezes os menos apreciados, e os que menos custam, os mais lidos, os *sublimes, magnificos, inxcediveis*.

O *Garimpeiro*, em o n. 1.º, do anno 1.º, de 1.º de setembro de 1921, noticiou nos seguintes termos a proxima publicação duma comedia escripta pelo dr. Joaquim Felicio: Brevemente a publicação dos—*Importunos*, comedia inedita do nosso inolvidavel conterraneo dr. Felicio dos Santos.

Entre as moças que trabalhavam na Fabrica de tecidos no Biribiry, chegou-se a ensaiar a comedia, que não foi levada á scena por motivo,, que não pude ao certo conhecer.

Eram figuras principaes na comedia pessoas que com o autor tinham razões de sangue ou relações de amizade.

Sempre chistoso, Joaquim Felicio debicava nos—*Importunos* as pessoas que lhe perturbavam o sossego para suas locubrações litterarias...

## VII

Propugnador de idéas liberaes, Joaquim Felicio foi eleito deputado geral pelo sexto districto de Minas em 1864, sendo seus companheiros o dr. José Joaquim Ferreira Rabello e o advogado Antonio Joaquim Cesar.

Militando nas fileiras do partido liberal, pertencia o illustrado escriptor ao grupo que nesse partido propendia para a republica, segundo affirma o finado senador Christiano Ottoni.

Coherente com suas idéas, iniciou na Camara um projecto, que não foi julgado objecto de deliberação.

Queria elle tornar temporario o mandato de senador e dependente exclusivamente do voto popular.

Voltando á vida privada, «por não poder supportar a atmospherá viciada da politicagem», segundo o dr. Francisco Brant, Joaquim Felicio, que era considerado como do grupo limitado das summidades da sciencia do direito (1) no Brasil, se occupou dos «*Apontamentos para o projecto do Codigo Civil*», simplesmente por amor ao seu paiz, e não por incumbencia do Governo nem promessa de recompensa, consoante a observação do já citado senador Ottoni.

Nestes entrementes ia elle batalhando em prol da emancipação do elemento servil.

Com effeito, encontro seu nome entre os de outros cidadãos, que, compondo a Commissão Municipal, assignaram os Estatutos da «*Sociedade Patrocinio de Nossa Senhora das Mercês*», instituida em Diamantina a 3 de Julho de 1870, «para auxiliar a emancipação do elemento servil.»

Era presidente perpetuo da Sociedade o saudoso d. João Antonio dos Santos.

Mais tarde, em 1883, apresentou-se candidato á senatoria o illustre republicano.

Succinta a sua circular:

Illmo. Sr.

«Apresentando-me candidato a uma cadeira vaga no Senado por morte do Visconde de Jaguary, peço a valiosa protecção de V. S.<sup>a</sup> e de seus amigos.

(1) Dr. J. P. Xavier da Veiga—Ephemerides Mineiras.

Só tenho de dizer que, si obtiver assento no Senado, procurarei cumprir os deveres de representante da Nação.

De. V. S.<sup>a</sup>

Patricio e Am.<sup>o</sup> Ob.<sup>o</sup>

Joaquim Felicio dos Santos.

Diamantina, 30 de Agosto de 83.»

Joaquim Felicio, que, brandindo o sarcasmo, desfechava, como jornalista, golpes continuos contra as instituições monarchicas, foi proclamado pela Commissão permanente do partido republicano como um dos candidatos de Minas ao Senado, na eleição que se devia realizar a 27 de Maio de 1889.

Justo é fiquem aqui archivadas as phrases a elle referentes na Proclamação:

«Joaquim Felicio é o symbolo da inflexibilidade politica, da sinceridade e honestidade publica, abandonando o partido liberal quando deputado no parlamento, no momento em que se persuadia (ha 20 annos) ser este programma uma palavra mentida ao mesmo partido, e retirava-se á vida privada para se fazer o maior jurisconsulto brasileiro, e um illustre entre os republicanos illustres.»

Nessa eleição, a ultima senatorial no Imperio, Joaquim Felicio entrou, diz Affoneo Celso, (1) «com enorme votação na lista triplíce apresentada á escolha imperial», votação, que, segundo o dr. Brant, lhe deu o primeiro logar na lista.

Em verdade, na chapa republicana Joaquim Felicio alcançou o primeiro logar com 5.610 votos, pois o dr. João N. Penido teve 5.125 e o dr. Francisco H. Ferreira Brandão 5.011, e na chapa monarchista o mesmo republicano apparece em segundo logar com o numero de votos supra-citado, logo abaixo do dr. Luiz Eugenio Horta, que está no primeiro logar com 5.686 votos.

Refere o finado Christiano Ottoni ter o dr. Joaquim Felicio «declarado pelos jornaes nessa occasião que, embora o imperante o escolhesse, não tomaria assento, porque suas opiniões não lh'o permittiam, facto unico nos Annaes do Senado.»

Proclamada a republica, injustiça seria não aproveitar, na organização das incipientes instituições, os raros dotes intellectuaes e moraes padaquelle, que tão grandes serviços prestara ao novo regime, ainda nos dias da vigencia da monarchia.

Os governo provisorio o incumbiu com mais dois companheiros da lei que devia regular as eleições.

Felicio teve, porém, o dissabor de ver o projecto falseado nos seus pontos capitaes, observa o dr. Brant.

(1) Oito Annos de Parlamento, p. 269.

Joaquim Felicio foi eleito senador federal na eleição de 15 de setembro de 1890.

Foi outrosim Joaquim Felicio distinguido pelo governo de Minas com o convite para trabalhar no projecto da Constituição, pelo qual se devia reger o grande Estado, a que pelo nascimento e pelo entranhado amor per-tencia o emerito jurista.

Mas Joaquim Felicio não poude acceitar o convite.

## VIII

Toquei de passagem nos *Apontamentos para o Codigo Civil*.

Tendo sido elles apresentados ao Conselho de Estado, foi o autor encarregado de formular um projecto, sendo nessa occasião (1881) nomeado membro da commissão composta dos notaveis jurisconsultos: Lafayette Pereira, Antonio Joaquim Ribas, Antonio R. Coelho, Antonio Ferreira Vianna e Francisco J. Gonçalves de Andrade.

Em 1882 appareceu o *Projecto do Codigo Civil*, precedido dos actos officiaes relativos ao assumpto, e seguido de um additamento, contendo *Apontamentos do Codigo Civil*, organizados pelo Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo.

Mais tarde sahiu publicado em cinco volumes o *Commentario* ao seu Projecto (1884 a 1887), onde Joaquim Felicio analysa, discute e justifica suas doutrinas (Blake).

E' o *Codigo*, segundo o já citado dr. Theodomiro, «um monumento de estudo, inspiração e saber, estatua viva do direito arrancada do cahos da nossa legislação.» Autoridades no assumpto o reputam vasto e valiosissimo repositorio de doutrinas juridicas applicaveis á sociedade brasileira, observa nas Ephemerides Mineiras J. P. Xavier da Veiga.

Com effeito, homens de reputação firmada na sciencia do direito, como o dr. Brasilio Machado, citam, nos seus escriptos, artigos do *Projecto do Codigo Civil* do dr. Joaquim Felicio, como autoridade incontestavel.

O certo é que o *Codigo* era a pupilla dos olhos do dr. Joaquim Felicio.

«Tudo quanto andei escrevendo nos jornaes, disse elle ao sr. coronel Guerrinha, é passatempo meu.

A obra que já escrevi com esforço de espirito, em que gastei parte da minha existencia, é o *Codigo Civil*...»

Ao ponto final sobre este assumpto permittido me seja antepôr precioso parecer de notabilissimo jurisconsulto brasileiro.

Em carta de 28 de Janeiro de 1911, o eminente Visconde de Ouro Preto, a quem eu solicitara opinião a respeito da capacidade juridica do dr. Joaquim Felicio, assim se exprime:

«Em obras de imaginação, trabalhos historicos, estudos de direito, revelou elle complexo, brilhante e fecundo talento.

Nos ultimos escriptos—*Apontamentos para o Codigo Brasileiro*, *Projecto do Codigo Civil Brasileiro* e *Commentario do mesmo Projecto de*

monstrou, quando menos, uma operosidade, conhecimento da legislação positiva, espirito de systematização, faculdade de assimilação, exposição e critica realmente notaveis.

Nem sempre as suas doutrinas, e o modo como as consolidou em artigos de lei, são accitaveis sem restricções.

Julgo-o, porém, sob diversos pontos de vista, um mineiro eminente, respeitabilissimo brasileiro, cuja memoria deve merecer sempre tributos de veneração.

Falleceu o dr. Joaquim Felicio dos Santos em sua vivenda na Fabrica do Biribiry a 21 de outubro de 1895, ás dez horas da manhã, tendo mais ou menos 71 annos de idade.

Junto á capella do Biribiry, ao lado direito della, no jardim, jazem suas cinzas em rasa sepultura.

Por uma carta do Exmo. Sr. D. João Antonio dos Santos, datada de 23 de outubro de 1895, escripta em resposta ao Commendador José Ferreira de Andrade Brant, se vê que a cidade de Diamantina desejava e reclamava o corpo do illustre morto para lhe prestar a homenagem a que tinha direito. Resolvido fôra, porém, pela familia o sepultamento no Biribiry, e já não convinha revogar a resolução, como declara na supradicta carta o Sr. D. João, agradecendo ao Commendador Brant as atenções.

A 29 de outubro do mesmo anno houve, entretanto, na cathedral, officio funebre e exequias pelo benemerito brasileiro, e a esses actos assistiram representantes de todas ás classes sociaes.

Terminados os actos religiosos, o dr. Alvaro da Matta Machado pronunciou eloquente discurso, enaltecendo as bellas virtudes do illustrado jurisconsulto e homem de lettras.

## IX

O dr. Joaquim Felicio era homem despretensioso, que parecia ignorar o que valia por sua sciencia.

Cerebração poderosa, era um estudioso infatigavel, e apto para as assimilações mais variadas.

Reconcentrado, era timido para falar em publico, de modo que não proferia discursos e nem siquer fazia simples saudações em occasiões de jantares.

Quanto ao lar, em duas palavras epilogar-se pode o que foi Joaquim Felicio:—dedicado esposo, perfeito pae de familia.

Filho de piedosos progenitores, foi no collegio assiduo seguidor dos exercicios religiosos, mas não conseguiu escapar á influencia mesologica da Academia; e a carencia de fervor pratico no correr da vida, embora sincero crente em theoria, como ver se pode em suas obras, mais notavel se fazia pelo contraste do ambiente em que vivia, impregnado dos perfumes das virtudes christãs praticadas na familia, e até em grau eminente por alguns dos seus consanguineos.

Transformou-se, porém, na ultima enfermidade.



Ainda uma vez se realizou em Joaquim Felício a sentença do grande escriptor catholico: «Pode o moço desviar-se (do ensino recebido dos labios maternos), mas descreverá uma curva reintrante, que o levará ao ponto donde partira».

De indole pacifica, calmo, reflectido, comprazendo-se na conversação entre pessoas do povo, manteve sempre austera independencia ante o throno imperial, como ante a curul presidencial.

Exemplifique-se com alguns factos o que ahi fica, começando-se pelas distracções do biographado.

Certa occasião, Joaquim Felício jantara no hotel «Londres» do Rio de Janeiro em companhia do seu genro coronel José Marques Nogueira Guerra, a quem devo esta e outras particularidades.

Terminada a refeição, o dr. dobra o guardanapo, mette-o na algibeira, e vae rua em fóra.

«Em plena rua do Ouvidor, escreve o coronel Guerrinha, elle sacou do bolso um panno branco, todo manchado de gordura e vinho, abriu-o no meio da multidão e me disse: «Veja que qualidade de lenço me deram em casa, para eu fazer agora papel tão triste!...» Eu vi logo o que era, e respondi: isso não é lenço, é o guardanapo do hotel que o Snr. poz na algibeira. Elle, todo envergonhado, me replicou: «E agora? que hei de fazer?!» «Devemos, respondi, voltar ao hotel e lá entregar o guardanapo, para não sermos tomados por larapios de utensilios de hotel.»

Voltámos. Ao acabar de subir a escada, já estavam dois caixeiros a rir-se gostosamente, quando um delles se dirigiu ao nosso encontro e foi recebendo o guardanapo, dizendo na maior hilaridade: «Eu vi quando o dr. o poz no bolso e achei graça na distracção». Por que não o advertiu do engano? perguntei. «Porque achei muito engraçado deixal-o ir com esse lenço», respondeu-me o caixeiro.

Foi o nosso dr. trocando as pernas pela escada abaixo, deixando a rapaziada em gargalhadas na sala de jantar.

Quando elle foi chamado pelo Governo Provisorio, logo após o advento da Republica, eu me aprestei a ir com elle, pondo á sua disposição a minha cavallada, que era de optimos animaes, continúa o sr. Guerrinha.

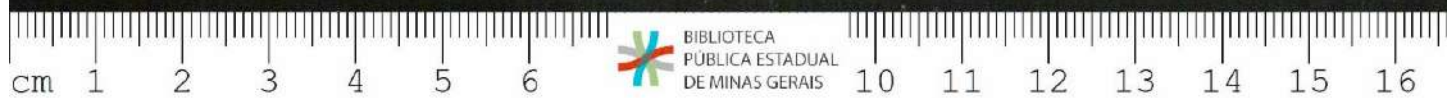
Acceitou o bom Joaquim Felício a companhia e a offerta, impondo só uma condição *sine qua non*: ir elle na *Cabrinha*, que era excellente de sella.

*Cabrinha* era uma besta velha e lerda, que, cerca de 16 annos atraz, lhe fóra dada de presente por seu intimo amigo capm. Honorio Pires de Oliveira, da Conceição.

Lá se foi elle viajando na «Cabrinha».

De Biribiry á Diamantina gastámos perto de quatro horas, tão lerda estava a bestinha pelo peso dos annos: era um carro na lama!

Da cidade a S. Gonçalo do Serro foi-se quasi o dia inteiro, em penoso *marcar passo*. Chegámos estrompados pela lentidão da viagem e



eu ainda mais, porque me via obrigado a chicotear a besta em todo o caminho.

De S. Gonçalo para o Serro tinhamos ainda a mesma distancia: era o meio do caminho entre as duas cidades.

Desde o primeiro dia de viagem esgotei todos os recursos para convencer o nosso doutor da necessidade de troca do animal, para nos suavizar tão grandes jornadas. Respondia-me sempre: «Não pense nisso; esta besta é excellente; si vae de vagar, é porque está perto dos pastos; Você ha de ver como ella vae melhorar quando desenganar».

Conhecendo eu a sua *philosophia*, cōbinei com os camaradas pôrem o sellim num dos meus burros, sem que elle soubesse. Feito assim, viajamos optimamente e chegámos ao Serro, em menos de cinco horas. No dia seguinte, prosando pelo caminho, fizemos magnifica viagem até Campinas, onde pernoitámos. Partimos depois para Conceição. Ao chegarmos ao *Portuguez*, distante d'aquella cidade 2 1/2 leguas, encontramos ahi alguns cavalleiros, que estavam á nossa espera. Apeámos, descansámos e, depois de uma prosa variada e desopilante, seguimos a marcha. Rompeu o doutor, acompanhado pelo Capm. Honorio, seu amigo, o qual esporeava o animal e custava, ainda assim, a conservar-se perto delle, a ponto de conversa.

Disse então o sr. Honorio: «Doutor, o Snr. encontrou um animal excellente; sem que o senhor lhe dê uma chicotada, anda tanto que não consigo estar perto». Responde o nosso dr. Felicio: «E o Guerra queria me impingir um dos delle, dizendo que esta besta não prestava; V. não a conhece?» Não, disse o Honorio. «Repare bem», replica o doutor. «Não conheço, não», repetiu o Honorio. Disse então o Felicio: «é a *Cabrinha*». «Qual *Cabrinha*?» interroga aquelle... «Aquella que Você me deu», continuou o dr. «Não é possível, disse então o interlocutor, a *Cabrinha* era uma besta pequena, muito mais clara, e, além disso, deve ter hoje uns 20 annos; esta é nova e muito mais alta!...»

Foi ahi que contei a peça que lhè tinha pregado, e que foi causa para boas risadas, até na cidade da Conceição, durante o tempo que ali nos demorámos.

De outra feita, continúa o sr. Guerrinha, quiz elle vir ao Biribiry e pediu um animal. Mandaram-lhe um cavallo do coronel João Felicio, ardego e equipador.

No correr do dia chega o cavallo arreado, com a redea no pescoço e sem cavalleiro. Assustaram-se todos, na supposição de que o dr. tivesse cahido.

Muitas pessoas sahiram á sua procura, e o encontraram tranquillo na estrada, caminhando de livro aberto. Perguntaram-lhe o que lhe acontecera, si tinha cahido do cavallo. «Não cahi, respondeu elle. Eu montei a cavallo e sahi da cidade. Chegando á Pedra Grande, abri o livro para me distrahir com a leitura, durante a viagem, mas o cavallo é insupportavel: si eu largava a redea, elle disparava; si o refreava, elle batia com a cabeça. A' vista disto, como eu não queria ser governado por um caval-

lo, apeando-me deixei que elle fosse adiante, já que tinha mais pressa do que eu. E' tão insoffrido o tal cavallo, que ainda incommodou a Vocês tambem; é um animal excellente para os que não se importam de viajar a pé.»

Até aqui o senhor coronel Guerrinha.

Outra vez, viajando elle com alguns companheiros, trocaram-lhe estes o muar em que montava, pelo do *camarada*, e Felicio sem dar fé da troca, entrou na cidade de Diamantina em cavalgadura e arreios do empregado.

A's vezes sahia do Biribiry para vir a Diamantina, duas leguas mais ou menos, e chegava á noite, tendo começado a viagem de manhã. Era o caso que elle, absorvido pela leitura que costumava fazer na viagem, deixava o animal andar ou pastar á vontade, e este certamente escolhia o pasto...

Refere-se que, quando foi votada pelo Congresso Federal a amnistia dos revoltosos de 10 de Abril, Joaquim Felicio foi um dos membros da commissão nomeada para levar á assignatura de Floriano Peixoto a respectiva solução.

O marechal examinava então no seu gabinete reservado diversos papeis, e deu ordem para que entrassem os membros da commissão.

Introduzida esta, Floriano, depois de ler e reler a resolução, voltou-se para Aristides Lobo, um dos commissionados, e declarou que não lhe era possivel sancionar a resolução, antes que o tribunal militar se pronunciasse a respeito dos militares comprometidos na revolta.

Acudiu logo com honesta hombridade Joaquim Felicio, pugnando pela sancção do acto do poder legislativo, e de pé, pois se levantara de prompto, apenas ouvira a negação do marechal, concluiu com estas palavras : «E' um absurdo; o Congresso já cumpriu o seu dever: o tribunal que cumpra o seu».

Floriano não conhecia pessoalmente o dr. Joaquim Felicio, e, depois de fital-o com attenção, volveu-se para Aristides, perguntando-lhe quem era aquelle que acabava de falar.

Ao ouvir em resposta que era o senador Joaquim Felicio dos Santos, Floriano, depois de dizer: «Ah! é o senador J. Felicio?», volveu-se para o illustre mineiro, proferindo as seguintes palavras: «O senhor convenceu-me, o senhor convenceu-me». (1)

Momentos depois assignada estava a amnistia.

Não levantarei mão deste fugaz escorço sem dar novamente a palavra ao sr. coronel Guerrinha, para referir uma ou outra pílheria do dr. Joaquim Felicio.

---

(1) *A Cidade de Diamantina*, periodico.

«Certo dia, Bento Epaminondas, «o terror dos velhacos» (1) disse ao dr. que, «luctando com grandes difficuldades para manter a familia, desejava fazer-se rabula para ganhar dinheiro com facilidade, pois era intelligente e daria habil advogado. Bastava que o dr. lhe fizesse o favor de algumas lições».

Respondeu o dr. Felicio: «Para V. se tornar habil advogado, sem estudar a sciencia do direito, é aproveitar a sua intelligencia e habilidade, apprendendo a furtar de modo que não pareça furto».

Ao que objectivou Bento: «Para isso é que eu sou bom; si mais não é necessario, ninguem fará melhor do que eu». Continuaram a conversa sobre outros assumptos; depois retirou-se B. Epaminondas.

Passados alguns dias, este escreveu uma carta ao dr. J. Felicio, cheia de lamurias; pedindo-lhe por emprestimo a quantia de 50\$000, que elle pagaria o mais breve possivel, além de a todo tempo corresponder á confiança do emprestimo em occasião tão critica.

Na mesma carta do pedido, o dr. antepoz á assignatura do missivista a palavra «amigo», e respondeu:

«Amigo Bento Epaminondas.

Dei-te o conselho, faça a experiencia com outro.

Seu am.º ob.º

Joaquim Felicio».

Quando estava de cama, victima da enfermidade que o levou ao tumulo, Joaquim Felicio viu, certa feita, entre as muitas pessoas que lhe cervavam o leito, o sr. Joaquim Gonçalves Ferreira, a quem chamou e disse que precisava estar com elle só por só.

Apenas sahiram os circumstantes, disse-lhe o doutor: «Ainda ha muitos ratos no seu negocio?»

«Muitos», respondeu o sr. Ferreira.

«Pois, olha, eu tenho aqui optimo remedio para extincção dessa praga. Leva esta caixinha de pilulas, e põe uma em cada um dos pontos frequentados pelos damninhos. Nem um rato ficará vivo. Não contes, porém, a ninguem que eu te fiz este presente.»

Eram as pilulas que lhe havia receitado o medico...

Que Joaquim Felicio na ultima enfermidade se transformara, dando-se inteiramente a Deus, acenei ha pouco.

Sem insinuações de outrem, elle mesmo pediu confissão, commungou varias vezes, e, quando viu que se avizinhava aos ultimos prazos desta mortal vida, como dizia Bernardes, quiz o viatico.

Para esse fim o Exmo. Sr. D. João se dispunha a celebrar na casa em que jazia enfermo o seu irmão, quando este observou que desejava lhe viesse da egreja a sagrada fórma, para que todos fossem testemunhas de sua inteira volta para Aquelle que a fé lhe ensinava «as-

(1) O muito conhecido B. Epaminondas deste modo se qualificou nos jornaes.

siste pessoalmente de traz das sagradas cortinas dos accidentes sacramentaes».

As orações do santo Bispo diamantinense, dos piedosos parentes e amigos do dr. Joaquim Felicio por certo muito contribuíram para essa preciosa morte.

Recordando a phrase dos celebres castelhanos em tempos de Carlos V, ao morrerem cristãmente resignados, bem poderia dizer Joaquim Felicio: «Hontem foi dia de pelear como cavalheiro; hoje é dia de morrer como christão».

Excusado lembrar as demonstrações de pesar manifestadas no Senado, Federal e na imprensa brasileira em geral.

O dr. Joaquim Felicio pertence á pleiade dos mais notaveis escriptores do seu tempo.

Sua prosa é corrente, natural, sem artificios viciosos; sua linguagem, geralmente correctea e de boa liga, é sempre diaphana; seu estylo, acomodado á natureza dos assumptos, é nobre, pois nobres são seus pensamentos, e *qui pense noblement, parle noblement*.

Habilissimo no manejo do ridiculo, sabia tomar e apresentar as pessoas, as coisas e os acontecimentos ao sabor de suas pretensões.

Incontestaveis são as excellencias em que prima. Entretanto Joaquim Felicio escrevia ao correr da penna e não se dava ao trabalho de aprimorar escriptos para transmittil-os á posteridade.

«O dr. Joaquim Felicio, escreve nos *Perfis Biographicos* o dr. Carlos Ottoni, poda ter erros; mas quem só tem virtudes?!

Quaesquer que sejam os erros, não ha contestar, o dr. Felicio é um homem habilissimo e de mãos limpas. Minas o considera um dos seus mais dignos filhos».

A Joaquim Felicio, que na pagina 252 do *Districto Diamantino* reconhece a condemnação fulminada pelos Soberanos Pontifices contra a artificiosa e astuta *Internacional*, deslumbraram as 'maximas de liberdade, egualdade e fraternidade, ostentadas nas lojas para attrahir incautos, que em bôa parte ficavam ignorando o fim secreto da mesma.

«No interior de suas lojas, escreve elle na pagina 253, liam-se, por entre emblemas funebres, maximas como esta: As distincções humanas aqui são desconhecidas; si ainda as reconheceis, retirae-vos».

Não menos o impressionaria o facto de nella se terem iniciado não poucos dos inconfidentes, entre os quaes se contava um sacerdote, o Oliveira Rolim.

Veu depois a chamada questão religiosa, e Joaquim Felicio entrou numa associação catholica, cujo fim era defender a Igreja, então rudemente atacada pelos corypheus da seita.

Quem sabe a paixão de Joaquim Felicio pela democracia, sua devoção á liberdade, sua admiração aos trabalhos dos inconfidentes, sua indole, emfim, e seus principios, comprehende facilmente que a malevolencia não foi a inspiratriz da pagina a que me refiro.

Si por desamor á Egreja, cuja sã doutrina recebera no lar paterno e nos bancos das escolas, tivesse escripto o que acima registrado ficou, careceria de isenção de espirito precisa para exarar a respeito da condemnação de J. J. Vieira Couto a seguinte sentença : «A politica da epocha servia-se da Inquisição como um instrumento para guerrear seus inimigos ou abafar as idéas infensas ao regime do absolutismo.»

Ligeiro esboço duma vida empregada toda em activas diligencias e variadas locubrações aqui fica nestas paginas, em que tentei, quanto me permittia a estreiteza do tempo, prestar homenagem ao grande talento litterario e ao character inteiriço do patrono que escolhi na Academia Mineira de Lettras.

Confessando lizamente, a exemplo de S. Francisco de Salles, que «si ha neste mundo labores perfectos,—em officinas de outrem, e não na minha, é que devem ser procurados», consolo-me com a certeza de que os grandes senões deste escripto não conseguirão empannar o brilho do renome do biographado, pois de esphera muito elevada é que despede seus raios de luz.

Aliás a magnanimidade dos illustres academicos, cujos votos me chamaram ao seio do respeitavel cenaculo, na bõa vontade com que executei este bosquejo achará motivo para benevola indulgencia aos defeitos da obra.

Pelos escriptos do dr. Joaquim Felicio é que de preferencia procurei interpretar o valor do eminente patrono.

Põde bem ser que, mau grado meu, o não conseguisse, pois a sorte do livro, sentenciou Terenciano Mauro no *Carmem heroicum*, é feita pelo espirito do leitor.

*Pro captu lectoris habent sua fata libelli.*

Abonei-me, porém, no percurso desta summula, com opiniões dos mais finos quilates, e com outra de subido preço vou encerrar este trabalho, collocando-a neste logar como corõa, cujo brilho faça esquecer o desmaiado das minhas phrases.

«Foi Joaquim Felicio, sem duvida, uma das maiores e geniaes cabeças dentre a pleidade de varões insignes que Minas tem dado á Patria.»

Assim se exprime o erudito academico dr. Nelson de Senna.

## Traços biographicos de Aureliano Pimentel pelo acadêmico Lindolpho Gomes

.....

Ora, o aperfeiçoamento de uma lingua está na razão directa da cultura litteraria. Por consequencia a revolução erudita por que passou o portuguez, foi um primeiro passo para a sua fixação, a qual só se completará, como a do francez e do castelhano, quando a patria de Antonio de Moraes tiver uma Academia para dar-lhe uma grammatica e um dictionario. > (*Aureliano Pimentel—These de concurso á cadeira de Portuguez e Historia Litteraria—(1885) (pag. 110).*

Aureliano Pereira Corrêa Pimentel nasceu a 26 de novembro de 1830, na cidade de S. João del-Rey, sendo seus paes o capitão-mór miliciano João Pereira Pimentel e d. Jesuina Pimentel.

Foi seu berço, portanto, a vetusta e historica cidade mineira, em cujo municipio se acha situado o arraial de Ibituruna, o primeiro de Minas, e onde se iniciou a formação deste grande e rico Estado, graças á intrepidez e á bravura dos *bandeirantes*.

S. João del-Rey é, por muitos titulos, uma terra de tradições. Pisa-se com respeito o seu sólo e não é sem assomos de patriotismo que se lhe evoca o passado.

Testemunha e theatro dos gloriosos feitos dos paulistas na lucta com os *emboabas*, berço do Tiradentes, a alma da Inconfidencia e o precursor da Republica, relicario das obras prodigiosas do Aleijadinho, o Quasimodo brasileiro, perpetuadas em sumptuosos templos que são maravilhas de arte, patria de Barbara Heleodora, typo em que se encarnam a rigor toda a bondade, toda a energia, toda a sinceridade affectiva e todos os talentos e virtudes da mulher mineira,— a linda e velha cidade estaria ao certo destinada a contar entre os seus naturaes heroes e poetas, artistas e sabios.

E entre os sabios se nos depara a figura veneranda de nosso biographado.

Quem quer que contemple ou galgue a serra do *Lenheiro*, que se empina majestatica com as suas mysteriosas riquezas; quem quer que admire as betas do Carmo e as elevações vizinhas, onde parece que se retrata a natureza venusta e triste de Jerusalém; quem quer que suba ao Bomfim ou ao Senhor do Monte e descortine a largo panorama o amplo scenario do casaredo colonial, com as suas ruas estreitas de edificações antiquissimas e as contrasta com as garridas construcções modernas da *praia*, por onde desliza mansamente, dividindo a cidade em duas zonas distinctas, o corrego do *Tejuco*; quem quer que vá a Mattozinhos, ao antigo *Capão da Traição*—theatro dos feitos da bravura paulista, e lá se deixe sob as frondes do arvoredado secular das chacaras opimas, dos solares antigos, aonde buscava conforto e descanso a opulencia e o bom gosto dos varões antepassados; quem quer que seja o espectador extasiado de toda essa belleza poetica despertadora, ao espirito recolhido e impressionista, das mais gratas reminiscencias, sentirá, sem duvida, que se lhe avigora o sentimento da nacionalidade nunca tão fortemente pronunciado, e a evocação do passado lhe dará as suaves emoções que educam o espirito e o coração ao homem, em face das obras da Creação e da actividade humana.

Aureliano Pimentel fez na cidade natal os estudos primarios e de humanidades, com extraordinario proveito, prestando exames de preparatorios no Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Medicina tencionava matricular-se, o que não levou a effeito, porque, doente, de compleição debil, como affirma o sr. Carlos de Laet num interessante estudo sobre a individualidade do illustre sanjoaneense, — teve de regressar a Minas abandonando os seus sonhos de formatura.

Entregou-se, então, á vida do professorado.

Seu grande merito, porém, já aos vinte annos de idade devia resplandecer, e teve cabal consagração em Ouro Preto, onde prestou concurso publico á cadeira de philosophia, perante colenda banca de que fazia parte Bernardo de Vasconcellos.

Os seus biographos, todavia, não sabem explicar por que motivo o nomearam, após o concurso, professor de latim, em Santa Barbara, materia tal em que mais tarde havia de notabilizar-se.

Mas, tendo o inglez Duval fundado, em S. João del-Rey, algum tempo depois, um grande collegio, foi buscar áquella cidade o illustre professor, joven ainda, e entregou-lhe confiadamente a regencia de diversas cadeiras, reconhecendo-o sabedor, e de facto o era, de multiplas materias.

O collegio Duval, entretanto, após longa e proveitosissima existencia, teve o seu ultimo dia, e Aureliano continuou a ensinar o latim até que se jubilou com minguados vencimentos, que não eram sufficientes para garantir-lhe a tranquillidade de um descanso merecido.

Quantas vezes, em sua infinita piedade e suprema resignação, não a elle, catholico convicto e extremado, procurar o balsamo alentador de

que carecia para fortalecer-se nos embates de uma existencia trabalhosa e trabalhada, prostrando-se constrictamente sob o zimbório do imponente templo de S. Francisco de Assis, e, segundo relatam velhos moradores da cidade, para exorar «as sobras das esmolinhas do serafico Patrono» !

A taes solicitações piedosíssimas attribuem velhos sanjoanenses o facto, que têm como graça especial do serafico santo concedida ao seu dedicado devoto e servidor, qual o de verificar-se na occasião a viagem do ex-Imperador D. Pedro II áquella cidade, revelando desde logo o desejo de conhecer o erudito sabio Pimentel, com quem confabulou animadamente, durante a visita, mais fortuita que intencional, que dele recebera.

Pedro II, que era tambem um sabio, ficou encantado da illustração do modesto mineiro scientista e polyglotto, e tratou, desde logo, de retribuir-lhe a visita. Aureliano, envergonhado, talvez, de sua honrada pobreza, tendo a casa de sua residencia parcamente mobiliada, achou meio de furtar-se de receber o ex-imperante, que não logrou encontral-o quando se dignou de o visitar. E note-se que s. m. nessa occasião só retribuiu as visitas de Pimentel e do provector vigario Machado.

Mas, a suggestiva e grata impressão que tivera dos conhecimentos literarios do discreto professor de S. João del-Rey, calou fundo no espirito illustrado e clarividente de Pedro II, e isto o levou a convidal-o a residir no Rio de Janeiro, promettendo-lhe honrosa collocação no magisterio superior. De facto, logo depois da chegada de Aureliano á antiga côrte, foi nomeado Reitor do Internato *D. Pedro II*.

Essa nomeação, recaindo num desconhecido, provocou certa surpresa no animo do professorado do antigo collegio. Surgiram indagações, do que pôde dar cabal testemunho o seguinte trecho de um artigo do notavel publicista sr. Carlos de Laet, que o deu á estampa em janeiro de 1909, no *Jornal do Brasil* :

«Lembra-me perfeitamente a primeira vez, que por deante de mim passou aquella extranha figura de sabio europeu, que era o Pimentel: extraordinario desenvolvimento da fronte, olhar em que o amortecido do lume pelas fadigas da vigilia não raro se exaltava em lampejos intelligentes, um retrahimento que logo cessava quando á vontade o punham no terreno das letras ou da sciencia... E como, naturalmente, a minha surpresa talvez se traduzisse em demorada inspecção, sorrindo-se acudiu o imperador alli presente (era em um acto de exames) e benevolo me explicou quem fosse o desconhecido :

—E' um sabio, um verdadeiro erudito que descobri em S. João d'El-Rey. Converse com elle e verá...»

Não tardou muito, Aureliano era chamado a desempenhar o honroso cargo de mestre dos principes, filhos de s. a D. Izabel de Orleans. Assombrosa se patenteava a erudição de nosso patricio como latinista, hellenista, romanista, polygotto emfim.

Em sciencias especializara-se nos conhecimentos da archeologia e da astronomia, da botanica, mas, em qualquer dos ramos de humanidades, era sempre o mesmo mestre, a mesma illustração sadia e inoffuscavel.

Releva notar que nos primeiros tempos de seu magisterio na cidade natal, muitos dos seus côevos, professores, officiaes do mesmo officio, não podendo negar-lhe o grande, profundo e variadissimo saber, ao tempo em que lh'o affirmavam, recusavam-lhe capacidade professoral, falta de observancia de preceitos pedagogicos nas preleções e na transmissão da materia aos discipulos bisonhos. Entretanto, esqueciam-se de que turmas e turmas de bachareis e doutores saiam das academias, antes preparados em humanidades pelo velho Pimentel no seu dilatado e proficuo tirocinio magistral, orgulhando-se todos de o haverem tido por mestre.

Essa nuvenzinha de inveja para logo se desfez, e a insinuação malevola desse mal contido despeito não logrou acreditada. Já nos nossos dias rara é a opinião que se anima a manifestar-se contra as innegaveis qualidades de professor excellente, que foi o ex-Reitor do *Collegio D. Pedro II*.

O convite do ex-Imperador surpreendeu os invejosos dos meritos de Pimentel, e o seu valor tornou-se factio indiscutivel. E o não reconhecesse a auctoridade majestatica !..

---

O nosso biographado, a quem mais tarde o governo imperial concedeu o titulo de cavalleiro da Ordem do Santo Christo e, depois, o de commendador, concorreu ás cadeiras de latim e de portuguez e de litteratura daquelle collegio, não obstante, como o affirma Carlos de Laet, «ser o velho sabio, protegido do imperador».

Para concorrer a essas cadeiras escreveu tres notabilissimas theses, das quaes para deante temos de nos occupar, e sobre ellas assim se manifesta o citado sr. Laet: «são tres monographias, em que a segurança da erudição pede meças á pureza e correcção da linguagem.» E acrescenta: «Contingencias da vida official me constituiram em commissão examinadora, no papel de arguente do velho mestre. Mas, em verdade, o discipulo era eu.»

Realizado o concurso, resultou ser Aureliano nomeado cathedratico de portuguez.

Ouçamos ainda a respeito a opinião auctorizadissima do já referido escriptor :

«Provido na cadeira de portuguez, soube honral-a como os que mais a tenham honrado. Não era um professor facundo, e brilhante prelector: era antes um conversador infatigavel, um incessante manancial de informes e explanações, um espolio vivo e documentado de qualquer trecho ou lição. Ensinava como Socrates: não fazendo discursos, mas assistindo aos espiritos no parto da verdade.»

---

Aureliano Pimentel constituiu familia, casando-se em 1854, aos vinte e quatro annos de sua idade, com virtuosa e distincta senhora, e teve, desse

ditoso consorcio, dez filhos, dos quaes o primogenito foi o saudoso e illustrado orador sacro, Padre João Baptista Pimentel, cuja morte precedeu a do pae, dando-se o triste desenlace em S. João d'El-Rey, onde era vigario da parochia e onde vivia cercado de geral estima e consideração.

Dos filhos varões de Pimentel ainda vivem, do primeiro matrimonio, os srs. Affonso Pimentel, commerciante em S. João d'El-Rey, dr. Vicente Pimentel, clinico residente no Rio de Janeiro, e José Pimentel, funcionario publico.

Das exmas. filhas, as que ainda vivem são excellentes mães de familia e honram o nome ancestral.

Em 1885, no Rio de Janeiro, o nosso biographado e patrono assistiu, em poucos dias, á morte da esposa e de alguns filhos, victimados pela febre amarella, dando-se então este extranho caso, que é assim referido pela penna do dr. Carlos de Laet:

«Deu-se então curioso incidente. O finado dr. Domingos Freire tinha descoberto, ou julgado descobrir (os scientistas confundem muitas vezes essas cousas) um preservativo efficacissimo contra o typho icterode. Auctoritariamente entraram os alguazis da saúde publica pela casa do reitor do Internato e á força vaccinaram todas as pessoas da familia, que lá se achavam. E foram as que falleceram. Escaparam exactamente as que estavam fóra!»

Nessa ocasião, sob tão desolador estado de espirito, elle escrevia a these de litteratura, feita em 15 dias!

Mais tarde, contraindo segundas nupcias com a exma. sra. d. Hossanna Pimentel, della teve alguns filhos, entre os quaes Iago Pimentel, que está a doutorar-se.

Proclamada a Republica, o velho reitor do «Pedro II», succumbido ante a série de acontecimentos que determinaram o banimento da familia imperial, de seu magnanimo protector e amigo, retirou-se sem mais detença do Rio de Janeiro, onde deixou ficar os seus melhores livros e caixões, que se perderam, contendo exemplares de suas famosas theses, sendo por isso verdadeira preciosidade bibliografica um ou outro exemplar que apparece no mercado.

Veiu então para Minas, sendo jubilado e, conforme affirma o sr. professor e publicista Leopoldo Pereira em um artigo publicado no *Commercio*, de Arassuahy, começou a lecionar em dois collegios de S. João d'El-Rey, ainda empregando o tempo de que podia dispor, em lições particulares.

Em 1893, por ocasião da revolta da armada, residindo, como ficou dito, em S. João d'El-Rey, sempre fiel aos seus sentimentos monarchicos e á amizade que nunca deixou de consagrar ao imperador expatriado, por quem sempre orava e cujas virtudes exalçava com entusiasmo sincero, era elle o amigo ali de quantos perseguidos politicos ou simples excursionistas iam buscar asylo seguro e tranquillo naquelle aprazivel e ameno pedaço do liberrimo territorio mineiro, não attingido pela decretação do sitio. Aos hospedes de sua terra, especialmente a seu velho e

sincero amigo dr. Carlos de Laet, deliciava-os com sua palestra amavel e erudita, emprestava-lhes livros, historiava-lhes os acontecimentos patrios ligados á terra sanjoanense e suas cercanias, narrava-lhes lendas locais. Como botânico, em passeios e excursões pelos arrabaldes, classificava plantas, fazia dissertações; geologo, referia as riquezas do sub-solo e informava sobre a estrutura da localidade, em digressões scientificas, sobre cuja importancia Carlos de Laet nos dá a abonação de sua palavra, e exclama: «não era um homem, era uma bibliotheca!»

Annos após, Aureliano elegeu residencia em Cachoeira do Campo, em cujo collegio salesiano foi exercer professorado, passando depois algum tempo em S. Paulo, até que veio residir em Juiz de Fóra, onde pessoalmente o conhecemos.

Nesta cidade foi lente de diferentes materias no Gymnasio da Academia de Commercio, que é superintendido pelos illustrados sacerdotes da Congregação do Verbo Divino, e era tão estimado e respeitado pelo seu saber e bondade, que, nesse instituto, se fundou um gremio literario que tomou por titulo o nome do grande sabio.

A sua existencia ahí, passou-a elle quasi obscuramente. O circulo de suas relações, si bem que escolhíssimas, era muito limitado.

Todas as manhãs ia o provector professor ouvir piedosamente a santa missa, sendo raro o dia em que não se permittia á confissão e á communhão.

Habitualmente passava as tardes sob as frondes do Parque Halfeld, de livro aberto, a ler incessantemente, com absorpta\*atención, ora os classicos latinos e hellenos, ora Schiller, ora Manzoni; ora, os sabios doutores e apostolos, sem esquecer os philologos e scientists, como que a justificar a expressão feliz e precisa de Laet: «não era um homem, era uma bibliotheca.»

Muitas vezes vimol-o em transito pelas ruas, velhinho e tremulo — livro aberto — tropeçando aqui e acolá, mas sempre preocupado e attento no desejo apaixonado de instruir-se, si era possivel, ainda mais.

Distraidissimo, como todo homem verdadeiramente genial, não era raro vel-o passar por amigos sem os cumprimentar, sendo certo que em outras occasiões seguia a saudar a todos que indistinctamente se lhe depa-  
ravam, fossem ou não de seu conhecimento.

A proposito de suas habituaes distracções, algumas ha interessantissimas, que teremos de relatar no decorrer deste trabalho.

Todavia, prosigamos. Tendo residido, seguramente por espaço de dois annos, nesta cidade, num bello dia fomos informados de que Aureliano Pimentel tomara a resolução de mudar-se para o Rio. De facto para lá transferiu-se e lá permaneceu até ás vespervas de receber a visita da morte, aos setenta e oito annos de sua vida integra e frutuosa.

Alguns dias antes de fallecer, voltou a S. João d'El-Rey, onde cristãmente, catholicamente expirou aos 30 de dezembro de 1908.

Taes são os traços geraes da biographia do mineiro illustre, que tanto honrou a terra de seu nascimento e, quiçá, nossa patria.

Tentaremos agora, através deste esboço, arriscar algumas apreciações, aliás pallidissimas, sobre sua obra literaria, sobre sua acção humana e social, emfim sobre seu prestigio intellectual, fazendo algumas pesquisas e procurando documentar nossos despreziosos assertos.

## AS THESES

São ellas tres monumentos de saber erigidos á literatura philologica brasileira e uma, como ficou dito, foi escripta em 15 dias, sob as mais angustiosas disposições de espirito que, dividindo-se entre os labores do estudo e a realidade da dor que o premia, se flagellava naquele estupendo trabalho destinado a um concurso com dia marcado.

Referimo-nos á these da cadeira de literatura, peça admiravel de critica historica e comparativa, que ainda não vimos excedida em erudição e pureza de linguagem, e que só por si dá notavel valor do venerado sabio, tão mal comprehendido e julgado por alguns plumitivos que intellectualmente não o conheceram nem conhecem os seus trabalhos escriptos.

Para evidenciarmos o merito inexcedivel das theses de Aureliano, basta salientemos que trechos e trechos dellas são ainda reproduzidos pelos philologos e grammaticos como auctorizadas lições, como textos desengañados.

Infelizmente as edições dessas insignes theses estão esgotadas, não havendo até agora sequer expectativa de vê-las republicadas.

Todavia, transcrevamos os summarios que as acompanham, e por elles o leitor poderá avaliar da importancia da materia nellas tratada:

«These para o concurso á cadeira de latim no Imperial Collegio D. Pedro II.—Rio de Janeiro—Typ. de G. Leuzinger & Filhos—1883—Pontos para these: 1.º valor dos casos; 2.º da metrificacão dos poetas comicos latinos; 3.º dos tempos e modos; 4.º do nominativo nos differentes themas; 5.º relação objectiva; 6.º do genitivo nos differentes themas; 7.º dos pronomes; 8.º da orthographia latina; 9.º modificações attributivas ou objectivas expressas por fórmias verbaes; 10.º das ellipses».

No dia 7 de abril de 1883, sendo presentes os dois candidatos inscriptos, a sorte designou o ponto 10, fazendo parte da commissão julgadora, como presidente, o conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, e membros examinadores, os drs. Lucindo Pereira dos Passos, Thomaz Alves e Theodoro Schilfler.

*Das ellipses* foi, por consequencia, o vastissimo e difficilimo assumpto de sua these, e, lendo esse escorreito trabalho, não haverá quem não sinta o esplendor de saber que caracterizava o sabio affeito a todos os multiplos accidentes da syntaxe latina e não se edifique nos seus diuturnos conhecimentos sobre toda essa verdadeira sciencia constituída pelas ellipses, que não raro descoroçoa as mais avantajadas pesquisas e em que naufragam as mais respeitadas erudições.

Pimentel, na sua dissertação, fala como mestre. Ninguém é maior que elle. A sua exposição, segura e castigada em puro vernaculo, segue como o deslizar sereno e imperturbavel de um rio remansoso; o seu estylo distingue-se pela limpidez e pelo sadio harmonico da expressão; vasa-se em fórma lidima, classica, impecavel; tem a syntaxe concisa dos textos biblicos, e a conceituação vae sem tropeços, transparente, como a verdade mesma de um enunciado que não póde e não quer ser contestado.

Nesse trabalho em que surge a sciencia da historia comparada, fortalecida por numerosas citas, vemos o desfilar prociSSIONAL de sabios philologos e classicos do Lacio: Cícero, Tito Livio, Horacio, Vergílio; e os hellenos, e Muller, e Litré, e Bopp, e Diez, e os classicos lusitanos e os antigos e contemporaneos nacionaes. E tudo com documentação do textos, como convem a materia de tal natureza e transcendencia.

E' a erudição a projectar os seus esplendores; é o sabio demonstrando que sabe; é o dissertador que convence; é o concorrente que triumpha...

Laet diz que as theses de Aureliano são simplesmente assombrosas. São-no de facto. De nossa parte experimentámos o assombro de seu valor.

Antes de as lermos admiravamos Aureliano; depois que as lêmos, rendemos-lhe verdadeiro culto, orgulhoso de que o Brasil possuísse homem de tamanho merecimento. Pedro II não se illudira. A protecção que dispensara ao nosso eminente patricio, justificava-se plenamente.

A outra these, relativa á cadeira de portuguez do 2.º ao 5.º anno do Externato do referido collegio, era assim summariada, sendo editada pela mesma typ. Leuzinger, em 1886: «Pontos para prova: 1.º theoria do infinito em portuguez; 2.º typos syntacticos divergentes; 3.º morphologia e syntaxe do pronome *se* e do verbo *haver*; 4.º da morphologia e collocação dos pronomes pessoaes; 5.º das vogaes atonas; 6.º das letras adventicias e das permutas de consoante em vogaes e de vogaes em consoantes; 7.º dos idiotismos e dos hybridismos; 8.º do accento tonico e da quantidade; 9.º das differenças entre a syntaxe latina e a syntaxe portugueza; 10 das forças conservadoras e modificadoras da lingua».

Foram vogaes das commissões julgadoras os drs. Emilio Adolpho Victorio da Costa, José Joaquim do Carmo, Reitor do Externato, José Maria Velho da Silva, Carlos Maximiano Pimenta Laet e Fausto Carlos Barreto.

Si bem que discreteando sobre o ponto sorteado, Aureliano faz uma brilhante digressão sobre a materia dos demais pontos, e sobre cada um delles traça um capitulo admiravel, ainda que succinto, constituindo a sua obra um verdadeiro tratado de philologia, isto é, uma obra imperecivel em que a auctoridade do Mestre se confirma ao tratar dos mais controvertidos problemas de linguistica, como o da questão intrincada do infinito, do pronome *se*, do emprego do verbo *haver*, sendo a sua doutrina até agora a triumphante.

Quanto á differença entre a syntaxe latina e a portugueza, pensamos ser tempo de divulgar aqui a opinião que colhemos dos ensinamentos do sabio Severo Cataliffa, da Academia Real de Espanha.

No magistral e erudito discurso, que este douto e sabio humanista proferiu por occasião de ser recebido no seio daquella academia, e figura no 6.º volume das suas *obras* que temos á vista, lemos o seguinte:

«La Gramática y el Diccionario de un idioma son sus libros fundamentales, su ejucutoria, su archivo; la gramática nos ensena la constitucion del idioma; el diccionario nos ensena el idioma ya constituido; la gramática es, por dicióló así, el espíritu; el diccionario es la forma. Me propongo demostrar que si el diccionario de la lengua castellana tiene más de latino, que de semítico, la gramática de la lengua castellana tiene más de semítica que de latina».

Lançada aessa proposição, o sabio philologo castelhano traça um erudito estudo historico e comparativo; remonta-se aos tempos mais distantes do semitismo, ao influxo exercido no castelhanismo pelos phenicios, ao hebraísmo, ao hellenismo, á influencia exercida pelo latinismo nos lexicos romanicos, compara textos hebraicos e arabes vertidos para o vernaculo, confronta a syntaxe de construcção latina com a das linguas semíticas, confronta a syntaxe de construcções complicadas, de hyperbatos, de ellipses, de transposições, mais conforme com a syntaxe hespanhola.

Dahì se conclue que, sendo a syntaxe portugueza intimamente influenciada pela castelhana, sem duvida alguma melhor se coaduna com o esmitismo, ao passo que o seu lexico é muito mais latino.

Estas considerações vêm a pelo em face do trabalho de nosso biographado, e, registando-as, não nos anima o desejo ou intuitó de criticar a obra gigantea do mestre, que tambem sobre semitismo era dos mais versados, dos mais doutos conhecedores.

Apenas desejamos patentear que as construcções arrevesadas, inçadas de hyperbatos de certos auctores não se comprazem com a natureza da nossa syntaxe, da nossa grammatica, não sendo nada mais nada menos que o producto de cogitações escolasticas dos que se deixam saturar de latinismo, sem estudar os idiomas mais classicos, as fontes mais remotas.

A these de Aureliano, sabio philologo, na opinião respeitavel de João Ribeiro, á qual nos referimos, vem precedida da seguinte legenda tirada ao eximio Alexandre Herculano: «A religião e a lingua são duas cadeias de bronze que unem no correr dos tempos as gerações passadas ás presentes, e esses laços que se prolongam através das éras são a patria».

Passemos á terceira these, a de literatura, e que sóe de ser a que mais de perto nos interessa, por se tratar de materia que tanto convem a uma Academia de Letras.

Como as outras a que nos referimos, foi edicionada na typ. Leuzinger, em 1885. Os pontos para a prova foram os seguintes:

«1.º Influencia da lingua d'òc e da lingua d'oïl nos escriptos da idade média. Classificação e natureza especial das producções literarias

deste periodo. Notavel individualidade de Carlos Magno. Sua influencia no desenvolvimento das letras.

2.º Em que consistiu o facto historico denominado Renascimento ou Renascença. Sua causa e seus effeitos sobre a literatura.

3.º Periodo aureo da literatura grega; poetas e prosadores deste periodo. Noção da natureza dos seus escriptos.

4.º Periodo aureo da literatura latina. Escriptores deste periodo; producções literarias respectivas.

5.º Literatura italiana do XV e XVI seculos. Principaes escriptores deste periodo. Noção de suas producções literarias mais notaveis.

6.º Dos elementos extranhos e proprios que determinaram o estudo da lingua e da literatura portugueza no seculo XVI. Individualidades literarias mais notaveis deste periodo; suas principaes producções.

7.º Literatura franceza do seculo XVII. Caracter desta literatura. Escriptores respectivos. Noção das obras mais notaveis destes escriptores.

8.º Literatura hespanhola do seculo XVII. Aberrações e primores literarios deste periodo. Escriptores respectivos e suas principaes producções. Apreciação das causas destas aberrações do gosto literario.

9.º Caracter geral da literatura do seculo XIX. Considerações acerca da direcção que se lhe deu. Alguns escriptores dos notaveis deste periodo; suas principaes obras literarias.

10.º Evolução por que passou a lingua e a literatura portugueza no XV seculo».

No dia 17 de abril de 1885, presentes os candidatos inscriptos, foi sorteado o ponto n. 8.

O assumpto, como se pôde vêr na lista acima transcripta, não se antolharia nem mais importante, nem de trato mais difficil, tendo-se especialmente em vista a materia vasta que, sobre o mesmo, reclamava todo o desenvolvimento, que, aliás, lhe foi dado.

A sorte mostrou-se ingrattissima, mas o concorrente, um sabio, de incomparavel illustração, soube enfrontal-a galhardamente, e a these saiu eruditissima, porque nella ficara a traça do genio que a fabricou.

Escrepta em estylo incisivo, synthetico, qual o de Hugo, adaptado á linguagem sempre apropriada e feliz, em que cada vocabulo tem a significação ou a accepção precisa, exprimindo rigorosamente o pensamento do auctor, sem adjectivação demasiada, porque, escrevendo, Aureliano mostra conhecer todo o segredo dessa construcção, que os grammaticos chamam a sciencia do adjectivo» e discreteia com um pronunciado sabor suggestivo que prende á leitura ainda mesmo o espirito que mais se lhe desfaiçõe,—a these em questão constitue um dos mais perfeitos documentos da cultura nacional. Homérico em as comparações, mas sem hyperboles; simples no dizer, onde os hyperbatos não superabundam por lhe darem ao escripto esse tom academico e *rococó* tão em voga hoje em dia—o nosso biographado offerece nesse trabalho o prisma por onde se pôde admirar

toda a belleza de sua fórma elegantissima, todo o classicismo de seu estylo de mestre.

Porém, essa these é tambem o attestado lidimo, eloquente da sua sapiencia — repositório sagrado de multiplos e preclaros conhecimentos que aureolam e denunciam o historiographo literario de invejavel cultura, de vivissima penetração critica, o commentador sagacissimo e diuturno observador, a quem não escapam os minimos pormenores, aos quaes sabia imprimir a nota forte e individual de integro criterio analytico, quer confirmando, quer contestando o objecto da sua attenção, o alvo da sua luminosa intuição artistica e magistral.

Ella condensa o estudo demorado, meticoloso, de uma época literaria, de um seculo inteiro da literatura castelhana. De capitulo a capitulo vemos o solenne desfile de vultos, batidos pelo sol da glorificação critica, como o de Lope de Vega, que Aureliano aponta «como o do mais portentoso engenho que a Espanha tem produzido», e cujos contemporaneos o denominavam *phenix do enjenho*; de Cervantes, o consagrado creador de *D. Quijote*; de Calderon, que elle chama «o terceiro portento da Hespanha» e a cujos criticos tambem se refere; finalmente dos dramaturgos contemporaneos de Lope de Vega e de Calderon.

E seguem-se capitulos especiaes sobre a idéa da honra nos dramas hespanhóes; sobre os prosadores do seculo XVII; sobre os novellistas do mesmo seculo; sobre os corruptores do gosto literario; as origens do cultismo, que increpa de «detestavel gosto de puerilidades que produziu o Eufemismo na Inglaterra, desluzindo de vez em quando a naturalidade do grande Shakspeare, e que reinou por alguns momentos em toda a Hespanha»; seguindo-se a estas, considerações de tão notavel cunho erudito, contra as quaes não devemos commetter o delicto de resumil-as em linhas assim pallidas, e que antes transcreveriamos, si fosse nosso proposito o fazer a critica da obra magnifica de que nos occupamos.

Sobre os demais pontos do concurso, dá o illustre monographitas excellentes bosquejos, revelando a competencia com que poderia tratar de qualquer delles, si a sorte este ou aquelle lh'o houvesse designado.

Assim elle se revela conhecedor eximio das literaturas mundiaes, evi-lencia-se orientalista de especiosa cultura; latinista de excelso vão; helenista do mais completo cabedal literario — e historiador, polyglotto, scien-tista que lograra tanto impressionar ao ex-imperador quando, como ficou dito, s. m. teve com elle em S. João del-Rey o seu prazo dado literario.

Todavia, para que se tenha idéa segura e nitida do estylo, da fórma, do enunciado, do saber, da capacidade critica de Aureliano Pimentel, e, sobretudo, de sua individualidade literaria, damos a lêr a página seguinte que a esmo arrancámos á esplendida these — documento este que ha de ficar para o sempre attestando o valor da cultura brasileira, o nível moral e intellectual de seus primeiros expoentes, em cuja fileira sobreeleva a figura admiravel de nosso patrono.

A. M. L.—8



**Idéa da honra nos dramas hespanhoes**

«E' já uma verdade que toca nos limites da vulgaridade que os caracteres da nacionalidade e da litteratura hespanhola são o espirito religioso, o amor da patria e o sentimento da honra. Desde remota antiguidade vemos o pundonor, o brio hispanico fazendo incriveis prodigios. Sagunto é uma pagina de gloria escripta com lettras d'ouro pela honra daquelles hespanhóes que perecem heroicamente só para não faltarem á lealdade para com os romanos seus alliados. Não menos heroica Numancia: antes quer ser exterminada que render-se. Eis ahi testemunhas inequivocas da existencia de um rico thesouro de honrado character, eis ahi rasgos distinctivos da vida nacional hespanhola.

Não tem para nosso objecto grande importancia o periodo wisigothico, epocha de transformação e de crise e de lucta entre os rudes condes Wisigodos e os illustrados bispos hispano-romanos, cabendo emfim a victoria a estes. Assim convertido Ricaredo ao catholicismo, o triumpho da raça hespanhola é um facto consummado, e depois do terceiro Concilio de Toledo vae-se effectuando a fusão daquellas raças até a tremenda catastrophe do Guadalete, de cujas aguas ensanguentadas sáe um só e unico povo. Este é o que ha de luctar pela reconquista da patria, unindo em si o valor e qualidades distinctivas do sangue germanico, e a fé inquebravel da religião christã.

A imaginação popular não podia attribuir a perda da patria á cobardia de seu Rei, que, despertando do somno inebriante dos prazeres, ou pereceu na batalha, ou envergonhado da sua derrota foi buscar a morte em algum recanto. A historia, a lenda e a fabula fizeram de d. Roderico uma victima da deslealdade de seus inimigos, e do conde Juliano o ente mais funesto e desprezivel que dar-se póde como exemplo de traidores á patria.

No glorioso periodo da reconquista tres heróes personificam a vida, as aspirações e sentimentos do povo hispanico: Bernardo del Carpio, Fernan-Gonzalez e Rodrigo Dias de Bivar, o Cid. O primeiro representa o sentimento de independencia, que tão vehemente foi na monarchia de Asturias. A pintura que de Bernardo nos fazem as chronicas primitivas, os romances mais antigos, é de uma singeleza homerica. Bernardo, como creação poetica, é o primeiro esboço do character hespanhol, esforçado e altaneiro, mas, respeitoso e obediente ao Rei como representação da unidade da patria; por isso o heróe supplica primeiramente a seu tio d. Affonso a liberdade de seu pae. Desattendido rebella-se contra o Rei obcecado, que parecia querer entregar seus vassallos ao poderio estrangeiro.

O segundo heróe, Fernan-Gonzalez, começa por livrar o condado de Castella da dependencia do de Leão, e, quando o conseguiu, constitue-se campeão da causa nacional, guerreando sem treguas contra os infieis. Segundo a tradição e a lenda, tendo entrado os infieis em terras de Castella, e infestando-as horivelmente, o conde chama seus amigos para

repellirem a aggressão. Um delles, G. Dias, tem por temeridade o sahirem contra os Mouros; pois, sendo estes numerosissimos, era o mesmo que buscarem morte certa. Fernan-Gonzalez não o deixa terminar, e responde-lhe: Antes morrer que ser escravo! Decidem-se a combater e saem vencedores. Este sentimento de honra a litteratura se encarregou de o immortalizar em varias manifestações estheticas.

Convém não deixar em olvido o typo encantador e altamente poetico da mulher hespanhola, qual apparece na «Esclava de su galan» de Lope de Vega, caracterizando-se e distinguindo-se, porque ama com ternura e paixão, porém sem deslembrar-se jámais de sua honestidade e honra nem tambem do decoro e da honra de seu amante.

O nome de Cid, que é a terceira e a mais completa personificação do pundonor, é tão conhecido que excusado é referir as proesas a elle attribuidas e immortalizadas no Poema do Cid, o mais majestoso e, talvez, o mais antigo monumento da litteratura hespanhola.

A idéa da honra em Bernardo, em Fernan-Gonzalez e no Cid distingue-se por ir sempre acompanhada de um mandato imperativo, que não permite ao personagem faltar a essa lei inflexivel que exige o sacrificio da propria vida ou a dos entes mais queridos de seu coração. Embora se diga não serem completamente historicos, esses heróes, por certo, são a synthese e compendio das aspirações e crenças dos sentimentos e idéas do povo hespanhol, que os encarnou nesses typos lendarios.

Calderon, que é o poeta dramatico mais hespanhol de todos, deu uma fórmula definitiva, perfeita e maravilhosa ao mundo poetico e ideal da lealdade e fidalguia castelhana. Por consequencia, contra as censuras de Sismondi, está justificado historicamente Calderon, não tendo sido mais que o espelho dos costumes e das idéas de seu tempo. A principal justificação aos olhos da moral é que nunca elle deu como these a liceidade das vinganças da honra ultrajada, nunca fez a apologia da exaggeração do pundonor.

Muito e muito de ponderar-se é que a idéa de honra, embora de seu abuso nasçam deploraveis consequencias, é um solemne protesto contra o materialismo. *Potius mori quam fœdari* é a divisa da honra. Esta é um principio ideal, escreve W. Schlegel, que se funda naquella moral elevada que consagra os principios das acções sem attender ás suas consequencias.

#### **A obra litteraria e scientifica de Pimentel**

Alguns criticos do ex-Reitor do *Internato do Collegio D. Pedro II* accusam-no de improductivo, como si as suas brilhantes theses não constituissem obra de incontestavel valor litterario, como si não devessem figurar no catalogo das obras primas de philologia e da litteratura nacional.

E' bem de notar, entretanto, que esses criticos, si tal nome lhes cabe, são justamente aquelles que não conhecem ou não souberam conhecer

essas producções, a que Carlos de Laet, João Ribeiro e outros que taes rendem as homenagens dos mais encomiasticos louvores.

Além dessas monographias Aureliano publicou em 1885, no Rio de Janeiro, os «Apontamentos sobre o municipio de S. João d'El-Rey», trabalho que escreveu para commemorar a inauguração da E. F. Oéste de Minas e mandado dar a estampa por seus alumnos.

A' parte alguns enganos de datas, que antes se nos afiguram erros typographicos, essa monographia representa um bello attestado de merito e carece de reimpressão.

Entre as melhores paginas do trabalho a que nos referimos, encontra-se aquelle primor de estylo, de fórma, de belleza vernacula que diversas e auctorizadas anthologias reproduzem a que se intitula *Descripção da Igreja de S. Francisco de Assis*, a qual para aqui trasladamos, porque em nenhuma outra producção de Aureliano Pimentel mais se reflecte a casticidade de sua linguagem e as magnificencias da sua arte, a delicadeza de sua palavra e o rythmo de seu floreio vocabular.

Dir-se-ha que ella é a photographia de toda a sua obra, o mimoso de seu estylo, a pedra de toque de sua capacidade descriptiva e de sua alma creadora.

Eil-a :

#### **Descripção da Igreja de S. Francisco de Assis, em S. João d'El-Rey**

«O frontispicio é de pedra azulada e polida como o do Carmo; bellissimos relevos e decorações redeiam as imagens de Nosso Senhor Jesus Christo e do Santo pouco abaixo do pedestal da cruz collocada no vertice; e acima da porta principal, entre duas grandes janellas, está esculpida a effigie da Virgem da Immaculada Conceição, ladeada de seraphins. As torres são cylindricas com balaustrada em torno das cupulas. Da vasa á cornija tem cada uma 33 metros de altura.

Com o exterior harmoniza o interior. A capella-mór é clara e espaçosa; suas laçarias e mais decorações, columnas helicoides e coloreticas, cingidas de festões dourados, ou artesões da abobada, as figuras de relevo, throno aurientalhado, com a imagem do Senhor de Mont-Alverne, no alto, são outras tantas maravilhas da arte.

A nave do templo é notavel pelos seis altares lateraes de talha mui variada, os quaes depois de dourados ficarão sendo os mais bellos daqui. No centro do tecto todo branqueado e abobadado avulta um grande artesão alcachofrado, do qual pende um donoso lustre esmaltado e com prismas de crystal.

A cimalha, que guarnece o tecto, é sustentada por columnas de madeira embebidas nas paredes, e cujos pedestaes são de pedra azul. A espessura das paredes da igreja é tal que comporta em si as escadas de pedra dos pulpitos, largas cerca de um metro.

A tribuna da musica tem um suporte mui merecedor de attenção, que é um arco elliptico abatido ou de sarapanel, o qual abrange a lar-

gura da nave, fronteiro ao altar-mór. Logo abaixo está o guarda-vento de madeiras de primeira qualidade formando especiosa marchetaria.

O arco-cruzeiro é tambem de cantaria e de vistoso lavor. O adro é digno do templo, tendo balaustradas de marmore branco sobre as cimalthas e maineis das escadas em zig-zag com espaçosos patamares, bem como sobre o paredão intermedio ás escadas, o qual é decorado de bem lavrados arabescos e delicadas flores de pedra azul, que é a materia das partes salientes ou resaltadas do frontispicio do celebre templo e dos degraus e frontaria do adro, á excepção dos balaustres.

Em summa, a egreja de S. Francisco em seu todo harmonico exprime um pensamento architectonico: é como uma epopéa de pedra. »

Mas, a productividade litteraria de nosso provector Patrono não podia ficar nem era de crer ficasse circumscripta á publicação das theses e da monographia.

Nas collecções de quasi todos os jornaes de sua cidade e, quiçá nas da imprensa brasileira, especialmente a didactica e a catholica, multiplicam-se e encontram-se, infelizmente, em disperso registro os documentos mais preciosos do copioso trabalho intellectual do Mestre.

Quem se dê á tarefa de manusear essas collecções, desde os tempos mais remotos da existencia do sabio mineiro, encontrará o testemunho do que affirmámos por nós e baseado no que diz o sr. Carlos de Laet, no seu artigo já referido :

«Sua obra colligida (se em terra vivessemos em que isto se costumara fazer) daria muitos volumes. Mas entre nós quem disse cura?»

Da revista *Santa Cruz*, que se publica na capital de S. Paulo, e que se honrou muitissimas vezes com a collaboração de Aureliano, destacámos do n. 5 do anno 3.º (1903) um conceituoso estudo de critica litteraria. Após tantos annos da publicação da these, a que alludimos, vamos encontrar o mesmo critico vigoroso e sadio que conheceramos, todavia, aqui, batendo-se pelas suas idéas de catholico fervoroso contra as philosophias dispersivas e modernistas.

Mas, não privemos os leitores do goso literario que lhes póde proporcionar a leitura do estudo, de que falamos.

Leiamol-o:

#### Ensino da Historia Universal

«Dois grandes meritos teve o governo do sr. Campos Salles: deu liberdade de ensino, e liberdade de imprensa: uma e outra tinham sido calcadas pelo jacobinismo.

Do programma do ensino do Gymnasio Nacional para os annos de 1901, 1902 e 1903 foram graças a Deus eliminados os compendios adrede escriptos em odio da religião professada pela quasi totalidade dos brasileiros.

O positivismo ou atheismo, querendo supplantar a religião catholica, impunha despoticamente aos alumnos dos gymnasios officiaes as ri-

livro de Georg Rawlinson, lente da Universidade de Oxford—*The early prevalence of monótheistic Beliefs*.

A conclusão irrefragavel deste e de outros estudos de grandes orientalistas, como Sayce, Roubiou e Harlez, conclusão que nenhum espirito desprevenido deixará de admittir, eil-a aqui, segundo as formaes palavras de Rawlinson: «Nossa investigação a respeito das antigas religiões nos revelou em cada uma dellas a existencia do MONOTHEISMO, já no estado latente, já de um modo absoluto e distincto e tanto mais manifesto, quanto mais se remonta ás primeiras paragens religiosas da humanidade.

A hypothese do progresso em materia de religião é desmentida pelos factos. Fóra da tradição primitiva que conservou os germens da verdadeira civilização, que vemos nós?

Embrutecimento e peioramento progressivo em todos os povos, em que as paixões offuscaram e depois entenebreceram a crença em um só Deus Creador. Ainda hoje vemos que, admittido o materialismo ou positivismo, retrocede-se aos peiores tempos no paganismo: reapparecem os Neros e os Calígulas.

O portentoso genio de Shakspeare bem previu as horriveis consequências da revolução satânica: *The cease of majesty dies not alone; but, like a gulj doth drau what's near it, with it.*—(Hamlet).

E nós diremos com Veuillot que a lei feita por legisladores sem Deus (ou *sandeus*) é um despotismo, que transforma uma nação em um lamaçal que emfim se tinge de sangue.»

Cabe aqui notar que Aureliano Pimentel não logrou a gloria que, aliás, tem sorrido a tantas mediocridades, devido, exclusivamente, a sua extrema e encantadora modestia, ao retrahimento natural a que se votava, isto em parte attribuiavel ás injuncções de sua crença, de sua humildade piedosa e christã e até por causa do tempo de que dispunha, tão escasso, e que aproveitava entregando-se a suas locubrações litterarias e multiplos estudos, os quaes eram nos ultimos lustros de sua existencia os do sanscrito e do arabe.

Ainda desta vez devemos invocar o depoimento de Carlos de Laet :

Aureliano, aliás por indole e natureza, menosprezava a popularidade. Por isso quem jámais o viu apontado entre intellectuaes, elle que com lustre figurara em um centro universitario europeu? Quem lhe, publicou o retrato? Quem nunca lhe guiou os passos para os pantheons em cujos nichos se empoleiram as celebridades bem pagantes? »

Podíamos referir-nos a outros trabalhos do illustre mineiro, pois não ignoramos haver elle deixado muitos ineditos, além de sua obra excellente e vasta, que se enthesoura nas collecções do publicismo contemporaneo.

Para tão arrojada tarefa, faltam-nos, além de tempo e vagar, informes precisos sobre onde se possa encontrar o espolio litterario do grande escriptor, que com a exma. familia Pimentel não o conseguimos achar completo.

Dentre os trabalhos que constituem essa obra, sabemos existirem muitas traducções de classicos latinos, affirmando-se mesmo que lhe pertence a melhor traducção do *Sonho de Scipião*, de Cicero, e odes de Horacio, estrophes de Vergilio, paginas de Tito Livio, de Schiller, de Manzoni, de Lope de Vega, adaptações de textos biblicos, versões do arabe, e, segundo se sabe, uma das mais bellas e vernaculas traducções da *Imitação de Christo*, além de poesias originaes, que mandava a estampa para a imprensa periodica.

Como dramaturgo tem muitas e excellentes traducções, entre ellas a do drama religioso *D. José Thomaz*, representado com successo pelos alumnos do Gymnasio da *Academia do Commercio*, de Juiz de Fóra, e publicado em folhetim no *Pharol*, da mesma cidade, quando tivemos a honra de secretariar a redacção desse diario.

A representação do referido drama, cujo assumpto é um episodio da historia da Bastilha, suscitou grande celeuma na imprensa juiz-forense. *Vinicius*, collaborador do *Jornal do Commercio*, veiu a campo e incriminou a peça de anti-patriotica e, por isso, nociva á educação republicana da mocidade brasileira.

Não nos contivemos ante a improcedencia da accusação e, pelo *Pharol*, publicamos um longo artigo em defesa do traductor, tendo nos secundado nesse desiderato o conhecido escriptor e membro da Academia Mineira, dr. Pinto de Moura.

Por essa occasião Aureliano Pimentel honrou-nos com a seguinte carta, que conservamos como reliquia :

« Deus vos guarde e recompense o acto de generosidade, com que magnificamente defendestes o traductor de um drama historico, pobre réo condemnado por ter exhibido á mocidade «um producto teratologico». O juiz que me condemnou, talvez revogue sua sentença, depois que tiver lido a obra de Burke *Reflections on the revolution in France*, e o admiravel sublime discurso de Ruy Barbosa, no collegio Anchieta. Mais não digo.

Vosso admirador e amigo obrigadissimo. — AURELIANO PIMENTEL.

Juiz de Fóra, 29 de junho de 1905. »

Pela bondade de seu coração e natural espirito de modestia não ha lembrança de haver mantido o nosso biographado discussões pela imprensa, mórmente as que se pudessem revestir de caracter pessoal.

Quando publicou sua these de portuguez, alguem, sob o pseudonymo de *Erasmus*, veiu pelas columnas do antigo *Mar de Hespanha* e contestou que *qui quæ quod* fosse pronomo relativo, como havia affirmado o venerando sabio.

Em defesa de Aureliano Pimentel acudiu, *sponte sua*, o grande satirista Padre Corrêa de Almeida, seu parente e amigo, o qual escreveu o seguinte soneto que foi publicado na imprensa, e mais tarde incorporado aos *Sonetos e Sonetinhos* do Tolentino mineiro:

Grammatica (latina ou portugueza,  
differença que em si não é tamanha)  
os nossos escolasticos acanha,  
de modo que se afastem da pureza.

O mal se estende a toda a redondeza,  
e enormes proporções se diz que apanha,  
até que finalmente o *Mar de Hespanha*  
nos vem illuminar com vela accessa.

Castro Lopes, ou Castro Lalfayette,  
ou mesmo o Pimentel, que se intromette,  
contra esse redemptor falar não póde.

Philologo anti-Christo o novo Erasmo  
contesta-nos que seja, oh grande pasmo!  
relativo o pronome *qui quoe quod*.

Excusado é dizer que *Erasmo*, fosse quem fosse, não devia ter gostado da piada, tanto mais que lhe faltava razão na advertencia que fizera ao illustre philologo.

Occorre ainda dizer que Aureliano Pimentel deixou uma bibliotheca valiosissima, infelizmente dispersa em diferentes mãos, valiosissima especialmente porque quasi todas as obras que possuía, se encontram por elle eruditamente annotadas, inclusive uma grammatica portugueza de autor de merecida nomeada e que se vê repleta de preciosas annotações philologicas, feitas do proprio punho do sabio sanjoanense.

Por tudo quanto deixámos referido, conclue-se que como prosador, como publicista o nosso biographado faz jus a todas as laureas e titulos que modestamente conquistou, salientando-se como figura de grande relevo nas letras brasileiras, laureas e titulos nunca por elle solicitados, mas que lhe foram prestados de pleno direito e com entusiasmo por homens do valor de Carlos de Laet, de João Ribeiro e do sr. D. Pedro de Alcantara.

Vamos agora dar leves traços sobre a sua obra poetica, que, aliás, não foi nem tão vasta e nem tão estimada como a do prosador que elle magnificamente sempre se revelou.

De facto, como poeta, não se encontra em Pimentel um vôo altivo-lo, uma inspiração vigorosa, si bem que sincerissima e caracterizada por espontanea simplicidade.

Si na prosa era um artista da palavra, no verso não se póde dizer que fosse um lapidario da fórmula metrica, ainda que suas estrophes fossem vasadas em linguagem castiça, não sendo tão pouco desmetrificadas. O que lhe faltava, era aquelle *tic* especial de fórmula e de estro, que denuncia os verdadeiros parnasianos. E parnasiano elle não o foi. O que se descobre na sua poetica é uma constante preocupação do estylo e do modo de fazer, tão classicos como os de Elmano e Garção. Observa-se o rythmo, a cadencia, a propriedade vocabular, mas não se nota aquella selecção de rimas opulentas, aquelle luxo de adjectivação, aquella distribuição variada e methodica das vogaes, quer no rimario, quer ás vezes dentro do proprio verso, que se nos deparam na obra dos versejadores modernos, a par da rigorosa metrica.

Em compensação, as suas imagens são discretas, parcimoniosas como a pintura de um templo catholico ou de um salão nobre. Examinando

se-lhe os trabalhos, vê-se que os vocabulos se agrupam sem rumores atropelados, sem incidentes hiaticos, e a sua phrase, si apparece sem scintillações intensas, agrada não obstante pela delicadeza, pela construcção lidima, pela disposição artistica dos elementos syntacticos, notando-se-lhe o cuidado de escriptor em fugir ás expressões gongoricas, que só servem para disfarçar a insipidez ou a pobreza dos assumptos.

Em todo caso pôde-se affirmar sem contestação que Aureliano Pimentel foi um bom poeta, um apreciavel versejador, mas que lhe faltaram certas qualidades, certas disposições psychologicas para que fosse um notavel cultor da poesia.

Esta é a verdade.

Deve-se, entretanto, deixar evidenciado que a poesia nunca ao serviço de seu engenho baixou ao nivel repellente da lascivia e do impudor lubrico, a que tem impiedosamente conduzido muitos de seus servidores mais illustres.

Os themas escolhidos por Pimentel ou eram passagens da doirada biblia christã — esse livro eterno de inesgotavel e sadia inspiração, fonte sagrada do Bello como deve ser entendido e que, no dizer de Platão' é o esplendor da Verdade, e de S. Francisco de Salles o esplendor da Bondade; ou eram episodios do *Flos Sanctorum*, apologos ungidos de pura piedade catholica, preceitos da divina philosophia, manifestações subjectivas, sob o ponto de vista de um ideal religioso, ou impressões intimas e queridas que diziam respeito ao lar e á familia.

Taes eram, pois, os seus assumptos predilectos, quer traduzindo, quer creando.

Da sua lyra, cujas harmonias se dispersam alli e acolá, pouco, aliás, conseguimos colher; porém, da nossa pequena, mas especiosa colheita não nos furtamos ao desejo, sinão ao dever, de offerecer aos leitores do presente trabalho, para que ao mesmo sirvam de unico realce, uma traducção e um original, paginas estas que, devidamente confrontadas e aquilatadas, darão idéa do engenho do traductor e do conceptor.

### A Mulher

*Original de D. Leopoldo de Cuncto.*

Porque em seu peito, como em harpa ou lyra,  
sõe das obras de Deus vibrar o accento?

Porque feliz seu coração suspira,  
ao ver o campo, o mar, o firmamento?

Porque ai de dor ou voz de innocentinho,  
e da afflicta indigencia o triste rōgo,  
a voz da desventura ou do carinho  
fazem bater seu coração de fogo?

Porque sabe sentir n'alma altaneira  
da grandeza e ternura o nobre encanto,  
e é da mulher christã a vida inteira  
admiração e amor, martyrio e pranto.

Vive qual flor em seu hastil franzino:  
ser formosa e ser pura é sua gloria;  
ser terna e consolar é seu destino;  
amar, soffrer, chorar é sua historia.

A. PIMENTEL.

**Ao S. S. Sacramento**

O sol brilha no céu, porém presente  
no crystal se reflecte em toda parte;  
si em mil pedaços este se reparte,  
em cada um vê-se o sol resplandecente.

Eis mysterio sublime! O Omnipotente  
na ordem natural o poz desta arte,  
que tão formoso symbolo quiz dar-te,  
da Eucharistia seu amor vehemente.

E não só no crystal, mas qualquer gotta  
de puro orvalho o sol em si resume,  
quando o vento a rompel-a não se afouta.

Assim nossa alma luz celeste assume,  
em quanto pela culpa não é rôta  
a esphera onde se espelha o Eterno Lume.

A. PIMENTEL.

**O Crente**

Antes de contemplarmos o nosso biographado por essa face outra da sua individualidade, quer como homem, quer como philosopho, cumpre repetir aqui as palavras de Leopoldo Pereira, seu amigo intimo e discipulo estimadissimo:

«Aureliano Pimentel era um crente, catholico do *credo* e do mandamento, philosopho tomista, intransigente em materia de doutrina.»

Era de facto um crente, um desses que se não podem confundir com certos trigonocephalos da actualidade; um crente sem os preconceitos estolidos do respeito humano, o cancro que corróe e envenena as sociedades modernas, e sem o pejo da confissão publica, expressa e solemne de seu amado *credo*, mas um crente praticante; um crente na igreja, no lar, na sociedade, e na imprensa — um philosopho, portanto, dada a erudição de seu saber theologico, a intransigencia de sua convicção e o exemplo de seu proceder como chefe de familia, como cidadão e como catholico.

Frequentava o confissionario e a santa communhão; cumpria os mandamentos da igreja e no jornalismo catholico, qual ficou dito, era o batalhador integro e denodado na propagação da fé e dos bons principios, que sempre admirámos; defensor acerrimo da igreja e do clero divulgador das boas normas da moral e da educação christã; constantemente na brecha contra a invasão da pornographia na imprensa, no theatro, e contra essas loucuras carnavalescas em que se compraz o espirito mau do seculo, que dominam e desvairam as multidões, mas, não áquelles que, como Aureliano Pimentel, bebem no calice de ouro da fé o confortavel nectar da piedade, que preserva a alma contra as tentações mundanas, fieis a sua doutrina e a sua crença.

Os serviços, pois, que elle prestou ao catholicismo, quer como crente praticante, quer como escriptor, quer como membro conspicuo de muitas irmandades religiosas, e especialmente como vicentino, são incalculaveis e importantissimos.

Devoto filho de S. Vicente, mesmo na cidade de Juiz de Fóra, muitas vezes o vimos desacompanhado e tremulo ao peso da idade provecta,



quasi octogenario, transitando pela ruas mais escuras, nos pontos mais afastados, onde se abriga a indigencia e a lagrima, a caminhar compassadamente, na missão divina e humanitaria de levar o obolo e o conselho edificante aos soffredores filhos de Christo.

Assiduo ás reuniões, onde se portava sempre com a sua habitual modestia, nunca recusou serviços nem disputou logares honorificos.

Pertencia, do mesmo passo, a quasi todas as confrarias e ordens religiosas de S. João d'El-Rey, e a todas prestou o concurso da sua actividade e do seu saber.

Crente e resignado que era, dos labios de Aureliano Pimentel jámais se ouviu um queixume, uma recriminação amarga sobre qualquer acontecimento triste ou menos afortunado que lhe occorresse na vida. Elle bem sabia que — como disse D. Bosco — a tribulação é o alimento dos escolhidos.

Assim poude soffrer os maiores golpes da adversidade, assim poude viver até aos 78 annos serenamente, honrado, e fiel aos seus principios, sempre grato aos beneficios recebidos a ponto de nunca ter esquecido a protecção e a amizade do ex-imperador, cujo banimento fel-o deixar o cargo importante que exercia no magisterio superior do paiz e recolher-se á vida privada, como expressivo protesto contra aquillo que elle considerava a maior ingratição dos homens.

### O homem

Quem conhecesse Aureliano Pimentel, tão debil e pequeno de estatura, como fôra, não ajuizará decerto de seu enorme valor intellectual, da energia masculina de seu saber e da capacidade de trabalho que o caracterizava.

E', porém, de notar aqui o que diz na *Nova Floresta* o oratoriano Manoel Bernardes sobre o physico de Frei João de la Cruz, a quem Deus N. S. «que tudo dispõe com summa ordem, conta e medida, quiz que a Natureza desfavorecesse com esta mesma falta (a de pequena estatura e debilidade organica), como fizera a muitos varões illustres em sabedoria, dignidade e santidade.

E cita em longa lista, santos e sabios physicamente pequenos, no tamanho, e grandes no saber e virtudes, como S. Paulo, S. João, S. Chrysostomo, S. Gregorio Nazianzeno, S. Jeronymo, S. Antonino e muitissimos outros, até S. Zancheu que trepou a uma arvore para ver passar a Christo, tendo o Senhor se dignado de hospedar-se em sua casa e S. Pedro o ordenado Bispo de Cesaria, na Palestina.

Ruy Barbosa, quanto aos talentos, saber e virtudes civicas, da sua parte, sendo de pequena estatura, tambem não desmente a observação perspicaz do classico oratoriano.

E outros, como Aureliano Pimentel, em todo o sentido a confirmam.

Talvez em razão da debilidade de seu organismo, trabalhando por enfermidade constante, o nosso biographado mostrava-se em extremo zeloso de sua saude, sempre perturbada por achaques dyspepticos.

Certa vez elle tomou-se de grande receio de vêr proximo o termo de sua existencia e recolheu-se piedosamente a tranquillo retiro, onde ficára á espera da morte, que felizmente retardou de muito o seu insulto definitivo.

Esse isolamento de tudo e de todos como que concorreu para que mais se apurassem no crisol da fé e do recolhimento as virtudes excelsas e os intemeratos sentimentos de crença e piedade de Pimentel.

Quando voltou elle ao theatro das luctas terrenas, embora ainda enfermo, vinha mais do que nunca intrepido na propagação e defesa da religião, mais retemperado na paciencia, mais fortalecido na sabedoria, santificada esta nas obras de character humano-divino.

Dahi mais do que em qualquer tempo activissima se mostrou a sua collaboração no periodismo catholico.

Como todo homem genial era constantemente Aureliano Pimentel victima de suas distrações, e, a proposito, contam-se muitas anecdotas interessantes.

Leopoldo Pereira narra no seu precitado artigo o seguinte :

«Era um homem originalissimo de costumes, distrahido a ponto de não ter certeza de ter almoçado, o que muito divertia a suas filhas. Andava pelas ruas de S. João d'El-Rey com um livro aberto a estudar, com a cartola no alto da cabeça, tão solitario no meio da multidão, como Des cartes em Haya, tendo impressão de que a turba era uma floresta.»

O sabio sanjoanense, dyspeptico que era, escrevia sempre de pé, por precaução hygienica, de modo que se lhe não comprimissem os organs digestivos. A sua banca de trabalho era uma alta escrivanhinha, em que se debruçava longas horas, entretido na afanosa tarefa de passar ao papel o producto de seus acurados estudos.

Muitas vezes, em meio de suas cogitações, punha-se, distrahido, a procurar a caneta, quando a tinha na mão, e de outras trocava os enveloppes das cartas que dirigia a differentes pessoas, o que determinava hilariantes *quiproquós*.

A sua distração ia ao ponto de esquecer-se elle muitas vezes de fechar as janellas da sala de visitas, quando, entregando-se a trabalhos nocturnos até horas mortas, se recolhia aos aposentos pela madrugada velha.

Certa occasião, em S. João d'El-Rey, residindo num predio do largo da Camara, predio que recentemente habitámos, esqueceu-se, tarde da noite, de fechar as janellas da sala, sem poder siquer suspeitar (elle que era o typo acabado da bondade) da inclinação maldosa de certos homens.

Pela manhã deu por falta do relógio e corrente, que deixara deparados do bolso do collete junto do leito, de uma carteira com dinheiro

e de outros objectos, inclusivè o proprio paletot preto com que, á tarde, fôra ao enterro de pessôa que lhe era cara.

Pois bem; ao ver-se roubado, a sua maior preocupação não foi a de reaver os objectos, mas a de profunda commiserção pelos ladrões, tanto que, passados tempos, se descobriram os furtos, tendo-se certeza sobre quem seriam os auctores, todo seu desejo foi o de que elles nada soffressem da parte da justiça.

Aveso ás discussões politicas, Carlos de Laet relata, a respeito, o seguinte, que põe em evidencia o espirito de fina e quasi innocente ironia de que era dotado Aureliano Pimentel:

«...Em uma só cousa não me acompanhava: — quando, obedecendo aos impulsos do meu combativismo, entrava eu em accesas discussões com os partidarios da Legalidade.

Esboçando um sorriso, tirava elle o chapéo de palha, olhava para o fundo e ia-se embora. Um dia consegui vêr o que lá se achava escripto. Pouco, e sempre em latim. Simples regra de conducta, a que infelizmente eu não me cingia: — *Cum florianistis nil contendere...*»

Aureliano, fidelissimo a suas amizades e hábitos antigos, fidelissimo a sua crença, era tambem exemplarissimo chefe de familia. Austero de costumes, não se lhe apontou jamais uma infidelidade conjugal, passando nos logares, que habitava, como verdadeiro typo de puritano, de severo proceder, de conducta irreprehensivel.

Algumas cartas como exemplares de sua copiosa e cuidada correspondencia epistolar, que reproduzimos a seguir, dão perfeita idéa da bondade de seu coração, da lhaneza de seu trato, da casticidade de seu estylo mesmo em tal genero:

«Exmo. sr. Brant Horta — Deus guarde e prospere vossa amavel pessôa.

Recebendo eu vosso livro — *Lyræ Carmen*, — apenas vi a dedicatória a vossos paes e a vossa esposa, fiquei prevenido a favor delle. Um joven de talento, que canta as mais puras affeições de familia, e que merece elogios do eximio prosador e poeta L. G., é digno de ser lido e applaudido por quantos ainda prezam a sentença de Juvenal: *maxima debetur puero reverentia*.

Vossa poesia sempre respeita a pureza de linguagem e a nobreza de sentimentos: amor da arte, amor conjugal, e respeito á Divindade felizmente vos inspiram. Parabens vos dou e agradecimentos vos devo pelo excellente mimo que me enviastes.

Humilde lucerna quasi a extinguir-se, que posso eu dizer dos quilates estheticos de vosso livro, já bem apreciados por luzeiros de nossa litteratura ?

Dir-vos-hei sómente que, segundo meu antigo costume, fiz um indice *mih*i da maneira seguinte :

Bellas poesias — «Hontem», pag.....	61
«Lux», pag.....	67
«Excelsior» .....	69

Bellissima traducção do *To be or no to be* do Hamlet de Shakspeare, pag. 78. E' a melhor que conheço em portuguez.

O soneto a O. Bilac, pag. 73, era digno de offerter-se ao grande poeta norte-americano, Longfellow, pois, a meu ver, é um diamante sem jaça, ao qual bem se applica o verso de Boileau:

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poéme.

Elevação de pensamento em linguagem perfeita e harmoniosa é o que me delicia em varias poesias vossas, principalmente na que se intitula — Lux, pag. 67.

Desculpa-me de haver tardado tanto em accusar o recebimento de vosso livro. Desgostos e enfermidade impediram-me de ler e reler vossas lindas poesias: só hoje é que pude concluir a leitura dellas. — Vosso admirador muito obrigado, AURELIANO PIMENTEL.»

Ao professor sr. Leopoldo Pereira escreveu a proposito de um compendio de *Literatura Nacional*, que o mesmo distincto professor lhe pedira escrevesse:

«Já velho, dyspeptico e acabrunhado pelos males que soffreu nossa patria dominada pelo despotismo militar, não tenho mais animo para escrever cousa que se imprima. Para o resto da vida tenho de levar o desgosto de ter dado causa de existencia a alguns degredados filhos de Eva. V. M. é moço e tem talento; póde escrever egual compendio.»

Ao auctor deste modesto trabalho dirigiu o sabio Mestre a seguinte missiva sobre o poema *Filha Morta*:

«Deus guarde e prospere a v. e sua exma. familia. Devo-lhe agradecimentos pela offerta que se dignou fazer-me, de um exemplar de seu bellissimo poema, cujos admiraveis versos delicias profundamente o entendimento, mas profundamente commovem o coração. E eu então, que tambem fiquei sem o meu primogenito, que era minha alegria neste mundo, sei quanto soffreu seu amor de pae. Como Lamartine e Varella, v. com evidente perfeição exprime os sentimentos nobilissimos de sua bella alma. O que, porém, lhe desejo é que v. cada vez mais avive a sua fé na Bondade do Creador, que não nos infundiu o intenso amor aos nossos filhos para supplicio nosso, mas para nos dar a alegria de os tornarmos a ver. Digamos como A. Herculano:

«Um segredo de doçura :  
que na patria o amor se apura,  
que o desterro viu nascer,  
que é o céo a patria nossa,  
que o mundo exilio breve.»

Continue v. a regalar nos com seu primoroso estylo, propugnando sempre a causa do bem publico que depende dos principios da mora christã, unica fonte de verdadeira civilização.

Com alta consideração prezo-me de ser, etc., — AURELIANO PIMENTEL,»

Juíz de Fóra, 9 de maio, 3.º anniversario do fallecimento do meu filho padre João.»

Essa primorosa carta vem acompanhada da seguinte bellissima traducção, que é trecho admiravel de Schiller:

«Ao seio escuro da sagrada terra  
nossa obra confiamos imperfeita ;  
assim o lavrador della confia  
sua semente, e espera ampla colheita,  
a voz de Deus tomando como guia

*ainda sementeira mais preciosa  
na terra lacrimosos occultamos,  
e que surja do tumulo esperamos  
e floresça em mansão mais venturosa »*

Muitissimos outros exemplares de bellas epistolas de Aureliano poderiamos offerecer ao leitor, si já não fosse tão longo o pallido escorço que vamos concluir do illustre Patrono academico, e que, de facto, concluiremos com o capitulo

### A MORTE DO SABIO

No ultimo dia do ano de 1908 regressavamos da capital do Estado para S. João del-Rey, então nossa residencia, quando, ao chegarmos a essa culta cidade, recebemos, logo ao desembarcar, a noticia dolorosa e inesperada do fallecimento de Aureliano Pimentel, chegado havia poucos dias do Rio de Janeiro, e que nessa tarde devia ser sepultado no cemiterio da V. O. T. do Carmo.

Os sinos de todas as igrejas dobravam a finados. Os bronzes seculares espalhavam o pregão desolador em gemidos metallicos que percorriam, reboando horizonte a horizonte, a terra que vira nascer e morrer o sabio queridissimo.

Revestidos de seus longos habitos de terceiros, nas suas opas de irmãos ou no lucto das vestes civis, os habitantes da velha cidade, sem distincção de classes, accorriam á residencia da familia do morto venerado, para render-lhe as ultimas homenagens christãs, os ultimos preitos de amizade e respeito.

Não ha noticia em S. João del-Rey de funeraes mais concorridos nem de lagrimas que fluissem mais sinceras.

A cidade via bem no coração de cada um de seus filhos a desolação que determinara tão sentido acontecimento. Era ainda uma pagina das suas glorias mais legitimas que se desaggregava da historia de suas conquistas literarias para adherir-se a um tumulo como epitaphio delle.

Ao cair da tarde o prestito desfilou compacto e solemne, illuminado por tochas sem conto, ao dobre funereo dos sinos e sob as bençams do povo consternado.

Pela manhã a cidade alvoreceu como que sob a impressão tristissima do spectaculo da vespera, mas satisfeita de ter ali, ao abrigo de seu carinho, dormindo no seio da terra em que nasceu, a um dos homens mais

notáveis do paiz, e que, de longa data, de lá se afastara, mas de onde não quiz afastar-se na morte.

A imprensa mineira e de outros Estados, especialmente a catholica, não regateou preitos e homenagens á memoria do sabio morto, e em S. João del-Rey, tributadas pelo *Reporter* e a *Opinião*, as manifestações attingiram o requinte da justiça.

A *Opinião*, no 30.º dia do fallecimento de Aureliano, publicou um numero polyanthéa, com excellente retrato e collaborado por Carlos de Laet, conde de Affonso Celso, Franklim Magalhães, Nilo Guerra, pelo auctor destas linhas e outros escriptores.

Coube-nos a nós, por nimia gentileza dos illustres redactores, o traçar o artigo de fundo, porque elles bem sabiam da amizade sincera e da admiração litteraria que nos ligavam á pessoa que é hoje nosso Patrono.

E o que escrevemos então e agora ratificamos foi o seguinte, que nos saú como um grito intimo de desolação e saudade, que sómente poderá parecer exaggerado a quem não haja conhecido o velho Pimentel:

#### A HOMENAGEM DE HOJE

Ella representa uma divida de gratidão e justiça que a população conterranea contrahiu para com o homem illustre e sabio, que se chamou Aureliano Pimentel, e de cujo passamento hoje se commemora o 30º dia.

Nenhum outro dos que nos ultimos decennios têm servido ao progresso e á civilização desta cidade, póde emparelhar com esse paladino do saber, que sahiu da vida sem desaffeições, amado e admirado de todos, e a quem o pensamento culto do paiz inteiro, por seus organs mais auctorizados, soube render o preito justo e altivo e eloquente no reconhecimento de seus meritos, de seu trabalho e de seu character.

Traçar a biographia de Aureliano Pimentel; divagar sobre os fastos de sua existencia fulgurante; relembrar acontecimentos de seu passado immareado e nobre, seria, sem duvida, realizar a monographia do bem e da sabedoria em todas as suas manifestações; constituiria uma tarefa superior a nossas forças e incompativel com o acanhado espaço destas columnas.

Basta attentar na palavra respeitavel de Carlos de Laet, que, em pagina brilhante, pranteou a morte do nosso querido conterraneo e se referiu a tudo que elle espalhou de beneficios na sua luminosa passagem pelo mundo, e terá elementos o que, por ventura, não conheceu Aureliano Pimentel, para ajuizar da sua erudição e do seu valor.

Mas ha gerações inteiras de homens illustres que o contemplaram na sua obra de pedagogo, que beberam os seus ensinamentos, que se instruíram ao seu benefico influxo, que se adextraram á sua aprendizagem, que caminharam na carreira das letras, que triumpharam, por fim.

Taes homens serão, por sem duvida, os mais sinceros arautos da illustração e da tenacidade desse vulto, que não parece dos nossos tem-

pos e cuja austeridade poder-se-ha comparar á de um senador romano.

Philologo e philosopho, latinista e historiador, versado, por assim dizer, em todos os conhecimentos humanos—a sua figura de mestre teve um relevo nunca attingido por outrem na historia do Collegio d, Pedro II, nos tempos em que o ensino secundario, em nosso paiz, era a verdade evangelica que todos admiravamos.

Até ahi foi a culminancia de nosso venerando patricio, para não citarmos o grande numero de estabelecimentos de ensino, aos quaes elle serviu com tanto brilho e dedicação.

A nossa cidade que lhe foi berço natal, e que elle amava com todas as véras, é a sentinella avançada que testemunhou lustros da sua vida intensa na ardua tarefa de educar a mocidade e disseminar o bem, em constantes movimentos de caridade, percorrendo os bairros da miseria, os lares envergonhados em que a fome penetra, mas não os deshonra—para, como confrade da piedosa conferencia vicentina, robusto e firme na sua fé catholica, alimentar o faminto e consolar o afflicto.

Mas, na vida honrada desse austero varão, havia um culto que elle prezava espartanamente e que ninguem ainda ousou profanar—o da sua fidelidade á gratidão.

Um dia, o velho e pranteado ex-imperador, numa das visitas que fez a nossa cidade, foi ao encontro de Aureliano Pimentel—e arrancou-o da penumbra de modestia a que se votava, por vontade natural e propria, e levou-o para o Rio de Janeiro—onde o fez entrar em diferentes concursos, por o saber sabio—e nos quaes o grande mineiro triumphou sempre, até chegar ao alto cargo de reitor do instituto official, a que nos referimos, até chegar a ser mestre dos principes.

Essa prova de confiança rara que se lhe depositava, a elle, que se deixara numa vida apagada, no interior do paiz, nunca a esqueceu o velho professor, nunca!

A sua amizade e a sua veneração por d. Pedro de Alcantara não esfriaram alguma vez, sempre vivaces e sinceras.

O povo desta cidade já rendeu ao illustre morto as suas homenagens, e terá, para sempre, como exemplo edificante o seu passado impolluto e os fastos de uma existencia proficua e nobilissima.

Mas a imprensa local, que elle tanto serviu e honrou, aqui e mais longe, vem ao encontro do sentimento deste povo dolorosamente enlutado, e ella mesma de luto, completar essa homenagem.

Dahi a explicação deste numero polyanthéa, em que *A Opinião* estampa o retrato do sabio sanjoanense e congrega em torno d'elle uma phalange de escriptores que rendem, comnosco, aos meritos altivolos daquelle grande espirito as homenagens que reclama a sabedoria, alliada ao talento e ao character na sua significação mais refinada e puritana.

O illustre homem de letras, sr. Conde de Affonso Celso, publicou nessa polyanthéa os seguintes esplendidos e tocantes versos, que representam a autoridade de uma opinião literaria de valor inestimavel e ao mesmo tempo christã sobre a individualidade do homenageado :

## «AURELIANO PIMENTEL

Era um puro, era um forte, era um sabio, era um santo;  
Virtudes repeliu, saber accumulou:  
E, sem a justa gloria, impropriamente, a um canto,  
Peia terra passou.

Hão de thesouros taes extinguir-se na cóva?  
Não! Em sortes assim ha lição magistral:  
De outra vida melhor são a omnimoda próva:  
Salve! oh! alma immortal!

Villa Petiote—22 de janeiro de 1909.

AFFONSO CELSO»

O apreciado poeta Franklim Magalhães escreveu, a par com um excellento artigo, esta encantadora e elegiaca sextilha:

O' Musa, as magoas da vida  
Leva-as da morte o batel;  
Ella nos arranca á lida  
Brutal, ao mundo cruel...  
Mas chora a perda sentida  
De Aureliano Pimentel!

De nossa parte, além do artigo já reproduzido, mandámos á polyanthéa a quadrinha que transcrevemos a seguir, a qual a illustre familia Pimentel deseja inscrever na lapide da sepultura de seu querido chefe:

«Bemdicto o que deixou a terra amada,  
E, honrando-a, della nunca se esqueceu.  
Ao voltar glorioso da jornada  
Poude dormir no berço em que nasceu!»

Assim, terminou-se a existencia propecta e illustre, si bem que modestissima, do grande sabio e justo que foi Aureliano Corrêa Pereira Pimentel.

Nenhum de seus contemporaneos o ultrapassou em erudição e virtudes.

O que elle deixou publicado em livro, pôde não representar cabedal copioso, mas coordena documentos valiosissimos, impereciveis de seu enorme preparo em humanidades, de sua variadissima cultura intellectual.

São documentos esses que devem de ser conservados em relicario, como paginas gloriosas da historia da literatura nacional.

S. João d'El-Rey honra-se com o ter sido berço de Aureliano Pimentel. Ainda agora a municipalidade acaba de ligar o nome do Mestre a uma das ruas daquela cidade. Mas a homenagem se completará sem duvida no dia em que ella fizer erigir no antigo largo da Camara o seu busto em bronze.

E, fazendo votos para que a idéa se converta em breve em realidade, para ser acolhida com applausos até onde chégue a noticia do acontecimento, pomos fim a esse imperfeito esboço de biographia ou que melhor nome tenha, sentindo não pudeseamos fazer desse homem admira-

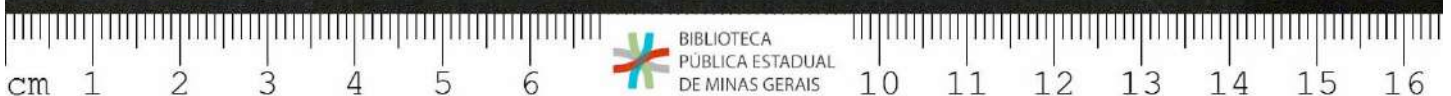
vel o estudo que reclama sua individualidade multiforme no dominio das letras.

Mas o que ahi fica, evidencia o desejo que tivemos de realizar um trabalho que cabe aos mais doutos levar a effeito.

O caminho está desbravado. A outrem toca, por illustre e erudito, atirar sobre elle flores ornamentaes e clarões apotheticos que não temos, pondo em mais brilhante relevo a figura imponente do sabio e a imagem serenissima do justo—que, sabio e justo, Aureliano Pimentel passará á veneração dos posteros, envolto no glorioso resplendor dos seus feitos e nas fulgurações da immortalidade, que foi a estrella tramontana que o guiou através de todos os triumphos e de todos os embates de sua modelar existencia.

Juiz de Fóra, 30 de abril de 1911.





## Elogio de Barbara Heliodora pelo academico João Lucio Brandão

(LIDO PERANTE A ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS, EM SESSÃO DE 6 DE FEVEREIRO DE 1916)

### II

Devo confessar, sem irreverencia, a minha tal ou qual prevenção contra as literatas, principalmente si estas têm pae, marido ou noivo que cultivem a arte em quaesquer das suas manifestações.

Para mim a Mulher, por todos os seus attributos physicos e moraes, sempre foi, e será sempre, o objecto do culto carinhoso da humanidade, a causa e o fim das grandes evoluções e das grandes conquistas.

Como o incenso rescendente dos thuribulos enchendo as naves religiosas e ascendendo aos pés da Divindade, todos os votos, todas as esperanças, todos os desejos, todas as ansias da alma humana vão soluçar, cantar, florir aos pés triumphaes da Mulher, dona eterna de

«um pé de matar gente e pisar flores», no verso cantante do lyrico inspirado.

Ella é a crystallização suprema da Forma sublime, cantando o seu triumpho na sinuosidade insidiosa e harmonica das linhas; é a dominadora vencendo com a luminosidade humida do olhar, com o crótalo suavissimo do riso, com a inexprimivel doçura do beijo, passaro exquisito e subtil que guarda com avaro recato no perfumado e quen teninho da bocca, para a consagração do Amor.

Ella é a causa de todas as convulsões da alma humana—quer seja Helena selvagem provocando o incendio de Troya, quer seja Maria Santissima, de pés de lirio e olhar de céu, redimindo o mundo pela bondade e pelo soffrimento.

Si a mulher é a synthese palpitante de tudo quanto existe de bello desde a violeta modesta até o esplendor da estrella, que scintilla gloriosa no alto azul illuminado; si condensa a extrema bondade e a perversidade extrema; si tem a meiguice da rola e a insidia da serpente; o impeto incontido da tempestade e o acariciante ritornello

da cotovia; o orgulho rubro da rosa e o recolhimento modesto da sensitiva; si é sombra e é luz; si é raio que fulmina e beijo que redime, e é, por isso mesmo, adorada, repellida, cubiçada, amaldiçoada—não comprehendendo como possa, numa inversão brusca e irritante de papeis, trocar o seu throno pelo plectro com que os seus subditos devotos lhe cantam a bondade e lhe celebram a formosura vencedora!

Amo-a no pedestal em que deve ser adorada e respeitada; santa, no recesso religioso do lar, curvada sobre um berço; bella—como incomparavel e exquisita flor de carne, explodindo graça e frescura aos olhares quentes dos seus adoradores!

Deslocada dessa esphera, perde a aura de intangibilidade que a protege.

E, em que pese á corrente feminista do seculo, poucas, bem poucas senhoras em nosso meio representam organizações verdadeiramente literarias, Julia Lopes, Presciliana Duarte de Almeida e Francisca Julia da Silva, entre outras, são excepções honrosas, que sobremodo illustram o sexo.

## II

A Academia Mineira consagrou uma cadeira á d. Barbara Heliodora cujo elogio me foi confiado. A brilhante associação literaria quiz assim prestar homenagem á memoria da Cornelia mineira que, depois de haver entregue as ultimas joias aos prepostos da justiça real, tomou pela mão os filhos, unicos superstites de uma vida opulenta e feliz e abandonou com estoica dignidade o lar—cahindo de um salto brusco na noite sem aurora da loucura.

Barbara Heliodora é um symbolo.

O symbolo é a alma do povo como a bandeira é a alma da nação. E' a parte subtil, immaterial, a essencia que sobe e fica no alto, intangivel e fluctuante, luminosa como um exemplo, excitante qual toque de clarim...

O symbolo é a figura do heróe, com as arestas desbastadas pelo tempo, suavizadas pela distancia, poetizadas pela lenda e que se transforma em oraculo, fetiche indispensavel para o qual os dirigentes appellam nas grandes convulsões sociaes.

Tiradentes, o ingenuo alferes de milicia que pagou com a vida a fogosa levandade com que comprometteu uma grande causa, será sempre o «proto martyr da liberdade», e da extremidade do barão que o enforcou, penderá sempre, como lastro de traição, a figura execrada de Joaquim Silveiro dos Reis.

A pelle do heróe barbaro, distendida num tambor, continuará a rufar soturna e cava, incitando arremettidas insustaveis e victorias devastadoras contra hostes inimigas...

O povo que não tem um symbolo, representação de um feito heroico, de sentimentos de coragem, de abnegação, de amor, de sacrificio pela collectividade;—uma figura engrandecida pelo heroismo, dignificada pelo soffrimento, illuminada pelo martyrio, e para a qual levante os olhos e a

alma no momento de angustia pedindo-lhe o exemplo da firmeza na resistencia, de tenacidade na lucta, de civismo nas reivindicações e de fortaleza de animo na resignação—é povo de vida instavel, agrupamento de corpos sem nervos, sem alma e sem ideal, que se encontram, chocam-se e passam, sem cohesão e sem fim—sombrias apagadas caminhando para a treva muda do aniquilamento.

O symbolo vem do Passado.

O Passado é grandiosa cathedral.

Sob as arcadas majestosas, numa atmosphaera indecisa de mysterio e de sonho, circumdados da opalescencia que esmaece os contornos, repousam as imagens serenas e canonizadas dos que deixaram na peregrinação pela vida um atomo do seu esforço marcando um avanço no curso da humanidade.

No silencio profundo e austero, no seio da grande noite insondavel do tempo transacto—a coragem civica, o patriotismo, a abnegação pela collectividade, a dedicação em todas as suas manifestações sublimes têm os seus patronos que surgem reencarnados e redivivos á evocação dos posterios.

Sacudindo a poeira dos seculos, distendendo os membros longamente immobilizados, elles vêm da bruma para a luz que offusca, e tão grande é a majestade dos portes, tão empolgante a austeridade das feições, reflexo dos caracteres integros, que a luz recúa esmaecida e lhes beija os pés com respeito.

Com a humildade de um devoto e o alvoroço de um crente, penetrei tambem os humbraes dessa maravilhosa cathedral.

Quiz dali trazer para a luz, na opulencia do seu tempo, ressurrecta na grandeza epica do seu gesto de renunciamento, no esplendor da sua cantada belleza, no prestigio da sua cultura espiritual,—a figura inconfundivel de Barbara Heliodora. Mergulhei curioso nas anfractuosidades reconditas do templo maravilhoso. Ai de mim! Ou porque me não fosse bastante a força evocativa, ou porque profano me julgasse o grande espirito que eu buscava—não pude operar o milagre ambicionado de o ver palpavel, redivivo e terno—cantando um dos mais commoventes e ignorados episodios da Inconfidencia, um dos maiores actos de coragem civica feminina, desprendimento e patriotismo. Não lhe pude escutar as estrophes inspiradas...

No meu estonteamento ao penetrar o ádito majestoso, mais senti adensar-se em deredor de mim o grande silencio profundo, sem a reticencia de um som consolador e confortante; mais se avolumaram as trevas, sem um parenthese de luz. Voltei como o cruzado da fé: com o corpo martyrizado nos caminhos da peregrinação, mas com alma erguida e esperañada para vencer em mais feliz retorno.

E o espirito eleito, que busquei ansioso, lá ficou solenne e grave na compostura impenetravel duma esphinge, dedo sobre os labios tacitos e sorridentes, á espera do Principe encantado e eleito que ha de chegar para despertal-a do somno secular e ouvir-lhe da bocca inspirada a historia da sua triste e edificante aventura...

Tal entre silvas e espinheiros bravos, no mais inextricavel seio do bosque—a Bella da fabula esteve adormecida por trezentos annos!

Tambem hade vir, eu o espero, eu o desejo, eu o creio—o Principe encantado e eleito que, com o prestigio do seu amor evocativo, com a ansia da sua incessante pesquisa, com a seducção da sua voz de apaixonado—chame da meia sombra do mysterio onde repousa para a luz radiante da Historia—Barbara, bella—a meiga, a forte, a suave, a heroica companheira de Alvarenga Peixoto; aquella que amou, brilhou, soffreu e adormeceu no seio negro da demencia,—nas plagas risonhas de Campanha do Rio Verde—entre os sulcos de terras que se abriam como feridas para a mineração e as verdes e farfalhantes florestas encantadas, cheias de duettos de passaros e de aromas de flores...

E esse Principe encantado — será o esforço collectivo de quantos, com amoroso enlevo, se dedicam ao culto do Passado e das tradições, concorrendo cada qual com um raio da sua pesquisa para a ressurreição completa dos vultos illustres da nossa Historia. Será Americo Werneck, pensador e philosopho; Escragnolle Doria, erudito, de sobrio, fidalgo e gracioso estylo, o forte e enternecido evocador de Marília de Dirceu; Basilio de Magalhães, o conhecido historiographo; Nelson de Senna, o apaixonado e incansavel pesquisador das nossas tradições; Julio Bueno, o talentoso colleccionador de documentos dos nossos tempos de antanho, que teve o dissabor de ver a sua preciosa colleccão desfalcada pelo roubo de que foi victima na Exposição Nacional de 1908; Alberto Faria, o illustre director da Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas; será d. Prescilia Duarte de Almeida, que illustra a cadeira de Barbara Heliodora na Academia Paulista de Letras; será a longa lista de intellectuaes que dedicam os seus lazeres ao silencio recolhido dos archivos, decifrando cabalisticos hieroglyphos já roídos pelo tempo, ou se atiram á caça dos documentos, com a interessada pertinacia dos faiscadores procurando as pepitas de ouro...

Faiscador retardatario e inexperiente, á minha bateia inhabil apenas veiu ter o lantejoulado cascalho de reflexos de ouro; mas, á generosidade de velhos companheiros que me precederam com afoiteza e intelligencia na exploração—devo as ricas filigranas com que circumde a historia de Barbara Heliodora—a heroína da Inconfidencia, tanto mais merecedora das nossas homenagens quanto mais injustos temos sido para com a sua memoria abençoada.

De facto, nesse doloroso episodio da conjuração mineira ella tem sido relegada para ultima plano, figura apagada a perpassar no fundo negro do quadro, com as roupagens transparentes de fugitivo duende...

Castro Alves, na sua peça «Gonzaga», não lhe dedica o fogoso entusiasmo do seu verso inspirado; Goulart de Andrade, o bello espirito tão fecundo a quem tanto devem as nossas lettras, no seu bellissimo livro «Inconfidentes», atira-a para segundo plano, emquanto Marília, a formosa noiva de Gonzaga, merece todo o carinho da sua alma de poeta e da sua graciosa penna flexível...

A edilidade da Capital Federal resolveu dar a uma rua esconsa do Rio de Janeiro o nome da heroína mineira... mas fez-lhe do nome um pastel. A rua tem, si não me engano, o nome de Barbosa Alvarenga!

Injustiça maior, dolorosa profanação á sua memoria estava reservada. Refiro-me ao quadro historico, ornato do tecto do salão nobre do palacio da Liberdade.

Presidiria á execução daquella obra forte tendencia para o mais transcendente symbolismo? Talvez, porque não ha quem deixe de sentir, ao observal-a, vigoroso e incontido arrepio; não o «arrepio sagrado» que electriza, prende, emociona, commove, quando observamos uma obra de arte,—porém uma especie de mal estar, de revolta quasi...

Alli reproduziram uma paizagem fria, de outras terras, uma paizagem de sonho, talvez, sem contornos e sem alma. Não a espiritualiza a luz macia das nossas manhãs de velludo e ouro, nem a vibração quente dos nossos claros dias de sol, nem a suggestiva tristeza dos nossos crepusculos inegalaveis, hora magica em que na phantasmagoria dos poentes como que se arrastam sombras dolorosas cantando ao rythmo de invisiveis violinos a aria commovida da Saudade...

Aquelle inqualificavel verde chlorotico, onde o amarello predomina, não é o verde intenso e brilhante dos campos e da vegetação sul mineira; aquellas arvores, cujas frondes parecem coroadas de neve, não são especimens da nossa flora.

Ao lado, aquella casa colonial parece querer fugir na sombra, protegida por alta e espessa muralha, como se furtando ao ridiculo das telhas francezas que garridamente lhe cobrem o corpo avançado. E, na desoladora tristeza da paizagem nostalgica, é inexpressiva aquella figura de mulher com as feições quasi occultas, envolta num espesso véo, sentada ao pé dum marco onde se lêem as estrophes pungentes de Alvarenga Peixoto :

Barbara bella  
Do Norte estrella  
Que o meu destino  
Sabes guiar, ..

Será talvez que a minha ignorancia me tenha obliterado a visão artistica, mostrando-me defeitos onde os entendidos encontram occultas belezas; é possivel—porque a tela em causa traz a assignatura victoriosa de grande artista brasileiro, filho illustre de Minas.

Confesso, entretanto, a minha impressão pessoal, embora corro o risco de ouvir o classico «ne sutor ultra crepidam» como justo correctivo á minha ousadia.

Felizmente, embora lenta e tardia, a justiça se vae fazendo á memoria da grande brasileira.

Depois dos trabalhos do dr. Nelson de Senna, o sr. dr. Americo Werneck publicou, em 1899, brilhante monographia sob o titulo «A Heroína da Inconfidencia», reivindicando para a nossa infeliz patricia o logar saliente que lhe compete na Historia.

Na instrucção normal e primaria de Minas—Barbara Heliodora é materia de um dos pontos do programma de ensino.

Além de outros nomes de escól, Alberto Faria e o professor Julio Bueno têm dedicado o melhor do seu esforço no descobrimento de documentos sobre o assumpto, como o provam os insertos na «Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes», de Campinas, de 31 de março de 1915, n. 38, constituindo a parte mais valiosa e interessante deste despretensioso estudo.

E, para terminar a serie das reivindicações, por que não citar um factó authenticó ?

Certa vez uma das nossas municipalidades, desejando a creação de uma escola publica num districto, pediu-a ao sr. Presidente, a quem solicitou tambem permissão para á nova escola ser dado o nome da illustre esposa de s. ex.

O chefe do governo, muito sensibilizado com a desinteressada deferencia, mas allegando angustia de verba, indeferiu, para o momento, a justa pretensão da Municipalidade, á qual lembrou-se dêsse ao novo estabelecimento, quando creado, o nome de Barbara Heliodora.

### III

A lenda e a historia caminharam sempre juntas, de mãos dadas, na melhor camaradagem, confundindo-se quasi. Entretanto, da primeira á segunda vae a mesma distancia que separa a poesia da mathematica. Uma divaga, crêa, emociona, commove; tem azas e vôa; tem estro e canta; tem liberdade e inventa um meio e um tempo adequados ás figuras sublimes ou detestadas. E' reflexo da alma do povo, a synthese da tradição.—A outra é fria e fixa como o numero; acorrentada ao raciocinio, vae, com a luz da razão, atravez dos séculos, pesquisando documentos, seguindo rastos apagados que lhe permittam reconstituir uma individualidade ou uma época—até trazel-as, impassivel como o algarismo, cega como a justiça, implacavel como o destino, integras e verdadeiras á luz do julgamento contemporaneo. Nada affirma, ou nega sem provas.

Estudada sob este criterio, mais consentaneo com o nosso tempo, a individualidade sympathica de Barbara Heliodora permanece ainda um tanto obscura á falta de documentos precisos e essenciaes, que elucidem de modo positivo a sua biographia.

Segundo a opinião de Joaquim Norberto, ella é paulista de nascimento; pesquisas posteriores, entretanto, levam o professor Julio Bueno a conjecturar que ella tenha nascido em S. João d'El-Rey, ou ainda na Campanha, em meados do seculo 18, sendo mais provavel que tivesse sido seu berço a séde da comarca do Rio das Mortes.

Por verificações feitas em cartorios da Campanha, sabe-se que ella costumava assignar-se Barbara Heliodora G. da Silveira Bueno. Este

ultimo appellido parece indicar que ella pertencia aos descendentes de Amador Bueno, dos que vieram em *Bandeiras* para Minas.

E' ainda esta descendencia que motivara o tratamento de «Princesa do Brasil», que tinha em casa sua filha Maria Ephygenia, recordação do facto de haver sido acclamado em S. Paulo o tronco dessa familia na occasião em que o Brasil voltou ao dominio portuguez.

Era filha do dr. José da Silveira e Souza, fallecido em 1794, e de d. Maria Josepha da Cunha, fallecida em 1806.

Em 4 de outubro de 1781, Barbara Heliadora recebeu o habito da Ordem Terceira de S. Francisco, em S. João d'El-Rey, onde morava com seus paes.

Casou-se com o dr. Ignacio José de Alvarenga, empossado no cargo de Ouvidor Geral da Comarca do Rio das Mortes, a 19 de agosto de 1776, e nomeado coronel de regimento de cavallaria em 1785.

Foram filhos do casal: Maria Ephygenia, José Eleuterio, Tristão e João Evangelista.

Este ultimo viveu muitos annos na Campanha, tornando-se demente em 1823, mais ou menos, tendo sido curatelado até 1839 ou 1840.

Deixou na Campanha um filho, Ignacio Alvarenga, que ahi deixou descendentes, entre os quaes d. Maria Alvarenga, casada com o portuguez José Esteves Mano, que naquella cidade manteve uma fabrica de chapéos.

José Eleuterio deixou em Silvianopolis um neto, o sr. cel. Francisco Ignacio de Alvarenga, ainda vivo e com numerosa descendencia. Uma parenta deste, d. Guilhermina de Alvarenga Peixoto, tentou reaver do Estado os bens confiscados ao inconfidente, tendo para isso colligido documentos. Falleceu, entretanto, sem nada conseguir, tendo deixado um filho, o sr. Francisco Assumpção, actualmente residente em Tieté, Estado de S. Paulo.

Enlouquecendo em maio de 1812, d. Barbara Heliadora veiu a fallecer a 22 de maio de 1819, tendo sido seu curador o capitão Simão Lopes de Araujo, que a 2 de julho do mesmo anno prestou contas do estado dos bens e rendimentos da curatelada.

Até o momento da interdicção, a inditosa viuva de Alvarenga geriu a sua fortuna, advogou a causa de seu esposo com superior energia, só perdendo o animo e a razão quando, confiscados os bens e arrasada a sua casa, teve de ouvir a leitura da sentença declarando infamada a sua descendencia.

Os documentos seguintes colhidos na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, já citada, e commentados pelo dr. Nelson de Senna, elucidam sobremodo as referencias acima feitas. Ao mesmo tempo destroem, em muitos pontos, a lenda romantica posta em torno da fortuna de Alvarenga, já muito balançaada e compromettida por dividas antes de 1792.

**Posse**

Auto de posse dada ao dr. Ignacio José de Alvarenga do cargo de Ouvidor Geral desta Comarca

Anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e sete centos e setenta e seis aos dezenove dias do mez de agosto do dito anno desta villa de Sam João d'El-Rey minas e Comarca do Rio das Mortes em casas da Camara della aonde se achavão os Juizes ordinario os Capitaens Joze de Lima de Noronha Lobo e Antonio José de Castro. os veriadores Antonio Moreyra Ribeyro, Domingos Rodrigues Barrey, ros e Anastacio Joze de Souza, o Procurador Manoel Ribeyro Quinta, e o Doutor ouvidor geral desta dita Comarca Francisco Carneiro Pinto de Almeida; ahi foi presente o Doutor Ignacio Jozé de Alvarenga pelo qual foi dito ao ditos Juizes e mais officiaes da Camara que elle se achava provido por mercê de Sua Magestade Fidelissima no cargo de ouvidor dessa dita Comarca e tambem de Provedor das fazendas dos defuntos e ausentes capelas Residuos constante das cartas que aprenhava donde constava ter prestado Juramento na chancelaria mór do Reyno, e nas mãos do Excelentissimo General desta Capitania para effeito de tomar posse, cujas cartas sendo vistas pelos ditos Juizes ordinarios e mais officiaes da Camara depois de as fazerem registrar em Livro competente por excusam das mesmas o diio Doutor Francisco Carneiro Pinto de Almeida, entregou a vara que na mão tinha na do predicto Doutor Ignacio José de Alvarenga novo provido no sobreditos cargos de ouvidor geral e mais anexos e Provedor das fazendas dos defuntos e ausentes capelas Residuos desta dita Comarca e os ditos officiaes da Camara o houverão por empossado tanto quanto em direito he necessario dos expendidos cargos para os exercer como Sua Magestade Fidelissima manda fasendose as serimonias da Lei, e de tudo para constar mandarão os ditos officiaes da Camara faser este auto no qual assignarão com o doutor Francisco Carneiro Pinto e com o dito empossado depois de lhe ser lido este auto por mim Bento José de Faria e Sousa escrivão da Almotasaria que no empedimento do da Comarca escrevy—Ignacio José de Alvr.<sup>o</sup>—D.<sup>or</sup> Franco. Carn.<sup>o</sup> Pinto de Almd.<sup>a</sup>—Jozé de Lima de Nor.<sup>a</sup> Lobo.—Ant.<sup>o</sup> Jozé de Castro.—Ant.<sup>o</sup> Mor.<sup>a</sup> Ribr.<sup>o</sup>—D.<sup>os</sup> Roiz Barr.<sup>os</sup>—Anastacio José e Souza.—Manoel Ribeir.<sup>a</sup> Quinta.

**Profissões religiosas**

Do Livro das Profissões da Ordem Terceira de S. Francisco de S. João del Rey

L.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup>, fls. 22.—A Ir. D. Maria Jozefa da Cunha m.<sup>or</sup> do N. c.—Pr.<sup>o</sup> Menystro o D.<sup>or</sup> Jozé Joze da Silvr.<sup>a</sup> e Souza m.<sup>ora</sup> nesta v.<sup>a</sup> natural e baptizada na freg.<sup>a</sup> do Senhor Bom Jesus o da Anta de Goyás Bisp.<sup>o</sup>



do Rio de Janr.<sup>o</sup> filha legitima do Cap.<sup>m</sup> Mor Joze Teix.<sup>a</sup> Chaves, e D. Marianna Buena da Cunha em 28 de 7br.<sup>o</sup> de 1759 recebeu o Santo Abito da mão da N. C. Ir. Comissr.<sup>o</sup> o P.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> Fr. Manoel do Livram.<sup>to</sup> Ex. Leitor na Sagrada Theologia, qualificador do s.<sup>to</sup> off.<sup>o</sup> e vit.<sup>or</sup> g.<sup>o</sup> das ordens 3.<sup>as</sup> das Minas, em presença da Mesa do q. he Mn.<sup>o</sup> o N. C. Ir. Sebastião Fr.<sup>a</sup> Leitão e no mesmo dia entrou p.<sup>a</sup> o Noviciado de q. tudo dou fé e eu Franc.<sup>o</sup> Xavier Pousada Secretr.<sup>o</sup> actual que o escrevi e assigney—Fr. Livramento Comm.<sup>o</sup> Viz.<sup>or</sup> gal.—Antonio Joze de Mello Ministro—Fr.<sup>o</sup> Xauier Pouzadas Secretr.<sup>o</sup>.

A Ir. D. Barbara Eliadora Guilherme da Silveyra moradora nesta V.<sup>a</sup> em caza de seus PAES o dr. Joze da Silver.<sup>a</sup> e Souza e de d. Maria Jozefa da Cunha em 4 de 8br.<sup>o</sup> de 1781 Beebeo o S.<sup>to</sup> Habito da mão da N. C. Ir. Comm.<sup>o</sup> o Rd.<sup>o</sup> Jose da Costa Olivr.<sup>a</sup> em presenssa da Mesa de q. he Min.<sup>o</sup> o N. C. Ir. João da S.<sup>o</sup> da Fonc.<sup>a</sup> de q. de tudo dou fé. Eomingos Alz. Fontes Secret.<sup>o</sup> o escrevy e assigno—João da Silva da Fonc.<sup>a</sup>—Joze da Costa Oliv.<sup>a</sup> Com.<sup>o</sup> Viz.<sup>or</sup>—Dom.<sup>os</sup> Alz. Fontes Secretr.<sup>o</sup>.

Teremos eguaes de profissão foram lavrados, na mesma data e com as mesmas assignaturas, todos em seguimento um dos outros, com relação a d. Felícia Fortunata da Silveira, Maria Ignacia Policena da Silveira, d. Joaquina Maria dos Anjos da Silveira, d. Iria Claudina Umbelina da Silveira e José Maria da Silveira, com a declaração, que não vem no termo relativo a d. Barbara—«n.<sup>a</sup> desta Frg.<sup>a</sup>».

### Inventarios

1794—Inventario do dr. Joze da Sylvra. e Souza—Invte. D. Maria Jozefa da Cunha.  
*Rol dos fi.<sup>os</sup>*

	ANNOS
D. Barbara Eliadora Guilhermina da Sylveira, casada que foi.....	—
D. Franc. <sup>a</sup> Maria do Carmo bueno da Sylvr. <sup>a</sup> , casada em Portugal.....	—
D. Anna Fortunata da Silveira.....	27
D. Maria Policena da Sylveira.....	26
Jozé Maria da Sylveira.....	26
D. Joaquina Maria da Sylveira.....	24
D. Iria Claudina Umbelina da Sylveira, casada com o Cel. Mathias Gonçalves Moinhos.....	—
D. Marianna Candida da Sylveira.....	20
Manuel Joaquim da Sylveira.....	19
Ignacio Jozé da Sylveira.....	17

### Bens

Moveis—416\$730.

Escravos—1:103\$000.

Immoveis (casas em S. João)—2:400\$000.



*Dividas activas*

«Que o casal de Ignacio Joze de Alvarenga deve ao casal como cousa da respectiva Execução proposta ao fisco da Real fazenda a quantia de quatorze contos pouco mais ou menos, o que melhor consta da dita Execução».

*Outras dividas—2:677\$343*

Todos os filhos desistiram dos respectivos quinhões, a beneficio do inventario. No termo em que o fizeram os primeiros, d. Barbara assignou a rogo da sua irmã «d. Joaquina» «por não saber escrever».

1806—Agosto—Invt.<sup>o</sup> de d. Maria Jozefa da Cunha, sendo invet.<sup>o</sup> o ajudante Ignacio Joze da Sylveira.

*Filhos*

	ANNOS
D. Barbara Eliodora Guilhermina da Sylveira, viuva..	—
José Maria, casado, ausente em Goyaz....	—
D. Joaquina M. <sup>a</sup> da Sylveira .....	40
D. Iria Claudina, casada na Campanha com o Cel. Mathias Gonçalves Moinhos e em Goyaz.....	—
D. Marianna Candida, casada com Simão Lopes....	—
D. Maria Policena da Sylveira, fallecida e tem os filhos abaixo (no codicillo declara D. Maria Josepha que são filhos «naturaes» de sua filha D. Maria Policena).	
Ajudante Ignacio Joze da Sylveira, solteiro.....	28
Manoel Joaq. <sup>m</sup> da Sylvr. <sup>a</sup> .....	30

*Netos da fallecida*

D. Maria Amalia, solteira.....	17
D. Maria Umbelina, solteira.....	12

A 27 de Abril de 1809, informava o escrivão que o inventario estava paralyzado, por causa da «morte que fizerão na pessoa do Inventariante e Testamentario Ignacio Joze da Sylveira». Mandou o juiz que o escrivão informasse si havia algum parente que servisse de tutor ás duas orphans menores, e o escrivão informou a 29 de Abril de 1809 que alli «não se achava parente algum nem os mesmos orphans» pois «que todos se auzentarão p.<sup>a</sup> a Trr. (termo) da Campanha», e mais que «todos os bens dos m.<sup>os</sup> se achavão sequestrados pela Real Fazenda». Pelo que o juiz assim despachou:—V.<sup>to</sup> o Sequestro feit. o nos bens como he pc.<sup>o</sup> (publico) e informa o Escr.<sup>am</sup>, não haver neste Tr.<sup>o</sup> (termo) par.<sup>o</sup> do orf., q Teja Tutor, fique em silencio o prez.<sup>o</sup> Invent.<sup>s</sup> como Dir.<sup>o</sup>, salvo a todos os d.<sup>os</sup> athé haver q.<sup>m</sup> o agite, ou pocure—Domingos de Sousa».

**Procurações**

2 procurações de d. Barbara Heliodora, passadas em S. João d'El-Rey.

I — a 14 de Junho de 1794, constituindo procuradores : em S. João d'El-Rey, aos drs. João Evangelista de Faria Lobato e João Antonio Ferreira da Costa ; em Villa Rica, aos drs. João Alberto Monteiro de Barros, Joaquim Antonio Brito da Costa, cap.<sup>m</sup> Joaq.<sup>m</sup> Coelho de Sousa, José Maria da Silveira ; em Villa Rica de Ouro Preto, aos srs. sargento-mór José da Silva Saldanha e João Rodrigues de Macedo ; na cid.<sup>de</sup> do Rio de Janeiro, aos srs. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Franc.<sup>co</sup> Carn.<sup>o</sup> Pinto de Almeida, Franc.<sup>o</sup> Xav.<sup>er</sup> de Alm.<sup>da</sup>, P.<sup>e</sup> Franc.<sup>o</sup> Corr.<sup>a</sup> Vidigal, solicitadores Clemente José Ribeiro, José Manoel de Andr.<sup>o</sup> Ribr.<sup>o</sup> de Card.<sup>o</sup> — para todas as causas em que fosse Autora ou Ré, nos referidos logares. Está assignada por d. Barbara Heliodora Guilhermina da Sylvr.<sup>a</sup>.

(Este doc. pertence ao Archivo do Cart. do 1.<sup>o</sup> off. de S. João d'El-Rey, do qual é tabellião o major Luiz José da Rocha Maia).

II — A 30 de Novb.<sup>ro</sup> de 1802 : — em S. João, aos drs. João Felisberto Gomes do Couto, João Ant.<sup>o</sup> Ferr.<sup>a</sup> da Costa, João de Araujo e Oliveira, e solicitadores alfs. Luiz Ant.<sup>o</sup> da Silva Rodarte, Cap.<sup>m</sup> Franc.<sup>o</sup> Xavier Per.<sup>a</sup> da Silva e Franc.<sup>o</sup> Soares da Graça ; em qualquer parte, aos srs. : Cap.<sup>m</sup> Antonio Jozé Per.<sup>a</sup> Lima e Antonio Joaq.<sup>m</sup> de Alm.<sup>da</sup> e Souza ; na Campanha da Princeza, aos srs. Sargento-mór Domingos Pereira do Am.<sup>a</sup> Cout.<sup>o</sup>, João Varella da Fons.<sup>ca</sup> e Cunha e Cap.<sup>m</sup> Francisco Moreira de Piza Barreto ; na cid.<sup>de</sup> do Rio de Janeiro, aos drs. João Manuel Pereira e Manuel Bento Pereira — com poderes eguaes aos da anterior. Está assignada por «Barbara Eliodora Guilhermina da Sylvr.<sup>a</sup> Bueno».

**Inventario**

No v.<sup>o</sup> da 1.<sup>a</sup> fl. ha tres assignaturas comprehensíveis : a no escrivão, Francisco de Paula da Sylveira, e a dos louvados, Antonio Soares de Alvarenga e José Antonio da Costa.

Na 2.<sup>a</sup> encontra-se a petição do capitão Simão Lopes de Araujo, nomeado curador da demente d. Barbara Eliodora («sic») Guilhermina da Silveira e inventariante da interdicta, os quaes se acham assim relacionados (muito apagada a fl.) :

«Bens moveis — Creações — Escravos» (42 escravos, com as avaliações á margem, pelos louvados acima referidos, ficando os bens á guarda do curador supradito.

Vê-se, na seguinte pagina, a petição do coronel Mathias Gonçalves Moinhos de Vilhena, advogado e curador geral, dirigida ao Juiz de Fóra

A. M. L.—10



e orphans da villa de Campanha da Princeza, comarca do Rio das Mortes, dr. desembargador José Joaquim Carneiro de Miranda e Costa, afim de ser notificado o curador capitão Simão Lopes de Araujo para, no prazo de 8 dias, dar contas em juizo do estado dos bens da demente curatellada, Barbara Heliodora, conforme exigira a Real Junta da Administração da Fazenda (em Villa Rica).

A 2 de Julho de 1819, em casa daquelle juiz, o curador prestou contas do estado dos bens e rendimentos, a partir de maio de 1812, — data da interdicção e do inventario. Dos escravos tinham morrido 12, durante os 7 annos intermedios, restando 30 negros. Em 1812 as lavras de ouro renderam 1.212 oitavas, havendo a despesa de 795 e a sobra de 417. No septennio todo, porém, a fabrica de mineral da casa da curatellada rendera 7.036 oitavas e a despesa montara a 7.120, ficando, pois, uma divida de 84.

Do mesmo termo de prestação de contas consta : haver fallecido d. Barbara Heliodora a 22 de Maio de 1819; que de seus tres filhos viviam José Antonio (1), estando demente, e João Evangelista (2), e que *Forstam* (?) (3) fallecera em 1818, «depois de dilatada molestia de tysica».

O curador pediu fosse arbitrado o que o juiz achasse justo pelo seu trabalho de administração dos bens e da assistencia á pessoa da curatellada e filhos, em suas molestias, etc., e fosse dispensado ou alliviado da dita administração.

(1) No *Estudo das Familias dos Inconfidentes* em 1791, quando contava 4 annos de idade, figura como José Eleuterio. Talvez Antonio seja má leitura, devido a parcial estrago do documento.

(2) Mais moço um anno que o primeiro. Recebera na pia baptismal o nome de João Damasceno, que trocou pelo de *Evangelista*, provavelmente por chamar-se tambem Damasceno um irmão de Joaquim Silverio (estes trampolineiros eram respectivamente alcunhados pelo povo João das Maçadas e Joaquim Salteiro). Si não houve equivoco, resultante de ruim pontuação, quanto á pessoa do demente, João Evangelista só ensandeceu depois da morte da progenitora. Delle escreveu Joaquim Norberto, em nota á introdução das OBRAS POETICAS DE IGNACIO JOSE DE ALVARENGA, ed. de 1865, pag. 120 :

« ... foi por dez annos professor de latim na villa da Campanha da Princeza. Teve bens de fortuna, 9 escravos, lavras e uma fazenda de cultura. Deram-lhe, depois da demencia, por curadora a sua propria mulher, d. Thereza Jesuina do Sacramento. Um de seus filhos chamou-se, como o avô, Ignacio José de Alvarenga. Que mysterios se ligarão á origem de sua loucura? Em todos os seus requerimentos, assás originaes, se queixa o desgraçado do sargento-mór Domingos Ferreira Lopes... Pedia, por fim, ao governo imperial uma pensão, com juros do valor do sequestro que soffrera seu pae, o qual, diz elle em seus requerimentos existentes na secretaria do Imperio, foi degredado por amor ao Brasil, e sua mãe perdera o juizo. Morreu pelos annos de 184 ? »

(3) O copista, para significar bem a sua duvida, não só gryphou *Forstam* mas ainda juntou-lhe, interparentheticamente, um signal interrogativo. Neste caso, não nos vem ao espirito a hypothese de uma mudança de nome. Tristão chama-se o ultimo filho de Ignacio José de Alvarenga; nasceu no começo de 1789 e tivera por padrinho Thomaz Antonio Gonzaga. O que deve estar na peça, com letra menos boa, é *Tristan*, não *Forstam*.

Da relação apresentada ao Juiz de Fôra e orphans pelo curador Simão Lopes de Araujo, vê-se que em 1819 o espolio da desditosa viuva de Ignacio José de Alvarenga era representado pelo seguinte :

*Escravos* — Joaquim Benguella, José Rebôlo e sua mulher Joaquina Rebôlo, José Benguella, José Granguí, Martinho Marimba, Simão Benguela (africanos), pardos Severiano, Engracia, Rita, Francisco, Paulo e João, Manoel Sapateiro, Paulo Rebôlo, Antonio Cabinda, Ignacio Mina, Caetano Rebôlo, Felipe Cabinda, João Benguella, Pedro Sobaio, Pedro Carreiro, João Congo, Domingos José Angola, Antonio Mina e sua mulher Mariana Benguella, Vicência, Anna, Rosa e Casemiro (crioulos).

*Lavras* — Duas de ouro, na Catta das Cobras e na Catta de S. Gonçalo Velho (hoje S. Gonçalo de Sapucahy, cidade a 5 leguas da Campanha), com a seguinte ferramenta: 32 alavancas, 12 enxadas, 4 foices, 1 cavadeira e 1 almocafre.

*Gado vaccum* — 14 vaccas, 4 novilhos e 4 bois de carro.

As dividas do espolio andavam em 379 oitavas, e entre os credores estavam relacionados: Francisco de Paula Pimentel, João Pedro de Oliveira, alferes Braz Fernandes Ribas, Antonio Luiz Pinto (receituario de botica, 91 oitavas), cirurgião Manoel Baptista Garcez, Emilio Luiz da Silva, João Antonio de Faria, alferes João de Lemos, João Lopes Ferreira, João Lopes de Carvalho e d. Ignacia de Moraes.

Por despacho de 6 de julho de 1819, o juiz, dr. José Joaquim Carneiro de Miranda e Costa, julgou por dada a conta do administrador e curador que foi de d. Barbara, já fallecida, e mandou que o traslado da mesma fosse presente á Sua Majestade pela junta de sua Real Fazenda, para determinar o que fôr servido.

As custas contadas pelo escrivão Manoel José de Oliveira Cordeiro, na ultima fl. dos autos, foram estas :

Autuação e rasa.....	1\$647
Citação.....	\$400
Diligencia («ou distribuição») ? .....	\$170
Traslado .....	2\$496
Sello.....	\$180
Conta.....	\$300
Total.....	5\$193

### Coronelato

Por ser indispensavelmente necessário para conseguir a boa ordem e militar disciplina dos corpos auxiliares desta Capitania e regularem-se estes conforme Sua Majestade o tem determinado no pé do regulamento de 18 de fevereiro de 1763 e unirem-se estes o mais que é possível na exacta proporção da população do seu proprio terreno : fui servido, por estas attendíveis e referidas circumstancias, a regular e reduzir o seu re-

gimento do pé de primeira companhia, em que se achava, ao do sobredito regulamento, creando mais dois regimentos, no seu mesmo districto, de cavallaria auxiliar das companhias com que o seu regimento se achava de mais e de algumas que mandei crear de novo, ficando por esta sobredita regularidade ao seu mesmo regimento as companhias seguintes e denominando-se (no livro de officios: dominando-se, por descuido do copista) para distincções dos dois novamente creados): — Regimento de cavallaria auxiliar da Campanha do Rio Verde, o que communico a V. Mcê., para que fique nesta intelligencia. Igualmente que para conseguir-se a boa disciplina no seu regimento, e em attenção mais aos seus merecimentos e serviços de tantos annos, como são os que V. Mcê tem feito a Sua Magestade, do que ao requerimento incluso, que me fez para o fim de obter a sua reforma, que tambem fui servido crear um coronel commandante para o seu mesmo regimento na pessoa do dr. Ignacio José de Alvarenga, por achar concorrerem nelle os requisitos necessarios para bem o disciplinar na ausencia de Vmcê e nos seus impedimentos. Deus guarde a Vmcê. Villa Rica, 11 de agosto de 1785 — «Luiz da Cunha Menezes» — Ao sr. coronel Antonio Corrêa Lacerda.»

### Espera de pagamento

O coronel Ignacio José de Alvarenga me representou o grande descommodo que lhe fazia, na occasião presente, contribuir para a satisfação da dívida da Real Fazenda neste segundo trimestre do corrente anno e que houvesse por bem de o alliviar até o fim do ultimo trimestre do corrente anno, segurando-me que no dito tempo satisfaria a importancia dos tres trimestres. Eu, attendendo á sua promessa e certo de que não ha de faltar, ordeno a Vmcê que, emquanto durar o sobredito tempo, lhe não fale nos referidos pagamentos. Deus guarde a Vmcê. Villa Rica, 22 de Junho de 1786 — «Luiz da Cunha Menezes» — Ao sr. tenente Antonio José Dias Coelho.

### IV

Barbara Heliodora floresceu num tempo em que o descobrimento do ouro e das pedrarias em Minas implantou ahi o luxo e a opulencia e consequentemente o pendor para o cultivo das letras. Os «arcades» mineiros pontificavam então. Gonzaga cantava suavissimas pastoraes á formosa Marilia. Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel e muitos outros—cultivavam as letras, empregando os lazeres dos cargos na confabulação com as musas. Uma aristocracia do ouro e da intelligencia nascia então em Minas. Nesse meio se formou e educou o espirito da nossa heroína, dotada de intelligencia pouco commum, de grande inspiração, de raro cultivo e de belleza nada vulgar, segundo reza a tradição.



Parece, entretanto, que, depois de casada, Barbara Heliodora não mais tangeu a lyra dulcissima em que cantava os anseios, as suaves esperanças e dourados sonhos da alma de donzella.

Desse tempo descuidoso e feliz da sua mocidade nenhuma produção conhecemos, apesar das pesquisas feitas nesse sentido.

Casada, a illustre patricia dedicou-se de corpo e alma ao governo da casa e á educação dos filhos, empregando especial desvelo na pequena Maria Ephygenia, cuja belleza e graça eram admiraveis. Os encantos do lar, a felicidade tranquilla de que gosava, a opulencia em que vivia—como que a cercavam de muralhas contra as quaes iriam quebrar-se os acontecimentos exteriores.

A escassez de documentos impossibilita por completo o estudo do seu valor literario. Della só passaram á posteridade adoraveis sextilhas, —o seu canto do cysne. O desmoronamento subitaneo do lar, os annos de intensa lucta contra os soffrimentos Moraes, o insultamento que a mais e mais a constringia nos seus circulos de ferro, as decepções de toda especie experimentadas nesse periodo agonico da sua vida, deram-lhe dolorosa experiencia sobre homens e cousas. Então, talvez lembrada dos bellos tempos de outr'ora—tomou pela ultima vez a lyra e rimou a sua derradeira produção. Esta foi, para nós, a unica prova do seu estro poetico. São sextilhas com a suavidade embaladora de um interior amavel e discreto, sob a protecção de grandes azas brancas abençoadoras; têm o murmuro manso da prece, o suave roçar de regato múrmuro e claro de tranquillias aguas, a meiguice indefinivel de voz que acaricia de longe, sem labios, de uma exquisita harmonia de brisa, soluçando leve tristeza pelas franças virentes; despertam a impressão repousante e calma de uma scena domestica de enlevadora simplicidade, respeitavel e tocante: em torno á lareira pobre, uma velhinha de olhos illuminados de vidente e labios murmuros de rezas, com a resignada tristeza dos desilludidos da vida, contando aos netinhos circumstantes e curiosos e inquietos —cousas tristes de éras longinquas...

Escutae a lyra de D. Barbara cantando os conselhos aos filhos :

Meninos, eu vou dictar  
As regras de bem viver:  
Não basta somente ler,  
E' preciso ponderar;  
Que a lição não faz saber,  
Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar  
De ondas de contradicções,  
Ninguem soletre feições,  
Que sempre se hade enganar.  
De caras a corações  
Ha muitas leguas que andar!

Applicae a conversar  
 Todos os cinco sentidos,  
 Que as paredes têm ouvidos  
 E também podem falar :  
 Ha bichinhos escondidos  
 Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar,  
 Evite-lhes a occasião,  
 Que os males por si virão  
 Sem ninguém os procurar :  
 Antes que ronque o trovão,  
 Manda a prudencia ferrar.

Sempre vos deveis guiar  
 Pelos antigos conselhos,  
 Que dizem que ratos velhos  
 Não ha modos de os caçar :  
 Não batais ferros vermelhos,  
 Deixae um pouco esfriar.

Se vos mandarem chamar  
 Para ver uma funcção,  
 Respondei sempre que não,  
 Que tendes em que cuidar;  
 Assim se entende o rifão :  
 Quem está bem, deixe-se estar.

Quem fala escreve no ar,  
 Sem pôr virgula nem pontos,  
 E pode quem conta os contos  
 Mil pontos accrescentar :  
 Fica um rebanho de tontos  
 Sem nenhum adivinhar.

Tal a unica producção que conheço da poetiza mineira. Exprime bem o valor da auctora.

Estas sextilhas, tão despretensiosas na fórma quanto de fundo conceito, trazem-me reminiscencia de pequenino e antiquado volume da «Imitação de Christo», discretamente guardado á cabeceira de um leito, com signaes de assidua leitura.

Ouvindo-as, sentindo-lhes a mansidão do rythmo, a ternura que dellas se evola, a dolorosa experiencia que resumem,—como que vejo um modesto quarto de dormir onde tudo, desde o ambiente até o formato dos moveis, transpira antiguidade e recatada pobreza. Das paredes caiadas de branco e já encardidas, pende, entre oleographias de santos, um re-

trato de familia, talvez o do esposo ausente... A um canto, ao pé de tosco oratório donde saem folhas de palmas bentas amarellecidas pelo tempo, uma lampada votiva arde... Talvez tambem, a um lado, esquecida sobre um banco, uma alta almofada donde os «bilros» descem de uma renda inacabada... Pelas janellas onde os rubros cravos sangram, entra nas azas macias da viração o subtil aroma do jardim florido, das maldresilvas e do jasmimzeiro que, de quando em quando, atira para o interior recolhido a brancura das suas delicadas flores, expressiva homenagem de carinho e de respeito á locataria infeliz...

Acho deliciosos esses versos e temo se descubra nelles collaboração de Alvarenga Peixoto.

Mas o poeta desditoso, si já não havia fechado os olhos á luz, finava-se de desgoto e de saudade, longe na adusta e inhospita terra africana de Ambaca.

Não! Esses versos despreziosos são um grito da alma dilacerada pelos golpes da adversidade, retalhada pela maledicencia invejosa, arrastada impiedosamente na via crucis da desgraça irreparavel!

Si é um tanto apagada a feição litteraria de d. Barbara Heliodora — a sua figura, segundo a tradição, empolga e assombra, considerada á luz do seu papel no drama da Inconfidencia. O seu vulto varonil ha de perpetuar-se como exemplo e como ensinamento, desafiando a grandeza de animo, o civismo, a coragem sobrehumana e a integridade de character das matronas espartanas.

E' preciso evocar-se o tempo e o meio em que viveu; o seu vulto sobresairá dominador, numa grandiosa moldura.

O Brasil era então o vello de ouro de todas as cobiças, o refugio de todas as miserias, a esperanza de todos os arruinados, o degredo de todos os prevaricadores e de todos os viciosos plebeus ou fidalgos da velha Lusitania.

Para aqui, para estas portentosas terras havia pouco descobertas, aportavam as galeras carregadas de fidalgos. Vinham á cata de ouro e de pedras preciosas, disfarçando a indole aventureira com o titulo honorifico; os degredados de toda especie, a escoria de uma sociedade putrefacta, tudo era de roldão atirado para estas plagas e extendia-se pelas terras a dentro, numa ansiosa e delirante exploração.

O moço reinol trazia a tafalaria da sua pessoa pretensiosa e ridicula; o velho, a austeridade brutal dos seus dias de prosperidade e de mando e a comitiva de negros das costas d'Africa mercados a missangas; o degredado entrava com o contingente da salacidade, da depravação de costumes, da molleza de character.

E todo esse mundo desconnexo e indefinivel, amalgamado ao aborigene, ia formando lentamente a nossa raça, donde surgiam de quando em quando typos de belleza e typos de heroismo.

A metropole, logica no seu papel de proprietaria da terra descoberta, coherente no seu character de tutora do novo povo formado — explorava o filão de ouro com que enchia os seus cofres esgotados e

governava os novos subditos com a rispidez e o rigor necessarios para conter e domar a indole destes, altaneira e livre, formada ao influxo da luz offuscante e calida que banhava a terra natal, grandiosa, risonha e palpitante.

Os prepostos do reino, munidos de poderes discrecionarios—implantaram a tyrannia: parte para dar pasto ao proprio character de mandonismo de senhores feudaes e tirarem o maximo proveito para a sua fortuna pessoal; parte por dever de officio, zelando com interesse da integridade da terra de que eram depositarios, cumprindo com duplicado rigor as ordens recebidas da Côrte, e augmentando por conta propria a pressão feita aos naturaes.

A época justificava esses processos; o fim justificava os meios; a Côrte e os seus representantes eram humanos, logicos: não podiam proceder de outro modo.

Já, de quando em quando, espiritos insubmissos, com pruridos de nativismo, reconheciam que a terra onde nasceram, lhes pertencia, e que, entretanto, nesta não eram sinão hospedes pobres... Um pugillo de moços, que formava o espirito nas universidades francezas, teve então, ao influxo das idéas dominantes que haviam feito a independencia da America do Norte — um sonho de poeta — a independencia do Brasil e, uma vez na patria, quiz, com o arrojo, com o açodamento, com a irreflexão propria da mocidade—tornar real e palpavel a phantasia que lhes escaldara o espirito, lá longê, nas longas horas de saudades e de nostalgia.

Da conferencia entre José Joaquim da Maia em Nimes, e do pacto formado em Montepellier entre os doze estudantes brasileiros, nasceu a idéa liberal.

Mas o entusiasmo dos moços, pairado numa atmospheria platonica onde fulgurava o brilho de espirito dos «Arcades» — não tinha um dirigente que levasse o movimento para um terreno pratico.

A iniciação de Tiradentes, que commungou logo com alvoroço das idéas libertadoras—foi o passo positivo desse gesto que entrou para a Historia com o nome de «Conjuração Mineira».

O gesto foi sublime como um sonho de moço, e esse sonho teve o despertar tragico da realidade com as náos levando deportados para a Africa, com os carcereiros abrindo as portas, suicídios, e o martyrio de Tiradentes.

Nessa época de lucto e de tragico espanto appareceu e sobreelevou-se nitido o suave perfil de Barbara Heliadora, cujo esposo fôra colhido nas malhas da justiça portugueza e atirado para o degredo.

A Capitania de Minas foi o theatro onde se desenrolou todo o drama. A cobiça do ouro, de que a metropole tanto precisava para ostentação do seu luxo nababesco, cahiu pesadamente quasi que toda sobre essa Capitania. Ahi campearam então o mais cruel despotismo, a fiscalização insolente, vexando, perseguindo, semeando o desespero e o rancor em todos os espiritos que chegaram enfim ao limite da tolerancia com a decretação da derrama geral.

Minas rutilava, então, entre as demais capitâneas, rodeada do prestígio das suas riquezas fabulosas armazenadas em seu solo ubere, em inexgotáveis filões de ouro e cofres de pedrarias onde faiscavam, orgia mágica de cores, todas as raras gemmas, desde o rubi sangrento á verde esmeralda, do diamante até as lindas turmalinas de tão imprevistas e suaves colorações.

Havia por toda a parte, como numa região phantastica das Mil e Uma Noites, a mais assombrosa ostentação de riquezas. As baixellas de ouro e prata eram vulgares, e na coifa das senhoras, encrustadas em pentes de tartaruga, as raras pedrarias faiscavam em scintillações deslumbrantes. Moços tafues ferravam de ouro e prata os fogosos ginetes para as justas tão ao sabor do tempo, e mais de uma egreja foi levantada com o producto do ouro com que os escravos sujavam durante o trabalho de mineração as carapinhas lavadas na pia de agua benta...

As minas estavam em pleno e prospero desenvolvimento, absorvendo todos os esforços, todas as actividades. Os alviões e as bateias procuravam o seio profundo do solo, as margens cascalhentas dos rios volumosos.

E, contrastando com o ouro do bojo da terra, á superficie desta a vegetação crescia, livre do machado, explodindo em grandes e formosas mattas, em campinas desenroladas como verdes mares ondulantes, doucados pelo sol, vibrando no alto a força e a vida.

Naquelle extraordinario periodo de ouro e de sangue, a furia de enriquecer era o unico impulso de quantos viviam nos jardins encantados das Minas Geraes. O homem affrontava os sertões traiçoeiros, as brenhas inextricaveis, as ciladas dos *tatús brancos* e de outros duendes das selvas mysteriosas, as feras e o proprio homem para a conquista de fortunas imaginarias e, quasi sempre, a mão que erguia um cascalho onde um diamante scintillava — gottejava sangue, preço do carbunculo tentador.

O amollecimento do luxo ganhava os espiritos, dobrava os caracteres e a arrogancia das riquezas estadeava confortos inconceptiveis. Nesse scenario, entre a opulencia tirada do ouro e o esplendor de apotheseo illuminando a natureza, cresceu a figura sem par de Barbara Heliodora, distinguindo-se tão flagrantemente entre as sombras amorphas e corridas de medo, quando o peso da justiça da metropole, numa reacção logica, cahiu sobre os Inconfidentes.

D. Barbara Heliodora vivia na opulencia, descuidosa e feliz, entre os sorrisos dos filhos, mirando-se na imagem de sua Maria Ephygenia, e cujos doze annos floriavam cheios de incomparavel belleza e de graça, e descansada no affecto do marido, que explorava ricas minas de ouro em S. Gonçalo do Sapucahy, onde a familia residia.

Vivendo rica e tranquilla, na mais alta sociedade, querida e respeitada pelo coração caritativo e pelos dotes de espirito, não podia adivinhar a nuvem negra que se lhe avolumava sobre o lar e o iria em breve destruir.

«Só lhe chegavam aos ouvidos os sons festivos do prospero arraial, onde aos domingos vinha da sua fazenda assistir á missa parochial.

Nesses dias, D. Barbara e a filha, mettidas em dourado palanquim, seguidas de numeroso cortejo, faziam sua entrada triumphal no povoado, e, apeando em frente á Egreja, penetravam no recinto sagrado, passando sobre os tapetes que os famulos, á sua chegada, extendiam, como de costume, á entrada da nave.» (Dr. A. W.)

Alvarenga Peixoto fôra apanhado pela conspiração; era do numero daquelles ardentes moços que planejaram em Montpellier a independencia da patria; no movimento sedicioso, então já revelado por actos positivos, compromettera-se bastante e não havia como afastar-se agora. Mas, ou porque não quizesse turbar a tranquillidade da esposa toda absorvida na feliz tarefa de governar a casa e de educar os filhos; ou porque confiasse pouco na discreção das mulheres, ou ainda entendesse que nada tinha a ver com seus planos politicos a esposa—o certo é que esta ignorava por completo a situação compromettida do marido, e até o movimento revoltoso aguardando apenas o lançamento da derrama para explodir.

O Visconde de Barbacena, conhecedor dos planos sediciosos pela traição de Joaquim Silverio, sustou a derrama, tornou-se sympathico, fez desapparecer o pretexto para o levante e, abrindo logo a devassa, nas masmorras da ilha das Cobras hospedou os mais distinctos membros da familia mineira.

Nesse periodo da nossa historia o que dolorosamente sobresaie, é a pusillanimidade dos conjurados; uns e outros, pela fuga ou pela negativa, acobardados deante da justiça implacavel do governador, procuravam furtar-se ás responsabilidades decorrentes da audacissima tentativa. Apenas Tiradentes, preso desde logo, e contra o qual as provas de cumplicidade eram esmagadoras, acceitou com o indifferentismo de um fatalista a situação creada e olhou de frente a sorte que o aguardava, recebendo a aureola de martyr que projectou a sua sombra dignificada até a posteridade.

Sobre esse fundo negro, de covardia e de fraqueza, se ergueu, majestosa e varonil, a bella figura de d. Barbara Heliadora.

Alvarenga Peixoto soube, em S. João d'El-Rey, onde se achava, do mallogro do movimento e da perseguição aos conjurados. Salteou-lhe o espirito a sua situação tenebrosa; conhecedor da sorte que o esperava, quebrou-se-lhe o animo fraco, meditando no castigo cruel que iria attingir até a mulher e os filhos, cuja separação agora o agoniava.

Partiu para S. Gonçalo, ideando o plano salvador:—a delação torpe dos companheiros.

Assim deliberado, entrou em casa; a tranquillidade domestica, o suave encanto do lar, tudo quanto ahí o cercava e lhe sorria—mais o fortificava no tenebroso plano. Mas uma agitação febril, um descontinuado desassocego, empolgaram-no como si o remorso lhe infligisse antecipado castigo.

Confuso e mudo como um criminoso, taciturno e fugidio, affagava com os olhos a esposa, sem animo de confiar-lhe a lucta intima que o affligia.

Mettido comsigo, na quietude do gabinete, revolvía no cerebro os lugubres pensamentos que o torturavam. A esposa percebeu que alguma cousa de extraordinario se passava com o marido. Apertou-o de perguntas, exigiu-lhe, como sua socia, na vida, dos seus dissabores e das suas alegrias, uma explicação daquelle abatimento que o prostrava desde a vespera. Alvarenga, entre receioso e esperançado, derramou então sobre o seio carinhoso da esposa longa e dolorosa confissão. Narrou-lhe os prodromos do movimento sedicioso, a sua cumplicidade incontrastavel, o futuro que o aguardava, a perda de seus bens, o patibulo infamante, o legado de miseria e de infamia para os seus. Terminou communicando a resolução de trahir os companheiros para salvar a liberdade e a vida.

A scena que se seguiu é empolgante, pela grandeza e pela simplicidade, na quietação sombria do gabinete, por onde um frio vento de morte passava preságo.

Escutemol-a narrada pelo dr. Americo Werneck :

«Calou-se o poeta, ou antes, interrompeu-se, vendo o effeito inesperado dessa confissão de fraqueza.

A principio escutou-o d. Barbara com interesse crescente; pouco a pouco seu olhar dilatava-se de assombro, a respiração tornara-se afficta e no rosto desenhavam-se as emoções terriveis que a consciencia do perigo ia despertando; mas, quando ouviu a resolução final, dictada pelo desespero, a illustre senhora ergueu-se orgulhosa e pallida e fulminou o marido com um olhar de fogo.

—Que é isso, Alvarenga? Em que hora infernal gerou-se esta idéa monstruosa de trair os teus amigos? Que resolução essa de commetter um crime abominavel, lançar no calabouço homens que confiaram em tua palavra, no teu segredo, no teu patriotismo, no teu character, renegar teus planos, deshonnar teu nome? Oh! Por tal preço não quero a tua vida nem os teus amores.

—D. Barbara! exclamou o poeta no auge da angustia.

—Nem mais uma palavra. Si antes de te envolveres numa empresa tão arriscada me houesses consultado, talvez que o timido coração de mulher, prevendo o desastre, te houesse aconselhado neutralidade indigna. Agora, não! Si entraste numa conspiração com o fim de emancipar esta terra, tua posição, si não logreres fugir aos belleguins de Sua Majestade, é seguir o destino dos martyres, ao lado dos companheiros que comprometteste no movimento. Ou meu ouvido é infiel, ou recuso acreditar em tua resolução. Tu traidor, Alvarenga! Não, não é possível! Que crime commetti para ser punido com essa desillusão que te abate do pedestal do meu culto? Oh, meu Deus!

E tapou os olhos com as mãos.

—Perdão, Heliadora. O receio de perder-te me desvaira. O que será de ti e de nossos filhos?

—Quanto a mim, respondeu a sublime senhora, presumo ter dado o coração a um homem nobre, segura de que elle jamais se cobriria de opprobrio. Mulher que não desdoura o seu sexo, serei na desgraça o que fui nas epochas de ventura: fiel a meus deveres.

Quanto aos nossos filhos, a infamia que os juizes da alçada, executando a lei, atirarem sobre elles, não affecta a sua honra, porque é um decreto da tyrannia.

Nem o teu delicto avilta, nem pelos delictos do pae são responsaveis os innocentes. Mas a infamia que o crime da delação lançaria sobre elle e sobre mim, essa nodoa, sim, ficaria eternamente impressa no nosso nome, lembrando a tua memoria maldicta. Não, Alvarenga, tu não estás em teu juizo. Não faças de mim, nem de nossos filhos, a causa de uma acção degradante; não consintas que alguém me insulte, dizendo com razão que neste seio envenenado gerou uma prole bastarda o sangue de um traidor.

A estes brados de indignação, que jorravam dos labios de d. Barbara, o poeta acabrunhado deixou-se cahir sobre a cadeira, fincou os cotovellos na mesa e apertou entre as mãos a cabeça que estalava.

Nessa posição humilde e dolorosa, os olhos baixos, ouviu elle as ultimas imprecações da esposa, soberba de furor e piedade.

—Sê homem, Alvarenga. Repelle de teu espirito o pensamento da fraqueza que o amor á familia fez brotar. Esse amor jamais te absolveria. Trabalhaste pela independencia da patria e não seria eu quem diga que fizeste mal. Nossa sorte está nas mãos do Creador. Procura esquivar-te á vingança dos tyrannos, mas, si não o conseguires, antes quero ver-te no patibulo que réo de crime de infamia.

E ajoelhou-se, tomou attitudo supplicante a que dava um tom sublime o olhar febril de paixão.

—Em nome de Deus, Alvarenga, poupa os teus amigos.

Presa de uma agitação espantosa, ergueu o poeta sua mulher em lagrimas e por sua vez cahiu-lhe aos pés.

—Errei, Heliadora; perdôa-me. Tu és o meu anjo da guarda, pois acabas de salvar-me do aviltamento. Agradecido a teus conselhos, seguirei o meu destino infeliz.

E beijou-lhe as mãos com transporte de loucura.

Essa scena terrivel foi o preludio do martyrio, que devia terminar pelo degredo nas regiões inhospitas de Ambaca.»

D. Barbara começou então a sua via dolorosa; nunca mais um sorriso pousou-lhe nos labios, nunca mais teve um momento de sossego. Preso o marido, degredado, coberto de opprobrio, calumniado torpemente pelos invejosos da sua fortuna perante a Alçada, ella envolveu-se no lucto que foi a sua mortalha.

Resistiu com estoicismo a todos os acabrunhamentos; acompanhou o desmoronamento da fortuna. Confiscaram-lhe os bens, e a digna ma-

trona despiu-se de tudo, tudo entregando aos belleguins, sem um lamento: joias e rica baixella. E, cheia de coragem, resignada na sua grande magoa, tendo assistido ao arrasamento da sua casa, retirava-se com os filhos pela mão, grande, digna e respeitavel como a desgraça. Faltava-lhe ainda a ultima gotta de fel: detiveram-lhe os passos para que ouvisse a sentença que tornava infame a sua descendencia.

Deante desse ultimo golpe o seu grande espirito cahiu, amortalhado nas sombras densas da loucura, de uma suave e commovente loucura. «Teve uma loucura pacifica, escreve o dr. Americo Werneck: sorria e cantava em voz baixa e, como si lhe ficasse uma impressão fugitiva do mallogrado levante e suas causas, simulava distribuir ouro em pó pelas pessôas que della se approximavam, acompanhando o gesto com palavras de uma ironia inconsciente sobre a ambição mesquinha e insaciavel dos prepostos do Reino.

De vez em quando recitava com tristeza a poesia que da prisão lhe mandara o inditoso marido :

Barbara bella,  
Do Norte estrella,  
Que o meu destino  
Sabes guiar,  
De ti ausente  
Triste somente  
As horas passo  
A suspirar.

Por entre as penhas  
De incultas brenhas  
Cansa-me a vista  
De te buscar ;  
Porem não vejo  
Mais que o desejo  
Sem esperança  
De te encontrar.

Eu bem queria  
A noite e o dia  
Sempre contigo  
Poder passar ;  
Mas orgulhosa  
Sorte invejosa  
Desta fortuna  
Me quer privar.

Tu entre os braços  
Ternos abraços  
Da filha amada  
Podes gosar ;  
Priva-me a estrella  
De ti e della:  
Busca dous modos  
De me matar.»

Recolheu-a a alma caridosa, e ella finou-se, lentamente, em S. Gonzalo do Sapucahy, dezeseite annos após o fallecimento do marido, tendo soffrido tambem a pungitiva magoa de perder Maria Ephygenia, morta annos antes de desgosto e de vergonha.

---

**VI**

Diz o erudito dr. Oliveira Lima: «O escriptor que se segrega da sociedade para na solidão de seu gabinete chamar de novo á vida o passado, com os seus personagens, os seus dramas, os seus horrores e as suas glórias, e com esse encantamento visa a realizar não só uma primorosa reconstrucção artistica mas uma nobre tarefa de pensador, corre muito o risco de falsear sua missão pela ignorancia em que forçosamente cae das necessidades moraes do presente.

Para prevenir este mal, é mistér conservar o interesse ligado ao mundo exterior e não se isolar na torre de marfim da especulação mental».

Vem esta citação como justificativa da minha difficuldade, não vencida, para fazer trabalho consciencioso. Quiz que a Barbara Heliodora de outras eras surgisse aqui na integridade documentada da sua grandeza, vinda do passado como um ensinamento indispensavel ás angustias do presente, o qual, conforme preceitúa Varnhagen, não é mais do que a continuacão daquelle.

Só depois de despidos das lantejoulas que a tradição empresta; só depois de sahirem integros, e com luz propria, do paiz encantado da lenda—vencendo o julgamento soberano, os personagens que se moveram no passado sob um nimbo de semi-deuses, terão ingresso franco na historia e tomarão ahí o logar fixo e perpetuo de oraculos do presente.

A' luz deste criterio, a canonização do vulto sympathico e empolgante de Barbara Heliodora não póde ter ainda a sua sentença definitiva: a sua acção nos acontecimentos historicos desenrolados ás portas do seculo XVIII permanece ainda discutivel.

Evocando-a com o alvoroço de um devoto, appareceu-me com a austeridade incomparavel dessas damas de outros tempos, de character integro e amovavel coração, capazes dos maiores sacrificios, sobrepondo o cumprimento do dever a quaesquer outras considerações.

Admirei o seu gesto, contado pela tradição, de impedir a traição do marido, quando tão mais facil lhe fôra, e mais commodo, ouvindo os conselhos do egoismo, guardar o esposo, e entre este e os filhos continuar a vida opulenta e tranquilla que fruía.

Beijeí com a devoção de um crente a fimbria da tunica da heroína que surgiu aureolada de martyrio e de gloria, trazendo nos labios o sorriso reflexo da consciencia sossegada pelo dever cumprido.

Ouvi commovido aquellas sextilhas onde passa, murmuro e subtil, enternecido e prudente, o delicado espirito feminino.

Quando, porém, passado o extase,—a serenidade de animo me impeliu para mais demorado exame—senti alguma cousa apagar-se dentro de mim. Fez-se-me no espirito, até então illuminado como para uma grande festa, o vacuo cheio de tristeza que fluctúa na camara donde se retirou um morto querido, cuja lembrança apenas remanesce sem fórma definida e palpavel...

Como traduzir melhor a desillusão, o desgosto que me abateu?

Reflecti que naquelles afastados tempos coloniaes, quando era muito discutivel o merito literario dos proprios «arcades», segundo opina o competente sr. José Verissimo na sua critica á «Escola Mineira»,—uma senhora de mediana cultura que, vivendo no recanto duma capitania, romp sse o preconceito e cultivasse as bellas letras, seria um assombro cujas producções ficariam como o attestado de um prodigio.

Entretanto, apesar de todas as pesquisas, só chegaram até nós, como ponto de referencia sobre a poetiza, as sextilhas citadas acima.

Procurei documentos que me permittissem reconstituir o gesto civico da heroina naquelle tormentoso transe que foi o inicio da sua grande desventura, e só encontrei a affirmativa graciosa da tradição; os archivos fecharam-se como tumulos ás minhas indagações, como que temerosos de uma profanação.

Apenas a tradição, colhida no proprio scenario onde ella se moveu—conta a sua tragica aventura, deixando uma reticencia de duvida...

Apurei que na familia respeitavel da illustre patricia a demencia não era um caso insulado; verifiquei o justificado interesse com que ella procurou defender os bens e a honra da familia; convenci-me, lendo a série de inventarios e outros documentos, que a fortuna do casal estava longe de ser prospera quando rebentou a catastrophe...

E então, despido das vaporosas e suggestivas roupagens da lenda, surgiu á minha evocação a consternada figura de uma pobre viuva, que a justiça real condemnou, o egoismo do tempo esqueceu e o soffrimento dignificou...

Mas o preciso, o indispensavel, é que as pesquisas continuem espancando as sombras que envolvem a individualidade sympathica da matrona mineira, para que ella surja radiante de luz na Historia, cuja intenção, segundo Varnhagen, é «formar e melhorar o espirito publico nacional».

E, enquanto não chega essa data redemptora—amemol-a como á palavra magica de um rito mysterioso, como a um bello symbolo necessario.

Evoco-a religiosamente agora, neste ambiente respeitavel, onde brilham espiritos de escól e corações brasileiros batem alvoraçados! Curvemo-nos com veneração e ternura deante da memoria da grande heroina, figura quasi ignorada da Inconfidencia.

O seu gesto não foi humano—superpoz-se a todas as conveniências de ordem pessoal, ao affecto, ao conforto, a tudo! Ella é o symbolo empolgante do grande, do absoluto renunciamento!

E' a dignificação da mulher brasileira! Amemol-a no seu eterno pedestal de martyrio e de gloria!

O sr. dr. Americo Werneck, na brilhante monographia que lhe consagrou e que muito nos soccorreu neste estudo—pediu que a memoria de d. Barbara Heliodora fosse perpetuada em busto de bronze erguido no formoso parque municipal de Bello Horizonte, e confiou á mocidade e ás senhoras brasileiras a iniciativa dessa homenagem a uma mulher illustre a mais de um titulo, e que num rasgo de coragem sublime se tornou heroína da honra, exemplo do dever e martyr do sentimento civico.

E'co fraco e longinquo da voz autorizada do grande pensador — relembro o seu appello, como um acto de justa reparação.

O momento historico que atravessamos, é propicio á evocação dos nossos grandes symbolos.

Não ha muito a palavra magica de Affonso Arinos prégava a «unidade da patria». O latego de fogo do seu verbo escandente vibrou desapiedado como verdade amarga, incitando os moços a congregarem-se em defesa dessa patria ancylosada que «tem literatos e não tem literatura; tem professores e não tem ensino; tem juizes e não tem justiça; tem soldados e marinheiros, e não tem exercito nem marinha; tem homens de Estado e precisa de governo; tem um grande territorio e não é ainda uma nação!».

A tuba de ouro de Bilac procura reproduzir o milagre das trombetas de Jericó: tenta derribar com o seu clangor portentoso a muralha do indifferentismo que asphyxia a alma nacional, para implantar na terra conquistada de uma patria nova a nova flammula victoriosa do renascimento do caracter brasileiro!

Alberto de Oliveira—o poeta incomparavel cujos versos têm a beleza pagã dos sublimes marmores classicos, e em cujas rimas a idéa scintilla luminosa, e a alma vibra nervosa com a ternura e os quentes arrebatamentos do sangue brasileiro—canta cheio de fé e de patriotismo na sua estupenda ode civica, «Lição da Patria», dedicada ás normalistas de S. Paulo:

Ensinae esse amor da Patria, com a grandeza  
Do que é nosso. A' lição vasta da natureza  
A dos homens juntae e a historia da nação.  
Não vos hep ãofaltar nomes que, amando a Terra,  
A gloriaram na paz ou nos campos da guerra,  
—Penna ou espada na mão!

Revocae de onde estão em sombra e esquecimento,  
Esses nomes! Reluza, em nobre ensinamento,  
Ressurrecto de outr'ora o espirito viril.  
E, lembrando-òs no bem diffundido ou sonhado,  
Imitando-os no amor, amando-os nro passado,  
Amemos o Brasil!

Lembrae-os ! Nem vos passe o louvor merecido  
A' lingua, cujos sons a lhe cantar no ouvido,  
Leva o estrangeiro, lingua havida além, de avós,  
Lingua de povo irmão noutra parte falada,  
Mas que aqui se enriquece, avulta e mais agrada,  
Por mais doce entre nós.

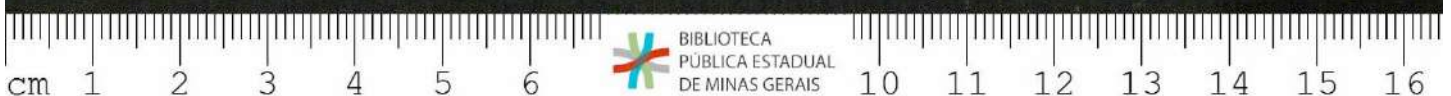
E com a lingua—lembrae os que leveza e graça  
Mais lhe deram cantando, e em cujos versos passa,  
Ora meiga e amorosa, ora triste e infeliz,  
Ora ousada e sensual, em gritos ou queixumes,  
Cheia de astros e treva e tonta de perfumes,  
A alma deste paiz.

Longe este desamor ou fria indifferença !  
Hausto mais forte de ar, hausto e mais luz de Crença,  
Dae-o vós a beber, e animo varonil !  
Recuse toda a sombra ao sol triumphal que avança...  
Fazei surgir o sol entre hymnos de esperança,  
Levantae o Brasil !

Estes são bem os precursores da Nova Era, os illuminados prophetas  
da nossa resurreição moral.

Palmilhemos, cantando e esperançados, o caminho rastilhado de es-  
trellas que elles abrem e ensinam em demanda da Chanaan opulenta e  
luminosa, sonhada pelas nossas almas de poetas, ambicionada pelos nos-  
sos corações de patriotas.

Vamos com elles ! Sigamol-os.



BIBLIOTECA  
PÚBLICA ESTADUAL  
DE MINAS GERAIS

## O Marquez de Sapucahy

Elogio proferido na Academia Mineira de Letras, pelo  
academico Mario de Lima a 5 de setembro de 1915

A vida de Candido José de Araujo Viana, cujos traços principais tentaremos delinear no presente esboço biographico, poderia ser picturalmente representada por um regato de aguas limpidas, deslizando suavemente, sem meandros, em leito aurigero, entre margens atufadas de violetas redolentes.

A imagem pôde, á primeira vista, parecer infiel, tendo-se em conta que, na sua dilatada e fecunda existencia, desempenhou o grande Mineiro, por mais de uma vez, cargos de responsabilidade em periodos agitados da vida nacional.

Essa circumstancia, porém, que turbaria a serenidade de outros espiritos, menos affeitos á ferrêa disciplina moral, —apanagio raro das consciencias de eleição— não conseguiu quebrar a placidez daquella alma integra, uma das mais altas expressões syntheticas do genio mineiro em suas qualidades e deficiencias.

As situações melindrosas da carreira politica de Araujo Viana jamais abriram solução de continuidade na recta e tranquilla directriz de sua existencia modelar.

Foram, antes, occasiões propicias á affirmação de suas virtudes máximas: a inteireza de animo temperada pela tolerancia, e a modestia inexcedivel, realçada pelo descortino do administrador bem intencionado e pelo patriotismo sempre alerta de cidadão incansavel.

O regato venceu galhardamente os escolhos, sem um arrepio na sua face especulina; sobrepujou os cachopos sem a minima crispação; não surdiram cristas de espuma ante os obstaculos; pennachos de agua não se eriçaram, accusando a existencia de impecilhos na corrente...

O ribeiro transcorreu normalmente tranquillo, sob as bençams aromaes da floração marginal...

\*

Não conseguimos colligir documentação sufficiente para fazer ressaltar em toda a sua grandeza a egregia personalidade do nosso biographado.

Ante a inopia, principalmente, de trabalhos literarios do poeta das «Violetas», dirigimo-nos, por intermedio de amigos, aos descendentes de Araujo Viana, solicitando-lhes copias de producções ineditas que, por ventura, existissem nos archivos da familia.

O espolio literario do illustre mineiro dispersára-se—foi a resposta.

Do mimoso trovador só existiam assentimentaes e populares quadrinhas, um soneto e uma longa carta em verso, dirigida de Coimbra, por Araujo Viana, então estudante, a José Cesario de Miranda Ribeiro, depois Visconde de Uberaba.

\*

Para a parte propriamente biographica do presente ensaio, valemos principalmente do excellento discurso proferido pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo na sessão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de 15 de dezembro de 1875, transcripto pela «Revista do Archivo Publico Mineiro», vol. XIV, 1909, e das interessantes informações do «Diccionario Bibliographico Brasileiro», de Sacramento Blake tomo II, pag. 30.

\*

Nasceu Araujo Viana a 15 de setembro de 1793, na modesta freguezia de Congonhas do Sabará, hoje Villa Nova de Lima.

Nessa localidade existe ainda a velha casa de seu nascimento, a qual bem merecia a distincção de uma placa commemorativa de tão honrosa circumstancia, a exemplo do que costumam fazer os povos que prezam o proprio espolio espirital para perpetuar a memoria das grandes figuras do passado.

Foram seus paes o capitão-mór Manoel de Araujo da Cunha e d. Mariana Clara da Cunha, ambos naturaes da antiga capitania de Minas Geraes.

Segundo informa Joaquim Manoel de Macedo, foi o futuro marquez de Sapucahy baptisado com o nome de Candido Cardoso Canuto da Cunha, tendo, dos treze annos de idade em deante, adoptado, com o consentimento de seus paes, o nome de Candido José de Araujo Viana.

Debalde pesquisamos a razão dessa mudança onomastica.

Desejo de perpetuar na familia o nome de algum ancestral venerando, ou simples capricho infantil, justificado, talvez, pela monotona successão da mesma consoante inicial, quatro vezes repetida : *Candido Cardoso Canuto da Cunha* ?

A consulta aos cartorios e aos registos ecclesiasticos não nos satisfiz a curiosidade.



Revelando sempre uma intelligencia esclarecida e grande applicação, terminou, cedo, Araujo Viana o seu curso de primeiras letras, indo estudar preparatorios em Sabará.

A instrucção era, por esses tempos, um beneficio, de que não podia gosar toda gente. O proprio ensino primario não dispunha de grandes recursos, nem era cercado do conforto material e dos estimulos que ha nos grupos e nas escolas de nossos dias.

As seductoras cartilhas illustradas, os livros de leitura amenizados pelas gravuras elucidativas do texto vieram muito mais tarde.

Nas escolas daquelle tempo os manuscriptos dos archivos privados e dos cartorios locais suppriam a carencia de livros; epistolas, cartas regias, concessões de sesmarias, titulos de propriedade, documentos de toda ordem eram aproveitados como traslados e como livros de leitura.

Quanto cimelio precioso não se teria perdido, então! Quanto documento historico de valor, desapparecido entre as mãos de escolares, inconscientes das preciosidades que inutilizavam, finda a lição!

Que meritorio esforço, porém, o de apprender a ler, decifrando os irregulares *bastardos* e os hieroglyphicos caractéres desses manuscriptos, arrancados aos batus tradicionaes das familias e ás prateleiras e gavetas dos archivos!

Na villa de Sabará teve Araujo Viana como professores de preparatorios o dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, depois visconde de Caheté, e o illustre orador sacro, poeta e latinista padre Joaquim Machado Ribeiro.

O visconde de Caheté era uma das summidades da época.

«Pertencendo a uma familia abastada e das mais distinctas da capitania, escreve Xavier da Veiga, e tendo manifestado, desde a infancia, aptidões para as letras, foi logo destinado aos estudos; e, apenas concluiu os preparatorios, partiu para Portugal, formando-se em direito na Universidade de Coimbra. Ahi frequentou tambem outros cursos e, mais assiduamente, o de medicina, sciencia para a qual revelou sempre vocação particular, e, antes de voltar para o Brasil, fez diversas viagens pelo interior do reino, afim de examinar em varias provincias o estado da agricultura e industrias. Regressando á patria e, sem descurar das letras, dedicou-se logo á lavoura, introduzindo nella melhoramentos consideraveis, e, na falta de medicos, rarissimos naquelle tempo no interior do Brasil, muito valeram seus conselhos e indicações, em numerosos casos de enfermidade, não só ás pessoas de sua familia e fazenda, como a seus parentes e vizinhos».

Não recebera ainda o visconde de Caheté este titulo,—galardão dos relevantes serviços que prestaria mais tarde como parlamentar e administrador, quando o encontrou em 1817 o celebre naturalista Saint-Hilaire, que a elle se refere na segunda parte de suas *Viagens no interior do Brasil*, (vol. 1, pag. 166), nos seguintes honrosos termos:



*«Je logeai dans la capitale du Rio das Velhas (Sabarã), chez M. José Teixeira, alors «juiz de fóra» et intendante ou inspecteur de l'or. M. José Teixeira était un homme de quarante et quelques années, riche, et d'une figure très douce. Né dans les Mines, il avait fait ses études à Coimbre et sa conversation était fort agréable. Il était impossible de jouir à une réputation plus belle que M. José Teixeira; partout où on le connaissait, on s'accordait à vanter son humanité, son désintéressement, sa candeur, son amour pour la justice, ses lumières et son attachement pour son pays.»*

Araujo Viana foi digno discípulo de tal mestre.

Sob a direcção do Visconde de Caheté e do padre Machado Ribeiro fez o joven estudante, com grande aproveitamento, o seu curso de humanidades.

Póde avaliar-se o grau de desenvolvimento do ensino em Minas, naquella época, pela *exposição feita* alguns annos depois, em 1827, em sessão do Conselho do Governo Provincial pelo conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcellos sobre o estado da instrucção publica na provincia, nesse mesmo anno de 1827.

O numero de professores publicos era de quarenta e cinco, sendo 1 de anatomia, 1 de desenho, 1 de rhetorica (cadeira vaga na occasião), 1 de logica, 17 de latim e 33 de primeiras letras.

A despesa total com o ensino elevava-se a 13:450\$000 annuaes, mais 480\$000 de gratificação a dois professores de ensino mutuo.

A frequencia dessas aulas era a seguinte em 1827: aula de anatomia, 3 alumnos; aula de desenho, 6 alumnos; aula de logica, 5 alumnos; aula de latim, 233 alumnos; aulas de primeiras letras, 1.107 alumnos. Total, 1.354 alumnos.

Ao lado dessas escolas publicas havia 181 aulas de instrucção particular.

Imagine-se o desenvolvimento da instrucção na primeira década do seculo 19, época em que se entregou Araujo Viana aos primeiros estudos.

Estudar era, então, cousa difficil pelo diminuto numero de escolas existentes e pela deficiencia de meios de communicacão com as localidades providas de recursos pedagogicos.

Um mal,—si encararmos a questãõ á luz das vantagens que ha na maior diffusão do ensino—compensado por um bem: o de seleccionar as verdadeiras vocações literarias, as irresistiveis vocações para a vida intellectual.

Araujo Viana tivera a felicidade de nascer numa das mais importantes e prosperas regiões mineiras daquella época—a comarca do Rio das Velhas.

Congonhas estava a dois passos de Sabará, e Sabará gosava merecidamente dos fóros de um dos centros intellectuaes de mais nomeada da canitania.

Força é reconhecer a estreiteza do quadro de estudos propedeuticos de então.

A verdade, porém, é que, si diminuto era o numero de materias ensinadas, mais intenso e profundo era, em compensação, o estudo das mesmas.

Havia menos luxo de programmas, porém, mais realidade de ensino, ao contrario do que hoje acontece.

O *chauffage*, na instrucção publica, é, entre nós, uma instituição relativamente recente.

Noutros tempos, o pouco que se apprendia não saciava, é certo, a curiosidade de espiritos mais exigentes, porém,—bem digerido pelo cerebro,—era perfeitamente assimilado e constituia uma base, não muito vasta, mas segura, para ulteriores construcções.

*Pauca sed bona...*

Hoje, com toda a pompa de programmas encyclopedicos, não são raras as indigestões mentaes.

E' que não progredimos tanto em materia de ensino, como poderíamos crer.

E' que alargamos, apenas, o quadro das disciplinas, sem a correspondente intensidade do seu estudo e o moralizador escrupulo em apurar o preparo de gerações que só querem *fazer exames*, pouco lhes importando o saber.

A base do ensino secundario foi, durante largo tempo, em Minas, o latim, e tal importancia se attribuia ao conhecimento dessa lingua que collegios havia, ainda na segunda metade do seculo 19, onde o ensino do portuguez era descurado, supprido que o julgavam pelo conhecimento do idioma do Lacio.

Não vem a pelo discutir a «virtude educativa» dessa lingua morta, nem examinar os «prós e os contras» da «questão do latim», ainda não resolvida nos arraiaes pedagogicos.

Até cerca de 30 annos atraz, a necessidade e a importancia do estudo do latim eram doutrina pacifica entre nós.

Entre os peccadilhos da Republica, no que concerne ao desmantelamento do ensino, periodicamente reformado... para peor, bem poderíamos arrolar a decadencia do estudo dessa disciplina.

Desse desdem pela cultura classica,—um dos «modernismos» com que se ufanam os envernizadores de letrados electricos, besuntados de ralas tinturas scientificas e de uma erudição superficial de almanacks e catalogos,—tem resultado o evanescimento de uma das nossas mais bellas tradições: o amor á latinidade.

O mineiro de outros tempos era, forçosamente, latinista e musico.

Hoje, infelizmente, essa tradição está prestes a desaparecer.

Vão rareando, de geração a geração, os cultores da lingua mater do vernaculo. Vão se tornando typos exóticos, representantes de uma fauna quasi extincta, os latinistas. E, em breve, si se não operar uma reacção, veremos apontados com o dedo á curiosidade publica, os extravagantes sabedores do malsinado idioma.

Mineiro que se prezava de o ser, Araujo Viana era insigne latinista.



E, dado o angusto circulo do programma de humanidades do seu tempo, não é despropositado attribuir ao latim o aparelhamento da sua intelligencia para os ulteriores estudos em que culminou.

A bagagem propedeutica não era vazia, mas era solida.

E foi essa cultura pouco extensa, mas intensissima, que formou as grandes e respeitaveis figuras do antigo regime, os estadistas, parlamentares e publicistas de envergadura: os Bernardos de Vasconcellos, os Evaristos da Veiga, os Paranaguás, os Feijós, os Paranás, os Olindas, para só citar alguns, dentre os contemporaneos da actividade politica do Marquez de Sapucahy.

— Durante poucos mezes exerceu Araujo Viana, no termo de Sabará, o logar de ajudante das ordenanças, para que fôra nomeado por acto do principe regente, pouco depois — rei d. João VI, datado de 9 de janeiro de 1815.

A 15 de outubro desse anno matriculou-se no curso juridico da Universidade de Coimbra, formando-se em direito a 9 de julho de 1821, após um tirocinio academico pontilhado de approvações distinctas.

Em Coimbra frequentou, tambem assiduamente (por inspiração, quem sabe, do seu mestre de humanidades, o Visconde de Caheté, que fizera o mesmo), as aulas do curso medico.

Durante o estagio universitario, cultivou Araujo Viana as boas letras, convivendo, então, com brilhantes espiritos, entre os quaes Odorico Mendes, o profundo hellenista maranhense; Manoel Alves Branco, posteriormente Visconde de Caravellas, e Almeida Garret, que depois «o lembrava sempre com saudade e com enthusiasmo».

Apenas se esboçava, então, em Portugal, o fecundo renascimento literario, de que seriam proedros Garret, Castilho e Herculano.

«A decadencia literaria, escreve Antonio de Serpa Pimentel, tinha acompanhado até aquella época a decadencia social em todas as suas outras manifestações. Camões foi o resumo e, ao mesmo tempo, o remate das glorias literarias de Portugal. Depois houve ahí uns homens de talento e de mais ou menos gosto litterario, como os ha em todas as épocas, um padre Antonio Vieira e um padre Manoel Bernardes, que aperfeiçoaram a lingua, um Diniz e um Tolentino, que foram admiraveis, um no poema heroi-comico e outro na satira, um Bacage, dotado de verdadeiro estro e melodia poetica, mas não houve mais uma literatura portugueza.»

Esta ia resurgir com o movimento romantico.

Durante a permanencia de Araujo Viana em Coimbra, Alexandre Herculano era ainda criança; Antonio Feliciano de Castilho, um pouco mais velho, só em 1823 publicaria os seus primeiros versos, em cujos accentos liberaes a censura politica veria um perigo, impedindo-lhes a divulgação; Almeida Garret mal entrara na ephebia gloriosa, renunciadora da brilhante carreira que lhe reservava o destino.

E' de suppor que, estimulado pelos labores literarios do luminoso circulo que frequentava, houvesse Araujo Viana dedicado os seus lazeres de academico ao diuturno convivio das Musas.

Mas das suas produções escriptas em Coimbra nada mais resta sinão uma epistola, em humoristicos decasyllabos, dirigida ao seu amigo José Cesario de Miranda Ribeiro, mais tarde Visconde de Uberaba.

São versos brancos, fluentes, bem metrificadas, cheios de bom humor, descrevendo a vida do auctor em Coimbra, suas aventuras galantes, suas romarias a sanctuarios e a sitios pittorescos dos arrabaldes da cidade universitária e a outros pontos do reino.

Transcrevamos alguns excerptos:

«Salve, Cesario meu. Vou referir-te  
Prolixa historia dos successos tidos  
Na peregrinação que hei decorrido.  
Não esperes achar formosos feitos,  
Que aos astros levam campeões de Venus ;  
Tens de ler o que vi : neste theatro  
Sou grande expectador, actor pequeno,  
Dos teus braços apenas arrancado,  
Saudoso, tristonho e taciturno.»

Entra o poeta a referir a prolixa historia promettida, interrompendo ás vezes, a narrativa com as nostalgicas evocações da patria distante.

Certo rio lembra-lhe os rios brasileiros :

«Chego ás margens do Ave, onde me lembra  
P'rahyba e P'rahybuna, a barca vendo,  
Que o transito me deu, bem semelhante  
A's que vimos alli : mas era o rio  
De menor cabedal.»

Ou então:

«Chegada a noite,  
Vou num barco encascar-me. Eis de repente  
Tolda meu coração negra tristeza  
E medra mais e mais, turbada a mente ;  
Que se ha de afigurar, ó doce amigo,  
Na torva fantasia ? Esse momento,  
Tristissimo momento, em que, deixando  
Da estrella o porto, num saveiro, sulco  
O rio que nos leva ao de Janeiro...  
Tristissimo momento, em que deixara  
Quanto me é caro, na gostosa patria,  
Hora d'embarque, murmurar das aguas  
Pelas varas e ramos açoitadas ..  
O tremulo reflexo produzido  
Por frouxo lume das estrellas... tudo,  
Tudo em torno de mim pintando estava  
Essa noite de horror.»

Os versos são acompanhados de citações latinas, pequenos trechos de Ovidio e de Virgilio e commentarios que o proprio auctor mette á bulha, subcommentando-os: «Gosto muito de notas!», «Que erudição!»

Da actividade literaria de Araujo Viana em Coimbra não ha, infelizmente, documento, além dessa carta.

Formado em direito, voltou para o Brasil, resolvido a exercer a advocacia.

Teve, porém, de abandonar essa idéa, por haver sido nomeado, a 17 de novembro de 1821, promotor de capellas e residuos do termo e comarca de Sabará, cargo em cujo exercicio não chegou a entrar, passando logo, por decreto de 18 de dezembro do mesmo anno, a juiz provedor da fazenda, ausentes, capellas e residuos, na mesma cidade.

Seguem-se, agora, escreve Joaquim Manoel de Macedo, cincoenta e tres annos cheios de serviços relevantes, em que Araujo Viana, mais tarde visconde e marquez de Sapucahy, foi disputado pela magistratura, pela politica, alta administração e por funcções tão elevadas e honrosas como difficeis e delicadas.

Na magistratura algumas resumem sua fulgente carreira.

A 10 de novembro de 1825 foi reconduzido no cargo de juiz de fóra e, antes de completar o triennio, nomeado, por acto de 17 de maio de 1827, desembargador da Relação de Pernambuco; removido, por decreto de 13 de dezembro de 1832, para a da Bahia e, depois, para a do Rio de Janeiro, tendo servido, não raro, de desembargador fiscal da Junta do Commercio na Capital do Imperio.

Da Relação do Rio de Janeiro foi elevado ao cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça, no qual se aposentou, por decreto de 12 de setembro de 1860.

No exercicio da magistratura, como affirma seu citado biographo, foi luz esplendida pela sciencia do direito e forte garantia da justiça pela retidão das sentenças.

\*\*\*

Vejamol-o, agora, na politica e na alta administração.

Em 1823, foi eleito deputado, por Minas, á Constituinte Brasileira, sendo, então, escolhido para a importante tarefa de redigir o «Diafio» dessa Assembléa.

Fez parte, em 1826, da primeira legislatura do Imperio, como representante de sua provincia natal, que o reelegueu nas tres legislaturas seguintes e duas vezes o incluiu nas listas para senador.

Ouçamos, ainda uma vez, o seu carinhoso biographo: «Na Camara dos Deputados e, depois, no Senado, primou nos trabalhos das commissões mais importantes e de um e outra occupou a cadeira da presidencia durante annos.

Na Constituinte Brasileira, na Camara temporaria e, depois, na vitalicia, o seu elevadissimo merecimento foi sempre reconhecido.

Nas commissões, infatigavel no labor, nos pareceres fonte de luzes, entendido na redacção das leis, mestre na lingua, exemplar no estylo adequado, exímio conhecedor do direito, em longos e difficeis estudos sobre os mais variados assumptos, assombroso por vastissima sciencia e, no entanto, o marquez da Sapucahy, em mais de meio seculo de vida parlamentar, nunca brilhou, nunca obteve um triumpho na tribuna!

A timidez, o acanhamento, quasi incriveis em homem tão superior, tão sabio, chegaram até a fazer suspeitar defeito no organ da voz.

Obrigado a falar, como Ministro, titubeava, hesitava a cada enunciação do pensamento; ainda lendo em assembléas solennes, como as do Instituto Historico, parecia violentar-se, enleava-se em vexames.

Era o Prometheu, senhor do fogo do céu roubado aos raios do sol, observa Macedo; mas Prometheu a debater-se nas cadeias do Caucaso.

Fóra, porém, do apparatus da solennidade, fóra da exhibição na tribuna, livre dos ouvidos e dos olhos do publico, na sala das commissões, no asylo da amizade, no seu gabinete de estudo, sempre de accesso facil, ameno, encantador, elle era o livro de consulta, a encyclopedia viva, o rio immenso e caudal de sabedoria, cuja curva e cujo fundo elle só ignorava, elle só, monumento da sciencia, afundado em abysmo insondavel de modestia.

No conselho de Estado, o marquez de Sapucahy fulgurou como astro lucifero; não lhe era preciso falar na tribuna: radiou escrevendo. Nenhum outro o excedeu; muito poucos, raros o egualaram em actividade e em proficiencia».

Como paradigma da sua oratória timida, sobria, desataviada, mas toscamente sincera em seus accentos simples e em sua forma castiça, não é demais transcrever o seu pequeno discurso de despedida á Camara dos Deputados, de que era presidente, proferido na sessão de 13 de abril de 1840.

Eil-o:

*«Tendo de retirar-me para o Senado, onde vou tomar assento, julgo do meu dever aproveitar a occasião para despedir-me desta augusta Camara. Não posso deixar de apartar-me com saudade de um corpo a que pertenco ha tantos annos, e de quem vou sobremaneira agradecido pela confiança que em mim depositou, não só incumbindo-me de importantes commissões, como elevando-me ao cargo que tenho occupado até agora.*

*Aproveitarei esta occasião para agradecer tambem aos meus patricios mineiros, eleitores, os quaes, desde que ha systema representativo no Brasil, se não têm esquecido do meu nome para fazer parte da representação nacional».* (Annaes do Parlamento Brasileiro—Camara dos Deputados, sessão de 1840, tomo I, pag. 24).

Era esse o tom normal da sua palavra.

—A 16 de novembro de 1826 foi Araujo Viana nomeado presidente da provincia das Alagoas. Nesse cargo que exerceu durante poucos mezes, inapreciaveis foram os beneficios da sua administração escla- recida, tolerante e imparcial. O respeito a todas as opiniões apazigua- ra a lucta dos partidos e, ao retirar-se do governo, deixava Araujo Viana a provincia tranquilla e em auspiciosa situação.



—Nomeado presidente do Maranhão, a 17 de setembro de 1828, encontrou Araujo Viana essa provincia «comprimida, convulsa e bradando queixosa».

Tomando posse do governo a 13 de janeiro de 1829, «os seus primeiros actos annunciaram á provincia a realidade do systema constitucional. A oppressão desapareceu, os direitos dos offendidos foram satisfeitos, a imprensa livre fulgiu, vendo logo desfeita a perseguição que atormentava uma victima do exercicio da tribuna universal».

Apoiado pela confiança dos maranhenses, poude Araujo Viana entregar-se desveladamente á administração da provincia. Poz em ordem o systema administrativo; regulou a Fazenda provincial; cuidou com carinho da instrucção publica; fundou uma bibliotheca; tornou effectiva, por meio de sabias providencias, as garantias individuaes... Tinha em mente executar outras proficuas reformas, quando se deu a abdicação de Pedro I, a 7 de abril de 1831.

Araujo Viana logrou com a sua moderação manter a paz na provincia, profundamente abalada com a noticia daquelle importante acontecimento politico.

Mas, a 13 de setembro de 1831, liberaes exaltados, aos quaes adherira a força militar da provincia, revoltaram-se, occupando diversos logares fortificados da Capital, exigindo do governo a demissão de diversas auctoridades e outras medidas violentas.

Não tendo Araujo Viana elementos para reprimir a revolta, viu-se forçado a transigir na occasião.

A 16 de novembro do mesmo anno, porém, em nova insurreição, reclamaram os rebellados da vespera a expulsão dos funcionarios demittidos e a exoneração de todos os brasileiros adoptivos que occupavam cargos publicos, e a prohibição de desembarque no Maranhão aos portuguezes que para lá se dirigissem.

Araujo Viana usou, desta vez, de grande energia, abafando o movimento subversivo com presteza e habilidade e, pouco depois, a 29 de novembro de 1831, passou ao seu successor o governo da provincia, deixando alli uma recordação indelevel das suas qualidades de administrador e das suas virtudes privadas.

Na vida de Araujo Viana, disse alguém com razão, a presidencia daquelle provincia do norte, de 1829 a 1831, é um canto de epopéa que bastaria para a glorificação de sua memoria.

Vae abrir-se o periodo mais espinhoso da carreira politica de Araujo Viana.

Referimo-nos á sua situação como membro do ministerio de 1832 a 1834 e de 1841 a 1843.

«O decennio que vae de 1830 a 40, affirma Sylvio Romero, é, a certos respeitoes, a época mais valiosa e memoravel da historia do Brasil. Nunca tivemos tanta audacia e nunca mostrámos tanto bom senso. Nunca houve tanta indisciplina, nem tanta energia e desprendimento. A velha

colônia com João VI e Pedro I tinha apenas mudado de senhor: o português ainda imperava; a Regencia trouxe-nos a posse e a consciencia de nós mesmos.

Os partidos agitaram-se, as provincias abalaram-se e as revoluções surgiram. A imprensa multiplicou-se como por encanto, os clubs e associações tomaram vida e vigor desconhecidos; republicanos, monarchistas restauradores, federalistas, moderados, exaltados, todos se combateram com vehemencia.

A *carta* foi revista e modificada; a escravidão, abalada com a extincção do trafico; as facções, por toda a parte, debelladas; o espirito militar separatista, comprimido.»

Foi nesse periodo de lucta, a 14 de dezembro de 1832, que Araujo Viana subiu ao ministerio, com a pasta da Fazenda, occupando tambem, em 1833 (um anno tormentoso!), interinamente, a pasta da Justiça.

Desse gabinete faziam parte, igualmente, Honorio Hermeto, Joaquim José Rodrigues Torres, Nicolau de Campos Vergueiro e Bento da Silva Lisboa.

Era intensa a agitação politica do paiz.

A Sociedade Conservadora transformara em militar o partido restaurador e contava com o prestigio de José Bonifacio, então tutor de Pedro II e de suas irmãs.

Em golpe fulminante suspendeu o governo de suas funcções o patriarcha da Independencia, abatendo, igualmente, o partido restaurador e prohibindo aos militares da primeira e da segunda linha e de ordenanças fazer parte da «Sociedade Conservadora», sob pena de serem castigados como desobedientes e infractores da disciplina militar.

A 22 de março de 1833 irrompia em Ouro Preto a celebre sedição, instigada e acoroçada por um dos ministros do Imperio, segundo se deprehende de documentos ineditos existentes no Archivo Publico Mineiro.

Não encontrou o movimento eco na opinião. Contra os revoltosos enviou o governo tropas sob o commando do general Pinto Peixoto, que a 23 de maio do mesmo anno entrava na Capital de Minas, restaurando a ordem e deixando pacifica a Provincia.

A situação revolucionaria não impediu que Araujo Viana prestasse consideraveis serviços á administração financeira do Imperio, inspirando diversas resoluções legislativas, entre ellas a creação de um banco emissor, com fundo metallico equivalente á metade da emissão circulante e a fixação do padrão monetario, quebrado o que vigorava desde os tempos coloniaes.

Deixando o ministerio, a 2 de junho de 1834, passou Araujo Viana a exercer o cargo de procurador fiscal do Tribunal do Thesouro Publico Nacional.

Um facto de grande monta occorreu em 1836: a formação do partido conservador, sob a chefia de Bernardo Pereira de Vasconcellos e de Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda.



Juraram bandeira no novo partido, entre outros, Honorio Hermeto, Carneiro Leão, Paulino de Sousa, Maciel Monteiro, Miguel Calmon, Rodrigues Torres e José Clemente.

Araujo Viana que, a partir de 7 de abril de 1831, se ligára estreitamente ao partido liberal moderado, filiou-se, de 1837 em diante, á nova aggremação politica.

Espirito eminentemente conservador, não tinha outra attitude a tomar, desde que se ultimára, a 19 de setembro de 1837, a missão historica do partido moderado, a que pertencera.

Reboava, então, pelo paiz, a palavra solenne de Bernardo de Vasconcellos, justificando-se perante a opinião. «Fui liberal, — clamava da tribuna o immortal ouropretano; então, a liberdade era nova no paiz; estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéas praticas; o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os principios democraticos tudo ganharam e muito comprometteram: a sociedade, que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarchia. Como então quiz, quero hoje servir-a, e por isso sou regressista. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendi no dia de seus perigos, de sua fraqueza: deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triumpho que até o excesso a compromette».

«Ahi está todo o ementario da época, exclama Euclides da Cunha. Não temos em toda a nossa vida politica, em tão poucas linhas programma tão vasto. Bernardo de Vasconcellos não se justificava: justificava a nacionalidade.»

Comprehendendo a abnegação patriotica do grande homem de Estado, seu comprovinciano, Araujo Viana generosamente olvidou a opposição tenaz que fizera Vasconcellos ao Ministerio de 1832—1834, e alistou-se nas fileiras do partido conservador, que este acabava de organizar.

Em 1840 vamos encontrar Araujo Vianna no Senado. E' lá que o vae buscar o seu partido, para occupar a pasta do Imperio no gabinete de 23 de março de 1841, que succedera no poder ao da maioridade.

Eram seus companheiros de Ministerio, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, o marquez de Paranaguá, o marquez de Abrantes e José Clemente Pereira.

Accórdes os Ministros em não fazer politica reaccionaria, resolveram conservar todos os presidentes e chefes de policia do gabinete anterior, fazendo apenas diversas mudanças no pessoal administrativo, reclamadas pelo serviço publico. Mas, encerrada a sessão legislativa, exonerou o Ministerio a maior parte dos presidentes das provincias, entregando o governo das mesmas a cidadãos de sua confiança.

Araujo Viana concorreu para fazer passar nas Camaras o projecto de lei, que creou o novo Conselho de Estado (23 de novembro de 1841), e foi o Ministro que poz em execução essa lei e regulamentou o mesmo Conselho.

A' escolha dos primeiros conselheiros presidiu o imparcial e seguro criterio da capacidade e experiencias dos negocios de cada um dos nomeados.

O Governo não attendeu nem a partidos, nem a opiniões politicas.

Assim é que, ao lado de Honorio Hermeto, Vasconcellos, Araujo Lima e José da Costa Carvalho, conservadores, entraram para o Conselho de Estado, Manoel Alves Branco (2.<sup>o</sup> visconde de Caravellas), Caetano Maria Lopes Gama (visconde de Maranguape) e o marechal José Joaquim de Lima e Silva (visconde de Magé), conhecidos por suas tendencias mais ou menos liberaes, e Francisco Cordeiro da Silva Torres, José Antonio da Silva Maia e D. Frei Pedro de Santa Mariana, arredados inteiramente dos partidos, mas respeitados por seus conhecimentos espezias nas questões militares, financeiras e ecclesiasticas. (1)

A lei de 3 de dezembro de 1841, promulgando o Codigo do Processo, «medida que fortalecerá a auctoridade, nesse tempo enfraquecida pela audacia dos agitadores e das chamadas *influencias locaes*», ia trazer dias tempestuosos ao gabinete de 23 de março.

No Rio Grande do Sul, a campanha separatista dos Farrapos aggravava-se, ameaçando a integridade do territorio nacional, e só em 1845 terminaria, rendidos os pelotões de Bento Gonçalves ao genio militar de Caxias.

Em 1842, pretextando a inconstitucionalidade da lei de 3 de dezembro, rompeu em S. Paulo e em Minas a revolução liberal.

A 17 de maio de 42, em Sorocaba, Raphael Tobias de Aguiar iniciava o movimento.

A 10 de junho do mesmo anno, os sinos de Barbacena acompanhavam em bellicosos repiques, do alto das torres, o rebelde cançlor dos clarins liberaes de José Feliciano, padre José Antonio Marinho e Theophilo Ottoni.

O Governo agiu com presteza e energia, suffocando a rebellião e firmando a ordem nas duas provincias sublevadas.

E' de notar a parte activa que tomou Araujo Viana em varias providencias energicas, adoptadas pelo ministerio nessas difficeis emergencias, ordenando, por exemplo, que, suspensos dos seu officios os vereadores das camaras de S. João d'El-Rey, Barbacena e Minas Novas, signatarios de protestos contra as leis recentemente promulgadas, fossem os mesmos processados por haver exorbitado de suas attribuições.

A 20 de janeiro de 1843, o ministerio, minado por desintelligencias entre alguns dos seus membros, pedia demissão.

A despeito das circumstancias anormaes em que agiu, poude Araujo Viana, como ministro, melhorar a instrucção publica, reorganizar vantajosamente o Museu Nacional e prestar outros inolvidaveis serviços a diversos departamentos administrativos do paiz.

(1) Galanti, H. do Brasil, tomo IV, pag. 461.



Por acto de 14 de setembro de 1850 foi nomeado conselheiro de Estado extraordinario, passando a ordinario desde 20 de agosto de 1859.

De 1851 até a data de sua morte, exerceu ininterruptamente o cargo de secretario do Conselho de Estado.

Socio fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, solennemente installado em 1839, foi Araujo Viana, seis annos depois, elevado á presidencia daquella sociedade, dignificando esse logar durante 30 annos, isto é, até o fim de sua vida.

A 11 de janeiro de 1839 coube-lhe o honra de ser nomeado professor de litteratura e de sciencias positivas do grande monarcha D. Pedro II e de suas irmãs, sendo, mais tarde, pelo proprio imperador, escolhido para mestre das princezas.

Entre as constantes provas de consideração pessoal, recebidas do excelso soberano, que lhe consagrava a mais affectuosa admiração, coube-lhe servir de testemunha, por procuração imperial, no casamento da princeza d. Leopoldina com S. A. Real o duque de Saxe.

A 12 de dezembro de 1854, foi o inolvidavel ministro agraciado com o titulo de visconde de Sapucahy, sendo elevado a marquez por acto de 15 de outubro de 1872.

Era dignitario de diversas ordens honorificas nacionaes e estrangeiras, e membro de muitas associações scientificas e literarias do Brasil e outros paizes.

Alem dos cargos de magistratura, de alta administração e de representação no Parlamento, innumerous outros desempenhou o egregio Mineiro, entre os quaes o de commissario do Governo nos exames do Collegio Pedro II, no Instituto Commercial e nos exames geraes de instrução publica do municipio da Côrte, o de membro da commissão examinadora dos candidatos á carreira diplomatica, etc., etc.

— De 15 de setembro de 1874 em deante, o illustrado e venerando marquez de Sapucahy, homem de natureza de ferro e de actividade infatigavel, começou a soffrer e a definhar: os medicos reconheceram, no velho octogenario, lesão profunda de coração; elle, porém, resistia á molestia, negava-se ao descanso e continuava em seu laborioso exercicio de conselheiro de Estado.

A 14 de janeiro de 1875 aggravaram-se os seus soffrimentos.

Estava então em Petropolis, e em serviço de semana, como camarista do Imperador, e querendo retirar-se para o seio de sua familia, S. Magestade poz á sua disposição trem especial da estrada de ferro, até o porto de Mauá; dahi até á côrte a sua galeota, e na cidade o carro da imperial casa até á sua residencia.

O marquez não se levantou mais do leito: sereno, suave e resignado consolava a virtuosa esposa e os filhos que o cercavam, e, conservando plena e vigorosa intelligencia, ainda examinava papeis e expediu consultas da sua secção do Conselho do Estado, a 22 de janeiro, vespera de seu passamento.

No dia seguinte, 23 de janeiro, pelas dez horas da manhã, o Imperador, acompanhado de seus semanarios, foi visitar o seu velho mestre e amigo, apertar-lhe as mãos; animou-o mas falou-lhe pela ultima vez. O marquez, profundamente agradecido, exclamou, em despedida: «Senhor, Vossa Majestade é verdadeiramente grandioso!»

Algum sossego, leves indícios de melhor estado accenderam esperanças, embora dubias, no coração da familia; mas, ao meio dia, o marquez de Sapucahy expirou docemente, quasi sem agonizar.

O Imperador, que se achava na Academia das Bellas Artes, distribuindo premios aos alumnos distinctos, retirou-se immediatamente, e muito commovido, ao receber a noticia do fallecimento do marquez. O Brasil acabava de perder um grande homem.» (1)

---

E' tempo de examinar o valor do Marquez de Sapucahy como homem de letras e poeta, em particular.

Dotado de não vulgar capacidade intellectual, Araujo Viana apri-morou, durante toda a sua existencia, pelos estudos, as faculdades com que a natureza dotára a sua privilegiada cerebração.

Sobre conhecer perfeitamente algumas linguas vivas, era notavel sabedor do latim, lia Homero no original, era versadissimo nos classicos portuguezes e cultivava, com grande apuro, a lingua vernacula, em cujos assumptos era auctoridade acatadissima.

Jurisconsulto e litterato de valor, acompanhava, com vivo interesse, o movimento intellectual do seu tempo, estando a par das idéas philosophicas e das tendencias litterarias coetaneas.

Escreveu, algures, Sylvio Romero que a literatura do Brasil é, em grande parte, na maxima parte, uma collaboração de vadios ou de infecundos.

«Nas paginas de sua historia, continúa o eminente e saudoso polygrapho, ha de figurar sempre e sempre um grande numero de sujeitos que deixaram tres ou quatro poesias, tres os quatro artigos de prosa, e nada mais.

Entre nós ha tal poeta, cujo titulo de benemerencia é uma só poesia. Odorico Mendes é o poeta do *Hymno á tarde*; Rodrigues Silva é o poeta da nenya *Nictheroy*. Como riscar este homem de nossa historia litteraria, si sua producção *maitresse* é um dos mais saborosos frutos da poesia nacional?»

Embora não tenha sido um vadio, Araujo Viana é do numero desses poetas de uma só poesia.

Intelligencia «amesquinhada pelo excesso de modestia e de timidez», a parcimonia de seu estro foi, antes, um resultado de seu temperamento retrahido, avesso aos rumores da publicidade, do que propriamente a revelação de infecundidade poetica.

(1) Macedo cit.



Nem é possível admittir que fosse infecundo o engenho peregrino que produziu aquelles commoventes heptasyllabos, bastantes, pela emoção communicativa que os anima, para immortalizar no mundo das letras o nome de seu auctor.

A alma, que crystallizou naquella pepita delicadissima as lagrimas doloridas de um pae angustiado, era certamente uma jazida inesgotavel de sentimentalismo e de inspiração.

O mineiro é que foi sobrio no ostentar á luz as revelações do recondito thesouro.

O mergulhador é que,—na inconsciencia da riqueza madreporica que guardava dentro d'alma,—só quiz arrancar do seu escriptorio espirital, trazendo-a á tona da publicidade, aquella perola emocional,—mimososa concreção da dor, matiada pelos raios suavissimos da resignação christã.

«Homem immenso que nunca teve espelho, em cujo reflexo apreciase as proporções de sua propria grandeza, o marquez de Sapucahy pouco escreveu e menos ainda publicou, além de seus relatorios como ministro de Estado e presidente de provincia e de numerosos discursos, pronunciados como presidente do Instituto Historico durante trinta annos, e outros, que se encontram na revista trimensal do mesmo Instituto, de 1843 a 1873.

Redigiu o «Diario da Assembléa Geral», constituinte e legislativa do Imperio. (Rio de Janeiro, 1823, 774 pags. in-4.º).

Apresentou, como ministro dos Negocios da Fazenda, á Assembléa Geral, em a sessão extraordinaria de 1833, revelando seus notaveis conhecimentos financeiros, um «Relatorio sobre o melhoramento do meio circunstante». (Rio de Janeiro, 1833, 124 pags. in-4.º).

Segundo Sylvio Romero, seu principal trabalho em prosa é o celebre artigo inserto no «Correio Official» de 28 de setembro de 1833, contestando os serviços de José Bonifacio á nossa independencia politica e que póde ser indicado como um dos mais limpos trechos do jornalismo politico do tempo, por não ter as grosserias e declamações então tanto em voga.

Araujo Viana era ministro, quando o escreveu por occasião de ser deposto o velho Andrada do cargo de tutor do Imperador.

Como poeta, embora tenha escripto outros versos, originaes ou traduzidos, segundo informa o auctor da «Historia da Literatura Brasileira», só conhecemos d'elle a referida carta, dirigida de Coimbra ao visconde de Uberaba; um soneto improvisado,—informa Sacramento Blake, —num sarau por occasião de partir para a India, na galera «Vasco da Gama», a senhora d. Carlota Midosi com seu marido, e as «Violetas».

A carta, cujos excerptos tivemos já occasião de transcrever, não lhe daria as laureas de poeta.

O soneto, que se encontra no «Florilegio da infancia», de J. R. da F. Jordão, tomo 2.º, pag. 25 e na collectanea «Sonetos Brasileiros», de Laudelino Freire, é um trabalho mediocre.

Transcrevamol-o :

«Com fausto agouro perpassando o Atlante,  
Buscas, ditoso par, da Aurora a rota,  
Sob auspícios do Deus que em lusa frota  
Póde affrontar Adamastor possante.

Talvez tente, lembrado,.. o audaz gigante  
Estorvos pôr á placida derrota ;  
Tente... que Vasco na estação remota  
Ha de outra vez conter monstro insultante :

E si elle não bastar, o rosto lindo  
Volva Carlota aos carrancudos ares,  
A paz nas nuvens se verá sorrindo;

Seus olhos desfarão tristes azares,  
Raivosos furacões irão bramindo,  
Tranquillos dormirão travessos mares.»

A gloria literaria do marquez de Sapucahy são os dezeseis versos á memoria de sua filha. São elles que lhe dão um logar na historia da nossa literatura.

Não são moeda corrente na poesia brasileira contemporanea composições como essa.

A preocupação fetichista e absorvente da fórmula, com prejuizo, não raro, da emoção esthetica, tem sido, em nosso Parnaso, a fonte de um preciosismo de linguagem e de caprichos e virtuosidades de technica que mais são *artifícios* que *arte* propriamente dita.

Collocada em plano subalterno, a inspiração soffre mutilações, perde a sua intensidade, annulla-se quasi, abafada sob os ouropéis de vocabulos peregrinos, catados nos lexicos; comprimida nos espartilhos de uma fórmula torturada, que trae o esforço do artista; sacrificada ao luxo da rima rica e á ostentação de galas estylisticas e metricas postiças.

Dão-nos semelhantes produções poeticas a impressão de mendigos embrulhados em purpuras... Tão amesquinhado o fundo para realce das pompas exteriores!

Como João Ribeiro vemos na fórmula literaria apenas a dignidade externa da expressão, isto é, a pôlidez e o grau de honra della e o respeito que se lhe deve.

Não lhe applaudimos, portanto, os exaggeros que impliquem sacrificio ou degradação da idéa, do pensamento, da emoção.

Ora, nos versos do marquez de Sapucahy «a simplicidade da linguagem deixa ver em toda a pureza a verdade do sentimento».

Não poderiam ser mais singelas as delicadissimas quadrinhas.

O velho mineiro tinha uma filha que havia plantado um canteiro de violetas.

Antes que estas desabrochassem, morreu a moça. Sobre o seu tumulo foi o poeta depôr as primeiras flôres, commemorando o seu piedoso gesto com estas immorredouras lagrimas metrificadas :

«Da planta que mais prezavas,  
Que era, filha, os teus amores,  
Venho de pranto orvalhadas  
Trazer-te as primeiras flores...

Em vez de afagar-te o seio,  
De enfeitar-te as lindas tranças,  
Perfumarão esta lousa  
Do jazigo em que descansas.

Já lhes falta aquelle viço  
Que o teu desvelo lhes dava ..  
Gelou-se a mão protectora  
Que tão fagueira as regava.

Desgraçadas violetas !  
A fim prematuro correm...  
Pobres flores, tambem sentem,  
Tambem de saudades morrem !»

«E' uma cousa caprichosa a poesia, commenta Sylvio Roméro. Tres ou quatro notas singelas tocam as fibras d'alma; e, quantas vezes, vastas composições pretensiosas deixam-nos de todo indifferente! O velho poeta, em quatro quadrinhas, em estylo popular, disse mais do que Magalhães em todo o volume dos *Mysterios e canticos funebres* consagrados á memoria de seus filhos.

A boa poesia é assim : transparente e limpida em sua espontaneidade.»

\*

Peçamos ainda, para terminar, algumas linhas commoventes ao seu illustre biographo, Joaquim Manoel de Macedo :

«Esse benemerito cidadão, que a tão alto subiu,—escreve Macedo,— que tantas honras da terra em si accumuladas vira, morreu tão pobre que sua dignissima e nobre viuva teve de receber do Estado a mais bem merecida pensão, divida sagrada que a patria satisfez apenas muito modestamente.

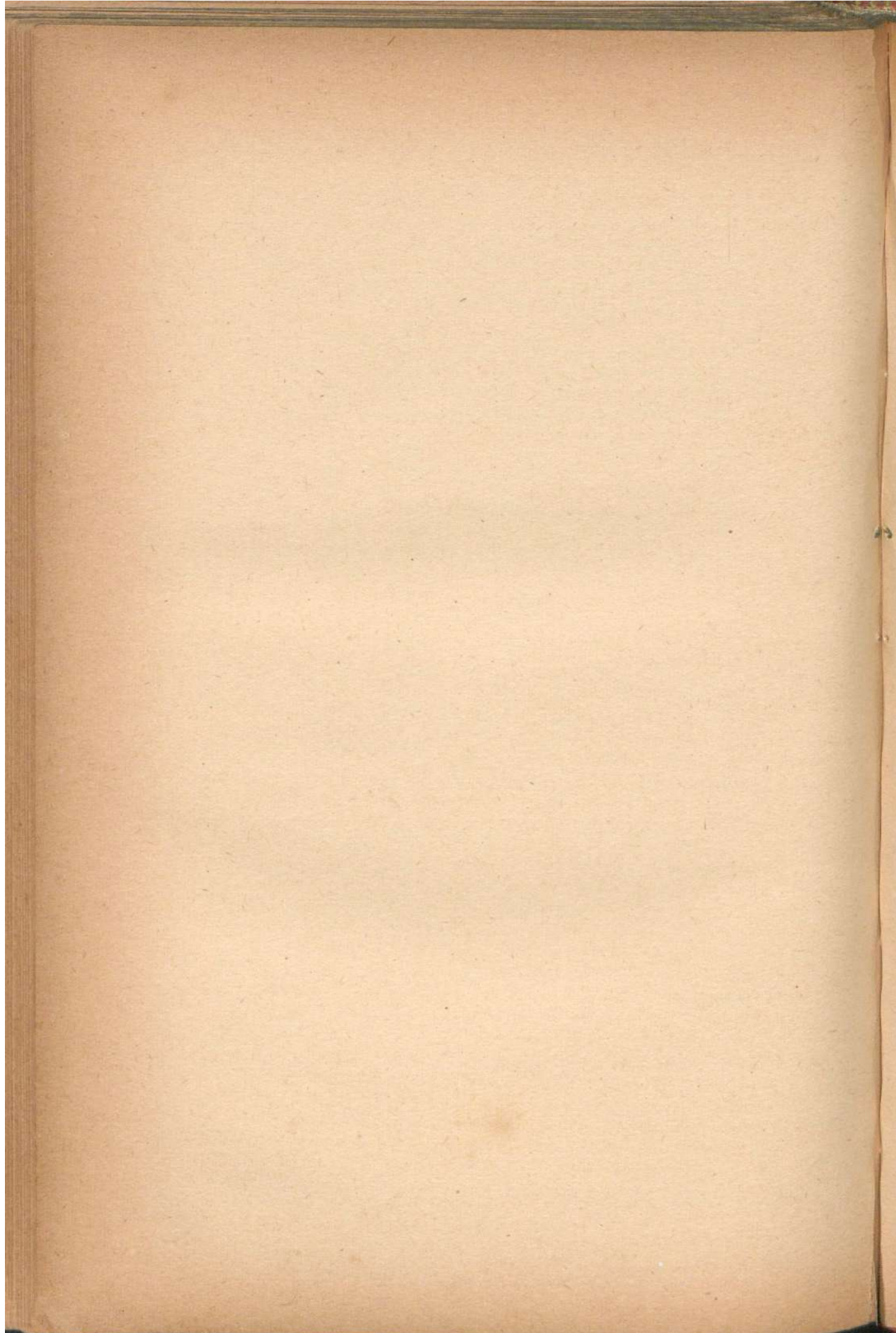
O carro funebre, que levou para o cemiterio o marquez de Sapucahy, não conduziu simplesmente restos mortaes: pesavam sobre aquelle carro oitenta e um annos de vida que se apagara; cincoenta e tres de serviços relevantes, uma corôa de marquez, uma corôa de sciencia e uma corôa de virtudes, tres ou mais grandezas do Imperio, gran-cruzes dignitarias, armas de nobreza, tudo; e dentro do caixão mortuario pousava insensivel aquella cabeça branca, archivo historico, thesouro de riquezas que guardava, memoria viva, a lembrança da Constituinte Brasileira, grandiosa,

esperança de maio, terrível e fatal catastrophe de novembro de 1823, das luctas das ansiedades do primeiro reinado, do terremoto de 7 de abril de 1831, das virtudes civicas, das paixões delirantes, das dedicações, dos erros e dos herculeos trabalhos da menoridade, e de trinta e quatro annos do exercicio dos poderes majestaticos do segundo imperador.»

\*

Tal foi o grande homem, padrão de gloria de um regimen, orgulho da terra mineira, que lhe foi berço, e exemplo digno de ser apontado ás gerações modernas, pela excellencia das suas virtudes privadas e pelo elevado quilate de seu patriotismo inexcedivel.





## Discurso de recepção do academico Noraldino Lima, a 3 de agosto de 1919

Depois de affirmar que sómente a dor é positiva, e para tornar mais arido o campo de realidades, que se estende sobre a tristeza subterranea da vida, Schopenhauer figura a felicidade como apenas existindo no futuro e no passado.

O presente, para o chefe do pessimismo philosophico, é similhante a uma nuvem pequenina, que o vento impelle sobre a planicie batida de sol: deante della, atraz della, tudo é luminoso—só ella projecta sempre uma sombra.

Encontro-me, senhores da Academia, no perimetro dessa extranha sombra de que fala o scepticismo, dissolvente do pensador immortal, quando annuncia as suas convicções, como que feitas para anesthesiar a vontade e, pela negação suprema de tudo, positivar a suprema evidencia do nada.

Este momento, de exaltação para os meus pobres versos e, talvez, de finalidade para os meus destinos literarios, seria para mim, noutra situação, a culminancia de uma victoria magnifica, e eu deixaria de ser sincero si vos não dissesse constituir ella, ha muito, uma aspiração avançada na minha intimidade commigo mesmo.

Qual o homem que, bem ou mal, fadado ou não, trilhando a carreira para que se julgou chamado, não deseja, no ardor da caminhada, attingir-lhe o derradeiro marco?

Não é isso um sentimento ambicioso, antes um pensamento nobre, que generosamente comprehendestes quando, pela bondade de vossos votos, deliberastes valorizar a sombra e trazel-a até aqui, como o fizestes, metamorphoseada, para encher, nesta poltrona academica, assignalada pela morte, o logar abandonado pela grande luz que a povoára.

Entre os meus poucos triumphos, pequeninos todos antes deste, este é o maior. Mas, ai de mim!, quanto me pesa elle e quão grato me haveria sido supplicar á estrella magnanima que preside ao desdobraimento do meu fadario, furtar-me á solennidade desta hora, que eu almejára e que me assusta, cuja realidade vos pedi e cuja imponencia me esmaga, porque, acceito para substituir a Mendes de Oliveira, que ardentemente



eu desejára vivo, posso fazel-o apenas pelo coração: o espirito que desertou deste cenaculo, pairou tão alto e deu á cadeira que me designastes, uma tradição de tal modo impressiva na poetica de nossa terra, que, sendo difficil, senão impossivel, entre os elementos não consagrados pelas honras academicas, achar em Minas substituto que nivelasse o merecimento do aedo desaparecido, só mesmo fazendo, como o fizestes, resolvendo fixar, como fixastes, a vossa preferencia, não pela pesagem dos valores, mas pelo criterio das affinidades.

Foi sem duvida estribados em tal senso electivo que me distinguistes com a vossa escolha.

De facto, entre mim e o meu saudoso antecessor, aleni de uma amizade estratificada, dia a dia, nos ultimos annos de sua vida, pela fusão das mesmas idéas, identidade do mesmo officio e equivalencia de labor—havia, remotamente, um outro ponto de contacto que nos irmanava: era a similhança das condições primitivas.

Fomos ambos, de começo, como duas nascentes partidas do mesmo paralelo—onde o esforço e o sacrificio se conjugam—e buscámos o mesmo estuario ignorado, pouso final dos que amanhecem na lucta e vivem na esperanza.

A caminho do oceano commum, onde os arriolos tributarios desconhecem os rios troncos, é certo que nos separámos: elle se fez caudal, transformou-se em força e fecundidade, encheu de orchastração sublime as margens por onde passou cantando e deixou em nossas almas um suave rumor de vozes triumphaes: eu permaneço fonte e continuo a rolar no meu silencio.

E' lei da vida: cada um de nós, a correr ou deslizar por plainos e vertentes, a seu turno reflecte, no proprio seio, as mesmas imagens do ideal creador, da ficção piedosa, do mesmo modo por que as aguas de curso certo, e que não sabem para onde vão, espelham as plantas ribeirinhas, que tambem murcham, e a pureza do céu, que tambem se tolda...

Si o vosso pensamento foi, portanto, passar ao amigo dedicado a herança do intellectual eminente, creio que andastes bem, não pelo que a mim cabe, mas porque, assim agindo, deixastes vago, por homenagem especial, o logar de Mendes de Oliveira, sem perderdes de vista o judicioso conceito de Nabuco: «A uma Academia importa mais elevar o culto das letras, o valor do esforço, do que realçar o talento e a obra do escriptor».

Si, por um lado, assim é, por outro fostes tambem razoaveis: nenhum aspirante a este egregio sodalicio poderia occupar, talvez, esta cadeira com menos auctoridade e brilho do que eu; a nenhum, porém, seria dado conserval-a com mais carinho, mais calor, e, si ha cousa que sobremodo me afflija, é ter eu, no fundo de minha humildade, a convicção de não poder, para traçar o panegyrico do glorioso espirito que nos largou tão cedo, produzir algo mais do que simplesmente sincero—definitivo, e forte, e que fielmente traduzisse o estado d'alma que me assoberba e o tumulto de emoções que me abalam, ao reoolher o legado da morte, cujos

designios nunca me revoltaram mais do que no triste lance em que se abriu semelhante successão.

Quero, entretanto, resgatar em parte a minha culpa, tudo fazendo para que, abroquelado no egoismo de minha admiração cultural por essa memoria profundamente amiga, possa dar toda a boa vontade de minha palheta e a effusão de minhas fracas tintas ao bosquejo do perfil intellecto-moral de tão extraordinario cantor de cousas bellas—corpo de helleno, alma de Apollo, que, nascido nos tempos heroicos, perturbaria, por certo, a tranquillidade invejosa dos deuses.

Para fazel-o, não me posso esquecer de que a lyra do infortunio soluça nesta cadeira: é Thomaz Antonio Gonzaga, subtrahido ao seu grande sonho de arte e de amor, ás aclamações da gloria e aos beijos de Marília, para se abysmar nos penetraes do exilio e da loucura, ao sopro de atroz fatalidade; é Mendes de Oliveira, um dos mais varonis da vossa confraria, arrancado, de chofre, para a sombria paz da morte, pela violencia brutal dos desastres irremediaveis, quando a sua idealidade radiosa palpitava, serena, na vibração dos sentidos educados e ao-florir desse interrompido devaneio com a existencia, que parecia adormecer o poeta, na certeza das energias invenciveis e na promessa da ventura que não veiu.

Este recinto ainda guarda os ultimos echos do maravilhoso elogio com que o fidalgo domador de rimas exaltou a lyra de Dirceu á eminençia de um pedestal. Quanto a mim, sem forças para erguer tão alto a que me cabe prantear, beijo-a de mãos tremulas e labios commovidos e, ao imperio de minha inanidade, abandono-a, contrafeito, para que ella fique fluctuando no ambiente de applausos em que sobrevive, pendurada em crepe, como aquelles instrumentos magicos dos bardos do Hermon, de que fala a oração classica, e que se deixavam tanger apenas pelos ventos da tempestade.

E dest'arte, poderei melhor elevar minha alma ao miradouro da saudade, para que ella, despreoccupada, se possa transmittir, toda inteiramente através da emoção e do affecto, á sombra da alma irmã para sempre perdida nas brumas da Outra Margem.

\*  
\*\*

Lembra-me bem a vez primeira em que vi o nome do nosso inesquecivel Mendes.

Um amator de Theatro me déra a ler Casemiro de Abreu, e a musa doentia e casta do poeta das lagrimas começava a exercer a sua influencia, de um sentimentalismo agudo, sobre os meus nervos adolescentes. Habitando um meio despovoado, áquelle tempo, de elementos que me pudessem orientar, eu, á força de contar e recontar as syllabas metricas das «Primaveras», descobria os segredos da versificação e, timidamente, ia trovando os meus primeiros soluços....

Certo dia, num retalho de jornal se me deparou um soneto vasado em fórma inteiramente extranha ás que modelavam as estrophes minhas conhecidas e que eu vinha decorando.



*Bocca* — intitulavam-se esses versos; seu auctor — Mendes de Oliveira.

Foi o meu primeiro contacto espiritual com o soberano artista dos *Jogos Floraes*, livro magistral que pouco depois circulava, triumphalmente, em nossos mercados literarios.

Guardei os versos e estimei o poeta.

E, dahi em diante, muitas vezes repeti, com a terrivel ansia do ignorado, sem comprehender bem a suavidade daquellas estrophes:

E' perfumada e faz lembrar o ninho  
De um madrigal á sombra de um poema.  
Ao vel-a, sinto a perfeição suprema,  
A mais-alta belleza eu adivinho.

Coral que se fez calix para o vinho,  
Que dá vida e calor a quem se algema  
No immaculado e esculptural dilemma  
De dois braços de marmore e de arminho.

Rosa de primavera, altiva e casta,  
Estrella que anda aqui pelo universo  
Clareando a minha solidão nefasta...

Bocca vermelha, onde, mavioso e terso,  
De beijos virgens um collar se engasta,  
Como a palavra «amor» dentro de um verso.

Mais tarde, uma rajada da fortuna levou-me para Juiz de Fóra, e lá, uma vez ou outra, me era dado ler, firmando admiraveis trabalhos de collaboração nas folhas locais, o mesmo nome que devia ser o riso delicioso daquella bocca vermelha e moça.

Agitou-se então, ali por 1907, o plano de crear, a exemplo do que se fizera, em S. Paulo, Pernambuco e outros Estados, uma Academia de Letras em Minas.

A' vanguarda dessa idéa contava-se a figura prestigiosa de Mendes de Oliveira, que dava ao movimento o calor do seu enthusiasmo e a contribuição de sua penna. E, para que se resalte a nobreza de intuitos do poeta, basta considerar que elle, não vendo o merito apenas na zona urbana em que vivia, acclamou, desde logo, para séde do futuro instituto, por se tratar de um centro intellectual maior, naquella época, a cidade de Juiz de Fóra, e não esta, onde, entretanto, morava e desenvolvia o poeta toda a sua actividade mental.

A suggestão de Mendes de Oliveira foi victoriosa; a Academia se fundou naquelle viveiro da intelligencia, que sempre honrou a cultura mineira.

Tenho ainda presente a commoção que senti, quando, na manhã de 13 de maio de 1910, alguém me levou a conhecer o adoravel artista que me déra a acariciar, tempos antes, a intuição de uma arte melhor.

A Princesa do Parahybuna estava num de seus dias festivos; regor- gitava: era o dia da inauguração official da Academia Mineira de Le- tras.

Subindo a rua Halfeld, procurava eu descobrir e conhecer, com um pouco de inveja e muito de curiosidade, os novos academicos, para os quaes ia rasgar-se, no Theatro Novelli, á noite, a «immortalidade», quan- do um collega, ao lado, me apontou, entre outros intellectuaes, numa mesinha do «Café Rio de Janeiro», o vigoroso principe do Parnaso, que ia occupar neste Syllogeu a cadeira patronymica de Gonzaga.

Mendes de Oliveira trazia um cravo rubro á lapella do fraque e, cheio de saude, sorria satisfeito como um ephebo.

Nunca mais o perdi de memoria, e quando, pouco depois, os bons fados me conduziram para esta Capital, um dos meus primeiros cuida- dos foi approximar-me de quem, com a força de uma attracção ori- ginal, fôra, talvez, o primeiro ponto luminoso que vislumbrei na treva de meus versos.

Procurei-o, e mentir-vos-hia si vos dissesse que fui recebido acolhe- doramente.

Sabeis, tão bem como eu, ter sido sempre feitio d'aquelle espirito sin- gular uma extranha reserva, um recolhimento ás vezes desmedido, quando se tratava de dar ingresso a algum adventicio no meio social em que elle vivia, ou melhor, na concha em que se encaramujava. Não era com duas razões que se entrava na sua intimidade. Nosso poeta tinha qualquer cousa do romano antigo, para quem todo aquelle que não pertencesse, por solidos laços, á Urbs, era barbaro, estrangeiro, e, consequentemente, fôra das prerogativas da cidade.

Fui com certeza considerado assim pelo meu illustre antecessor, até que o tempo nos fez amigos e as circumstancias se incumbiram de li- gar-nos: seu companheiro de jornal, ao lado desse outro irmão de luctas e de ideal, que é Oswaldo de Araujo, pude, envaidecido, elevar-me á altura de seu discipulo, sem que elle talvez adivinhasse que eu o consi- derava mestre e em silencio lhe recolhía as lições.

Foi nessa longa camaradagem, nesse doce contubernio, que Mendes de Oliveira, não obstante o regimen homeopathico, de meias pa- lavras, que o singularizava, me fez sentir, mais de uma vez, que, na pri- meira oportunidade, seria eu seu candidato a uma poltrona nesta Aca- demia.

Essa oportunidade desgraçadamente chegou.

Foi elle mesmo que lhe abriu passagem.

Ahi, o motivo principal de minha acquiescencia ao lançamento de meu nonie para a pesada substituição, quando outros já me antecediam no honroso prelio.

Noutra situação, o *nosce te ipsum*, com que a sabedoria da época as- signalou a entrada do templo de Delphos, e que tenho presente em to- dos os actos da minha vida, me impediria de bater á vossa porta.



Ha, entretanto, como vêdes, razões para eu crer, e enternecidamente o creio, que, si o vosso pranteado consocio e meu inesquecível amigo pudesse, de lá, para onde se foi, escolher quem lhe tomasse o lugar, me caberia, talvez, a gloria de ser o eleito de sua bondade.

Esse pensamento attenua, em parte, o nosso peccado commum : meu, porque pedi, vosso, porque não negastes.

\*  
\*\*

Mas, entremos no *mundo azul*, como expressivamente chamou Gomes Porto ao ambito de sonhos em que a alma de Mendes de Oliveira vagueou, de «transfiguração em transfiguração».

O azul é a côr do infinito e do mysterio.

Vendo tudo através do prisma subjectivo de sua arte; pondo uma nota azul em tudo—no sangue de sua amada, quando elle, dizendo-a «nobre, de alta raça», se inculcava «plebeu de raça genuina»; no chapéo que ella trazia, no vestido que ostentava, no papel da carta em que, á Cruz e Sousa, symbolizava noticias amargas; no torreão do seu palacio encantado; na perenne obsessão do azul; enfim—ouvindo aqui uma symphoni<sup>a</sup> azul; vendo ali uma irradiação azul; procurando, numa rizada azul, um verso que significasse o azul no dia do seu noivado—Mendes de Oliveira imprimiu á côr de sua predilecção o cunho de um temperamento de sonhador—segredoso e profundo como o seio do oceano em que elle desejava ser sepultado, evocativo como a silhueta das cordilheiras distantes...

Arrastado por esta embriaguez do azul, ora teve o arrojo das aguias na vertigem do espaço, dando ás azas a consciencia da força e o orgulho do triumpho; ora subiu, espiritualizado e subtil, rumo das alturas illuminadas, numa restea de luar, como um sussurro de prece, de queixume, de agonias intimas; ora vagou pela terra, tranquillo, indifferente, dentro do seu eterno sonho azul, como que esquecido de si mesmo...

E assim, cantando a gloria que mente, o amor que mata, ou a dor que purifica; exaltado, commovido, cavalheiresco, altivo, ou submisso—foi sempre o mesmo: sincero como homem e grande como artista.

A' similhaça do Dante, depois de percorrer o inferno e o purgatorio nos seus circulos sinistros, Mendes de Oliveira tem, palpitante, uma suprema aspiração, um desejo incontido de realizar a ventura, de subir ao céu do amor pela santificação do amor.

E para a ambicionada ascensão nada lhe falta: dispõe de um coração ardente, de um alto sentimento da vida e tem como guia do seu idéal uma divina Beatriz.

Quem foi ella não pude saber. Lendo os versos do poeta, não o saberei tambem. Ella mesma, como a heroina do soneto de d'Arvers, talvez não o saiba. Elle não o disse a ninguem.

Acastellado na usura do seu affecto, como um cavalleiro andante, situação em que tanto se compraz o seu capricho de artista, é assim que elle bate, a deshoras, á porta de sua eleita :

Boa noite, senhora! Ao teu castello  
Venho bater em busca de um abrigo,  
Até que chegue a rutila manhã,  
Quero somente um commodo singelo  
Para os sonhos de amor que vêm commigo,  
Formosa castellã!

Estou cansado de trilhar espinhos,  
Cansado e triste pela noite em fóra,  
Seguindo a imagem de um torreão azul...  
Ouço dizer que ha ineditos carinhos  
Nessa morada que a tua alma inflora,  
Linda filha do sul.

Certamente a porta não se lhe abriu, e o noctivago, talvez envergonhado de que a aurora o viesse encontrar em tal postura, immaterializou esse torreão azul, que ficou sendo a sua torre de Ugolino: dentro d'elle, passou a devorar os proprios sonhos. E, dizendo-se louco a cada passo, idealizou no seu delirio sublime — elle que se dizia plebeu de raça — mundos maravilhosos, viagens phantasticas: a linha dos mares dilatou-se, a ambula do espaço resplandeceu, no alto, ao longe, e elle, attrahido pela miragem, voou aqui, como um passaro magico, de azas gigantescas; velejou ali, como um desses navios lendarios a cujas quilhas se rasgam as ondas e a procella rende vassalagem.

Nos seus momentos lucidos, voltava ao seu torreão, e, dentro da noite, porque era especialmente á noite que elle, como o rouxinol, cantava, fazia vibrar o carrilhão dos affectos doloridos, das esperanças que não viram o sol, e do amor que não teve o baptismo de um beijo.

Mas, se quizermos ir lá, a esse refugio sonoro, para, através da melodia pomposa, que d'elle se evolava embalando os corações e commovendo as almas, surprehender na bocca enamorada o nome que era a fonte miraculosa dessa caudal de harmonia, não poderíamos fazel-o: o cerebro apaixonado, que o concebera, baralhou os caminhos que lhe davam accesso, trancou-lhe todas as entradas, fez a sua castellã (sem duvida, a predilecta, a unica) loura e morena a um tempo, de olhos verdes e negros, bondosa e má: — lamenta-lhe a morte, glorifica-lhe a vida; accusa o coveiro por enterrar um astro que scintilla, para, pouco depois, á beira da cova, como Hamleto no seu tetrico monologo, dizer desconsolado:

«Pegue de novo a pá... coveiro; eu sou um louco...»

E o era. Nem ha peor loucura do que a que vem por esse caminho.

Jupiter, o pae dos deuses, a quem Venus, mãe afflicta, pedira um castigo contra a Loucura, por ter esta cegado o deus Amor, condemnou a criminosa á mais terrivel das penas: guiar a sua victima pelos seculos sem fim...

A loucura é, pois, inseparavel do amor, e foi ella, não ha duvida, que levou o poeta a construir a sua torre azul, não se sabe onde, inaccessible



aos profanos em cousas de soffrimentos reconditos; lacrou-a com avareza aos não iniciados no abysmo dos incendios interiores; collocou-a no vertice do mysterio, num cantinho afastado do universo. Que está distante da terra e perto do céu, podemos affirmar-o, porque ella se fez de lagrimas que não foram choradas—e são as que mais queimam—, de soluços que não foram ouvidos — e são os que mais pungem —, tudo abafado, suffocado, estrangulado pela esplendida fanfarra dos rythmos concretos.

Esse torreão azul, que o poeta imaginára abrir-se para o seu cansaço, tornou-se para elle a torre da amargura, onde a desillusão assentou morada — torre feita de sonhos mortos e de sombras vivas, perdida num canto ignorado do espaço.

E quando, dentro della, o campanario da meia noite soava doloroso, as aves angustiosas da saudade rompiam o vôo, no seio da treva, tontas, em busca de ruinas e cinzas que alvejavam além, na praia abandonada, aonde foram ter as illusões perdidas do poeta: este era então como o pelicano selvagem, amigo da solidão, que só busca para pousada a cruz dos tumulos.

E' que a dor, si tem raizes num legitimo sentimento, copia o poder de expansão dos corpos vaporosos que, segundo a lei physica, comprimidos na terra, mais se dilatam e sobem—a caminho do céu... E essa, embora não o parecesse, era a nota que animava, intimamente, os accents de tão formosa lyra.

Mendes de Oliveira, que armazenava saude e parecia um locador de gargalhadas, não passava, afinal, de um poeta profundamente sombrio. O vinagre feito de vinho doce (diz o proverbio) é mais forte. Assim, a magoa vinda do amor mais sincero é mais profunda. Como que a pompa vocabular, o chromatismo do estylo simples, mas dynamico, em que vasava o pensamento; a musica de seus versos, clangorosa, acariciadora, ora lembrando um regimento em marcha, ora o despenho soluçante de uma cachoeira, ora a voz de um organ em cathedral vazia... como que todo esse effeito de arte não passava de um calculo, não era mais que um artificio: o poeta queria assim, talvez, pelo atordoamento dos proprios sentidos, ter a illusão, e transmittil-a, de ser uma alma indifferente, uma organização gelada.

Tal, entretanto, não era: elle disfarçava, sob a esteira de ouro das suas rimas, o gemido do coração; apagava, debaixo da contextura plastica de seus versos, o rastro denunciador que dava para o intimo deserto. Tambem o ruflo dos tambores e o tinir dos clarins suffocam o ultimo grito dos executados...

Lendo-lhe as estrophes, com a preocupação de não nos deixarmos inebriar pela sua fórma envolvente, vemos que o estro de Mendes de Oliveira, longe de ser o que na apparencia era — frio como luares de Maio que elle tanto amou, reflecte, ao revez, desabamentos fortes, convulsões agudas, terremotos lancinantes.

Laócoonte, picado pelas serpentes, ao lado dos filhos que com elle morriam no paroxismo da tortura, não é apenas uma criação artistica do genio de Rhodes: as serpentes moraes tambem fazem assim, martyrizam e matam tambem.

Ao poeta era, por certo, do alto daquelle orgulhoso aprumo em que sua individualidade se firmava, tarefa mui facil vestir a idéa dolorosa com essa roupa clara, festiva, lentejoulada, cheia de faiscações que pareciam escancarar, de subito, as janellas d'alma para todas as paizagens da alegria e da ventura.

Mas, si quizermos descer indiscretamente ás regiões abysaes desse espirito á primeira vista calmo e despreoccupado; si nos mergulharmos escaphandros irreverentes, até ao fundo desses versos, sobre os quaes rolam vagas de harmonia e de sol, veremos que, sob a alacridade que reponta nesse plectro, se encontra a camara ardente de um coração que morreu aos poucos, devorado de angustias e de tedios, que bem se retratam na estrophe magistralmente traduzida de Heine, o pontifice da ironia:

Vejo agora, doutor, que o meu mal é perdido.  
O truão de que fala, o palhaço querido,  
Que anda no Colyseu, assim tão aclamado,  
Tem um riso de morte, um riso mascarado,  
Que encobre a dor sem fim do tedio e do cansaço:  
Sou eu... esse palhaço!

Alem do *Tedio*, a que pertence essa estrophe, só mais umas quatro ou cinco traducções fez elle —todas tristes, com idéas macabras, de morte e anniquilamento.

E' que Mendes de Oliveira tinha orgulho demais para falar abertamente de sua tristeza: por isso pedia, cheio de pudor, a outros poetas aquillo que infelizmente lhe sobrava nas arcas da imaginação.

Si, entretanto, é para o artista trabalho facil velar o sentimento, que, elaborado no cerebro, se recalca, torce e desfigura, no recesso de um quarto solteiro, e sae, metamorphoseado, do silencio da meditação para a materialidade da obra circulante, outro tanto não se dá com o homem no seu trato com os outros homens, no seu encontro com a vida externa: ahi elle não raro se trae, a mascara cuidadosamente afivelada se desprende, e o *Mal Secreto* de Raymundo Corrêa assume, então, a fórma de um postulado humano:

Quanta gente que ri, talvez, existe,  
Cuja ventura unica consiste  
Em parecer aos outros venturosa!

Mendes de Oliveira, cujo vulto varónil, de estheta perfeito, no physico e na arte, Bello Horizonte recorda—abotoado na distincção do seu porte, entre altivo e impassivel, magnifico de saude, forte de musculos, de flor ao peito, um charuto entre os dedos, ora Petronio, ora Romeu,



quasi sempre só; Mendes de Oliveira, o bohemio folgazão e dispersivo que, semelhante áquelle Escourbaniés do Tartarin, irmanava, nas boas horas condimentadas de pilherias hilariantes, a alegria com o barulho, capaz de, numa gargalhada estentorica, despertar um quarteirão inteiro; Mendes de Oliveira — que assim emerge do horizonte da saudade — ao mesmo tempo que centralizava o riso mais puro, a alegria mais franca, era a perfeita negação de tudo isso. Quantas vezes, ao penetrar na redacção, em que, juntos, espremiámos o cerebro na lucta ingloria da vida jornalística, o vi, numa poltrona, sua predilecta, succumbido, a mastigar o charuto no canto da bocca, um vinco ao meio da testa, recolhido e sofurno como uma fortaleza no meio da noite. Era o hiato, o deliquio do mundo artificial e á parte que elle se construiu!

E fosse alguém quebrar aquelle silencio quasi indelicado e agresivo! ...

Nesses momentos, o homem era o tumulo do poeta, do mesmo modo por que o poeta foi sempre o tumulo do homem.

Si a sua alma se mostrava, ás vezes, furtivamente, nas palestras intimas, era para se esconder após, a breve trecho, impenetravel de novo, como que arrependida desse contacto com o mundo e árrufada consigo mesma.

Aliás, taes restricções estavam no seu feitio: Mendes tinha o recato dos affectos, mas vivia para elles, como o attestam todos quantos de perto o conheceram.

Apesar do seu modo superior, de heróe antigo, era sensível como uma criança: o coração e o espirito, numa admiravel confluencia, formavam, naquelle magnifico especimen de homem, um esplendido estuario de sentimentos.

Quereis a prova disso? Compulsemos a sua obra poetica.

«Jogos Floraes», «Prelios Pagãos», «Passagem do Itororó», «Parasitas» ahi estão como irrecusável documentação do que affirmo.

O fundo moral em que se assentam as estrophes desses livros, é cousa digna de apontar como typo, na escola dos bons preceitos. Si excluirmos da prodiga seára rimada um ou outro verso, os demais podem galhardamente figurar na Anthologia Mineira, do ponto de vista da moral e da arte, como um florilegio de raro e penetrante aroma.

Esculpturaes nas suas linhas, symphonicos nos hemistichios e pausas, elevados nos motivos, modelares no vernaculo—são o producto integral de uma gestação consciente e sadia.

Mendes de Oliveira fixou na gamma melodiosa do seu plectro um momento de requintada espiritualidade, através da evolução da poesia em sua terra, que lhe deve, por isso, guardar o nome e a memoria.

\* \*

Estudando a sua bagagem literaria, ficariamos em difficuldades para asseverar qual o melhor dos livros deixados pelo poeta.

Mais consentaneo com a razão julgadora seria affirmar, sem tergi-versações, que todos são igualmente optimos, si levarmos em conta as condições occasionaes, em que foram feitos e publicados.

*Jogos Floraes* e *Prelhos Pagãos* são os dois polos resplandecentes da sua grande arte.

Aquelle é o livro da promessa—a floração da manhã: este é o inicio da realidade—a frutificação da tarde.

A lyra dos vinte e poucos annos que se ouve cantar nas paginas dos *Jogos Floraes*, é a lyra do sentimento.

Nella o poeta se derrama por inteiro, celebrando as diabruras de Cupido.

Lyrico como quasi todo bardo nesse roseo quartel da vida, seu lyrismo, todavia, não é desses que deixam apenas á gente a sensação tranquilla, mas ephemera, de uma ponta de aza riscando a superficie de um lago adormecido—antes fica-nos cantando, suggestivamente, n'alma, como o echo impressionante de uma cavatina que se não esquece e que faz docemente sonhar...

Poeta dos grandes rythmos, espalhou, em *Jogos Floraes*, através de sua palheta impregnada de tintas fortes, o prisma do coração, heptacolorido, irisado, num effluvio de crystal e ouro, como si nelle vibrassem, harmonicamente, em repiques e rebates, as vozes todas da madrugada.

Esse livro—breviario do amor, não do amor-piegas, de «almofadinhas» decantando «melindrosas», mas do amor varonil, axaltado pelo culto á mulher e engrandecido pelo culto á arte,—é o grande livro do meu grande antecessor: tem nervo e tonalidade, elegancia e firmeza, elevação e alma. Não revela horizontes inexplorados, porque as fronteiras do lyrismo estão nos labios da mulher amada, e amadas têm sido todas, desde a divina peccadora do Eden até a sombra do enigma que se projecta nas mais sentidas estrophes do saudosissimo tecedor de sonhos.

E, para que nada faltasse á pompa do ritual, cujo centro de luz é o mysterio feminino, o poeta dos *Jogos Floraes* retrocede até os tempos da Edade Media e, ahí, aclamando duqueza o objecto santissimo de sua devoção, faz-se trovador, e canta, á lua cheia, balladas doloridas, de solar em solar, á porta aferrolhada de castellos feudaes; transforma-se em paladino e, dizendo «trazer n'alma uma paixão sagrada», desafia para duello de morte o seu ditoso rival; chamando-se, enfim, Duque d'Excellencia e Cavalleiro do Luar, entre os Cavalleiros da Rosa Cruz e de Bacellar, os Barões de Altair, do Santo Lenho, de Setestrello e outros vultos da aristocracia intellectual de Bello Horizonte, em 1900, o nobre menestrel, feito heroe medieval, constitue-se então em Minas o unico poeta heraldico, á feição de Bernardino Lopes.

E' assim que o encontramos a luctar pelo seu Deus e pela sua Dama, ora de cota de malha, capacete ao vento, montante á cinta, cavalgando um fogueiro palafrem, ora de chapéo de pluma, espadim ao lado, punhos

A. M. L. = 13



fidalgos e gibão de seda, fazendo uma curvatura a empoadas e chloróticas patricias, de mãos delgadas e perfil soberbo...

Foi assim que elle amou.

Amou perdidamente como Musset e, sem os desvios moraes que amarguraram os idyllios do amigo de George Sand, desceu, sozinho, a alma solitaria, «jusqu'au fond désolé du gouffre interieur», e, exilado dentro de si proprio, fez que estalasse, uma a uma, as cordas todas do coração: as suas faculdades de soffrimento recalcado e mudo, por extranha metamorphose, rebentam, numa explosão de sons admiraveis, num diluvio de rimas fortemente movimentadas que constituem os seus cantos de amor.

E', dest'arte, vencido, mas pompeando um orgulho profundo, que Mendes de Oliveira pontifica em «Prelios Pagãos».

A' medida que a primavera do amor annuncia o chiar das ultimas cigarras, que são as illusões, e a queda outomnal da primeira folha na arvore da vida, o espirito se recolhe, o lyrismo ardente lança uma ponte de dor para o parnasianismo frio, o poeta se converte em pintor, o coração dá passagem ao cerebro, a arte, enfim, se aperfeiçoa e copia a correção dos marmores trabalhados, tomando essa nota de suavidade e de repouso que transparece nos seus derradeiros sonetos. E' aqui, especialmente, que se manifesta o poderoso equilibrio mental de Mendes de Oliveira, que foi, por excellencia, ainda nas suas horas mais afflictas o poeta da razão: louco pelo amor, submisso no amor.

Muito de Emilio de Menezes, bastante de Beaudelaire, um pouco de Heredia, temperados pelo sopro lyrico inherente á sua tendencia de ver-sejador passional, o poeta nos apparece, através da uniformidade classica dos seus alexandrinos, como um lyrico-parnasiano de primeira grandeza, sem os tons vivos, typicamente pessoas da poesia subjectiva e, ao mesmo tempo, despido dos arrebiques do preciosismo, bem como das vestes exoticas, extravagantes, feitas de termos mathematicamente embutidos no verso, tão communs nos paineis gelados dos que, sem o talento creador de Leconte, chefe da escola e supremo cantor das grandes cousas, timbram em fazer d'elle um manequim, para transformar, sacrilegamente, em carantonha o riso da belleza immaculada.

O auctor dos *Prelios*, que, segundo sua propria confissão, amava doidamente a esthetica da carne, passou, não ha duvida, com a transição de sua vida do ideal para o real, a sacrificar nos altares do parnasianismo, que é a escola dos revoltados contra o Eu, a escola da fórma, «quasi sempre», na phrase de Ruy Barbosa, «o que fica do pensamento, como uma amphora antiga de uma essencia perdida».

O tempo, como as aguas do mar nas costas dos continentes, executa esse trabalho erosivo—nas emoções, muitas vezes ingenuas, mas sempre quentes, das almas moças.

Em *Prelios Pagãos* é o sentimento da fórma que predomina, velando, airosamente, o subjectivismo fundamental sobre que se edificou o mundo artistico do poeta.

E' prova disto o seguinte soneto, que, symbolizando a esthesia na sua mais larga expressão, deixa transfundir-se o corpo amado num inteiriço crystal de rocha :

«Sendo immortal, a idéa é a belleza suprema  
Da criação. Assim, da flor salva-se o aroma,  
Do coração, o amor; do astro, o brilho que assoma  
A' esphera universal — universal diadema.

Por isso, a inspiração immortaliza o poema,  
Porque é a luz, de que o verso é uma simples redoma.  
Foi sempre assim na Grecia, assim foi sempre em Roma,  
Onde a arte culminou, cheia de graça extrema.

Comtudo, ao ver-te, uma alma invencível e terna,  
Sorrindo, me escraviza á verdadeira nórma  
Da summa perfeição que o espirito governa.

Ao passo que teu vulto os meus sonhos transforma,  
Convenço-me, afinal, de que a visão eterna,  
Que rege, soberana, a vida e o mundo, é a Fórma.

Nestes versos, como em quasi todos os que o poeta esculpiu nos ferreos moldes da nova escola que adoptou, ha, sem duvida, alguma coisa mais do que a fórma que «rege soberana, a vida e o mundo»: ha, sobretudo, idéa, «belleza suprema da criação»; ha inspiração, «que immortaliza o poema, «porque é a luz de que o verso é uma simples redoma». E, por isso, estas estrophes nos entram, sem pedir licença, o intimo d'alma, como a luz do meio-dia.

Tal, porém, não se dá com a obra parnasiana em geral.

Examinando, um a um, os blocos burilados que formam os monumentos dessa arte marmorea e fria, de franca severidade gothica, temos a impressão de quem visita um mostruario de estatuas finamente cinzeladas: ha perfeição, ha labor, ha belleza em todas ellas; ha um effluvio de Miguel Angelo a roçar a face de cada peça lapidar. Entretanto, a emoção, que é o substractum da belleza, não nos causa o menor arrepio; por mais que uma voz occulta grite, atraz de cada uma, como o genial florentino deante de sua obra maravilhosa:—*parla!*, a voz não vem, a alma não vibra e, através da mais perfeita concepção da esthetica perfeita, não nos empolga a scintella communicativa que as almas solidariza. Ha, perante trabalhos assim, admiração, respeito e culto; mas, não ha enthusiasmo, que é apanagio do sentimento, porque este só se encontra no caminho que vae ter ao coração.

Para uma arte attingir á cumiada e, verdadeiramente humana, viver um pouco mais que as proclamadas rosas de Malherbe, não bastam os ingredientes materiaes de que as estatuas e as telas se originam — escopros e pinceis, tintas e argila, que os artistas manejam na fixação de um sonho. E' necessario, antes de tudo, o calor do enthusiasmo, que aquece os horizontes do espirito creador, e anima, por um sopro divino, a obra realizada.



Para obter esse fogo, indispensavel a toda a creação que nos páramos da arte pleiteie uma vida duradoura, é preciso que o artista vá, si tanto fôr mistér, rouba-o ao céo, como Prometheu, embora, depois, o fígado pague ao abutre vingador o preço da ousadia.

O parnasianismo do nosso poeta foi, porém, mais pelo culto á fórma, como expressão de belleza, do que por amor á escola, como expressão do byzantinismo. O que elle canta nos seus versos esculpturaes, é o seu permanente estado d'alma, e ainda, quando, raras vezes, entra pela natureza, mais para copiar-lhe os matizes do que para interrogal-a, ahí mesmo, quasi sempre, deixa um reflexo do sentimento, que debalde procura sufocar.

E' que Mendes de Oliveira, como artista, não se afastou das esthesias claras, transparentes; como poeta, a introspecção o preocupava: viveu sempre debruçado para dentro de si mesmo.

A musa dos *Prelios Pagãos*, como a de Alberto de Oliveira nos seus versos outomnaes, não é a musa severa, do metro e do compasso, em que o poeta, abandonando o elemento emocional, que é tudo na poesia, se faz geometra: é, antes de tudo, a applicação de um processo de arte pura a um pensamento eigualmente puro.

Póde admittir-se a poesia sem cultura e até sem o proprio talento; nunca, porém, desprovida de um retalho d'alma, que nem sempre se compadecede com a rigidez impeccavel da fórma pela fórma, nem com as regras intransigentes do dogmatismo literario e das escolas orthodoxas. Estas como que deshumanizam o poeta, e o poeta verdadeiro deve ser o mais humano de todos os mortaes.

Mendes de Oliveira comprehendeu bem isso e navegou largo no oceano da arte.

Debalde os escolhos traiçoeiros, trajados de sereias, acenaram, convidativos, ao escolhido das camenas.

Elle resistiu; guardou o meio termo, e melhor fôra, talvez, que jamais tivesse sahido do terreno explorado, fecundamente, em *Jogos Floraes*, porque no amago de seus versos lateja sempre, dando-lhes vida, uma profunda e indisfarçavel subjectividade.

Lêde *Parasitas*, essa estupenda collectanea de alexandrinos que tão bem recordam as *Flores do Mal* e os *Trophéos*.

Ahí, cada soneto é uma flor de carne palpitante, perturbadora, como as singulares creaturas que aristocratizaram as paginas dos *Jogos Floraes*.

*Parasitas*, cuja feitura definitiva a morte interrompeu,—canto de cygne do glorioso artista, hymno do crepusculo á magia da natureza—*Parasitas* parecem almas e corpos que o poeta sinceramente amou, que talvez ainda amasse no seu maravilhoso sonho hellenico, em sua obsessão de estheta, buscando, no ideal feminino, a zumbidora mosca-azul. . . .

Nesse eloquente brinde á natureza, fielmente photographada numa de suas mais bellas manifestações, encontram-se alguns symbolos que poderiam figurar nos *Poemas* de Paul Verlaine.

O poeta das *Parasitas* se faz Apollo e, de lyra em punho, como que evoca e acaricia, ao influxo do seu pantheismo, que lembra as graças de sua amada, o perfil caprichoso da eterna Venus, não a volúvel anarchizadora do Olympo, mas a belleza pagã, esplendente e fecunda, que comprometteu a majestade dos deuses.

Nesta phase final da vida de Mendes de Oliveira, a mulher teve o seu logar calculadamente vazio: os beijos, que não floriram, se tornaram rimas de existencia duradoura; o alaúde tomou a fórma de buril, os corpos se fizeram estatuas, e o poeta, transfigurado, assumiu a attitude de uma esphinge, a interrogar o deserto...

Mas, no deserto de sua alma só fulgiram duas miragens, loucas como todas as miragens: beduíno de um alto sonho de gloria que se esfumou como a ficção de luz nos areas ardentes, caravaneiro de um amor infeliz que fez com elle a penosa travessia, o fidalgo cantor marchou para o fim, tranquillo como a serenidade de seus versos, sem rancor e sem protesto, sem pedir e sem curvar, só tendo olhos para o ideal artistico e ouvidos para a voz interior do seu mysterio:

«Acena-me, de longe, o sendal de uma imagem,  
«Um phantasma, talvez, uma louca miragem».

\* \* \*

Mendes de Oliveira não vinculou, porém, o seu nome á vida da intelligencia em nossa terra unicamente como poeta.

Outro genero literario que tambem o tentou foi o jornalismo.

Não sei, realmente, qual o maior: si o poeta que fez o seu estro vibrar nos mais afastados dominios da inspiração, ou si o jornalista que convertendo a penna em gladio flammejante, pela sua attitude, á frente do jornal, era como aquelle terrivel archanjo que a colera justiceira do Creador poz a vigiar a porta do paraiso, após a expulsão do par peccaminoso, como a dizer: aqui não entram os fracos, os perjuros, os contaminados.

E, ai do tartufo que passasse ao seu alcance!

Versando todos os assumptos, desde os que incidiam na esphera de seus conhecimentos immediatos, até aquelles que, de natureza technica ou scientifica, apenas podia ferir pela intuição e pelo talento, e o fazia sempre de modo completo,—Mendes de Oliveira elevou-se ás alturas constelladas em que pairavam e pairam as melhores pennas combatentes de Minas: poucos o egualaram, ninguem o excedeu.

O jornal era a sua grande preocupação. Até nos dias de falha da vontade—tão forte no embate contra o mundo externo, tão fraca, ás vezes, na lucta contra si propria; ainda nas horas em que nelle repontava a alma bohemia, descuidosa, e desertavam os attributos que deram á vocação do jornalista a arte da dialectica, a limpidez e plasticidade do estylo e aquelle sabor de vernaculidade antiga, tão propria dos seus periodos empolgantes—Latino cedendo o passo a Edgard Pöe, Herculano deixan-

do o lugar para Lord Byron, Vieira abrindo ala á passagem de Alvares de Azevedo—até nesses instantes de obliteração da personalidade consciente, de colapso na reacção contra a fatalidade que o homem previa, mas o fatalista não evitava, Mendes de Oliveira tinha a obsessão do jornal e, com a idéa deste, a inflexibilidade do dever que a sua alta missão lhe impunha.

Trabalhou até o fim, luctou até o supremo instante.

Concluindo o derradeiro artigo que escreveu para o *Diario de Minas*, artigo que sahiu publicado na manhã fatal de 29 de outubro de 1918, dia em que o grande astro se apagou, dizia Mendes, já em delirio, tomado pela febre que o fulminava: «Amanhã continuaremos...» Não continuou; a morte, nessa mesma tarde, fechou-lhe para sempre os olhos; mas a ultima phrase do vibrante artista deve ficar como exemplo e como symbolo de uma vida, porque, nos proprios momentos de maior bohemia, jámais desperdiçou elle qualquer porção de tempo que o dever professional requesitasse.

A' redacção daquella folha, onde exgottou os ultimos dias de sua actividade jornalística, era a sua contribuição diaria, ainda nos periodos agudos determinados pelos intersticios da sua vida normal, a primeira que chegava.

E no que escrevia, com absoluta espontaneidade, de um jacto, sem a substituição, ás vezes, de uma unica palavra no artigo mais serio e de maior responsabilidade (ao contrario do verso, que lhe passava, como os do poeta do Lacio, ao fogo de cem musas), predominavam, invariavelmente, as características de sua individualidade imponente: firmeza de propositos, sinceridade de analyse e coragem de attitudes.

Esses predicados constituíam as fronteiras naturaes do scenario moral dentro de que, amplamente, se agitou esse bello espirito, traçando em torno de si a zona de irradiação, limitada por um respeito admirativo, e que ninguem jámais transpoz.

Foi assim, com a força autonoma, que lhe era innata, e o prestigio de uma mentalidade sadia, que elle pode projectar ao longe o raio de actuação abrangente de sua personalidade como jornalista: no artigo de fundo, no commentario ligeiro e gracioso, na nota humoristica, percorreu aprofundando aqui, esflorando ali, como mestre e como artista, a escala de todas as questões emergentes.

Sabendo dizer com elegancia, animado por um esto impetuoso de vida, um constante borbotar de seiva e, do mesmo passo, com leveza fagulhante, ás vezes, e absoluta serenidade, outras, é dest'arte que a sua penna, moralmente uniforme, intellectualmente multicolor, doutrina e convence na discussão, seduz e arrasta na chronica, chicoteia na polemica, desenerva na pilheria.

«Symptomas da E'poca», «Capacetes ao Sól» e os editoriaes do «Diario de Minas» durante cinco annos, para não sairmos da derradeira phase jornalística de Mendes de Oliveira, attestam de sobra a primeira

afirmação; as *Notas do Dia* dizem da segunda; os *Buscapés* (tudo naquele jornal) falam da terceira.

Muitos não encontrarão talvez *humour*, na legítima acceção do termo, nos trocadilhos rubefacientes e nas quadrinhas saltitantes que o nosso inesquecível *Pyrotechnico* escrevia, quotidianamente, naquelle matutino. Pertenciam ellas á familia das urticaceas e revelavam, talvez, menos Tacito do que Juvenal...

Não tinha o humorista do *Diario*, como Emilio de Menezes, o seu favorito e de quem tanto se approximava—na concepção da arte, na orientação literaria, na feitura material do verso, na selecção dos motivos, no moral e até no physico—não tinha, como o lapidario dos *Poemas da Morte*, a volupia da satira, a ponto de sacrificar, por ellas, preciosas affeições.

Achava, entretanto, por uma face combativa do seu temperamento, que o homem é chamado a castigar o homem, embora rindo—*ridendo castigat mores*. D'ahi o florete e o camartelo que não raro empunhava, farpeando, á Ramalho; ou chasquaendo, á Voltaire, factos e cousas; vultos e idéas do seu, que é o nosso tempo.

Tal, o jornalista. Releva, todavia, notar que o seu maior inimigo, de parte aquelle feitto bohemio que tanto o prejudicou, foi o proprio jornal: absorvente, esterilizante, avaro condensador de energias que se inutilizam ao serviço, quasi sempre, das causas transitorias—numa época utilitarista, em que o operario da penna, quando laborioso e honesto, dá tudo o que tem e pouco recebe—o jornal, ephemero e volante, representa o supplicio das filhas de Danau.

O pensamento é do auctor dos *Miseraveis*: «Não vos gasteis demais no jornalismo (diz elle): é o tonel das Danaides. A gente nelle verte o seu espirito, sua imaginação, sua sciencia, seus sonhos mais caros, todo o vinho do pampano ideal que floresce no coração, e a geração que segue não quer mais beber nesse tonel.»

E' assim.

No inferno de cada dia o tonel sem fundo não se enche, e as forças se vão, e a mocidade passa, e a linha do futuro, que no começo da viagem parecia recta e luminosa, toma o aspecto sombrio de uma interrogação pungente...

O outomno não tem promessas, porque a primavera deu uma floração mirrada, e o inverno será triste, porque os frutos dos seus celleiros serão a neurasthenia, a dyspepsia, o naufragio do esforço, a inutilidade do trabalho—a ruina physica sobre a desolação moral.

E' o conflicto entre as figuras de uma tragedia—todas se eliminam; é o encontro dos heróes de que falam os monumentos da antiguidade classica: nenhum fica de pé; é a lucta dos triungulinos, descripta por Mayet: o ultimo vencedor morre de fome!

Mendes de Oliveira comprehendia claramente a amargura desta verdade.



Uma noite, após a revisão da derradeira prova, na hora em que o egoísmo resomna e o poeta trabalha; quando as cigarras do ideal se tornam formigas, para ter direito á existencia; quando os «que vendem a dinheiro», numa oleographia de balcão, já dormem a deshoras, regaladamente, ao pé da colheita farta — disse-me, numa de suas furtivas expansões, o querido companheiro de labor: «Dou mais por um soneto meu do que por toda a minha vida de jornal».

E tinha razão. Sua obra de jornalista, toda de defesa social, de apoio á ordem constituida, de applauso á legalidade e reveladora de nobre senso patriótico, nem siquer foi lida como devia ser. E, si foi lida, não foi meditada, e, si foi meditada, não foi comprehendida, e, si foi comprehendida, não teve um julgamento de justiça.

Todo esse esforço gigantesco, para encher, annos e annos, columnas e columnas de jornal, passou para a tradição dos archivos, foi servir á voracidade da traça.

Como jornalista, Mendes de Oliveira teve a sorte de todos os seus collegas de profissão, ainda os mais eminentes: foi a espuma do veleiro que passa, a projecção luminosa e fugaz de uma estrella cadente...

O mar em que a espuma se formou, não sabe si ella existiu; o infinito em que resplandeceu essa estrella, em breve nem ao menos lhe recordará o fulgor da passagem.

Sua obra poetica, sua obra d'arte, essa, não; não passa; não passará: contra ella não ha de valer a força destruidora dos annos, nem a indifferença glacial dos homens. Um soneto, quando feito com a chamma dos inspirados, absolutamente não morre; vive, como expressão eterna de belleza—ponte de ouro atirada sobre o Lettes, a communicar, no tempo e no espaço, o material e o espirital, o visivel e o invisivel, a terra e o céu.

Mendes de Oliveira, que morreu longe do zenith, sem a maturidade do meio dia; que, bohemio por natureza e pobre de fortuna, não pode realizar um apreciavel objectivo de estudos que lhe aprimorassem a cultura; que foi, ainda assim, um dos vultos centraes do meio intellectual em que viveu — Mendes de Oliveira só morrerá quando uma rajada de exterminio convulsionar e fizer desaparecer a historia literaria de Minas Geraes neste primeiro quartel do seculo XX.

Falarão por elle, numa resurreição perpetua de sua memoria, «emquanto houver alguém que saiba amar na terra», as estrophes de lyrismo grave e profundo que deixou; as conferencias em que sua alma de patriota e de artista se difundiu em consoladoras e magicas palpitações; a campanha nacionalista que, ouvindo á voz de Olavo Bilac, fez, qual outro Tirteu na guerra de Messenia, estimulando as phalanges para a lucta e para a victoria; a evidencia fulgurante do muito que fez, a tristeza infinita pelo que não pode fazer—tudo o recordará, porque as unicas conquistas inderrocaveis á face da terra são as conquistas definitivas da intelligencia e do espirito.

E' a historia que nol-o diz,

Scipião morre no exílio, esquecido da pátria e dos homens; Homero dorme, á beira do Jonio, embalado pela alma das nereidas que o génio grego eternizou; Napoleão risca os destinos do mundo com a espada vencedora de Marengo e morre, como um burguez, nos asperos rochedos de Santa Helena; Victor Hugo, entretanto, ouvindo o choro do oceano nas praias do seu desterro, pensa nos infelizes, nas crianças, escreve a epopéa do coração humano e leva um grito de amor e de consolo pelos seculos a dentro.

As almas eleitas não morrem: continuam a viver, após o descer do panno sobre o drama da existencia, como os penates e os deuses lares junto de nós; transformam-se, pela magia da saudade, em sombras invisíveis, reflexos de nós mesmos, no ambiente em que vivemos juntos, em que sonhamos juntos e de que, um dia, como os rebanhos cegos do poeta, um após outro, nos abalaremos todos para o remoto paiz dos sete palmos...

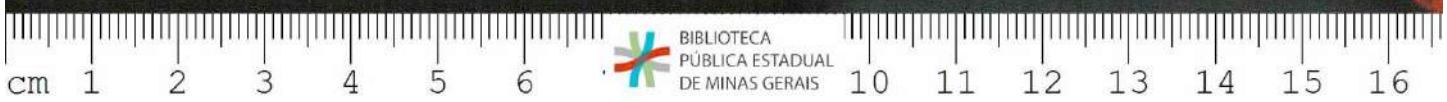
\* \*  
\*

Mendes de Oliveira ! meu saudoso amigo, meu infeliz amigo !

Emquanto não chega a nossa vez, enquanto nos esperas, estarás sempre ao nosso lado, presente a esta communhão intellectual, que ajudaste a crear e que tão vivamente amaste.

Iluminando com o teu espirito abençoador este recinto cheio de ti, recebe a homenagem commovida dos teus irmãos de sonho e de jornada !

E crê : a tua cadeira permanecerá vazia, lamentavelmente vazia, dolorosamente vazia !...



## Discurso do academico João Lucio Brandão, recebendo oficialmente na Academia o academico Noraldino Lima

Sr. Noraldino Lima.

Não, a cadeira de Mendes de Oliveira não está vaga, como o afirma a vossa modestia, visto que vindes occupal-a hoje, e confesso não haver accettato sem profunda emoção a incumbencia honrosa e difficil de dar-vos as boas vindas a este modesto «Jardim de Academus», que vos chamou com empenho e vos recebe com alvoroço.

Não é o facto auspicioso de receber um poeta que me torna perplexo, com as idéas fugidias e a palavra hesitante. Não é a visão desse triangulo ideal que tem por base o nome de Gonzaga, e em cujos lados se inscrevem vosso nome e o nome saudoso de Mendes de Oliveira, que me embaraça. Não. Sinto-me bem no meio de poetas; elles, como as crianças, são ingenuos e bons. Comprehando-os bem; sei quanto são indulgentes e conheço, com grande vantagem, o hospede que entra hoje para a nossa communitade, trazendo nas mãos, á moda de um punhado de estrellas, os versos de «Vesperaes»; trazendo o fulgor de sua intelligencia, a solidariedade do seu trabalho, o brilho do que tem produzido e a promessa do que ha de produzir para gloria e lustre deste ce naculo e das letras patrias.

Não é o orgulho justificado de estender a mão amiga a um poeta-de raça, como o sois, que me turba o espirito e me torna indeciso, a ponto de não encontrar enthusiasmo sufficiente para dar calor e vida, originalidade, arte e graça á saudação com a qual devieis ser recebido nesta Assembléa.

Os poetas, insulados no Sonho, quer cavalguem nuvens, como os nephelibatas, quer rastejem como o pintor fulgurante dos «Paineis Zoológicos» — só escutam as Musas. São espiritos illuminados, a maior parte da existencia diluidos no seio amigo da Natureza, onde vibram continuamente, subtibilizados em atomos. São lyras esparsas, penduradas aos ramos das arvores, tangidas pelas brisas mansas ou pelos vendavães furiosos. E' a alma dos poetas que canta a gloria triumphal do



Sol creador, a aria da tristeza e da saudade nas azas dos magoados e suggestivos poentes de amethysta, tão cheios de mysterios. E' a alma dos poetas que vibra na apotheose vencedora da Forma e canta a Belleza immortal, e é ella ainda que tem o riso baptismal e a corôa de rosas para o berço onde desponta a vida, e a commovente lagrima de saudade e a grinalda triste de goivos para o tumulo onde a vida se apaga.

São os poetas os traductores das alegrias e magoas, dos enthusiasmos e desalentos, do extase que confusamente sentimos deante dos aspectos da Natureza, porque são elles as vozes das nossas almas. Disse o grande e saudoso Bilac, no soneto *Estuario* :

Viverei ! Nos meus dias descontentes,  
Não soffro só por mim... Soffro, a sangrar,  
Todo o infinito universal pesar,  
A tristeza das cousas e dos entes.

Alheios prantos, em cachões ardentes,  
Vêm ao meu coração e ao meu olhar :  
—Tal, num estuario immenso acolhe o mar  
Todas as agnas vivas das vertentes.

Morre o infeliz, que unicamente encerra  
A propria dor, estrangulado em si...  
Mas vive a Vida que em meus versos erra ;

Vive o consolo que deixei aqui,  
Vive a piedade que espalhei na terra...  
Assim, não morrerei, porque soffri !

Nesse milagre de espiritualização, ha para o poeta um momento de indizível tortura e inexcedível gloria; um instante de agonia e de triumpho sem par, durante o qual elle vive um seculo num minuto, como aquelle monge eleito viveu trezentos annos num segundo a ouvir o ritornello mystico d'um rouxinol. E' o momento sublime do impene-travel mysterio da inspiração; é o minuto unico de sobrenatural tensão, durante o qual elle se desprende do envolucro terreno para alcançar a idéa, prendel-a dentro da phrase, dar-lhe fórma por tal geito, que ella vibre no verso e cresça e se mostre palpavel e visivel, tão fulgurante e verdadeira, tão expressiva e humana, a ponto de poder ser interpellada como a Galatêa...

Essa tortura incomprehendida do artista lembra um macabro conto chinez. «Pany, um letrado, recolheu em casa formosa rapariga, encontrada á noite, na rua... Não se arrependeu, que a moça, sobre ser formosa e gentil, tinha encantos surprehendentes.

Pela manhã, o letrado sahiu, como de costume e, ao regressar, teve a curiosidade de contemplar a sua formosa conquista pela fresta da fechadura. Recuou horrorizado : viu, no meio no quarto, um esqueleto de faces verdes, limpando uma pelle de mulher com a qual se reves-

tiu... Entrou, e o vampiro, avançando para elle, arrancou-lhe o coração.»

A Pany, do conto chinês, um magico resuscitou; mas aos poetas que se dão de todo á sua Arte, não ha salvação possível. Ella os envolve e os absorve, e lhes rói a alma como o vampiro...

Por andarem assim, em constante caçada ideal ás rimas, abstractos e alheios, e trazerem os dedos cheios do «pó de ouro das borboletas do sonho», na phrase de Coppée; por viverem, vendo e ouvindo estrellas e por trazerem a poeira dellas nas cabelleiras revoltas; por surprehenderem e nos transmittirem o dialogo das flores, o enamorado ciciar das brisas—um espirito irreverente os chamou de *malucos mansos*.

Sim, divinos malucos esses, factores indispensaveis da nacionalidade, uteis, bons e inoffensivos, quando não pertencentes á classe perigosa daquelles que nos aggridem á traição, numa esquina ou á mesa de um café e, de olhos esbogalhados e *fura-bolo* em riste, declamam, com estertores hystericos e fóra do alcance do codigo penal, vinte sonetos de enfiada á sua *Ella* arisca! Foi a esta especie damninha, talvez, que Platão baniu da sua Republica!

Sim! Divinos malucos esses que exteriorizam os seus sonhos luminosos e as suas prophecias de videntes, na musica do verso e gravam para todo o sempre, em nossas almas, episodios como o *Caçador de Esmeraldas!*

Divinos malucos foram Bilac, Gonçalves Dias e tantos outros, em cujas estrophes passam, como rajadas sublimes, vindas de paragens desconhecidas, vibrantes de fé, cheias de emoção e ensinamentos, paginas gloriosas do nosso passado, grandeza do nosso presente, prophecias rissonhas do nosso futuro, trechos inconfundiveis das nossas lindas paizagens, descripções flagrantes dos nossos usos e costumes, sentimentos nobres e entusiasticos da nossa ardente alma brasileira; e tudo isso com tal apuro e carinho, elegancia e graça, e tão respeitoso culto á bellez da lingua,—que a historia da nossa terra e do nosso valor chegue aos posterios em idioma que lhes pareça novo, surprehendente de côr, de brilho, de verdade e até de perfume!

E' claro, meu nobre confrade, que aos poetas dessa raça minha saudação será innocua, e eu bem poderia saudar-vos, e com vantagem, á moda da celebre Academia persa do Silencio:— dando-vos fraternal abraço em nome de nossa Academia, sentirieis o quanto vos amamos e seria poupada a culta assistencia...

O protocollo, porém, é tyranno nas suas determinações, e não tenho auctoridade para quebrar-lhe a praxe.

Para o cumprimento desse dever, tão grato ao meu coração e tão difficil para o meu espirito, — a Fatalidade colloca-me na contingencia dolorosa de alongar piedosamente os olhos, envolto na meia sombra violacea da saudade, para os ultimos raios de um astro que se atufou nos mysterios do poente, para o astro que se apagou com a majestade



soberana de poeta que tomba, e ao qual eu quizera poder invocar, como Musset :

Pâle étoile du soir, messagère lointaine  
Dont le front sort brillant des voiles du couchant,  
De ton palais d'azur, au sein du firmament,  
Que regardes-tu dans la plaine ?  
.....

Ou t'en vas-tu si belle, à l'heure du silence,  
Tomber, comme une perle au sein profond des eaux ?  
Ah ! si tu dois mourir, bel astre, et si ta tête  
Va dans la vaste mer plonger ses blonds cheveux,  
Avant de nous quitter, un seul instant arrête:  
Étoile de l'amour, ne descends pas des cieux.

Uma lagrima de saudade para o astro extinto, antes do hymno de saudação ao novo astro que se levanta irradiante de luz promissora, na esteira luminosa daquelle...

Antes de estender-vos a mão amiga, meu illustre confrade, deixae-me evocar tambem a lembrança, de todos nós querida, de Mendes de Oliveira, cujo elogio acabais de fazer com tamanho brilho e sentimento.

O menestrel fidalgo que vivia dentro daquelle armadura de Hercules e rimou os versos quentes e formosos de «Jogos Floraes» e «Prelios Paggãos», e dos admiraveis sonetos glorificadores das nossas ipoméas, viveu dentro dum sonho jámais revelado, e, embora os seus habitos exteriores o denunciasssem como epicurista, bem se percebia fundo pesar envenenando-lhe o coração. O orgulho de homem forte punha-lhe nos labios a mascara do riso, impossibilitava-lhe confidencias, e o proprio facto do seu alheamento a intimidades justifica a supposição de sua grande magoa inspiradora e secreta.

O poeta, porém, trahia o homem. Elle vivia num «Solar Fluctuante»:

«Esta é a morada excelsa, o tabernaculo  
Do eterno amor.  
Sob este tectio a mocidade é um seculo  
Aberto em flôr.  
Sylphides brancas de causar ciumes  
A' propria neve,  
Soltam no ambiente sensuaes perfumes  
Num vôo leve.»

Esse solar era edificado nas nuvens; o poeta o sabia, e fecha assim a sua descripção artistica :

Tudo, no entanto, é passageiro e ephemero  
Porque o solar,  
Tão alto assim, maravilhoso e limpido,  
Foi feito no ar...

Esse refugio de sonho, foi o tabernaculo onde o poeta adorava a sua Musa inspiradora, á qual assim se refere no *Exordium* :

Este livro é um sacrario. Ao abril-o de chofre  
Tenho a impressão de ver-te, imagem do meu culto,  
Deusa em cuja presença ha tanto tempo exulto,  
Esquecido de ter um coração que soffre.

Anceios e illusões encerrei neste cofre,  
Onde o deslumbramento excelso do seu vulto  
Palpita, como a luz de um manancial occulto,  
Que estas pobres canções de perolas aljofre.

Obra immortal será! não por mim, que me falta  
O vislumbre do genio, o poder de um estheta,  
Para julgal-a assim, tão brilhante e tão alta!

O teu amor—o céo que a minh'alma interpreta  
Que o meu sonho traduz, que a minha penna exalta—  
Faz de um plebeu qualquer um principe ou um poeta!

Em *Predestinado* o saudoso vate dá-nos a medida do seu soffrimento, supportado com orgulhoso estoicismo :

Tombarão sobre ti a contumelia e o apodo  
Das almas desleaes, sem piedade nenhuma.  
A sombra da calumnia e do odio vil a espuma,  
Envolvendo-te o nome o cobrição de lodo.

Jograes e phariseus, com extranho denodo  
Por que tanto ideal de amor não se consumma,  
As muitas illusões que tens, uma por uma,  
Procurarão ferir e anniquillar de todo.

No entanto, passarás, intangivel á furia,  
Sem que aos teus labios suba e dos teus labios, rouco,  
Desça um grito de raiva ou de fraqueza espuria.

Visionario sublime, illuminado louco,  
Depois do ultimo golpe e da suprema injuria,  
Has de sentir que és muito e que soffreste pouco!

Ao pensar, ainda tonto da surpresa, no desaparecimento repentino desse grande espirito que luctou, amou e soffreu, que se espalhou em ardente pantheismo pela Natureza; ao pensar nessa constituição de athleta, derribado por um sopro da Fatalidade, lembramo-nos daquelle soneto de S. Guy de Raissac, inspirado pelo *Genio Funebre* do Capitolio :

De ses flancs ondulés, quand j'ai vu la blancheur,  
Quand j'ai vu ses deux bras relevés sur sa tête,  
Comme au sommet vermeil d'une amphore de Crète  
Les deux anses du bord qui s'élèvent en chœur,

O' mort des anciens jours, j'ai compris ta douceur,  
Le charme évanouit de ton œuvre muette,  
Lorsqu' insensiblement tu couvrais de pâleur  
Un profil corynthien de vierge ou de poète.

Le calme transpirait sur le front deserté,  
Du sourire perdu la grace était élus molle,  
Tout le corps endormi flottait en liberté :

On eut dit une fleur que distend sa corolle  
Tandis que de sa bouche une abeille s'envole  
Emportant ses parfums et non pas sa beauté.

Pobre Mendes! Delle se poderá dizer, com propriedade, o que Anatole France escreveu de Flaubert :

«Deve ser admirado e venerado este homem de muita fé, o qual despojou, com obstinado trabalho e por amor ao bello, o que seu espirito tinha naturalmente de pesado e confuso; este homem que suou, lentamente, seus livros soberbos e fez ás letras o sacrificio methodico de sua vida inteira.»

Entrais, meu caro confrade, para preencher a vaga deixada por Mendes de Oliveira. Não sei de successão mais logica, nem de escolha mais bem acertada.

Trazeis-nos, ainda quentes de inspiração, esse magnifico punhado de versos, aos quaes intitulastes modestamente «Vesperaes», e que vieram, tão a proposito, firmar a vossa reputação literaria e justificar a vossa eleição. A magoa que causou á Academia a falta do companheiro evocado para o mysterioso «paiz azul», é em parte compensada pelo conforto que lhe traz a vossa camaradagem. Estais bem substituindo o ausente, e a Academia, tranquilla de consciencia e orgulhosa com a esilha feita. A verdade é que lhe pertencieis de ha muito, posto que sómente agora lhe penetrasseis os humbraes pela formalidade do voto.

As affinidades de espirito e de coração, existentes entre vós e o morto querido, indicavam o vosso nome para substituil-o.

Em primeiro lugar, fostes dos poucos admittidos na sua intimidade, intimidade creada e crescida na mesma tenda de trabalho — o jornal —, onde tambem terçais armas e com tal força e donaire, que desmentis, com vantagem, a affirmativa de ser o jornal pessima escola do estylo.

Depois, notae bem, a vossa poesia tem o mesmo cunho pantheistico, a mesma arte, o mesmo culto á Fórma que fez do auctor dos «Prelios Pagãos» um dos nossos mais afamados parnasianos. O vosso lyrismo tem o murmurio de agua corrente sobre seixos rebrilhantes.

Os vossos versos têm a ternura quente e cariciosa de velludo e são o reflexo de vossa alma contemplativa. Desde *Albores*, com que vos apresentastes na republica das letras, até *Vesperaes*, com que definitivamente vos assentais nella, a vossa individualidade literaria se firmou.

Muito propositadamente não me preocupo com as escolas. Em que me pese a confissão, as escolas literarias são para mim simples modalidades da manifestação do sentimento. Parnasianos, symbolistas, decadistas, satanistas — são todos equivalentes, — se nas suas poesias refulge a «faisca divina», esse quê inexplicavel que nos transmite o calafrio da emoção.

O bello reside no que é natural e simples. Ser artista é traduzir com singeleza e verdade os aspectos da Natureza, de accôrdo com a propria impressão delles recebida, os estados d'alma que elles nos provocam. Por isso, ha sempre para o artista sitios fugidios e sem contornos, de uma fluidez de sonho; personagens immateriaes de belleza imponderavel, horas de velludo, macias e cariciosas, plangencias de sinos suaves como cicios de prece; cathedraes e cyclopes, náus de velas enfunadas e purpuras sangrentas na phantasmagoria dos poentes exóticos... tudo quanto escapa á percepção do homem commum...

Pouco importa a maneira de nos serem transmittidos sentimentos e visões; o essencial é que sintamos e vejamos com o artista. As escolas passam com a moda; a poesia, o sentimento, são immortaes.

Como poeta, amigo e interprete da Natureza, não podeis deixar de ser triste; todos os poetas o são; o humorismo é puro disfarce da magoa, e a philosophia popular afirma que «quem canta seus males espanta.»

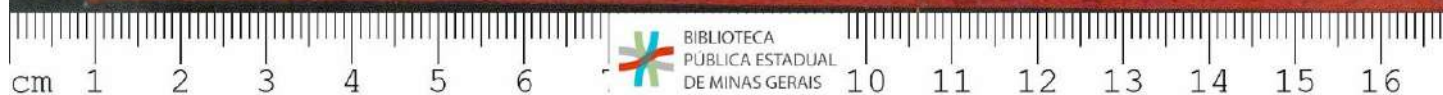
A verdade é que a Natureza, onde a vida se desenvolve, é triste, e a vida é monstruoso e infindavel gemido escoante entre o amor e a morte, os dois mysterios que enchem verdadeiramente o Universo...

Reparae : a abelha, que faz o mel, tem o ferrão que magôa; a mancenilha, que dá sombra, envenena com o perfume de suas flores; as flores que nos deliciam com o chromatismo de suas petalas, crescem viçosas sobre tumulos, alimentadas pela decomposição; o beijo que inebria, contamina muitas vezes. E, triste ironia, aqui mesmo, nesta brilhante festa do espirito e do pensamento, entre luzes e flores que celebram vosso triumpho literario, projecta-se a sombra triste de um tumulo mal fechado. E' por isso que Claude Tilier interroga, com resignada tristeza : «Viver! Para isso vale porventura a pena abrir os olhos? Todas as nossas empresas só têm um principio : a casa que edificamos é para nossos herdeiros; o robe de chambre que, com amor, mandamos entreforrar de algodão, para agasalhar nossa velhice, servirá para caminhas fôfas aos nossos filhos. Dizemos comnosco:— eis o dia acabado! Accendemos o candieiro, aticamos o braseiro; dispomo-nos a passar um doce e pacífico serão ao canto da lareira, quando alguem bate á porta. Quem é? A morte; é preciso partir. Mal temos tempo de dizer a uma mulher—amo-te! e, ao segundo beijo, é já uma velha decrepita!»

Não direi, meu nobre confrade, seja a tristeza a nota dominante da vossa poesia, mas em todas as vossas produções paira a suave melancolia das almas bem formadas e contemplativas.

A tristeza do mundo ambiente, vós nol-a transmittis attenuada, com a sobriedade discreta de quem deseja ser verdadeiro e sincero, sem

A. M. L.—14



chocar. Os vossos versos, quer canteis o amor, a morte ou certos estados d'alma provocados pela suggestão de sitios e paizagens — são sempre o reflexo tranquillo da vossa boa alma sem arestas, claro e fôfo ninho donde saem revoadas de passaros.

Até a vossa revolta tem um cunho de suave resignação; vosso lyrismo é n'eigo; a descriptiva, exacta e sobria; a fôrma, correcta e elegante.

Abr's as «Meridianas» com estes versos adoraveis, nos quaes a vossa alma se espraia em ondas acalentadoras de quente ternura:

Abre este livro e lê: percorre, uma por uma,  
As estrophes de luz que elle talvez contenha;  
Compulsa, verso a verso, a pallida resenha  
De meus sonhos e ideaes, de minha vida, em summa.

E, sem pasmo, has de ver, por toda a parte, alguma  
Cousa tua esplender — bem como em bruta penha  
Um bloco de crystal: — ora a affeição desenha  
Teu vulto, ora teu nome os cantos meus perfuma.,.

E, como assim não ser? Estás entre estas folhas,  
A encantar, a luzir, tal entre as grandes bolhas  
De dubio e grande oceano — uma nymphã risonha!

Como não ser assim? Si tu, que me illuminas,  
Me extendes através das humidas retinas  
Novos mundos de amor em que minh'alma sonha?!

Unta arvore, aos vossos olhos e ao vosso sentimento de pantheista  
é, como deus pagão, merecedor de culto ou sympathia; sentis-lhe a  
solidão e a tristeza; lamentais-lhe o excidio cruel de que é victima e,  
por isso, celebrais assim a PAINEIRA:

## I

Triste e só, junto á serra, a paineira desfralda,  
Já nas raias da morte e no occaso da lucta,  
Seus cocares de rosa e leques de esmeralda  
Ao vento do sertão, que os espaços perscruta.

Quando o sol, ao nascer, a neblina respalda,  
E o passaredo canta, e a ramalhada escuta,  
O tronco vegetal se espelha em cada fralda,  
Em cada topo azul da serrania bruta...

No seu largo abandono, em frouxos arremessos,  
Percebe que a canção dos passaros travessos  
Não é mais a canção que a festejava outr'ora...

Percorre-lhe um desmaio a seiva, a chlorophila,  
E, ondeando, taciturna, a frondagem tranquilla,  
Dentro do mundo a rir a arvore velha chora.

## II

Inimigo feroz das arvores amigas,  
O hirsuto lenhador, bem Alva não despona,  
Atravessa a baixada, onde alouram espigas,  
Onde as aves do céu garganteiam, sem conta.

Penetrando a espessura, a resmungar cantigas,  
O genio tutelar das florestas affronta.  
Golpeia... Que lhe importa o culto das antigas  
E mortas gerações a que a arvore remonta?

Profanado, por fim, todo o roble estremece,  
Num dorido vae-vem, quasi a ajoelhar, em prece,  
A's brisas despencando a floração venusta.

E cae... Nota-se em torno uma exquisita faina:  
São abelhas a dar seus osculos á paina,  
—Trança branca, hybernal, da paineira vetusta.

## III

O machado não pára: entra, de ramo em ramo,  
Vence, fibra por fibra, a rigidez austera  
Da paineira, que foi, do alacre gaturamo.  
Pelo mar da harmonia, a rutila galera.

Desce a noite... Jámais o flórido recamo  
Da arvore em que a tinir, plethorica, sincera,  
A cigarra fazia o festival proclamo  
Do connubio aromal do Sol com a Primavera!

Cavaco, e folha, e flor, aos beijos da tardinha..  
—São tibias, parietaes da tremula velhinha,  
Que deu sombra e dá lenha ao burguez que a recorta.

Nada mais nessa mórna e rispida planura,  
Salvo a immensa clareira em que a aragem murmura,  
Num protesto de dor pela paineira morta.

A' CIGARRA, a doce amiga dos poetas, dedicais este lindo soneto:

Para, em meio á clareira, estridula e bizarra,  
Brindar, á plena luz, a apothese do estio,  
Dos insectos da matta o insecto mais vadio  
Transforma-se em clarim, converte-se em fanfarra.

E enquanto, no alto, o sol adormenta a algazarra  
Das frondes verde-azues, pelo verde macio  
Dos tufos aromaes, que deitam para o rio,  
Zine, guineha, rechina a insipida cigarra.

Desvairada e febril, nos tópes ramalhudos,  
Percorre, pauta a pauta, os graves e os agudos,  
Pondo uma nota clara em cheio na floresta.

Em bemol no começo, em sustenido agora,  
 E' a frenetica bohemia, a cigarras sonora,  
 A alma inquieta da vida a borbotar na sesta...

Em DENTRO DA NOITE, enxergais os «que vivem de amor e morrem de saudade».

Horas mortas... O frio a tudo sobreleva;  
 Nas frinchas da vidraça o vento tamborila:  
 A alma da solidão, que me assusta e me enleva,  
 Dorme, dentro da noite, estirada e tranquilla.

Sinto, fóra, um rumor: é o sarcasmo da treva...  
 Vejo um clarão macabro: o silencio scintilla...  
 E uma visão fatal aos meus olhos se eleva,  
 Nublado-me de vez a mórbida pupilla.

Tremo como um galé no barathro do sonho,  
 Onde habita o remorso... E é em vão que recomponho  
 As rezas que rezei na minha mocidade.

—Ha estertores nos céos; ha gemidos nas furnas:  
 E' o cortejo espectral das lagrimas nocturnas  
 Dos que vivem de amor e morrem de saudade.

NA ROÇA são versos de adoravel simplicidade e exacta observação:

Quebrado á testa o chapelão de palha,  
 Na camisa um remendo toseco e feio,  
 Preso á cinta o facão de palmo e meio,  
 No eito o caipira, impavido, trabalha.

Nessa inclemente e rustica batalha,  
 Vazio de ambições, de forças cheio,  
 O rosto gottejante, aberto o seio,  
 O amplo seio da terra abre e retalha.

Subito, pára e scisma... Tanto póde  
 O beijo da mulher bruta e bonita  
 Que o vencera, ha dois dias, no pagode.

Entra a cantar... E o canto, longo e fundo,  
 Accorda a alma da matta em que elle habita,  
 Perto de seu amor, longe do mundo...

## II

Porque amasse, com amor sincero e bruto,  
 A linda Laura—a rosa do sertão—,  
 Andava ha muito o pobre do matuto  
 Com a viola atravessada ao coração.

Um dia, amofinado e resolute,  
 Quebrou, de vez, o magico bordão,  
 E o ideal desfeito, o espirito de luto,  
 Naufragou na voragem da paixão...

Laura, de corpo esplendido e roliço,  
Com o sexto mandamento bem de c6r,  
Num muxoxo o matou, sem dar por isso.

Contra a lição, porém, ninguém protesta :  
—Que é dos males do mundo o mal maior  
Tentar perder uma mulher honesta.

O vosso *Livro d'Alma* tem versos de encantadora suavidade :

Este é o meu livro predilecto. Creio  
Que elle fala por mim, que me resume :  
Si numa estrophe ha lagrima e queixume,  
Ha noutra riso, seducção, enleio.

Sem vaidades de artista, trabalhei-o  
Com a febre e as emoções que amor presume :  
Si alguma cousa existe que o perfume,  
Esse perfume de tua alma veiu.

Veiu de ti, da luz de teu carinho,  
Dessa pureza immensa que te adorna  
E que me aclara a treva do caminho.

E' o nosso altar : cerquemol-o de prece...  
—Nelle ha um trecho da vida, que não torna,  
E a delicia do amor, que não perece.

Assim, ora qual arroio sussurrante, rolando aguas claras sobre seixos dourados de sol, ora rio encachoeirado e volumoso; aqui a frescura convidativa de uma clareira em bosque umbroso, lyrisado da musica de ninhos balouçantes; ali a luz gloriosa do sol cantando em manhãs azues ou a lua opalescente cahindo como bençãam sobre as cousas que se ajoelham—a vossa poesia deflue serena, evocativa e terna, cheia de amor e de saudade—em rythmo que embala a alma, erguendo-a como em espiraes cantantes de sonho .

Detive-me nas citações e no elogio.

Não á mingua de assumpto.

Não citei, de certo, os vossos melhores versos; os amadores das boas letras hão de saboreal-os, breve, como fino regalo espiritual, no formoso livro que acabais de publicar.

Muito, tambem, eu teria que dizer ainda da vossa intelligencia culta, capacidade de trabalho, desdobrada na burocracia, no magisterio e no jornalismo, assim como da rigidez do vosso character e brandura do vosso coração.

Esta cerimonia, porém, é homenagem prestada ás Musas e prefer; falar apenas do poeta, que é immaterial, embora já se haja affirmado que até as almas têm sexo...

Demais, é sempre perigoso o elogio aos vivos; corre-se o risco do ridiculo, descobrindo-se qualidades e virtudes que surpreendem o elogiado...

Sois dos nossos; aqui estais e ficareis bem.

Sentireis que as nossas reuniões nesta casa de empréstimo têm a suavidade encantadora, quasi religiosa, das palestras á lareira, na doce confraternização das reuniões familiares.

Sem embargo vereis, com prazer, que, neste retiro espiritual, ainda quasi ignorado, nesta Thebaida dos officiantes das letras, se trabalha por alguma cousa nobre e grandioso.

Não vos intimideis com o sorriso ironico dos que, apesar de muito dignos, não entraram para o nosso gremio. E' preciso um sorriso de indulgencia para tudo. E' muito do espirito humano desdenhar quanto desejou e não poude alcançar. Assim será enquanto existirem uvas e raposas.

Trabalharemos juntos: do nosso esforço colectivo algum bem ha de resultar, não para nós, mas para a Patria.

Obreiros modestos que tambem somos do Pensamento, temos as nossas responsabilidades definidas na formação da nossa nacionalidade, pela cultura da nossa lingua.

O momento que atravessamos, é propicio para o toque de reunir.  
Sêde bem vindo!

A Academia Mineira de Letras, cujas portas abristes com o prestigio do vosso merecimento, franqueia-vos, orgulhosa, todo o seu coração!

# RELATORIO

apresentado pelo Presidente, academico Mario de Lima, na sessão de encerramento, no dia 31 de Dezembro de 1921.

“Em nome da directoria, cujo mandato hoje finda, venho apresentar á Academia Mineira de Letras, neste breve relatorio, as informações abaixo sobre a vida do instituto no anno social de 1921.

Eleita a 26 de setembro de 1920, a referida directoria tem a consciencia de haver desempenhado, com devotamento, as suas attribuições regulamentares, esforçando-se, na medida de seus recursos, pela prosperidade e bom nome da Academia.

\*\*

Transferida de Juiz de Fôra para esta Capital, onde se installou a 24 de Janeiro de 1915, a Academia Mineira, após um longo colapso em sua existencia, reanimou-se bastante aqui, graças á actividade da sua primeira directoria em Bello Horizonte, merecidamente reeleita nos exercicios seguintes. E' de justiça salientar os serviços prestados ao instituto pelos academicos Alvaro da Silveira e Carlos Góes, respectivamente presidente e secretario geral das directorias passadas.

Graças ao trabalho tenaz do academico Carlos Góes, ponde a Academia realizar, desde a sua transferencia para aqui, varias sessões solennes, nas quaes diversos academicos, em cumprimento de disposição dos estatutos, leram as biographias de seus patronos.

Em 1920, ao findar o seu mandato, manifestou a directoria, varias vezes reeleita, o seu proposito de não acceitar a reeleição.

Foi, então, eleita a directoria, que hoje termina o seu periodo administrativo.

## Vaga

Den-se, durante a gestão desta directoria, o fallecimento de um dos nossos mais eminentes confrades, o grande poeta Alphonsus de Guimaraens. A Academia adheriu a todas as manifestações de pesar pelo infausto acontecimento; mandou celebrar missa em suffragio da alma do

saudoso consocio e realizou, no 30.º dia do seu passamento, uma sessão solenne em homenagem á sua memoria.

A referida sessão, na qual foi tambem homenageada a memoria do inolvidavel juriconsulto e homem de letras, natural deste Estado, dr. Pedro Lessa, membro da Academia Brasileira, foi brilhantissima, havendo constado do elogio dos dois egregios patricios, feito pelo orador official, academico José Eduardo da Fonseca, e da recitação de versos de Alphonsus de Guimaraens, feita pelos academicos Carlos Góes e Mario de Lima.

A' sessão estiveram presentes, havendo tomado assento junto á mesa, o representante do sr. Presidente do Estado, o sr. Secretario do Interior e os representantes de outros auxiliares do governo.

Para preenchimento da vaga de Alphonsus de Guimaraens, foi oportunamente aberta a inscripção, havendo concorrido os seguintes candidatos: Abilio Barreto, Moacyr Chagas, Agrippa de Vasconcellos e Honorio Armond.

Antes de realizar-se a eleição, decidiu a Academia interpretar diversos artigos dos Estatutos e adoptar outras resoluções referentes ao pleito futuro, o que tudo consta da acta da sessão respectiva e foi previamente communicado, por escripto, a todos os academicos.

Realizado o primeiro escrutinio, verificou-se não haver obtido nenhum dos candidatos a maioria absoluta de votos, exigida pelos Estatutos. Procedeu-se, por isso, ao segundo, a que concorreram os mais votados no primeiro, srs. Moacyr Chagas e Agrippa de Vasconcellos. Foi o seguinte o resultado do segundo escrutinio: Moacyr Chagas, 19 votos; Agrippa de Vasconcellos, 16, sendo proclamado eleito aquelle e designado para recebê-lo o academico Albino Esteves.

### A Academia em 1921

Realizou a Academia em 1921, além da sessão solenne referida, mais 8 sessões.

Deve considerar-se o anno findo como o inicio do franco renascimento do Instituto.

O preenchimento da vaga de Alphonsus de Guimaraens despertou grande interesse.

A directoria, que hoje finda o seu mandato, conseguiu, além do auxilio para publicação dos Annaes, cujo primeiro numero será brevemente distribuido, a subvenção annual de 2:000\$000, concedida pelos poderes publicos do Estado.

Para a obtenção desse subsidio muito concorreu a efficiente iniciativa dos academicos Noraldino Lima e Navantino Santos.

Exigua, embora, essa subvenção permittirá á Academia installar-se em modesta séde propria e custear o seu expediente, a cargo, até agora,

de alguns membros da directoria, pessoalmente onerados por essas despesas do sodalicio.

### Reforma dos estatutos

Deficientes sobremodo são os estatutos da Academia, achando-se em estudos um projecto de reforma. Foram solicitados, por escripto, a todos os confrades, alvitres e suggestões nesse sentido.

Caberá á nova directoria levar a bom termo essa reforma, tão necessaria para o desenvolvimento e prestigio da instituição.

### Actividade intellectual da Academia

E' forçoso reconhecer que a Academia não tem exercido, no Estado, a influencia que era de esperar de sua fundação e funcionamento. Para tal situação não concorre apenas a absoluta falta de recursos pecuniarios com que tem luctado o instituto.

Alem dessa razão, outras existem impedindo a actuação da Academia na vida literaria do Estado.

Entre ellas não é a menor o desinteresse (quasi desdem, ás vezes), manifestado por alguns academicos, relativamente á instituição de que fazem parte.

Academicos ha que não comparecem systematicamente ás sessões. E' sempre uma difficuldade conseguir numero para qualquer reunião. Comprehende-se, facilmente, que, sem a solidariedade entre os seus membros, nenhuma associação póde prosperar e desenvolver-se.

Desdenhada pelos que deveriam esforçar-se em pról do seu levantamento, a Academia vive uma existencia artificial, galvanizada pelo devotamento de meia duzia, si tanto, de seus membros.

Quasi completamente nulla tem sido, por isso, a sua influencia na vida intellectual do Estado.

Varios academicos publicaram, durante o anno, obras em prosa e verso, cuja relação não é possivel fornecer, pois muitos membros da Academia deixaram de enviar os seus trabalhos á bibliotheca do instituto.

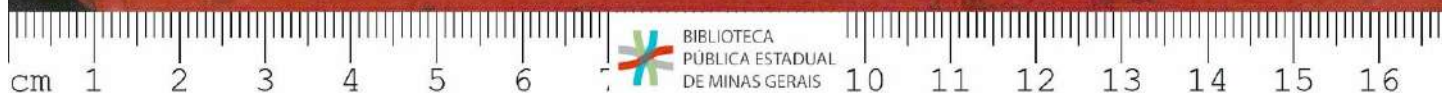
### Conclusão

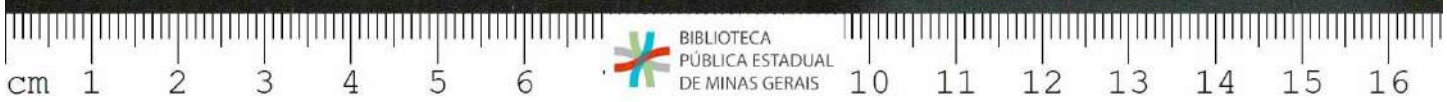
São essas as principaes informações, que entendi dever prestar-vos, relativas á vida da Academia Mineira de Letras, no periodo administrativo que hoje finda.

E' um relatório deficiente o que vos apresento. Não me foi possivel fazer trabalho mais minucioso.

Elle attesta, porém, os modestos esforços de quantos faziam parte da directoria de 1921, no sentido de preparar mais prosperos dias para o nosso instituto.

Bello Horizonte, 31 de dezembro de 1921,—*Mario de Lima*".





# ESTATUTOS

— DA —

## Academia Mineira de Letras

Art. 1.º A Academia Mineira de Letras, com séde em Belo Horizonte, tem por fim a cultura da lingua e da literatura nacional, e funcionará de accordo com as normas estabelecidas em seu Regimento interno.

§ 1.º A Academia compõe-se de quarenta membros effectivos, dos quaes, pelo menos dez residentes na séde, e de vinte membros correspondentes nos outros Estados, e dez no estrangeiro.

§ 2.º A escolha dos membros effectivos e socios correspondentes se fará por eleição e maioria de votos, na séde da Academia, tendo o direito de votar apenas os da primeira categoria.

§ 3.º O membro effectivo ou correspondente da Academia poderá resignar o seu titulo de socio por meio de officio, com firma reconhecida, dirigido á directoria, que obrigatoriamente aceitará a renuncia.

Art. 2.º Só podem ser membros effectivos da Academia Mineira de Letras os brasileiros domiciliados no Estado, ha mais de um anno, que tenham publicado obras de real valor literario, em qualquer genero, ou scientificas de reconhecido merito.

Art. 3.º A administração da Academia compete a um presidente, um secretario geral, um 1.º secretario, um 2.º, e um thesoureiro, eleitos por dois annos e por escrutinio secreto.

§ 1.º O presidente dirige os trabalhos da Academia e a representa em juizo e em suas relações com terceiros.

§ 2.º As funcções dos tres secretarios serão discriminadas no Regimento.

§ 3.º Ao thesoureiro incumbe a guarda e administração do patrimonio social, de accordo com os outros membros da directoria.

Art. 4.º A directoria da Academia será constituida de membros residentes na séde do instituto.

Art. 5.º Nenhum membro da Directoria poderá occupar o mesmo cargo em dois biennios successivos.

Paragrapho unico. Exceptua-se o secretario geral, que poderá ser reeleito.

Art. 6.º A Academia terá uma commissão de contas, composta de tres membros e eleita de dois em dois annos, alem das demais commissões que forem creadas pelo Regimento.

Art. 7.º A Academia funciona com cinco membros e dellbera com seis.

Art. 8.º Para as eleições de membros effectivos, de socios correspondentes e da Directoria e reforma destes Estatutos exige-se, em primeira assembléa, a presença da maioria absoluta de membros effectivos e, em segunda, a de membros residentes na séde.

Paragrapho unico. Os membros effectivos da Academia Mineira de Letras poderão fazer-se representar, nas eleições, por procuração, carta individual ou pelo voto assignado.

Art. 9.º Os academicos eleitos deverão tomar posse dentro de tres mezes, salvo motivo justificado, apresentado ao presidente, com pedido de prorogação e prazo proposto, até um anno, a partir da data da eleição.

Paragrapho unico. O candidato eleito só poderá usar o titulo depois de empossado.

Art. 10. A Academia terá uma revista para publicação de seu expediente e dos trabalhos que forem julgados dignos, a juizo da commissão de redacção, composta exclusivamente de membros effectivos, eleitos para tal fim.

Art. 11. Os membros da Academia não respondem individualmente pelas obrigações contrahidas em nome della, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes.

Art. 12. A Academia Mineira de Letras poderá ser extinta por deliberação da assembléa geral de seus membros effectivos, tomada em tres sessões consecutivas, convocadas especialmente para esse fim, não mediando entre uma e outra menos de dez dias.

Art. 13. No caso de extincção da Academia, reverterá a favor do Estado de Minas, não só o saldo existente como todo o patrimonio do instituto, livros, moveis e outros haveres, devendo o mesmo ser empregado, de preferencia, a bem da instrucção publica.

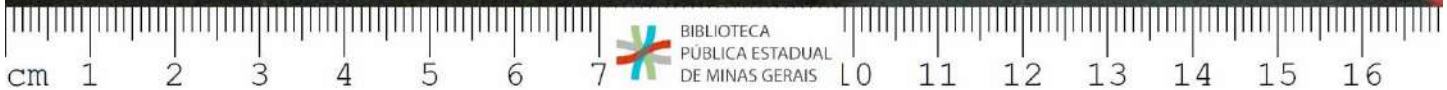
Art. 14. Estes Estatutos entrarão em vigor depois de effectuado o registro a que se refere o art. 18 do Codigo Civil.

Art. 15. Revogam-se as disposições em contrario.

Bello Horizonte, agosto de 1922.

---

Registrado pelo presidente, academico Noraldino Lima, em notas do tabellião dr. Plinio de Mendonça, livro 1, fls. 55, sob n. 160, em 8 de janeiro de 1923.



BIBLIOTECA  
PÚBLICA ESTADUAL  
DE MINAS GERAIS

## ELEIÇÃO DA DIRECTORIA

**1923—1924**

Realizou-se no dia 25 do corrente mais uma reunião da Academia Mineira de Letras, afim de proceder á eleição da directoria que funcionará, de accordo com os novos estatutos, no biennio 1923—1924.

Na ausencia do presidente, sr. Mario de Lima, dirigiu os trabalhos o secretario geral, sr. Noraldino Lima, secretariado pelo sr. Aldo Delfino.

Presentes e representados, votaram 20 Academicos, ficando assim constituída a nova directoria, que foi immediatamente empossada :

Presidente—Noraldino Lima, 18 votos ; secretario geral—Aldo Delfino, 19 votos ; 1.º secretario—João Lucio, 18 votos ; 2.º secretario—Avelino Foscolo, 18 votos ; thesoureiro—Mario de Lima, 18 votos.

Commissões :

De Contas : Carlos Góes, Navantino Santos e Nelson de Senna.

De Recepção: Mario de Lima, Navantino Santos e Arduino Bolivar.

De Bibliographia : Alvaro da Silveira, Diogo de Vasconcellos e José Eduardo.

A directoria que terminou o mandato, é a seguinte:—Mario de Lima, presidente; Noraldino Lima, secretario geral; Aldo Delfino, secretario auxiliar; José Eduardo da Fonseca, orador official; Arduino Bolivar, thesoureiro; João Lucio, bibliothecario.

Commissões: De Contas—Alvaro da Silveira, Avelino Foscolo e Diogo de Vasconcellos; de Bibliographia—Aldo Delfino, Carlos Góes e Nelson de Senna; de Recepção—Carlos Góes, José Eduardo e Nelson de Senna.

De accordo com a recente reforma dos estatutos, desapareceram os cargos de secretario auxiliar, bibliothecario e orador official, sendo, conforme os estatutos da Academia Brasileira, creados os logares de 1.º e 2.º secretarios. Quanto á oratoria official, o presidente da Academia, sempre que fôr necessario, designará o Academico que deverá falar em nome da instituição.

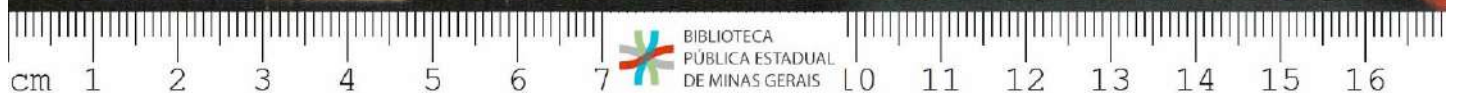
Antes de procedida a eleição, o Academico Noraldino Lima, na fôrma dos estatutos, leu desenvolvido relatorio sobre a vida do instituto

no ultimo anno, sendo proposto pelo Academico Avellino Foscolo, e por todos approvado, um voto de louvor á directoria que terminou o mandato e cujos serviços á instituição esta reconhece e applaude.

Empossada a directoria eleita, o novo presidente agradeceu a sua eleição e a de seus companheiros, declarando que tudo farão para manter a continuidade de trabalho das directorias passadas, cumprindo-lhe accentuar o esforço, a intelligencia e amor ao instituto de que deu provas, acima de tudo, no biennio que termina, o ex-presidente sr. Mario de Lima, a quem vae ter a honra de substituir, e que só não fôra reeleito por se opporem a isso os novos estatutos.

Acto continuo, o sr. Noraldino Lima nomeou a commissão de redacção da «Revista da Academia» para o proximo biennio, recahindo a sua escolha nos Academicos Aldo Delfino, Carlos Góes e João Lucio, que acceitaram a incumbencia. Encerrada a sessão, essa commissão reuniu-se, ficando estabelecido que o sr. Carlos Góes se encarregará da revisão e unidade orthographica da «Revista», cuja parte redactorial propriamente dita será distribuida aos srs. Aldo Delfino e João Lucio.

(Do Minas Geraes de 27 de dezembro de 1922.)



## EXPEDIENTE

Por força da limitação de espaço imposta á presente publicação, fomos constrangidos, á ultima hora, a retirar da composição diversos trabalhos, como sejam: relatorios—o historico da Academia—notas synopticas, bibliographicas e necrologicas, que sahirão em nosso proximo numero.

Aos membros da Academia pedimos enviem ao sr. Aldo Delfino, da commissão de redacção, os trabalhos inéditos que desejarem ver estampados na *Revista*, os quaes serão publicados conforme a ordem de entrada.

Pedimos ainda que os srs. Academicos remetam ao sr. secretario geral, Aldo Delfino, as suas obras, já editadas e as que forem publicadas d'ora avante, afim de iniciarmos a organização de nossa bibliotheca. •

O sr. Presidente da Academia tambem solicita aos srs. Academicos o cumprimento da disposição estatutaria que impõe a todos os consocios a obrigação de, sempre que mudarem de residencia, fazer á Secretaria do instituto a devida comunicação.

226

REVISTA DA

DIRECTORIA DA ACADEMIA

PARA O BIENNIO 1923—1924

*Presidente* : Noraldino Lima

*Secretario geral* : Aldo Delfino

*1.º secretario* : João Lucio

*2.º secretario* : Avelino Foscolo

*Thesoureiro* : Mario de Lima

REDACTORES DA «REVISTA» :

Aldo Delfino

Carlos Góes

João Lucio

.....

